

CHLOE NEILL

SOME GIRLS BITE

MERIT HAS JUST
BECOME A VAMPIRE.
AND HER NEW LIFE
IS AT STAKE.

A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL



A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

SOME GIRLS BITE

• LIVRØ I •

CHLOE
NEILL

Sinopse:

Claro, a vida de uma estudante de pós-graduação não era exatamente glamourosa, mas foi por mérito. Ela estava indo bem até que um vampiro trapaceiro a atacou. Mas ele só tomou um gole antes de ter sido afugentado por outro sanguessuga - e este decidiu que a melhor maneira de salvar sua vida era fazê-la uma morta-viva.

Seu salvador era o vampiro mestre de Cadogan House. Agora, ela trocou a transpiração da sua tese de aprendizado para caber em uma mansão no Hyde Park cheia de vamps leais ao Ethan 'Lorde' Sullivan a Manor. Claro que, como um homem alto, de olhos verdes, de quatrocentos anos de idade, ele tem séculos de charme, mas, infelizmente, ele espera dela gratidão - e servidão. Mas uma alergia solar e atitude inconveniente e Ethan são a menor das suas preocupações. Alguém ainda está lá fora para pegá-la. Sua iniciação na vida noturna de Chicago pode ser o primeiro conflito em uma guerra – e não haverá sangue.



Prólogo

Sede Insaciável

Quase perco o fôlego pela súbita explosão de fogo que percorreu meus membros, e tive que me segurar na parte de trás da poltrona para me manter em pé. Meu estômago apertado, ondas de dor percorrendo meu abdômen. Minha mente iluminou-se e toquei minha língua na ponta de um dente, eu podia sentir a ponta dele.

Engoli instantaneamente.

Precisava de sangue. Agora.

- Ethan. - Luc disse seu nome, sussurrando atrás de mim.

Uma mão agarrou meu braço e virei minha cabeça para olhar. Ethan estava parado ao meu lado, com grandes olhos verdes.

- Primeira Fome. - Anunciou. Mas suas palavras não significavam nada.

Olhei para baixo, para os longos dedos sobre meu braço e senti o calor da explosão de fogo novamente. Golpeei meus pés contra ele, e me deleitei com o golpe.

Isto significou algo. O sentimento, a necessidade, a sede. Olhei para Ethan, enquanto arrastava meu olhar do triângulo de pele que estava descoberto ao ter o colarinho de sua camisa desabotoada, seu pescoço, a linha forte do seu queixo e as curvas sensuais dos seus lábios.

Queria sangue, e queria o dele...



*“É melhor ser odiado pelo que você é,
do que ser amado pelo que você não é.”*

André Gide





Capítulo 1

A Mudança

*Princípios de Abril
Chicago, Illinois*

No início, me perguntei se seria um castigo cármico. Tenho fugido dos elegantes vampiros, e como algum tipo de devolução cósmica, eu me tornei um deles. Vampiro. Predador. Iniciada em uma das mais antigas Casas de Vampiros dos Estados Unidos.

E não era somente um deles, era um dos melhores.

Mas estou me adiantando. Deixe-me começar contando-lhe como me tornei um vampiro, uma história que começa semanas antes do meu vigésimo oitavo aniversário, na noite em que completei a transformação. À noite em que acordei na parte de trás de uma limusine, três dias depois de haver sido atacada enquanto caminhava pelo Campus da Universidade de Chicago.

Não lembrava todos os detalhes do ataque. Mas lembrava o suficiente para estar aterrorizada por estar viva. Para estar chocada de haver sobrevivido.

Na parte traseira da limusine, apertei meus olhos fechados, tentando me esquecer do ataque.

Ouvi passos, o som era abafado pela grama coberta de orvalho depois que o captei. Gritei e chutei, tentando encontrar uma maneira de sair, mas ele me empurrou para baixo. Era naturalmente forte - sobrenaturalmente forte - e mordeu meu pescoço com uma predadora ferocidade que deixou poucas dúvidas sobre quem era. O que era. *Vampiro*.

Enquanto rasgava a pele e músculos, ele não bebia, não tinha tempo. Sem nenhum aviso, parou e saltou longe, correndo entre os edifícios até a beira do quadrilátero principal.

Meu atacante esteve temporariamente derrotado, levei minha mão até a ferida do meu pescoço e me joguei de costas, sentindo o calor pegajoso. Minha visão estava embaçada, mas podia ver a mancha vermelha tingindo meu dedo suficientemente claro.

Então houve um movimento ao meu redor. Dois homens. Meu atacante homem sentiu medo deles. O primeiro parecia ansioso.

- Ele é rápido. Precisa apressar-se, Liege¹.

O segundo parecia muito confiante. - O alcançarei.

Ele me colocou sobre meus joelhos e se ajoelhou atrás de mim, um braço de apoio circulou minha cintura. Usava colônia - perfumado e limpo.

Tentei mover-me, lutar, mas eu estava desmaiando.

- Fique quieta.

- Ela é encantadora.

- Sim. - Concordou. Chupou da ferida do meu pescoço.

Movi-me novamente e ele acariciou meu cabelo. - Fique quieta.

Lembro muito pouco dos três dias seguintes, sobre a genética reestruturando, convertendo-me em um vampiro. Ainda agora, só tenho algumas memórias.

Profundamente sedada, surda de dor - choque de tudo isso enchendo meu corpo. Rígida pelo frio. Escuridão. Um par de intensos olhos verdes.

Na limusine, senti as cicatrizes que deviam ter ficado em meu pescoço e ombros. O vampiro que me atacou não havia feito uma mordida limpa - ele tinha rasgado a pele do meu pescoço como um animal faminto. Mas a pele estava lisa, sem cicatrizes, sem contusões, sem ataduras.

Deixei cair minha mão e fiquei olhando a pálida e limpa pele - as unhas curtas, perfeitamente pintadas de um vermelho cereja. O sangue havia ido - e haviam feito minhas unhas.

Mantendo controlada a tontura, parei. Estava usando roupas diferentes.

Antes usava jeans e uma camiseta. Agora usava um vestido preto de noite, saltos agulha cujas tiras atavam-se logo abaixo dos meus joelhos, com saltos de três polegadas. Isso me fazia uma vítima de vinte e sete anos, limpa e absurdamente livre de cicatrizes, usando um vestido de noite, que não era meu. Aí supus então, que tinham me feito um deles.

A terra dos vampiros de Chicago.

Havia começado há oito meses com uma carta, uma espécie de manifesto vampiro primeiramente publicado em *Sun-Times and Trib*², e então dividido por todos os jornais do país. Era o anúncio ao mundo de sua existência. Alguns humanos acreditaram que era uma

¹ Soberano.

² Jornal diário publicado na cidade de Chicago, no estado norte-americano de Illinois.

farsa, ao menos até a conferência de imprensa, três deles mostram suas presas. O pânico humano causou tumultos durante quatro dias na cidade do vento, uma corrida de água e do gênero em conserva alimentado pelo medo público de um Apocalipse de Vampiros. Os alimentadores adiantaram-se pedindo investigações do Congresso, os ouvintes obsessivamente ouviam e televisionavam para obter cada detalhe da existência dos vampiros.

Apesar de eles terem sido os únicos que tinham seguido adiante, estavam atentos sobre os detalhes dos vampiros, lábios firmes, dentes, bebedores de sangue e caminantes da noite, essas eram as únicas coisas de que tinham certeza.

Oito meses depois, alguns humanos continuavam assustados. Outros estavam obcecados. Com o estilo de vida, com a atração da imortalidade, com os vampiros em geral. Em particular, com Celina Desaulniers, a glamorosa cidade do vento fascinada, e quem, aparentemente, a fizera estrear durante o primeiro dia do Congresso. Celina era alta e magra, cabelo sedoso, e nesse dia ela usava um vestido preto apertado o suficiente para dar a impressão de que tinha sido derramado em seu corpo.

À primeira vista, ela era obviamente inteligente e muito esperta, e sabia como ter os seres humanos sob suas garras.

O engenhoso e grande senador de Idaho perguntou-lhe o que ela planejava fazer agora que os vampiros haviam se mostrado.

Ela respondeu celebrenemente em tom doce. - Tornará mais interessante a escuridão.

O veterano de vinte anos do Congresso sorriu com luxúria em seu olhar que se tornou a capa do *New York Times*³.

Não me causou nenhuma reação. Revirei meus olhos e desliguei a televisão. Zombei deles, dela, de suas pretensões.

E como recompensa, tornaram-me como eles.

Não era o Carma uma cadela?

Agora eles me mandavam de volta para casa, mas me devolviam diferente.

Com as mudanças que meu corpo havia tido que suportar, havia me tornado atraente, haviam me tirado o sangue, mudado de roupa, e tinham me feito a *SUA* imagem. Tinham me matado. Tinham me curado. Tinham me mudado.

A pequena semente, esse grão de desconfiança que me tornou enraizada.

³ Jornal de circulação diária, internacionalmente conhecido, publicado na cidade de Nova Iorque e distribuído nos Estados Unidos e em muitos outros países.



Continuava tonta quando a limusine parou em frente à Wicker Park, onde tinha uma companheira de casa, Mallory.

Não estava sonolenta, mas estava grogue, enredada na nevoa de minha consciência que parecia grossa. Drogas, talvez, ou um efeito residual da mudança humana para vampiro.

Mallory estava em pé na calçada, seu cabelo azul claro até o ombro brilhava sob a luz nua do poste. Parecia ansiosa. Parecia estar me esperando. Ela vestia seu pijama de flanela estampado com macacos.

Percebi que era tarde.

A porta da limusine abriu-se, olhei para a casa, e depois para o rosto do homem de uniforme preto e quepe que estava olhando para o assento traseiro.

- Madame? - Estendeu sua mão, esperando.

Meus dedos na palma de sua mão, eu caminhei até o asfalto, cambaleando nos saltos stiletos⁴. Quase nunca usava saltos, os jeans eram meu uniforme preferido. A faculdade não exigia muito mais.

Ouvi a batida da porta. Segundos depois, uma mão agarrou meu cotovelo. Meus olhos viajaram do pálido, fino braço até o rosto com lentes a que pertencia.

Ela sorriu-me, a mulher que sustentava meu braço, a mulher que devia ter saído do banco da frente da limusine.

- Olá querida, estamos em casa agora, te levarei para dentro e te instalaremos.

A confusão fez-me entrar, e não tinha uma verdadeira razão para contradizê-la de qualquer maneira.

Assenti para a mulher, que parecia estar no final de seus cinquenta.

Tinha um curto, sensato cabelo cinza-azul e usava um limpo vestido em sua esguia figura, dando-lhe uma confiança profissional.

Enquanto caminhávamos pela calçada, Mallory movia-se com cautela avançando um passo, depois outro, até chegar a nós. - Merit?

A mulher acariciou minhas costas. - Ela ficará bem, querida, só está um pouco tonta. Sou Helen. Você deve ser Mallory?

Mallory assentiu, mas manteve seu olhar em mim.

⁴ Um salto stiletto é um longo, fino, alto calcanhar encontrada em algumas botas e sapatos, normalmente para as mulheres: <http://lifepulse.files.wordpress.com/2009/04/stiletto.jpg>



- Lugar encantador. Podemos entrar?

Mallory assentiu novamente e subiu os degraus. Comecei a segui-la, mas o aperto da mulher em meu braço me parou. - Você usa Merit, querida? Embora este seja seu último nome?

Concordei com ela.

Sorriu pacientemente. - Os recém transformados utilizam um só nome. Merit, se assim quer se chamar, este será seu nome. Só os Mestres de cada Casa tem permissão de manter seus sobrenomes. Essa é uma das regras que você precisa lembrar. - Inclinou-se conspiradoramente. - Considera-se humilhante quebrar as regras.

Sua advertência suave despertou algo em minha mente, como a luz de uma lanterna elétrica na escuridão. Olhei-a. - Alguns considerariam transformar uma pessoa sem seu consentimento, degradante, Helen.

O sorriso que se diluiu em sua boca não chegou a seus olhos. - Você foi transformada em um vampiro para poder salvar a sua vida, Merit. O consentimento é irrelevante.

Deu uma olhada para Mallory. - Ela provavelmente pode tomar um copo de água. Trarei dois, em um momento.

Mallory assentiu, e Helen, que tinha um visual antigo, com sua bolsa de couro, adiantou-se, entrando no grande edifício de pedras marrons.

Avancei pelas escadas, mas parei para esperar por Mallory.

Seus olhos azuis estavam úmidos pelas lágrimas. Ela era extraordinária, tinha a típica beleza, e essa havia sido a razão para que tingisse seu cabelo com pacotes azuis de Kool-Aid⁵. Ela dizia que era sua marca registrada. Que era incomum, com certeza, mas não era um visual ruim para uma mulher definida por sua criatividade.

- Você esta... - Ela sacudiu sua cabeça, em seguida, continuou chorando. - Passaram-se três dias, não sabia onde você estava. Liguei para seus pais quando não voltou para casa. Seu pai disse que cuidaria disso e que não chamaria a polícia. Ele disse que tinham ligado e que haviam dito que você tinha sido atacada, mas que estava bem. Que você estava se curando e que te trariam para casa quando estivesse pronta. Recebi uma ligação há 5 minutos atrás, disseram que você estava a caminho de casa. - Me deu um forte abraço. - Vou chutar seu traseiro por não ter me ligado. - Mal retirou seu abraço, e me deu um olhar de avaliação dos pés à cabeça.

- Eles disseram que você havia mudado.

⁵ Tintura para cabelos.



Concordei, as lágrimas ameaçavam cair.

- Então, você é um vampiro? - Perguntou.

- Creio que sim. Acabei de acordar... Eu não sei.

- Sente alguma diferença?

- Sinto-me... lenta.

Mallory assentiu com confiança. - Efeitos da mudança, provavelmente. Eles disseram que aconteceria, mas que iria passar. - Mallory deveria saber, já que ela, diferente de mim, estava atenta a todas as notícias sobre os vampiros. Ela me ofereceu um fraco sorriso. - Ei, continua sendo Merit, certo?

Estranhamente, senti uma picada no ar por parte da minha melhor amiga e companheira de casa. Um formigamento elétrico. Mas ao estar com sono e tonta, não lhe dei importância.

- Continuo sendo eu. - disse-lhe. E esperava que fosse verdade.

A casa tinha sido da tia avó de Mallory antes de sua morte quatro anos atrás. Mallory, que havia perdido seus pais em um acidente de carro quando era jovem, herdou a casa com tudo o que trazia, desde os velhos tapetes que cobriam o duro chão de madeira, os antigos móveis até as pinturas a óleo de vasos com flores. Não era moderna, mas era uma moradia e cheirava como uma, a essência de limão, a cera de madeira, biscoitos, pó.

Cheirava exatamente igual como há três dias, mas me dei conta que a essência era mais profunda. Rica. Os sentidos dos vampiros seriam melhores?

Quando entramos na sala, Helen estava sentada na ponta do braço do sofá, suas pernas estavam cruzadas nos tornozelos. Um copo de água descansava na mesa de café em frente a ela.

- Vamos senhoritas, sentem-se. - Sorriu e deu uma palmadinha no assento.

Mallory e eu trocamos um olhar e nos sentamos. Sentei no assento ao lado de Helen. Mallory sentou-se no assento combinado com o sofá, em frente ao mesmo.

Helen me entregou o copo de água. Levei-o a meus lábios, mas parei antes de tomar um gole.

- Posso beber e comer coisas além de sangue?



O riso de Helen era muito animado. - Claro, querida. Pode comer o que quiser. Mas deve beber sangue para obter os nutrientes necessários.

Ela se inclinou para mim, tocando meu joelho nu com as pontas de seus dedos. - E eu atrevo-me a lhe dizer que você vai desfrutar! - Ela disse as palavras como se estivesse fornecendo um segredo delicioso, compartilhando uma escandalosa fofoca sobre o vizinho do lado. Engoli, descobrindo que a água continuava tendo sabor de água. Coloquei o copo novamente na mesa.

Helen apoiou suas mãos em seus joelhos, e então forneceu a ambas um amplo sorriso.

- Bem, vamos nos ocupar de nossos assuntos. - Ela enfiou a mão na bolsa a seus pés e tirou um livro de couro.

A capa Borgonha estava profundamente inscrita com letras de ouro e dizia:

“O Canon⁶ das Casas
da América do Norte,
REFERÊNCIAS.”

- Isto é tudo o que você precisa saber para unir-se a Casa Cadogan. Não é o *Canon* completo obviamente, já que é mais volumoso, mas abrange o básico.

- A Casa Cadogan? - perguntou Mallory. - Sério?

Olhei para Mallory e depois para Helen. - O que é a Casa Cadogan?

Helen me olhava por cima de seus óculos. - Essa será a Casa a qual você deverá ir. Uma das três Casas de Vampiros de Chicago - Navarre, Cadogan, Grey.

- Somente os Mestres de cada Casa tem o privilégio de converter novos vampiros. Você foi convertida pelo Mestre de Cadogan.

- Ethan Sullivan. - Finalizou Mallory.

Helen assentiu aprovando-a. - Isso é correto.

Levantei a testa para Mallory.

- Internet. - disse ela. - Ficaria surpresa.

- Ethan é o segundo Mestre da Casa. Seguiu Peter Cadogan na obscuridade.

⁶ Livro de regras, leis, catálogo.



Se apenas os Mestres podiam converter novos vampiros, este Ethan Sullivan deve ter sido o vampiro que estava na limusine, o segundo que me mordeu.

- Esta casa. - comecei. - Eu sou, o que, um vampiro em uma irmandade ou algo assim?

Helen sacudiu sua cabeça. - É mais complicado que isso. Todos os vampiros do mundo estão afiliados a uma das Casas. Há no total doze Casas nos Estados Unidos, Cadogan é a quarta mais antiga entre estas.

Helen sentou-se ainda mais ereta, supus que ela também era uma da Casa de Cadogan.

Entregou-me o livro, que devia pesar pelo menos 10 quilos. Apoiei-o em meu colo, distribuindo o peso.

- Você precisa memorizar as regras, claro, mas terá que ler as seções introdutórias e, pelo menos familiarizar-se com o conteúdo. E naturalmente, poderá perguntar-me qualquer coisa do texto se tiver uma pergunta específica. Certifique-se de ler sobre a recomendação.

- O que é isso?

- A cerimônia de iniciação. Você se tornará um membro oficial da Casa, e se jurará a Ethan e ao resto dos vampiros de Cadogan. E falando nisso, os pagamentos tipicamente começam duas semanas depois de tomar seus juramentos.

Pisquei. - Pagamentos?

Ela me deu um desses olhares por sobre seus óculos. - Seu salário, querida.

Ri nervosamente, o som estrangulado. - Não preciso de um salário. Sou uma estudante. Assistente Auxiliar de Professor. - Passei três anos trabalhando disso, três capítulos em minha dissertação da literatura medieval romântica.

Helen franziu a testa. - Querida, não pode voltar à faculdade. As universidades não admitem estudantes vampiros, e certamente não lhes dão trabalho. O Título VII não nos aplica ainda. Continuamos e te eliminamos, apenas para evitar disputas, então você não tem nada com que se preocupar...

Meu pulso batia em meus ouvidos. - O que quer dizer, com eliminar-me?

Sua expressão suavizou-se. - Merit, você é um vampiro. Uma iniciada Cadogan. Não pode voltar a essa vida.

Já estava fora da sala antes que ela pudesse continuar falando, sua voz fazia eco atrás de mim enquanto me apressava para o quarto do primeiro andar, que era nosso escritório.



Movi o mouse para ligar meu computador, entrei na Web e conectei-me ao servidor da universidade. O sistema reconheceu-me, meu estômago se aliviou.

Então entrei em meus arquivos. Meu status tinha sido mudado há três dias atrás. Estava listada como “*não matriculada.*”

O mundo mudou.

Voltei para a sala, minha voz vacilava enquanto lutava contra o crescente pânico e enfrentei a Helen.

- O que é que você fez? Não tinha direito de tirar-me da faculdade!

Helen virou-se para sua pasta e tirou uma folha de papel, com seu modo calmo, tão irritante.

- Por que Ethan acha que suas circunstâncias são... particulares, receberá seu salário de parte da Casa nos próximos dez dias úteis. Já colocamos diretamente o depósito. A Recomendação está prevista para o dia sete, seis dias a partir de agora.

- Aparecerá quando você concluir. Na cerimônia, Ethan atribuirá sua posição de serviço na Casa. - Ela sorriu-me. - Talvez algo em relações públicas, dadas as conexões de sua família na cidade.

- Oh, senhora. Movimento errado, apelando aos pais. – Mallory murmurou.

Ela tinha razão. Era exatamente a pior coisa que podia dizer, meus pais eram o meu tema menos favorito. Mas estava produzindo um efeito bastante desagradável, pelo menos para despertar-me de meu sono.

- Acho que já terminamos aqui. - disse-lhe. - É hora de você ir.

Helen levantou uma sobrancelha. - Esta não é sua casa.

Valente ela para irritar um novo vampiro. E eu estava em meu território e tinha aliados.

Virei-me para Mallory com uma careta malvada. - Que tal se nós descobríssemos quanto dos mitos de vampiros são realmente certos? Os vampiros não têm que ter um convite para estar na casa de alguém?

- Amo sua maneira de pensar. - disse Mallory, depois de dirigir-se até a porta e abri-la.

- Helen. - disse ela. - Quero você fora da minha casa.



Algo remexeu o ar, uma brisa súbita que soprou através da porta e encaracolou o cabelo de Mallory e arrepiou-me os braços.

- Isto é incrivelmente falta de educação. - Helen disse, mas recolheu sua maleta. - Leia o livro. Assine os documentos. Há sangue na geladeira. Beba-o... meio litro a cada dois dias. Fique longe da luz do sol e das estacas afiadas, venha para a cerimônia. - Aproximou-se da porta, e de repente, como se alguém tivesse ligado um interruptor, ela havia sido expulsa.

Helen estava parada no último degrau, com os óculos tortos, nos olhando desalinhadamente chocada. Depois de um momento, alisou sua saia e arrumou seus óculos, virou-se irritada, e desceu as escadas dirigindo-se a limusine.

- Isso foi... muita falta de educação. - disse-nos. - Não pense que não direi isto a Ethan!

Acenei-lhe com um movimento de mão.

- Faça-o Helen. - respondeu Mallory. - E diga-lhe que lhe dissemos que pode ir à merda.

Helen virou-se para me olhar, com seus olhos prateados em chamas de fúria. Como prata sobrenatural. - É uma ingrata. - Ela disse.

- Sou uma não autorizada. - Corrigi-lhe e bati a pesada porta de árvore com tanta força que as dobradiças balançaram.

Depois a sacudida de pedras no asfalto indicou a retirada da limusine, encostei-me à porta e olhei para Mallory.

E ela olhou-me em resposta. - Eles disseram que você estava no campus, sozinha no meio da noite! - Bateu no meu braço, com o desgosto em seu rosto. - O que diabos você estava pensando?

Isso, pensei, havia sido a descarga de pânico que ela havia tido que sofrer até que soube que eu ia voltar para casa. A minha garganta secou, sabendo que ela tinha estado me esperando, preocupada comigo.

- Tinha trabalho para fazer.

- No meio da noite?

- Disse que tinha trabalho para fazer! - Levantei as mãos no ar com um gesto irritado. - Deus, Mallory, isto não é minha culpa. - Meus joelhos começaram a tremer. Caminhei uns passos de volta ao sofá e me sentei.

Retendo o medo, o horror e o sentimento de violação que me oprimiram.



Cobri meu rosto com as mãos e as lágrimas começaram a cair. - Não foi minha culpa Mallory. Tudo... minha vida, a faculdade... se foi, e não foi minha culpa.

Senti afundar a almofada ao meu lado e um braço ao redor dos meus ombros.

- Oh Deus, me desculpe. Desculpe. Desesperei-me, estava muito assustada, *Mer*⁷, Jesus. Sei que não é sua culpa. - Ela me abraçou enquanto chorava, esfregando minhas costas, eu chorava o suficiente para ter soluços, enquanto lamentava a perda de minha vida, de minha humanidade.

Estivemos sentadas juntas por um longo tempo, minha melhor amiga e eu. Ofereceu-me um lenço de papel, enquanto revivia umas poucas lembranças. Pude lembrar-me do ataque, o segundo grupo de vampiros, o frio e dor, a confusa viagem na limusine.

Quando havia chorado o bastante para deixar meu corpo vazio de lágrimas, Mallory tirou o cabelo do meu rosto.

- Ficaré tudo bem. Prometo. Ligarei para a universidade pela manhã. E se você puder voltar... resolveremos. Enquanto isso, você deveria ligar para seu avô. Ele iria querer saber que você está bem.

Balancei minha cabeça, não estava pronta para ter essa conversa. O amor que meu avô tinha por mim havia sido sempre incondicional, mas novamente, quando era humana. Não estava pronta para pôr a prova esta verdade. - Começarei com mamãe e papai - lhe prometi. - Logo encontrarei uma maneira.

- Medrosa. - Mallory me acusou, mas deixei passar. - A Casa, adivinho, foi quem me ligou, mas não sei a quem mais contataram. A ligação foi bastante curta. - *“Merit foi atacada no campus há duas noites atrás. Para poder salvar sua vida, a convertemos em um vampiro. Ela voltará para casa esta noite. Estará sonolenta pela mudança, por isso, por favor, fique em casa para dar-lhe assistência durante as primeiras horas cruciais. Obrigado”* - Soou como uma gravação, para ser honesta.

- Então, esse Ethan Sullivan é um chato - concluí. - Acrescentaremos isso a lista de razões de porque não gostamos dele.

- Ele te converter em uma criatura da noite chupa-almas não é a razão numero um da lista?

Assenti arrependida. - Esta é definitivamente a número um.

Dirigi-me para ela e a olhei. - Fizeram-me como eles. Ele me fez como eles, esse Sullivan.

⁷ Abreviação ou apelido para ‘Merit’.



Mallory fez um som de frustração. - Eu sei. Estou tão enciumada.

Mallory era uma estudante de paranormal, desde que a conheci ela tinha interesse em todas essas coisas raras e loucas. Ela colocou a palma da mão em seu peito.

- Sou a escura da família, e você é a inglesa covarde que se converte em vampiro? Até Buffy sentiria essa facada. Embora... - ela disse, com seus olhos emocionados. - obterei um melhor material de pesquisa sobre a maldição.

Bufei. - Mais material de pesquisa para quê? Que infernos sou eu agora?

- Você é Merit. - ela disse com uma convicção que aqueceu meu coração. - Mas um tipo de Merit 2.0 e tenho que te dizer, o telefonema, no entanto, este Sullivan não sabe de tudo. Estes sapatos são Jimmy Choo, e esse vestido é digno de uma passarela. - Ela estalou sua língua. - Ele te vestiu como se você fosse seu modelo pessoal. E francamente, *Mer*, parece bem.

Bem, pensei, era relativo. Olhei para baixo, para o vestido, passando minha mão sobre a fabricada seda preta. - Eu gostava de quem eu era. Minha vida não era perfeita, mas era feliz.

- Eu sei querida. Mas o melhor, vai gostar desta também.

Duvidei seriamente.



Capítulo 2

*Os ricos não são melhores,
eles só têm carros melhores.*

Meus pais eram os novos Ricos de Chicago. Meu avô, Chuck Merit, tinha servido a cidade por trinta e quatro anos como um policial, caminhando um pouco ao lado sul de Chicago até que ele se juntou ao CPD dos Serviços de Investigação. Ele foi uma lenda no Departamento de Polícia de Chicago. Mas enquanto ele trouxe para casa uma sólida vida de classe média, as coisas eram ocasionalmente apertadas para a família. Minha avó vinha de uma família com dinheiro, mas ela recusou a herança de seu dominador e velho pai.

Embora isto tenha sido sua decisão, meu pai culpava meu avô pelo fato de que ele não ascendeu no estilo de vida pelo qual ele pensou que devia estar acostumado. Marcado pela imagem de deslealdade e irritação por uma infância vivida cuidadosamente com salário de policial, meu pai fez disto sua meta pessoal para acumular tanto dinheiro quanto possível, para a exclusão de todo o resto. Ele era muito, muito bom nisto.

Merit Imóveis, empresa do meu pai de desenvolvimento imobiliário, comandava arranha-céus e complexos de apartamentos por toda a cidade. Ele também era membro do poderoso Conselho de Crescimento de Chicago, que era composto por representantes da comunidade empresarial da cidade e que aconselhava o prefeito recém-reeleito da cidade, Seth Tate, no planejamento e desenvolvimento dos assuntos.

Meu pai tinha muito orgulho disso, e, muitas vezes comentava sobre sua relação com Tate. Francamente, eu pensei que refletia negativamente sobre o prefeito. Claro, porque eu tinha crescido em Chicago. Eu tinha sido capaz de colher os benefícios que vinha com o nome Merit: casa-grande, acampamento de verão, aulas de balé, roupas legais.

Mas, enquanto os benefícios financeiros eram grandes, meus pais - especialmente meu pai - não era a pessoa mais compassível. Joshua Merit queria criar um legado, todo o resto que se dane.

Ele queria a esposa perfeita, os filhos perfeitos, e uma posição perfeita entre a elite social e financeira de Chicago. Não admira que eu adorasse meus avós, que compreendiam o significado do amor incondicional. Eu não poderia imaginar que meu pai iria ficar feliz com a minha nova identidade vampírica.



Mas eu era uma menina crescida, então depois de lavar meu rosto das lágrimas, eu entrei no meu carro - um velho boxy Volvo⁸, que eu economizara para pagar - e dirigi para sua casa em Oak Park. Quando cheguei, estacionei o Volvo na vaga que cercava a frente da casa. O edifício era uma caixa de concreto maciço pós-moderno, completamente fora do lugar ao lado dos edifícios mais sutis com estilo Prairie⁹ em torno dele.

Dinheiro claramente não compra gosto. Eu caminhei até a porta da frente. Foi aberta antes que eu pudesse bater. Olhei para cima. Severos olhos cinza olharam para mim de quase dois metros de um magro e branco homem.

- Senhorita Merit.

- Olá, Peabody.

- Pennebaker.

- Foi o que eu disse. - Claro que eu sabia o nome dele.

Pennebaker, o mordomo, foi a primeira grande compra do meu pai. Pennebaker tinha a mentalidade de “não poupe a vara” sobre a criação de filhos e sempre tomava o lado de meu pai - bisbilhotando, tagarelando e, geralmente, não poupando detalhes sobre o que ele imaginava que fosse a minha infância rebelde. Realisticamente, eu era provavelmente inferior à média no departamento de rebelião, mas eu tinha irmãos perfeitos - minha irmã mais velha, Charlotte, agora casada com um cirurgião cardíaco e que produzia muitos filhos e meu irmão mais velho, Robert, que estava se preparando para assumir os negócios da família. Como um estudante de pós-graduação, de 27 anos de idade, apesar de estudar em uma das melhores universidades do país, eu era um Merit de segunda classe. E agora eu estava voltando para casa como uma adulta desagradável.

Entrei, sentindo o *woosh*¹⁰ de ar nas minhas costas quando Pennebaker fechou firmemente a porta atrás de mim e então entrando na minha frente. - Seus pais estão na sala da frente. - entoou. - Você é esperada. Eles estão indevidamente preocupados com o seu bem-estar. Você preocupa seus pais com essas - ele olhou pra baixo com desdém - *Coisas* que você se envolve.

Eu tomei isso como uma ofensa, mas optei por não corrigir a sua incompreensão do grau em que eu tinha consentido ser alterada. Ele não teria acreditado em mim mesmo. Eu andei passando por ele, seguindo pelo corredor até a sala da frente e empurrei a articulada porta aberta da sala.

Minha mãe, Meredith Merit, levantou-se de um dos sofás do quarto. Mesmo às onze horas da noite, ela usava saltos altos e um vestido de linho, um fio de pérolas ao redor do seu

⁸ <http://www.volvoapedia.org/wp-content/uploads/2009/08/Volvo144dl.JPG>

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Prairie_School

¹⁰ Passar por um objeto em uma velocidade que faz um som.



pescoço. Seu cabelo loiro estava perfeitamente penteado, os olhos verde-pálidos. Mamãe correu para mim, as mãos estendidas.

- Você está bem? - Ela pegou minhas bochechas com os longos dedos e me olhou.

Eu sorri educadamente.

- Eu estou bem - em relação a sua compreensão, isso era verdade. Meu pai, alto e magro como eu, com os mesmos cabelos castanhos e olhos azuis, estava no sofá oposto, ainda de terno, apesar da hora.

Ele olhou para mim sobre os óculos de leitura meio colocados, um movimento que poderia muito bem ter pegado emprestado da Helen, mas não foi menos efetivo em um ser humano quanto em um vampiro. Ele agarrou o papel que estava lendo e colocou-o no sofá ao lado dele.

- Vampiros? - Ele conseguiu fazer uma única palavra tanto uma questão como uma acusação.

- Eu fui atacada no campus.

Minha mãe suspirou, apertou uma mão em seu coração, e olhou para o meu pai.

- Joshua! No campus! Eles estão atacando as pessoas!

Meu pai mantinha seu olhar em mim, mas eu podia ver a surpresa nos olhos dele.

- Atacada?

- Eu fui atacada por um vampiro, mas um vampiro diferente me transformou.

Eu me lembrei das poucas palavras que eu ouvi, o medo na voz do companheiro de Ethan Sullivan.

- Acho que o primeiro fugiu, foi embora com medo, e o segundo estava com medo que eu fosse morrer.

Não era bem a verdade, o companheiro temia que isso pudesse acontecer, Sullivan parecia extremamente confiante de que iria. E que ele poderia mudar o meu destino, quando o fez.

- Dois vampiros? Na Universidade da Califórnia?

Dei de ombros, tinha imaginado a mesma coisa. Meu pai cruzou as pernas. - E por falar nisso, porque, em nome de Deus, você estava vagando no campus sozinha no meio da noite?



Uma faísca ateou fogo em meu estômago. Raiva, talvez misturada com uma pitada de auto-piedade, emoções não incomuns quando se trata de lidar com o meu pai. Eu geralmente jogo manso, com medo de que elevar a minha voz levaria meus pais a verbalizar os seus próprios desejos de longa vida para uma diferente filha mais jovem. Mas, para tudo, há uma temporada, certo?

Seu irritado compreendimento disse tudo.

-Eu estava trabalhando. - Eu repeti vinte e sete anos de opiniões reprimidas no meu tom. - Eu estava dirigindo para pegar alguns documentos, e fui atacada. Não foi uma escolha, e não foi minha falha. Ele arrancou minha garganta.

Meu pai examinou a pele clara da minha garganta e pareceu duvidoso. - Deus me livre um Merit, um Merit de Chicago, não poderia defender a si mesmo. - mas ele seguiu em frente. - E esta Casa Cadogan. Eles são velhos, mas não tão velhos quanto a Casa Navarre.

Desde que eu ainda não tinha mencionado a Casa Cadogan, eu presumi que eles tinham ligado para os meus pais mencionando a afiliação. E meu pai tinha aparentemente feito algumas pesquisas.

- Eu não sei muito sobre as Casas - admiti, pensando que era mais a área de Mallory. A expressão do meu pai deixou claro que ele não estava satisfeito com a minha resposta. - Eu só voltei hoje à noite - disse eu, me defendendo. - Eles me largaram em casa duas horas atrás. Eu não tinha certeza se tinha ouvido de alguém ou pensou que eu estava ferida ou algo assim, então eu vim.

- Recebemos um telefonema. - Seu tom era seco. - Da casa. Sua companheira de quarto...

- Mallory - eu interrompi. - O nome dela é Mallory.

- ...nos disse quando você não voltou para casa. A Casa ligou e nos informou que tinha sido atacada. Eles disseram que você estava se recuperando. Entrei em contato com seu avô e seu irmão e irmã, por isso não houve necessidade de contatar o departamento de polícia - ele fez uma pausa - Eu não os quero envolvidos nisso Merit.

O fato de que meu pai não estava disposto a investigar o ataque à sua filha, e não obstante, as minhas cicatrizes haviam ido embora de qualquer maneira. Eu toquei meu pescoço.

- Eu acho que é um pouco tarde para a polícia.

Meu pai, evidentemente impressionado pela minha análise forense, levantou do sofá e se aproximou de mim.



- Eu trabalhei duro para trazer essa família para cima vindo do nada. Eu não vou ver isso derrubado novamente. - Suas bochechas estavam vermelhas. Minha mãe, que havia se movimentado para ficar ao seu lado, tocou-lhe o braço e disse calmamente o seu nome.

Eu me ofendi no "novamente", mas resisti ao desejo de discutir com a avaliação do meu pai da nossa história familiar e o lembrei - tornar-se um vampiro não foi minha escolha.

- Você sempre teve a cabeça nas nuvens. Sempre sonhando sobre o jargão romântico. Supus que era um golpe contra a minha dissertação. E agora isso. - Ele se Afastou, caminhou para uma janela que vai do chão ao teto, e olhou para fora dela. - Apenas fique do seu lado da cidade. E fique longe de problemas. - Pensei que ele tinha acabado, que a advertência era o fim disso, mas então ele se virou e olhou para mim através de estreitos olhos. - E se você fizer alguma coisa para manchar o nosso nome, vou te deserdar rápido o suficiente para fazer sua cabeça girar.

Meu pai, senhoras e senhores.

Até o momento consegui voltar para casa, eu estava de olhos vermelhos e sujos novamente, tendo chorado meu caminho para de volta. Eu não sabia por que o comportamento do meu pai me surpreendeu, foi completamente de acordo com seu principal objetivo na vida: melhorar sua posição social. Minha experiência de quase-morte e o fato de que eu havia me tornado um sugador de sangue não eram tão importantes em seu arrumado mundinho quanto à ameaça que eu representava para seu status.

Já era tarde quando eu estacionei o carro na garagem estreita do lado da casa, quase uma da manhã. A construção de brownstone¹¹ estava escura, bairro quieto, eu imaginei que Mallory estava dormindo em seu quarto no andar de cima. Ao contrário de mim, ela ainda tinha um emprego na empresa de anúncios da Avenida Michigan, e ela normalmente estava no Loop¹² por volta das sete horas. Mas quando eu abri a porta da frente, eu a encontrei no sofá, olhando fixamente para a televisão.

- Você precisa ver isso - ela disse, sem olhar para cima. Eu arranquei os saltos, andei ao redor do sofá para a televisão, e olhei. A manchete na parte inferior da tela de leitura, ameaçadoramente:

Os Vampiros Chicagoland negam envolvimento no assassinato.

Olhei para Mallory.

- Assassinato?

¹¹ Edifícios de pedra marrom-avermelhada, especialmente construído nos E.U.A no passado:

<http://0.tqn.com/d/geography/1/0/j/D/brownstone.jpg>

¹² A área de negócios no centro de Chicago.

- Encontraram uma garota morta no Grant Park. O nome dela é Jennifer Porter. Sua garganta foi arrancada. Eles a encontraram hoje à noite, mas acho que ela foi morta há uma semana e três dias antes de você ser atacada.

- Oh, meu Deus. - Larguei-me no sofá atrás de mim, puxando meus joelhos.

- Eles acham que vampiros fizeram isso?

- Veja, - disse Mallory. Na tela, quatro homens e uma mulher - Celina Desaulniers - situavam-se atrás de um pódio de madeira. A faixa de fotógrafos e uma difusão de repórteres, antes disso, seus microfones, câmeras, gravadores e blocos de notas na mão. Na sequência perfeita, o quinteto se adiantou. O homem no meio do grupo, alto com um espalhado cabelo escuro ao redor de seus ombros, inclinou-se sobre o microfone.

- Meu nome - ele disse numa voz de vinho quente - é Alexander. Estes são os meus amigos e associados. Como sabem, somos vampiros. - A sala irrompeu em flashes de luzes, os repórteres freneticamente tirando imagens do conjunto. Aparentemente alheio à luz dos flashes, eles permaneceram pacientemente, lado a lado, perfeitamente imóvel.

- Nós estamos aqui, - Alexander disse, - para estender nossos mais profundos sentimentos à família e aos amigos de Jennifer Porter, e prometer fazer a nossa parte para ajudar o Departamento de Polícia de Chicago e as outras agências de aplicação da lei, de qualquer forma que pudermos. Nós oferecemos a nossa ajuda e condenamos os atos daqueles que tiram à vida humana. Não há necessidade de tanta violência, e isso tem sido abominado pelos civilizados entre nós. Como vocês sabem, embora devamos tomar sangue para sobreviver, temos procedimentos de longa data que nos impedem de vitimizar aqueles que não compartilham de nossa ânsia. O assassinato é cometido apenas por nossos inimigos. E asseguro, meus amigos, eles são seus inimigos e nosso, também.

Alexander fez uma pausa, mas depois continuou, a sua voz mais ousada.

- Chegou ao nosso conhecimento que um pingente da Casa Cadogan de Chicago, foi encontrado na cena do crime.

- Oh, meu Deus - sussurrou Mallory. Eu mantive meus olhos na tela.

- Embora nossos companheiros da Casa Cadogan bebam dos seres humanos - Alexander continuou, - eles são meticulosos em garantir que os seres humanos que doam sangue são totalmente informados e totalmente consentidos. E os outros vampiros de Chicago não tomam, sob quaisquer circunstâncias, sangue humano. Assim, é nossa convicção, embora apenas uma hipótese, neste momento inicial, que a medalha foi colocada na cena do crime apenas para incriminar os moradores da Casa Cadogan. Sugerir o contrário é suposição injustificada. - Sem nenhuma outra palavra, Alexandre voltou para a linha ao lado de seus companheiros.

Celina deu um passo para frente. No começo, ela ficou em silêncio, seu olhar

escanceando os repórteres na sua frente. Ela sorriu suavemente, e você praticamente podia ouvir os suspiros dos repórteres. Mas a inocência em sua expressão era um pouco inocente demais para ser acreditável. Um pouco forçado.

- Estamos devastados pela morte de Jennifer Porter, - ela disse, - e as acusações que foram levantadas contra nossos colegas. Embora os vampiros da Casa Navarre não bebam, nós respeitamos as decisões de outras Casas de exercer essa prática. Os recursos da Casa Navarre estão à disposição da cidade. Este crime ofende a todos nós, e a Casa Navarre não vai descansar até que o assassino seja capturado e processado. - Celina assentiu com a cabeça para o bando de repórteres, em seguida, se virou e caminhou para fora da tela, o resto de seus vampiros saíram em fila atrás dela.

Mallory colocou o som da televisão em mudo e se virou para mim.

- Em que diabos você se meteu?

- Eles dizem que as Casas não estão envolvidas - eu indiquei.

- Ela diz que Navarre não está envolvida - disse Mallory. - Ela pareceu muito disposta a jogar a casa dos outros para os lobos. E, além disso, os vampiros estavam envolvidos quando você apareceu quase morta. Um vampiro atacou você. Isso é dente demais para ser coincidência.

Eu peguei a direção de seus pensamentos.

- Você acha que eu sou o que, a número dois? Que eu deveria ser a segunda vítima?

- Você *era* a segunda vítima - disse ela. Ela usou o controle remoto para desligar a televisão. - E eu acho que é uma coincidência muito grande que sua garganta tenha sido rasgada fora do campus. Não é exatamente um parque, mas está perto o suficiente. Olha. - disse ela, apontando de volta para a televisão. Uma foto de Jennifer Porter, uma pequena foto da carteira de identificação, encheu a tela.

O cabelo castanho escuro, olhos azuis, como eu. Nós compartilhamos um momento de silêncio.

- E por falar em pessoas hediondas, - disse Mallory, finalmente, - como foi à visita a sua casa. - Mallory tinha conhecido meus pais apenas uma vez, quando eu não podia mais evitar uma apresentação. Ela acabara de começar a usar o cabelo azul.

Desnecessário dizer que eles não ficaram impressionados. Criatividade, mesmo de caráter benigno, não era tolerado na casa Merit. Após a primeira visita, durante o qual Mal tinha evitado golpear o meu pai na mandíbula, eu decidi não forçá-los a ela novamente.

- Não excelente.

- Eu sinto muito.

Dei de ombros. - Minhas expectativas em curso eram baixas, mas não tão baixo como deveria ter sido. - Tomei um longo olhar para o gigante *Canon* de couro em cima da mesa de café, em seguida, estendi a mão e puxei-a em meu colo.

- Eles estavam preocupados, eu acho, mas no geral eu tive uma palestra sobre embarçar a família. - Ponho minhas mãos no ar, sacudi os dedos para um efeito dramático. - Você sabe os Merits de Chicago. Como se isso significasse alguma coisa. - Mallory bufou baixinho.

- Infelizmente, isso significa alguma coisa. Você só tem de olhar para o *Trib*¹³ para saber isso. Você vai ver o seu avô?

- Ainda não.

- Você precisa.

- Eu vou. - respondi rapidamente: quando estiver a fim.

- Mentira - disse ela, segurando o telefone sem fio a partir de seu suporte ao lado do sofá.

- Ele é mais um pai para você do que Joshua já foi. E você sabe que ele está sempre para cima. Ligue para ele. - Ela entregou o receptor, e eu apertava-o, olhei para os botões de borracha azul.

- Maldição. - murmurei, mas soquei seu número. Eu levantei o telefone ao ouvido, apertando a minha mão para controlar a agitação, e, silenciosamente, rezei para que ele não pudesse atender. O telefone tocou três vezes antes que a máquina retrocedesse. - Oi, vovô - disse após o bip. - É Merit. Eu queria que você soubesse que eu estou em casa e eu estou bem. Eu vou ai logo que eu puder. - Desliguei o telefone e entreguei o receptor de volta para Mallory.

- O caminho para ser um adulto - disse ela, percorrendo todo o sofá para devolvê-lo ao seu suporte.

- Ei, eu tenho certeza que ainda posso chutar o seu traseiro, morta-viva ou não.

Ela bufou com desprezo. Ficou quieta por um momento, então cuidadosamente ofereceu. - Talvez algo de bom pudesse vir a partir disso. - dei-lhe um olhar de soslaio. - Quero dizer... Quero dizer que talvez você pudesse conseguir uma transa?

¹³ Tribo.



- Jesus, Mallory. Esse não é o ponto. - Eu disse, mas dei-lhe pontos por atingir minha não existente vida amorosa. Mallory lançou em mim a culpa de um frio feitiço, disse eu "não me coloquei lá fora." O que isso queria dizer?

Eu saía. Eu ia em cafés e ao Departamento de Inglês de FACs. Mallory e eu saímos quase todos os finais de semanas para assistir bandas. Mas eu também tinha que me concentrar em terminar a minha dissertação. Eu supus que haveria tempo para os homens depois.

Eu acho que tinha uma (imortal) eternidade para isso agora. Mallory colocou um braço em volta do meu ombro, me espremendo.

- Olhe, você é uma vampira agora. Uma *vampira*. - Ela me olhou, a transformada de Cadogan. - Eles definitivamente melhoraram o seu senso de moda, e muito em breve você vai ter essa coisa toda gotica-chic-não-morta em curso.

Ergui as sobrancelhas.

- Sério. Você é alta, inteligente, bonita. Você é como oitenta por cento de pernas. - Ela inclinou a cabeça e franziu a testa. - Eu te odeio um pouco por isso.

- Você tem melhores peitos - eu reconheci. E assim como nós tínhamos feito a cada vez que tínhamos tido esta conversa de peitos-versus-pernas, nos olhávamos para os nossos peitos e pernas. Cobiçando. Comparando. Meus seios eram muito bons, um pouco maior que o tamanho pequeno. Os dela eram perfeitos.

- Então, ok - ela disse finalmente, mas acenou com a mão em desdém. - Mas isso não vem ao caso. O ponto é que você está com uma ótima aparência e, embora a desagrade pessoalmente, você é a filha de Joshua Merit. Todo mundo sabe seu nome. E a pesar de tudo isso, você não teve um encontro em o que, um ano?

- Quatorze meses, mas quem estava contando?

- Se você está lá fora, fazendo a sua nova coisa quente de vampiro, isso poderia abrir um novo mundo para você.

- Certo Mal. Essa é uma ligação para casa que estou fazendo. - Ergui a mão, arqueando meus dedos para imitar um receptor de telefone. - Oi, pai. É a filha que você mal tolera. Sim, eu sei que você está decepcionado, eu sou uma morta-viva que anda, mas os caras vampiros são seriamente quentes. -Eu mimiquei desligar o telefone. - Não, obrigada. Não vou namorar um vampiro.

Ela colocou a cabeça no meu ombro. - Querida, você é um vampiro.

Esfreguei minhas têmporas, que começavam a latejar.



- Eu sei, e isso é péssimo. Eu não quero falar sobre isso. - Mallory suspirou impaciente, mas não disse mais nada sobre isso. Ela se empurrou de volta para as almofadas do sofá e bateu a capa do guia para a vida do vampiro, ainda fechado no meu colo, com um dedo.

- Então, você vai ler isso?

- Eu provavelmente deveria compreender as regras do jogo. E desde que eu tenho toda a noite...

- Bem, eu não tenho a noite toda. - Ela se levantou e se espreguiçou. - Eu tenho que dormir um pouco. Eu tenho uma reunião mais cedo. Divirta-se com o seu livro de vampiros.

- Boa noite Mal. Obrigada por me esperar.

- Não tem problema. Vou te ligar amanhã e deixar que você saiba o que dizem sobre os acontecimentos. - Ela saiu da sala, mas espiei para trás, a mão enrolada em torno da capa carvalho.

- Só para rever, você está chateada sobre ser feita uma vampira, e odeia esse cara Ethan Sullivan, certo? - Eu folheava o grosso *Canon*, as páginas pareciam antigas, percorri os agradecimentos e sumário, o meu olhar à deriva se acalmou quando cheguei ao título do capítulo dois: “*Servindo a Seu Lorde*”¹⁴.

- Oh, sim. - Eu assegurei-lhe. - Nós o odiamos.

Eu dormi no sofá, o livro em minhas mãos. Eu passei as últimas horas da noite, muito depois de Mallory ter se arrastado para cima, lendo o *Canon*. Eu estava totalmente desperta para os estudos, a transição para vampiro já invertera meus horários de sono, pelo menos até que a onda de cansaço bateu-me ao nascer do sol. Com o amanhecer se aproximando, eu podia sentir o sol subindo, preparando-se para romper o horizonte. À medida que o céu se avermelhava, a sonolência pesava.

O que foi que Carl Sandburg tinha dito sobre nevoeiro? Que rastejava como um gato? Foi assim que a exaustão chegou. Ela penetrou silenciosamente, mas com certeza lá, e me cobriu como um manto de veludo pesado. Assim como adormeci, acordei de repente, encontrando-me envolvida em uma antiga colcha mofada. Eu estiquei meus membros, e olhei para fora para ver Mallory adorável sentada com um jeans e uma camiseta Cubs, olhando para mim com curiosidade.

- Você está tentando me mumificar?

- Existem janelas na sala. - ela apontou, - E você estava muito pesada para subir as escadas. Deixar você exposta ao sol o dia todo faria com que eu definitivamente não

¹⁴ Soberano, Senhor.

recebesse o aluguel deste mês. - Ela se levantou, andou por perto, e me olhou. - Não está queimada ou algo assim?

Eu joguei o cobertor no chão e supervisionei meu corpo. Eu ainda estava no colante vestido de cocktail, e as partes da pele que se mostravam pareciam bem, talvez melhor do que tinham sido antes da mudança.

E eu me senti muito melhor do que na noite anterior, a lentidão tinha finalmente desaparecido. Agora eu era um vampiro chupador de sangue saudável.

- Yay! Nah. - eu disse a ela, poupando-a do meu monólogo interno. - Eu acho que estou bem. Obrigada.

Mallory bateu as unhas contra a sua coxa.

- Eu acho que nós precisamos passar um pouco de tempo juntas hoje à noite, você sabe, para te verificar. Descobrir com o que estamos lidando, quais são suas necessidades. Anotar coisas que você pode precisar. - Ergui as sobrancelhas com ceticismo. Mallory era brilhante, sem dúvida. Caso em questão: Ela conseguiu um emprego como uma executiva de publicidade na McGettrick-Combs logo depois da faculdade, literalmente no dia depois que se graduou pela Northwestern. Mallory disse: “Sr McGettrick, eu quero trabalhar para sua empresa.” Alec McGettrick respondeu: “Esteja aqui às oito horas da manhã de segunda-feira.” Mas Mallory era uma pessoa de idéias, não uma pessoa de detalhes, o que provavelmente era o porquê de ela ser tão valiosa para Alec e tripulantes. Ela sugerir que eu fizesse uma lista - bem, só não era típico de Mallory.

- Você está se sentindo bem, Mal? - Ela encolheu os ombros.

- Você é minha melhor amiga. É o mínimo que posso fazer. - Mallory limpou a garganta, olhou em branco para a parede. - Além disso, a geladeira está cheia de sangue que foi entregue antes de você acordar, e há um número zero oitocentos ao lado para pedir mais. - Sua boca se contorceu, e eu poderia dizer que ela estava tentando não rir.

- Por que você está rindo da minha comida?

Ela fechou os olhos. - A empresa que faz esta coisa de entrega para vampiro? É chamado Blood4You¹⁵. Muito sem originalidade? Quero dizer, eles têm um público cativo, mas ainda assim, levam sua marca a sério, pelo amor de Cristo. Eles precisam de um novo nome, nova imagem, a reembalagem... - Seus olhos vidrados, provavelmente como potenciais logos e mascotes dançando em sua cabeça ao som do jingle que ela, sem dúvida, já criara. - Não importa. - ela finalmente disse, sacudindo a cabeça como se quisesse clareá-la. - Eu não estou no trabalho. E mais uma notícia importante, eu comprei uma cortina de couro para seu quarto. É enorme, assim cobre completamente a janela. Isso deve lhe dar um

¹⁵ Blood for you = sangue para você.

lugar seguro para descansar, embora não combinou totalmente com a decoração. - Ela olhou criticamente ao redor da sala. - Tal como ela é.

Quando Mallory se mudou, ela não tinha feito qualquer alteração da construção além de dividir quartos, estocar a geladeira e adicionar eletrônicos. Assim, a decoração, como era, manteve-se como desejo da tia Rose. A mulher levou seu nome a sério, e abrangia praticamente toda a superfície livre com adornamentos florais ou tapetes. Mesmo o papel de parede era pontilhado com rosas do tamanho de um repolho.

- Mais uma vez, obrigada.

- No caso de ser importante, você estava realmente dormindo.

Eu sorri para ela.

- Você estava me checando?

- Eu segurei o dedo debaixo do seu nariz. Eu não sabia se você estava respirando, ou se você simplesmente, tipo, morreu. Alguns livros dizem que os vampiros fazem isso, você sabe, durante o dia.

E Mallory, sendo uma estudante do ocultismo, saberia. Se ela não tivesse sido tão bem recebida no seu emprego na agência de publicidade de Chicago, ela teria dedicado sua vida a vampiros e coisas do gênero e isso foi antes mesmo dela saber que eles eram reais. Como ela estava lá, ela colocava isso durante suas horas de folga. E agora ela me tem o seu próprio animal de estimação vampírico em casa. Vampet¹⁶?

- Parecia igual a dormir. - eu confirmei, e parei, colocando o livro no chão entre nós e percebendo o que eu ainda estava vestindo. - Eu estive neste vestido por vinte e quatro horas. Eu preciso de um crucial e longo tempo no banho e uma troca de roupas.

- Divirta-se. E não use todo meu condicionador, garota morta.

Eu bufei e caminhei para as escadas.

- Eu não sei por que eu moro com você.

- Porque um dia você vai querer ser uma garota legal como eu.

- Por favor. Você é uma bruxa com presas. - Risos foram emitidos da sala de estar.

- Nós teremos algum sério divertimento com isso. - Duvidei muito, mas eu tinha maltratado o suficiente, então engoli minhas dúvidas e subi calmamente.

¹⁶ Pet = animal de estimação. Vampet = vampiro de estimação.



Evitei olhar para o espelho do banheiro só para o caso, de temer que não fosse encontrar nenhum reflexo lá, mas fiquei embaixo do chuveiro até que a água quente acabou, mantendo a sensação do calor na pele, e pensando a respeito da minha nova... existência?

Helen tinha mencionado o básico - estacas, o sol, o sangue - mas ela evitou a metafísica. Quem era eu? *O que* eu era? Sem alma? Morta? Não morta? Forçando-me pelo menos encarar parte do problema, eu esfreguei a mão sobre o espelho embaçado, rezando para um reflexo. O vapor rodava no pequeno banheiro, mas me revelou úmida e na maior parte coberta por uma toalha de banho rosa, o alívio na minha expressão era óbvio.

Eu fiz uma careta para o espelho, tentando decifrar o resto disso. Eu nunca tinha sido explicitamente religiosa. Igreja para aos meus pais, era uma desculpa para mostrar sapatos Prada e seu novo Mercedes conversível. Mas eu sempre fui discreta espiritualmente.

Eu tentei, apesar dos meus pais, ser grata pelas coisas que me tinham sido dadas, para ser grata pelas coisas que me lembravam, que eu era uma pequena peça em uma roda muito grande: o lago em um triste dia nublado; a graciosa divindade de "Pintura na ascensão da cotovia", a dignidade das pinturas de Casta no Instituto de Arte.

Então, enquanto eu tremia nua e molhada, na frente do espelho do banheiro, eu levantei meus olhos para o céu.

- Eu espero que nós ainda estejamos bem.

Eu não tive resposta, mas então, eu realmente não esperava uma. Responder ou não, isso não importava. Essa que é a coisa sobre a fé, eu acho.

Vinte minutos depois, eu emergi na escada, limpa e seca, e de volta em jeans. Eu tinha resolvido por um favorito par de cintura baixa, uma camiseta branca e azul pálido que combinavam com os meus olhos, e um par preto de Mihara Pumas¹⁷. Com quase 1,80 de altura, eu não tinha necessidade de saltos. A única peça faltando do conjunto era o elástico preto que eu mantinha no meu punho direito para emergências de cabelo...

Hoje, eu já tinha puxado meu cabelo escuro em um alto rabo de cavalo, deixando a franja de corte reto cair pesadamente na minha testa. Eu encontrei Mallory lá embaixo, na cozinha. Ela se sentara em um banquinho na cozinha, uma Coca Diet no balcão à sua frente, uma cópia da Cosmo¹⁸ em suas mãos.

- O que você aprendeu na noite passada em sua Bíblia vampírica? - ela perguntou, sem olhar para cima.

Preparando-me para a história, eu peguei um refrigerante na geladeira, coloquei na mesa e me deixei cair em um banquinho ao lado dela.

¹⁷ Tipo de tênis da marca Puma:

http://www.kicksonfire.com/wp-content/uploads/2009/03/shoes_ibec1126115.jpg

¹⁸ Revista feminina dos Estados Unidos da América.



- Como a Helen disse, há doze Casas vampiro nos Estados Unidos, três em Chicago. O funcionamento da Casa é uma espécie de... Bem, pense em uma Inglaterra feudal. Exceto que ao invés de um barão, você tem um vampiro Mestre no comando de tudo.

- Ethan - ela ofereceu.

Eu balancei a cabeça em concordância.

- Para Cadogan, Ethan. Ele é o vampiro mais poderoso na Casa. O resto dos vampiros são basicamente seus subordinados, nós precisamos fazer um juramento para servi-lo, jurar nossa lealdade, esses tipos de coisa. Ele até tem uma título de fantasia.

Ela olhou para cima, as sobrancelhas levantadas.

- Ele é meu "*Liege*." ¹⁹

Mallory tentou sem sucesso, esconder o riso, - o que acabou soando estrangulado e anêmico - antes de voltar para sua revista.

- Você tem que ligar para o Darth Sullivan, o seu "*Liege*"?

Eu sorri. - Só espero que ele me responda.

Ela bufou. - O que mais?

- As Casas são como, - parei para pensar em uma boa analogia - cidades, empresas. Alguns vamps trabalham para a Casa. Talvez guardas ou pessoas de relações públicas ou o que for. Eles têm administradores, médicos que trabalham fora da Casa, até mesmo algumas posições históricas. Todos recebem uma bolsa.

- Posições históricas?

Eu tomei um gole da minha soda.

- Ethan é o "Segundo", como o segundo em comando ou algo assim.

- Ooh, como Riker - Eu mencionei que ela também adorava *Star Trek: The Next Generation*?

- Claro. Há também uma "Sentinela", que é como um guarda para a Casa.

- Para a marca? - Eu assenti com a cabeça pela oportuna metáfora.

¹⁹ Soberano.



- Exatamente. E a Casa está na Hyde Park. Pense em mansão. - Mallory olhou devidamente impressionada.

- Pois bem. Se você vai ser atacada e sem querer se tornar um vampiro, que seja um vampiro rico e extravagante, eu acho.

- Esse é um argumento.

- Quantos vampiros Cadogan? Trezentos e oito nacionalmente. Oitenta e seis realmente vivendo na Casa. Eles têm dormitórios ou algo assim.

- Então, esses vampiros vivem em uma mansão, tipo fraternidade, e você terá uma bolsa só por ter dentes pontudos. - Ela inclinou a cabeça para mim. - Quanto dinheiro é isso, exatamente?

- Decente.

- Menos o livre arbítrio.

- É isso.

Mal pigarreou, colocou a lata no balcão, juntando as duas mãos, em seguida, ela olhou para mim. Eu achava que não iria gostar de qualquer confissão que ela estava prestes a fazer. - Eu liguei para a universidade.

O tom da sua voz fez meu coração afundar.

- Você disse a eles que nada disto foi minha escolha?

O seu olhar caiu para o balcão.

- Merit, eles não admitem vampiros. Eles não têm que fazê-lo legalmente, e eles estão com medo dos processos, se um de vocês, você sabe, - ela franziu a testa, acenou com a mão no ar. - com os dentes e morder. Honestamente, se Helena não tivesse feito isso, a universidade teria lhe jogado quando eles descobrissem. Essa semente do ódio desdobrado germinou.

- Mas eu não teria dito a eles. - insisti. - Quanto mais eles poderiam ter conhecimento? Eu poderia ter reorganizado a minha agenda, pegar aulas noturnas...

Mallory balançou a cabeça, entregou-me, com uma expressão sombria, um jornal dobrado que estava sobre a mesa. Esse era o *Trib* da manhã, aberto em uma página que trazia a palavra:

PARABÉNS!

Em letras góticas na parte superior. Eu encarei o papel aberto.

O banner culminou em um anúncio de página inteira na seção de estilos de vida. Uma lista de nomes, doze colunas deles, uma dúzia de nomes em cada coluna. O texto dizia:

***“A Secretaria Vampírica Norte-Americana felicita os seguintes novos Iniciados.
Que o seu serviço seja frutuoso e gratificante.”***

Examinei as Casas: Navarre, McDonald, Cabot, Cadogan, Taylor, Lincoln, Washington, Heart, Lassiter, Grey, Murphy, Sheridan. Meu nome estava listado na coluna Cadogan. Meu estômago apertou.

- Alguns repórteres ligaram. - Mallory disse calmamente. - Eles deixaram mensagens na secretária. Eles querem falar com você sobre ser um vampiro. Um vampiro, Merit.

- Repórteres? - Eu balancei a cabeça e joguei o papel de volta para a mesa. - Eu não posso acreditar nisso. Eu não posso acreditar que eles fizeram isso. Que eles me exporão também. - Eu esfreguei as mãos em meu rosto, tentando conter a raiva que estava começando a nascer.

-Você está bem? - Mallory perguntou. Eu deixei as minhas mãos caírem e olhei para ela, disposta a deixá-la entender.

- Eu poderia ter fingido, fazer com que ninguém soubesse. Tudo o que eu tinha que fazer era ter aulas à noite, o que não teria sido tão difícil. A minha comissão teria trabalhado comigo. Porra! Eu nem sequer tive uma chance de tentar!

A fúria cresceu rápido, quente e forte. Ela moveu rapidamente debaixo da minha pele como se meu corpo fosse de um tamanho muito pequeno para contê-lo. Como se o meu corpo não se encaixasse. Eu rolei meus ombros em irritação, a raiva ainda inchando. Eu queria bater em alguma coisa. Lutar com algo. *Morder* alguma coisa. Eu virei minha cabeça lentamente, lançando um olhar de cobiça para a geladeira.

- Jesus, Merit. - Eu lancei um olhar para ela.

Os olhos de Mallory estavam arregalados, as mãos crispadas na borda da bancada. Eu ouvi o rápido, e nítido som de bater duplo de um tambor, e percebi que era a batida do seu coração.

- O quê? - Eu sussurrei. Ela estendeu a mão, mas retrocedeu.

- Seus olhos. Suas íris estão totalmente pratas.



Corri da cozinha para o banheiro do primeiro andar, liguei a luz e olhei para mim. Ela estava certa. O azul de meus olhos se tornou um brilhante prata, as pupilas dilatadas pela irritação.

Mallory se espremeu na minúscula sala atrás de mim.

- Você ficou brava. Isso deve acontecer quando você fica com raiva.

- Raiva ou sede, eu estava silenciosamente alterada, desde que eu tinha apenas considerado beber sangue como meio de aliviar o estresse.

- Abra sua boca.

Meus olhos ainda prata, nossos olhares se encontraram no espelho. Eu hesitei por um momento, tendo que trabalhar a coragem para fazer isso, sabendo o que eu veria quando eu fizesse. Abri a boca, vi as presas que haviam descido do meu maxilar superior. Meus dentes caninos haviam se alongado, as pontas se tornam mais longos, mais nítidas. Isso deve ter acontecido quando eu tinha considerado a invasão da geladeira.

Eu não tinha certeza do que isso dizia sobre quem eu era agora, o que eu não tinha percebido na época. Murmurei uma preocupada maldição.

- Eles não estavam lá antes.

- Eu sei - eu soltei.

- Sinto muito, mas isso é malditamente legal.

Eu fechei minha boca e apontei com o maxilar cerrado.

- Não tão legal, a primeira vez que eu fico à vontade para fazer de você um lanche da tarde.

- Você não faria isso.

Seu tom era suave, totalmente confiante, mas eu não tinha tanta fé.

- Espero que não.

Ela pegou uma mecha de meu reto e longo cabelo.

- Seu cabelo está mais escuro. - Ela inclinou a cabeça para mim. - Talvez negro, em vez de castanho. E sua pele está pálida. Você tem este tipo de... brilho morto-vivo - encarei meu reflexo. Eu estava com o cabelo escuro, pele pálida, igual ao estereotipo vampírico.

- O que mais você sente? Mais forte? Melhor audição? Visão? Qualquer um desses?

Pisquei para o meu reflexo.

- Eu vejo a mesma coisa, e meu nível de audição é o mesmo. - Pensei no cheiro da casa, a riqueza de lá. - Talvez um pouco melhor no sentido do olfato?

E eu não estava bombardeada nem nada, mas quando eu ficava animada, eu poderia tipo, sentir novas coisas. Eu não mencionei o formigamento no ar que eu sentia ao redor dela, ou o fato de que as novas coisas que eu podia sentir incluía o baque retumbante do seu batimento cardíaco. Mallory se encostou ao batente da porta.

- Desde que a minha experiência prática com os mortos-vivos foi há apenas dezoito horas atrás, este é apenas um palpite, mas eu aposto que há uma maneira fácil de cuidar desse problema dos olhos pratas.

- Isto deveria ser bom. E o que seria?

- Sangue.

Nós o colocamos no console, junto com um copo de Martini, um copo de chá gelado, um termômetro de alimento, uma garrafa de xarope de chocolate Hershey's, e um pote de azeitonas, nos duas não tínhamos certeza da melhor forma de ataque. Mallory furou o saco com um brusco furo de um espeto de bambu.

Ela furou, e fez pressão em um dos lados do plástico médico, encheu lentamente de volta. Ela fez um som de nojo e me olhou com olhos simpáticos. - Jesus, Merit. - Eu balancei a cabeça e olhei para o saco de tipo O.

Foi um dos sete que haviam sido entregues. Havia um de cada tipo - A, B, AB e O - e três sacos extras de O. Era suposto ter apelo universal, eu supunha. - Líquido, líquido em toda parte e nenhuma gota para beber. - observei.

- Ugh. Inglês um pouco geek não? Corporativa Opressora.

- Nerd. Lunática de cabelo azul.

- Culpada como acusada. - Ela pegou o copo de chá gelado e me entregou. - Agora ou nunca, Merit. Ela disse que você precisava de um litro todos os dias.

- Eu estou quase assumindo que é uma média. Você sabe, quatro litros por semana, com uma média de um a cada dois dias. E eu provavelmente tive um antes que eles me deixassem ontem. Então, eu realmente não preciso abri-lo até amanhã.

Mallory franziu a testa para mim.



- Você não quer mesmo tentar? É sangue, e você é um vampiro. Você deveria estar rasgando o plástico com esses dentes super afiados apenas para chegar ao material. Ela segurou a bolsa entre os dois dedos, e sacudiu-o no ar. - Sangue. Gostoso, sangue delicioso.

O líquido rubro se movia para frente e para trás no saco enquanto ela sacudia, fazendo pequenas ondas em um minúsculo oceano, auto-contido. E isso estava me deixando enjoada. Eu coloquei uma defensiva mão sobre o meu abdômen.

- Só coloque o saco para baixo, Mallory. - Ela fez, e olhou para ele por alguns minutos até que eu olhei para ela.

- Eu acho que não estou com fome por isso. Certamente, seria mais atraente se eu realmente quisesse.

- Você está com fome por alguma coisa?

Eu olhei as caixas de cereais em cima da geladeira, o estoque devido em partes à preparação de Mallory para os rumores do apocalipse vampírico.

- Dê-me a caixa de Bits Choco Chunkee. O tipo marshmallow.

- Feito e feito - ela disse, e deslizou para fora de seu banco. Ela foi até a geladeira, se esticou, pegou a caixa e voltou para entregá-la. Eu abri e enfiei a mão, agarrando um punhado de cereais, em seguida, escolher entre eles para chegar ao marshmallows, que eu joguei na minha boca.

- Nenhum para você?

- Mark está vindo - ela disse cuidadosamente. - Se estiver tudo bem pra você.

Mark era o doce, mas sem rumo e o namorado de Mallory. Eu dei-lhes mais duas semanas.

- Por mim tudo bem. Faça-o trazer comida chinesa. Mas se ele me irritar, eu provavelmente vou ter que morder ele. - Ela revirou os olhos.

- Vampira vaca.

Dei de ombros e peguei outro punhado de cereal. - Estou avisando, eu provavelmente serei uma vampira má.

Mallory bufou e saiu da cozinha, gritando: - Sim, bem, você tem um marshmallow roxo em seu queixo, vampira malvada.

Eu peguei isso entre meu polegar e o dedo indicador, joguei-o na pia da cozinha. Coisas como essa arruinariam a minha reputação.

Em 2005, Mark Perkins decidiu que queria nadar no Canal Inglês. Em 2006, ele decidiu que queria escalar o Everest. Depois foi o Machu Picchu, base jumping²⁰ caça-fantasmas em Nova Orleans e correr à salina Utah. Ao contrário de Mallory, que raramente planejava Mark planejada com muita força. Ele realmente só nunca fez nada. Alto e magro, com cabelo castanho curto, ele soprou através da nossa porta da frente como uma tempestade, os braços carregados de guias, mapas, e dois sacos de papel com fundo gorduroso.

- Chinesa!

Mallory gritou, saltando por uma porta quando ele entrou. Ela beijou-o rapidamente no rosto, pegou o saco de comida, e se dirigiu para a cozinha. Eu tinha voltado a ler novamente, então estava com o livro na mesa de café. Ele acenou com a cabeça na minha direção, despejando seus próprios livros sobre a mesa do computador, e seguiu Mallory.

- Merit.

- Oi, Mark - Dei a ele um pequeno movimento do meu dedo mindinho e levantei do sofá, mas eu pausei antes de seguir para verificar a sua literatura.

No sofá, um brilhante retratado de montanha que se lia: *A Grande Aventura, Escalando Dunas e Sua Grande e Gorda Aventura Suíça*. Matterhorn era aparentemente, o próximo na lista de Mark. Pobre, doce, tapado Mark.

- Ela agora tem presas, Mark - gritou Mallory. - Portanto, tenha cuidado. - Na metade do caminho à cozinha, Mark parou de repente e se virou para mim, sorrindo como um idiota.

- Oh, meu Deus.

Revirei os olhos e agarrei o saco chinês restante.

- Você pegou caranguejo Rangum? - Ele franziu a testa.

- O que os vampiros precisam com caranguejo Rangum? - Nós nos movemos para a cozinha. Coloquei o saco sobre o balcão da cozinha e fuzei nele até que encontrei a caixa de papel de caranguejo frito e massa recheadas de cream cheese e um recipiente com molho doce e azedo. Eu mantive as duas abertas, mergulhados no envoltório do molho, e mordendo.

Eles ainda estavam quentes e eu gemia feliz com o gosto: doce, salgado, crocante, cremoso. Tudo o que um vampiro recém mudado poderia querer.

- Orgasmos, aparentemente. - Mallory assentiu, e tirou sua própria caixa de comida. Ela puxou um aberto, em seguida, quebrou um conjunto de pauzinhos, olhou para dentro da caixinha, tirou um pedaço de brócolis, e mastigou.

²⁰ BASE jumping é uma modalidade na qual o base-jumper salta de penhascos, prédios, antenas e até pontes.



- Então, quanto tempo você tem sido uma morta que anda? - Mark perguntou. Mallory engasgou. Eu bati nela, sempre tão proveitosamente, nas costas.

- Eu estou assim há dois dias. - Eu disse a ele, e puxei para fora outro pedacinho frito de um malicioso céu. - Até agora, tem sido rotineiro.

Esplendidas últimas palavras aquelas. Nós estávamos comendo a cerca de dez minutos quando ouvimos vidro se quebrar na frente da casa. Nossas cabeças se levantaram ao som. Congelamos simultaneamente, mas fiz um sinal para Mark e Mallory irem pra trás.

Os olhos de Mallory se arregalaram, e imaginei o que ela estava vendo: meu sangue zumbia com adrenalina, e eu sabia que meus olhos se tornaram pratas. - Fique aqui - eu disse a eles, e atravessei a cozinha. Eu me lancei pra fora da luz e me movimenteí pelo corredor apagado. Não havia nenhum outro som na casa, e eu não ouvi nada fora - carros arrancando, pessoas gritando, sirenes brilhando.

Cuidadosamente, abraçando as paredes, eu entrei na sala. A sala de uma janela - a imagem da janela composta de uma única folha de vidro - foi destruída a partir do exterior. Um tijolo jazia no chão, embrulhado em papel branco, uma brisa agitando um canto dele.

Primeira coisa importante, eu pensei, ignorando o míssil escolhi o meu caminho através do vidro para a porta da frente e verifiquei o olho mágico.

O pátio estava vazio e silencioso. Estava escuro lá fora, então, teoricamente, nossos atacantes poderiam estar escondidos no matagal, mas eu sabia que ninguém estava lá. Eu podia tipo que... prever. Não havia nenhum som, nenhum cheiro, nenhum indícios de que alguém estivesse perto da casa além da luz, o cheiro acre da exaustão de carro. Eles dirigiram, fizeram o trabalho, e seguiram em frente. Voltei para o tijolo, abaixei para pegá-lo, e afastei a faixa de papel. Na amassada escrita preta, lia-se:

*Pensa que você é muito boa para nós, vadia Cadogan?
Na Próxima vez, você morre.*

A ameaça era clara o suficiente, e imaginei que agora eu me qualificava como a "Vadia Cadogan." Mas "muito boa para nós" me confundiu. Soava como uma escolha - como se eu tivesse escolhido Cadogan no catálogo das Casas de vampiro. Isso era profundamente falso, e uma boa pista - que o vândalo não me conhecia, pelo menos não bem o suficiente para entender como imprecisa a declaração realmente era. Quão pouca escolha eu tive. A voz de Mark soou.

- Merit?

Eu olhei para cima, os encontrando encolhido na porta, e senti meu peito apertar protetoramente. Levei um momento - surpreendente - para perceber que o formigamento nos meus membros não era medo, mas adrenalina. Eu acenei para frente com a mão dobrada.



- Está tudo bem. Você pode vir. Só cuidado com o vidro.

Mallory pisou cuidadosamente na sala, na ponta dos pés através dos fragmentos.

- Jesus. A janela, o que aconteceu?

- Santa merda. - Mark completou, analisando os danos. Mallory olhou para mim, os olhos brilhando de medo.

-O que aconteceu? - Eu lhe entreguei a nota. Ela o leu, encontrou o meu olhar. - Você é a Vadia?

Eu encolhi os ombros. - Suponho que sim, mas eu não entendo a ameaça.

Mark caminhou até a porta, abriu-a lentamente, e olhou para fora. - Nada mais aqui fora - gritou - Apenas alguns vidros. - Ele recuou seu olhar se movendo entre nós.

- Você tem alguma placa de madeira ou algo que eu poderia pendurar sobre janela? - Eu olhei para Mallory, que encolheu os ombros.

- Pode ter algo na garagem. - Ele balançou a cabeça.

- Eu vou verificar. Eu já volto. - Quando a porta da frente fechou atrás dele, Mallory olhou para a nota em suas mãos.

- Você acha que devemos chamar a polícia?

- Não - eu disse a ela, lembrando da advertência do meu pai.

Mas me ocorreu uma idéia. Eu tirei a nota dela e a enfiei no bolso.

- Eu acho que devemos ir para a Casa.

Dez minutos depois, Mark estava se equilibrando na ponta da escada, segurando uma velha folha de aglomerados sobre a janela, e Mallory e eu estávamos tirando o carro da garagem, o endereço na mão. Mark não estava feliz que Mallory estivesse planejando visitar um covil de vampiros no meio da noite, mas eu acho que isso resultou principalmente do fato de que ele não tinha sido convidado a nos acompanhar. Seu falatório sobre sua segurança não parecia sincero dado à expressão em seu rosto entusiasmado.

Para lhe acalmar, nós prometemos manter os nossos telefones celulares na mão. Aparentemente pensar em precauções extras era justificada, Mark correu pela calçada quando nós entramos no carro, e quando Mallory abriu a janela do lado do passageiro, ele enfiou um amuleto da sorte em suas mãos.

- O que é isso? - Ela Perguntou pra ele.



- Alho. - Ele deslizou um olhar para mim, então levantou as sobrancelhas para Mallory. - Vampiros - ele sussurrou através de uma mandíbula cerrada, como se o movimento de seus lábios fosse uma pedra rosa que iria me prender dentro de seu código secreto.

- Eu ainda posso ouvir, Mark - eu lembrei a ele. Ele corou e deu de ombros se desculpando. Mallory balançou o recipiente plástico de alho orgânico destampado e segurou-o debaixo do meu nariz. Cheirei, esperei por uma reação, e quando nada aconteceu, deu de ombros.

- Eu não tenho certeza se era o que a *Buffy* tinha em mente querido, mas obrigada pelo pensamento. - Ela soprou um beijo para Mark, e nós o vimos voltar ao seu posto na janela. Conforme eu puxei a Volvo saindo da garagem, Mallory jogou a caixa plástica no banco de trás.

- Eu não estou certa quanto tempo esta coisa com Mark vai durar.

- Huh - eu comentei, tentando permanecer neutra. - Não está indo bem?

- Ele é amável, eu acho, e nós nos divertimos. - Ela deu de ombros. - Eu não sei. Não há muito lá, além da camaradagem, quero dizer. - Concordei.

- Eu entendo.

Ela acenou com a mão no ar.

- Questões mais importantes primeiro. - Ela girou no seu banco para me enfrentar.

- Antes de bater na Hyde Park, eu quero ter certeza do que estamos fazendo. Estamos indo para chutar o traseiro de vampiros, ou estamos apenas indo para perguntar sobre essa questão da ameaça de morte?

Eu mordi a parte interna dos meus lábios, enquanto considerava sua pergunta. Nós estávamos andando para um ninho de problemas, e só tínhamos uma à outra - uma executiva de publicidade e uma não-completa-vampira-de-dois-dias - como armas.

E enquanto Mallory passava uma hora na academia todos os dias, eu tinha dez anos de aulas de balé e eu duvidava que contribuísse de forma significativa. Certamente não ajudou há alguns dias atrás.

- Nós vamos conversar com eles com calma e racionalmente. - eu decidi.

- E você não vai dizer ao Darth Sullivan que você rejeita sua suposição fascista de autoridade?

Eu segurei um riso. - Talvez não neste primeiro encontro, não.



O tráfego era tranquilo, a viagem não demorou muito. Mallory atuou como navegador, verificando as direções que tínhamos impresso na web.

- Nós estamos chegando perto - ela finalmente disse, e me instruiu a virar à esquerda. Quando chegamos ao endereço, nós engasgamos em surpresa.

- Oh, meu Deus.

- Eu sei. Eu estou vendo.

Eu estacionei paralelamente em uma vaga vazia na rua - entre um Beemer²¹ e um Mercedes, aliás, e saímos do carro. A Casa, o que na verdade era uma mansão, pegava um quarteirão inteiro.

O prédio era cercado por uma intrincada cerca de ferro preta de dez metros de altura. O interior da cerca era alinhada com arbustos e sebes, de modo que o gramado estava protegido contra a opinião pública. A Casa em si era gigantesca, três andares em pedra pálida levando a um telhado mansarda²² de pedras pretas. Havia uma torre em um canto e altas janelas retangulares rodeando o chão até o teto.

Mas no geral, enquanto o edifício era imponente e muito maior do que aquele nas proximidades, parecia à casa ao lado de seus vizinhos Hyde Park. Bem, exceto pela coisa toda de vampiro. Mallory apertou minha mão.

- Você está pronta?

- Não - admiti. - Mas eu preciso fazer isso.

Seguimos pela calçada para uma lacuna na grade de ferro, onde dois homens vestidos de preto estavam com cintos de espadas em seus lados.

Ambos eram altos e magros, com longos e lisos cabelos escuros, amarrados para trás com força. Eles se pareciam com guardas, seus traços faciais eram fraternalmente similares.

O da esquerda sussurrou algo em seu bocal, então tocou seu fone de ouvido, e finalmente, acenou para mim.

- Você pode entrar - disse-me, em seguida, mudou o seu olhar para Mallory. - Mas ela não pode. - Decisão fácil.

- Ela vai, ou eu não entro. - Ele virou as costas para nós, e ouvi o sussurro fraco quando ele tocou o fone de ouvido novamente.

²¹ http://www.egmcartech.com/wp-content/uploads/2008/10/2009_bmw_750li_neiman_marcus_1.jpg

²² São aquelas janelas: http://thumbs.dreamstime.com/thumb_66/1150705920rc0K5p.jpg

Quando ele se virou novamente, um aceno de cabeça foi à única afirmação que nós tivemos. Enquanto caminhávamos até a calçada, Mallory pegou minha mão e apertou-a.

- Companhia tagarela, eles tinham espadas.

Não só espadas, pensei, olhando para trás para as bainhas, ligeiramente curvas e longas, em linha reta.

- Eu acho que elas eram “katanas.”²³

Aquelas eram as espadas de samurai, um fato que eu aprendi enquanto pesquisava armamentos para minha dissertação. Embora eu estivesse interessada no lado romântico da literatura medieval, - pense em Lancelot e Tristan, - o gênero era pesado sobre as guerras e as armas.

- Você acha que receberá uma espada?

- Que diabos eu faria com uma espada?

Chegamos à porta da frente, que era subterrâneo.

O pórtico que cobria isso arqueava, e quatro símbolos, o mais baixo uma versão estilizada do "C", pendurado acima da porta.

- Hmm - eu disse. - Batemos ou apenas entramos, o que você acha? - Fomos salvas da decisão. A porta foi aberta por um homem alto, elegantemente atraente com a pele cor de caramelo. Seu cabelo era curto, os olhos de um verde pálido. Ele usava um terno preto que estava perfeitamente apropriado a sua imagem, e uma engomada camisa branca em abaixo. Ele estendeu a mão.

- Malik - Este foi o segundo vampiro. Não o que me transformou, mas o seu colega.

- Merit - eu disse, tomando sua mão. - E Mallory. - Suas narinas inflamaram quando ele olhou para Mallory, e as sobrancelhas se levantaram.

- Mágica? - Mallory e eu olhamos uma para outra.

- Como é que é? - Eu perguntei.

Ele não respondeu, mas mudou de lado para nos deixar entrar. O interior da casa era tão impressionante quanto o exterior.

Ao contrário do que eu esperava - tule negro, móveis de couro, velas vermelhas, pentagramas - a Casa era muito bem decorada. Na verdade, parecia um hotel cinco

²³ Sabre longo japonês. Surgida no Período Muromachi, era a arma padrão dos samurais:
<http://tinyurl.com/2b87tkh>

estrelas. O chão era de uma brilhante madeira, o alto teto sustentado por antigas e espessas vigas de carvalho. A decoração, - os lotes de madeira embutidos, vasos de flores, iluminação cuidadosamente selecionada - era sofisticada e de inspiração francesa.

Malik nos escoltou passado de uma sala para outra. - Fique aqui - ele instruiu em um tom que não tolerava qualquer argumento. Obedecemos, Mallory e eu de pé, ombro a ombro na porta para que pudéssemos inspecionar o quarto. Mais ou menos dez homens e mulheres, todos vestidos em ternos pretos de ultima moda, espalhados ao redor, alguns com PDAs²⁴ nas mãos, outros nos sofás lendo nos laptop.

Senti-me incrivelmente acanhada em jeans e uma camiseta, especialmente quando seus olhares começaram a cair sobre mim e Mallory.

- Menina nova - Mal sussurrou.

- É como nosso primeiro dia na escola - concordei. - Me sinto assim.

- Você acha que ele está aqui? Sullivan, eu quero dizer?

Eu olhei ao redor, o que era inútil.

- Talvez? - Eu ofereci. - Eu não sei como ele se parece.

Eu não tinha conseguido dar uma boa olhada em seu rosto quando ele me mordeu, e se ele esteve lá quando eu estava me recuperando, eu não tinha memória disso.

Eu tinha um pressentimento de que ele era dono dos olhos nitidamente verdes que eu me lembrava, mas isso era apenas um palpite.

- Use o seu sentido Aranha²⁵ - Eu ri.

- Mesmo se eu tivesse um sentido aranha, eu não saberia como usá-lo. - Uma voz subitamente ecoou através do salão, mais alto que o tranquilo sussurro dos vampiros trabalhando.

- Está ok, Celina. Eu aprecio sua ligação.

As palavras pertenciam a um homem com um telefone celular no seu ouvido que tinha entrado pela porta do lado oposto do longo quarto. Ele era alto, cinco ou dez cm a mais que 1,80 m, e magro como um nadador - cintura estreita, ombros largos, pernas longas.

Seu cabelo era reto, na altura dos ombros, e louro-dourado. Seu rosto era esculpido, maçã do rosto pronunciada e um queixo firme, sobrancelhas fortes, só seus lábios já valiam a

²⁴ *Personal digital assistants* (PDAs ou *handhelds*) ou assistente pessoal digital, é um computador de dimensões reduzidas: <http://blog.itechtalk.com/wp-content/2010/01/pda.jpg>

²⁵ Analogia com o filme do homem aranha.

pena ter vindo. Ele estava vestido em um terno preto que se encaixava em seu corpo como uma luva, sob a qual tinha uma impecável camisa branca, botão de cima solto, sem gravata.

- Ele é mais bonito que o Beckham - sussurrou Mallory sem fôlego.

- Jesus. - Balancei a cabeça em silenciosa concordância

Ele era incrivelmente bonito. O loiro estava acompanhado de uma igualmente atraente, ruiva de pele luminosamente pálida. Ela usava apenas um vestido reto de coquetel de cor laranja queimada, os dedos de seus pés pintados de vermelho. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, e enquanto ela estava intimamente perto do loiro, ela examinou a sala com uma precisão quase mecânica.

Ela olhou ao redor, viu Mallory e eu, tensas. Em seguida, ela inclinou-se para o loiro e sussurrou algo. Ele levantou a cabeça, uma mecha de cabelos dourados em sua testa, e olhou para cima. Nossos olhares presos. Ele encarou, e eu encarei de volta. Um calafrio correu em minha espinha, uma sinistra premonição de algo que eu não conseguia discernir. Vampiros definitivamente tinham algum tipo de senso de aranha, e o meu estava enviando chamadas, enormes chamadas de fogo que fariam os fogos de artifícios do 4 de Julho fogos nos quais a marinha ia se envergonhar.

Eu empurrei a impressão e a perturbadora e crescente sensação de familiaridade. Eu não quero que ele seja familiar. Eu não queria que ele me conhecesse, saber quem eu era, ter tomado parte na minha mudança. Eu queria que este bonito homem fosse novo na Casa, um vampiro regular fazendo o trabalho de uma noite difícil para o Mestre, que secretamente detestava. Eu queria que ele se aproximasse de mim, se apresentasse, ficasse agradavelmente surpreendido que eu fosse uma vampira e que eu tinha acabado de me juntar ao seu clube de “crianças.” Eu não conseguia afastar os olhos.

Eu encarei. Ele encarou de volta, os lábios entreabertos em estado de choque ou surpresa, os nós dos dedos brancos em torno da pasta de arquivo, que ele segurava na mão livre. O resto da sala se acalmou e aquietou enquanto os vampiros nos observavam, provavelmente à espera de sugestões, será que deveríamos pular na nova garota? Ridicularizá-la por usar jeans e tênis? Recebê-la na antiga irmandade dos vampiros com panqueca no café da manhã e conversa boba? - Tomando uma decisão, o loiro agarrou seu telefone celular fechado e caminhou em nossa direção, o passo rápido e confiante. Cada passo parecia torná-lo mais bonito, seu rosto perfeitamente esculpido mostrava nítido alívio.

Antes desse momento, antes de vê-lo caminhar em minha direção, eu tinha sido uma menina normal. Se eu visse um garoto que eu achasse atraente, eu poderia sorrir. Eu poderia, na rara ocasião, dizer olá ou dar a esse alguém meu número de telefone. Eu não diria que eu estava à frente, mas eu fazia um movimento, quando eu estava interessada. Mas alguma coisa sobre este cara, talvez a misturado do fato de que eu recentemente me tornei uma vampira, fez cada molécula do meu corpo formigar. Eu queria afundar meus dedos em seu cabelo e empurrar os lábios contra o seu.



Eu queria proclamá-lo meu,o surgimento de alguma profunda necessidade instintiva. O tempo parecia acelerar, para fechar mais perto, meu corpo me levou para um destino que minha cabeça não entendia. Meu coração batia, como um martelo dentro do meu peito, e eu podia sentir o sangue correndo nas minhas veias. Mallory se inclinou para mim.

- Para sua informação, seus olhos estão pratas. Vou apenas acrescentar "tesão" para a lista de razões pra que isso aconteça.

Eu assenti distraidamente. Meu lindo loiro se aproximou, até que ele estava na minha frente, até que, olhando para cima, eu podia ver a cor dos seus olhos. Eles eram um profundo e translúcido verde esmeralda. Impossivelmente verde. E enquanto meu coração afundava, eu percebi familiarmente esse verde.

- Merda - foi tudo que eu consegui pensar em dizer. Nosso alto sócia do Beckham era meu inimigo.

Capítulo 3

Você tem que lutar pelo seu direito.

— Merit?

Fui puxada da minha fantasia pela súbita inundação de adrenalina, cerrei meus punhos. Eu tinha escutado sobre briga - ou - instinto de luta - O animalesco movimento para escavar e lutar pela sobrevivência ou para fugir, procurar abrigo ou cobertura. Antes de hoje à noite, isso sempre tinha sido um pensamento abstrato. E pouco construtivo. Mas senti isto após o ataque em nossa casa, e enquanto eu enfrentava Ethan Sullivan pela primeira vez, senti algo íntimo por ele.

Alguma parte previamente perdida da minha mente despertou e começou a avaliar os arredores, e debater se deveria bater meu calcanhar no chão e ficar tão longe dele quanto possível, ou encará-lo, ficar na frente dele, e até mesmo se o esforço estivesse sentenciado, para ver do que eu era feita. Esse era um daqueles momentos, eu pensei, um daqueles momentos de vai ou racha que mostram a direção da sua vida, que a lembram sobre coragem e livre arbítrio. Senti uma cotovelada em minhas costelas, e ouvi um sussurro feroz.

- Merit! - Olhei ao meu lado, onde Mallory estava me olhando curiosamente. – Você está bem? Ethan só estava dizendo oi. Você tem algo que queira dizer a ele?

Deslizei meu olhar de volta para Ethan, que me observava cautelosamente, então deixei meu enfoque para os vampiros, que estavam parados atenciosamente no quarto.

Eles tinham parado de tocar as teclas de seus PDAs e ficaram olhando fixamente. Sem olhar para ele, eu perguntei. – Nós podemos falar em particular?

Ele parou aparentemente surpreso, e então disse com uma voz suave o suficiente para me enviar um segundo arrepio pela espinha. – Claro.

Com sua mão em meu cotovelo, Ethan me escoltou pela multidão de boquiabertos vampiros, através do corredor, e então para o quarto ao lado. Era um escritório, masculino e bem decorado. Seu escritório. À direita estava uma considerável escrivaninha de carvalho; à esquerda estava uma área de estar com mobílias de couro marrom. No fim da sala estava uma longa e oval mesa de conferência, que estava logo antes de um banco sob as janelas, cobertas por cortinas aveludadas de cor azul marinho. Os dois lados da parede eram forrados com prateleiras embutidas cobertas com livros, troféus, fotografias, e memórias.

Mallory nos seguiu, e Ethan fechou a porta. Ele acenou sua mão em um convite às duas cadeiras que estavam na frente de sua mesa, mas Mallory se moveu para as prateleiras na outra extremidade da sala e, suas mãos estavam cruzadas atrás das costas, começando a apreciar os objetos. Ela nos deu privacidade sem me deixar a sós com ele. Apreciando o gesto, eu permaneci esperando. Ethan cruzou seus braços e me olhou com expectativa – Bem? A que devo o prazer, Merit?

Eu o encarei inexpressivamente por um momento, tentando lembrar por que eu pensei que visitar o escritório Hyde Park de um vampiro mestre era uma boa ideia, quando minha boca, que aparentemente não estava a par do meu debate interno, de repente deixou escapar

- Eu não dei a você permissão para me mudar.

Ethan olhou fixamente para mim por um momento antes de virar sua cabeça. Ele andou, movendo-se com auto-confiança para a cadeira de couro atrás de sua escrivaninha. Apesar de todas as roupas sob medida e aparência impecável, seu poder era óbvio. Ele justamente assobiou com ele, e enquanto seus movimentos eram rápidos e elegantes, eles insinuavam algo mais escuro, algo ameaçador em baixo da superfície: um tubarão nadando enganosamente em círculos abaixo da água lisa.

Ele arrastou papéis em sua escrivaninha, então cruzou suas pernas e olhou para mim com aqueles obscenos olhos esmeralda. – Francamente, isso não era o que eu esperava ouvir. Eu estava esperando algo parecido com *“Obrigada, meu Liege, por salvar minha vida. Eu aprecio muito estar viva.”*

- Se me salvar tivesse realmente sido sua meta, você poderia ter me levado para um hospital. Um médico poderia ter me salvado. Você unilateralmente decidiu me fazer outra coisa.

Ele juntou suas sobrancelhas. – Você acredita que o vampiro que te mordeu primeiro tinha a intenção de te deixar viver?

- Eu não tive uma chance de perguntar a ele.

- Não seja ingênua.

Eu vi a conferência de imprensa sobre a morte de Jennifer Porter, sei sobre as semelhanças entre nossos ataques. Então, incapazes de discutir aquele ponto, eu fiz outro.

- Minha vida nunca será a mesma.

- Sim, Merit. - Ele disse, frustração em sua voz, - Sua *vida* ‘humana’ nunca será a mesma. Foi, lamentavelmente, tirada de você. Mas nós a demos outra.

- Devia ter sido ‘*minha*’ decisão.

- Eu estava com pouco tempo, Merit. E dado que você está completamente ciente da escolha que eu tive que fazer, esta atitude petulante é indigna de você.

Eu não discordei, mas quem era ele para me dizer isso? Minha garganta constringiu com emoção. – Me desculpe por não ter me ajustado ao fato de que minha vida foi virada de cabeça para baixo. Desculpe-me por não reagir a isso com elegância.

- Ou gratidão. - Ele murmurou, e eu me perguntei se ele sabia que tinha sido alto o suficiente para eu escutar. – Eu dei a você uma vida. E eu a fiz igual a mim. Como o resto de seus irmãos e irmãs. Nós somos tão monstros?

Desejei que eu pudesse ter dito sim. Eu quis dizer sim, fingir horror. Mas uma lágrima correu pela minha bochecha, propulsada por alguma combinação de ira e culpa de que eu não era tão repelida por Ethan Sullivan como eu havia planejado. Eu enxuguei a lágrima com a parte de trás de minha mão.

Ethan olhou para mim por muito tempo, e eu podia ler a decepção em seus olhos. Isso me aborreceu, aquela decepção, mais do que eu queria admitir.

Ele tamborilou seus dedos na mesa, se inclinou. – Então talvez eu tenha cometido um engano. A Casa Cadogan tinha permissão para doze novos vampiros este ano, Merit. Isso faz você uma dessas doze da minha parte. Você pensa que você vale à pena? Você pensa que pode contribuir para Cadogan em suficiente proporção para compensar esse investimento? Trazer você para a Casa foi uma decisão melhor que salvar outra pessoa para quem eu poderia ter dado uma nova vida?

Eu o encarei, o valor do dom que ele me deu, por mais que eu não quisesse ser um deles, tornou-se completamente compreendido.

Eu deslizei na cadeira a minha frente.

Ethan assentiu com a cabeça. – Eu pensei que poderia fazer isto. Agora, suas objeções por ter sido mudada foram devidamente anotadas. Então por agora, o que me diz de nós partimos? Eu não quero isto entre nós, ainda que você decida que eu sou seu inimigo mortal. - Ele ergueu as sobrancelhas em desafio. Eu não me aborreci em negar isto.

Eu pausei, então perguntei - Devidamente anotadas?

Ethan conscientemente sorriu. – Anotada e recitada na frente de uma testemunha. - Seu olhar flutuou para o canto do quarto, e ele olhou para Mallory com curiosidade. – Eu não conheci sua amiga.

- Mallory Carmichael, minha companheira de casa.

Mallory olhou por cima do espesso livro que ela estava lendo. – Eu.



- E seu guarda costas, presumo. - Ele disse, levantando e caminhando para um bar situado entre as estantes de livros do lado esquerdo da sala. Despejou um licor âmbar em um vidro gordo e me observava acima da beira enquanto tomava seu conteúdo. – Eu conheci seu pai.

- Eu sinto muito em ouvir isto.

Ele segurou gentilmente o vidro em suas mãos. – Você não é próxima a sua família?

- Meu pai e eu não nos damos bem. Nós temos diferentes prioridades. Ele está somente focado em construir seu reino financeiro.

- Enquanto que a Merit não. - Mallory ofereceu do seu canto. – Ela é perfeitamente feliz sonhando com Lancelot e Tristan.

- Lancelot e Tristan? - Ele perguntou.

Constrangida com a implicação do amor adolescente, eu gaguejei – Eu... Estava trabalhando em minha dissertação. Antes.

Ethan terminou sua bebida e pôs o vidro no bar, em seguida, recostou-se contra ele, de braços cruzados. - Entendo.

- Honestamente, eu duvido que você o faça. Mas se você esperava que mudar-me o ajudaria a ter acesso ao dinheiro da *'família de Merit'*, você está sem sorte. Não tenho dinheiro e nem acesso a ele.

Ethan pareceu momentaneamente surpreso, e não encontrou meu olhar quando ele deixou o bar e se moveu para a mesa. Quando ele estava sentado novamente, ele me encarou, não com raiva, eu pensei, mas com confusão. – E se eu te dissesse que eu poderia dar coisas a você? Isso aliviaria a sua transição?

Através do quarto, Mallory gemeu.

- Eu não sou meus pais.

Eu era o destinatário de outro longo olhar, mas este sustentava um vislumbre de respeito. – Estou começando a ver isto.

Finalmente achando meu fundamento - ele podia ser um vampiro, mas ele foi submetido a preconceitos humanos como todos os outros - eu relaxei de volta na cadeira, cruzando minhas pernas e braços, e arqueando uma sobrancelha para ele.

- Isso que você pensou? Que eu veria o Armani e o endereço Hyde Park, e estaria tão excitada que esqueceria que eu não consenti?



- Talvez nós dois tenhamos julgado mal a situação. - Ele admitiu. - Mas se existe tal ânimo em sua família, por que você faz com que te chamem de Merit?

Olhei para Mallory, que estava pegando um pouco de fibra de algodão de uma das pesadas cortinas de veludo que cobriam as janelas. Ela era a única de um punhado de amigos que sabiam da história inteira, e eu não estava disposta a adicionar Ethan Sullivan para aquele grupo.

- É melhor que a outra opção. - Eu disse a ele.

Ethan pareceu considerar isso antes de afastar seu olhar de uma pilha de documentos em sua escrivaninha. Ele os embaralhou. – E você não está morta. Não está morta ou uma morta que anda e Buffy não seria um recurso anatômico confiável. Você não morreu aquela noite. Seu sangue foi tomado e substituído. Seu coração nunca parou de bater. Você é melhor agora, geneticamente, do que você era antes. Um predador. O topo da cadeia alimentar. Eu fiz você um imortal, assumindo que você conseguirá ficar fora de problemas. Se você seguir as regras, você pode ter uma vida longa, produtiva como um vampiro de Cadogan. Falando disso, Helen deu a você tudo o que precisa? Você recebeu uma cópia do *Canon*?”

Eu confirmei com a cabeça.

- Você ainda tem sangue?

- O sangue ensacado foi entregue em casa, mas eu não tive nenhum. Para ser honesta, não parecia tão apetitoso.

- Você conseguiu bastante durante a transição, então a sede não te alcançou ainda. Tente outro dia. Você irá querer muito isso quando a Primeira Fome te golpear. - Os lábios de Ethan viraram, e ele sorriu. Estava um pouco desarmando. Aquele sorriso. Ele pareceu mais jovem, mais feliz, mais humano. - Você disse sangue ensacado?

- É isso que é entregue. Por que isto é engraçado?

- Porque você é uma vampira da linha Cadogan. Você pode beber diretamente de humanos ou de outros vampiros. Só não mate ninguém.

Eu coloquei uma mão em meu estômago, como se o toque pudesse acalmar a gordurosa onda que, de repente rolou por ele. - Eu não vou morder ninguém. Eu não quero beber mesmo, ensacado ou de outra maneira, pessoas ou não. Você não pode simplesmente sair por aí e... - eu acenei uma mão no ar. - ...mastigar as pessoas.

Ethan estalou a língua. – E pensar que nós estávamos tão perto de ter uma conversa normal. Merit, você é uma adulta. Eu sugiro que você aprenda a aceitar suas circunstâncias, e depressa. Goste ou não, sua vida mudou. Você precisa entrar em acordo com exatamente quem você é.



- Eu sei quem eu sou. - Eu o assegurei.

Uma sobrancelha dourada voou para cima. – Você sabe quem você ‘era’. Eu sei quem você é, Merit, e que você virá a ser.

- E o que é?

Seu rosto era completamente, serenamente confiante. – Minha. Minha vampira. Minha súdita.

A possessividade convocou minha raiva, e ela cresceu, floresceu e se apressou através do meu corpo com um calor que ondulou meus dedos do pé. Aquele calor era delicioso, e de novo a emoção pareceu estranha, isolado, de alguma forma. Como se isso não fosse minha raiva, mas uma raiva dentro de mim. Qualquer que seja a fonte era penetrante, forte, e emocionante.

Eu me levantei e perguntei a ele, minha voz rouca, mais luxuriante.

-Você gostaria de testar aquela teoria?

O olhar de Ethan saltou para os meus lábios, e ele molhou o seu próprio, mas quando ele respondeu, segundos mais tarde, seu tom era frio. Composto. O tom de mestre subjugando o peão rebelde. – Você se esquece de si mesma, Iniciante. Você tem dois dias de idade. Eu tenho trezentos e noventa e quatro anos. Você realmente quer testar sua impetuosidade contra mim?

Eu não era completamente estúpida. Eu sabia que minha resposta para aquela pergunta deveria ser um ressoante não. Mas isso não parou meu corpo, com o qual eu estava começando a aprender, que estava operando em uma frequência completamente diferente do resto do meu cérebro, a partir disso respondi com todo desafio que consegui reunir, - Por que não?

Um pesado silêncio se instalou, o único som penetrante era o sólido baque do meu coração. Ethan empurrou sua cadeira. – Venha comigo.

- O que você acabou de fazer?

Mallory e eu seguimos Ethan de volta para o andar térreo da Casa Cadogan.

- Eu não sei. - Eu sussurrei de volta. – A vampira Merit é muito mais valente do que a pessoa Merit.

- Sim, bem, é melhor você descobrir uma maneira de reconciliar a genética, porque a vampira Merit acabou de jogar você em uma séria merda.



Nós pegamos a direita, descemos um lance de escadas, e seguimos Ethan por outro corredor para um conjunto de portas de madeira antiga. O quarto que nós entramos era enorme e brilhante, o centro de seu chão de madeira coberto com um conjunto de tapetes de tatame. Metade da altura dos 6 metros das altas paredes estava coberta com uma reluzente madeira; o restante, até uma varanda saliente apoiada por colunas de madeira maciça, mostrou uma impressionante coleção de armamentos antigos, inclusive espadas, maces²⁶, arcos, machados, e facas com aparência perversa.

Isto era uma sala usada para praticar lutas.

Levou um momento para a implicação se resolver – Você está brincando, certo? - Eu perguntei, girando para ele. – Você realmente não pode pensar que eu vou lutar com você?

Ethan me considerou friamente e começou a desabotoar sua camisa. Pergunta respondida, eu pensei, desviando os olhos depois da primeira espiada do tonificado peito. Eu caminhei para o meio do chão, pensando que eu me sentiria melhor se eu tivesse uma melhor compreensão sobre o meu ambiente. O arsenal de Ethan era impressionante: Um conjunto de lanças cruzadas, fitas azuis penduradas em suas extremidades; uma espada pesada; um escudo preto de madeira com uma árvore de carvalho de ouro, a volta pintada de vermelho; linhas de katanas desembainhada.

- Experiência? - Ethan chamou atrás de mim.

- Balé e corrida. E qualquer força extra que os dois dias de ser transformada me dará. - Eu cometi o erro de me virar justo quando ele estava puxando a camisa de botão sobre a cabeça. Minha boca ficou seca. Seus ombros eram largos e perfeitamente esculpidos, assim como era o resto de seu torso. Seu tórax era firme, seu estômago plano e magro, marcado apenas pelo franzir do umbigo e uma fina linha de cabelo loiro escuro que desaparecia na cintura de sua calça. Ao redor de seu pescoço havia uma fina corrente de ouro, sobre o qual pendia um pequeno oval de ouro com um design estampado nele. Parecia medalha de um santo, embora eu duvide que qualquer santo teria aprovado um mestre vampiro usando isto.

Ethan me pegou olhando fixamente e ergueu uma sobrancelha, e eu rapidamente afastei o olhar. Mallory gritou meu nome, acenando freneticamente em direção a onde ela estava na borda das esteiras. Quando eu a alcancei, ela agitou sua cabeça para mim.

- Você não pode estar seriamente pensando que você vai lutar com este sujeito. Ele pode chutar sua bunda com um braço amarrado nas costas, muito menos com todos seus volumosos poderes de vampiro. Ele provavelmente é mais forte que você, mais rápido que você. Ele provavelmente pode pular mais alto. Inferno, ele provavelmente pode seduzir você a ficar com ele aí mesmo nas esteiras.

²⁶ É uma arma usada na Idade Média: http://lacsknights.pbworks.com/f/Maces_Flails_Flail_2605_122.jpg

Nós simultaneamente olhamos para onde Ethan estava, metade nu, tirando os sapatos de couro preto. Os músculos em seu abdômen se contraíam enquanto se mexia. Então percorri as linhas de músculo através de seus ombros.

Deus, mas ele era lindo.

Eu estreitei meu olhar.

Lindo, mas mau. Perverso. A repugnante escória de abominável malevolência. Ou algo.

- Jesus.- Mallory sussurrou. – Eu quero apoiar sua indagação para vingança e tudo, mas talvez você devesse só deixa-lo seduzir você. - Ela olhou para mim, e eu podia dizer que ela estava tentando não rir. – Ou você está ferrada, ou você está ferrada, certo?

Eu rolei meus olhos para ela. – Você não está ajudando.

A confusão de passos ecoou pela sala. Nós olhamos para cima. Os vampiros estavam enchendo a sacada, todos vestidos de preto, todos lançando odiosos olhares para mim e Mallory. Enquanto eu era alvo de seus óbvios desdém, o peso do risco que eu tinha tomado estabelecia em meus ossos. De acordo com o apropriadamente chamado *Canon*, a sociedade vampirica era baseada em antiquadas noções de feudalismo, inclusive lealdade inabalável para a Casa e seu Mestre. Eu caminhei pela Casa. Pela Casa de Ethan, o aborreci, e o desafiei para uma luta. Vinte e sete anos tentando viver debaixo de radar dos meus pais, de nunca causar problemas suficiente para aumentar a observação deles, e eu cometi dois grandes enganos em questão de dias. Andar pelo Campus quase tinha me matado. Desafiando Ethan... Bem, nós descobriremos em breve.

- Provavelmente isso não foi à melhor decisão que eu já tomei. - Eu admiti.

- Não. - Mallory concordou, mas quando eu olhei para ela, seus olhos brilhavam com apreciação. - Mas é corajoso. E você precisava tomar uma corajosa decisão.

- Há um minuto atrás você disse...

- Esqueça isto. Eu sei o que eu disse. - Ela interrompeu. – Eu mudei de ideia. Os gênios têm direitos. Isto é a coisa certa a fazer. Essa é a nova Merit. - Ela me abraçou rapidamente, então se afastou. – Chute seu traseiro, garota morta.

Ethan juntou-se a nós, e fez uma galante reverência. Quando ele se endireitou novamente, ele tocou em baixo do meu queixo. – Não perca aquela coragem agora, Iniciante.

- Não foi ‘*minha*’ coragem... foi o que o vampirismo mudou.

- Você é um vampiro, Merit, agora e para sempre. Mas às vezes a mente precisa de uma chance para recuperar o atraso da genética. - Ele admitiu.

Eu lancei um olhar preocupado para a sacada. – Eu espero que aconteça logo.

Ele riu. – Eu não vou machucar você, apesar do fato de você ter quebrado praticamente todas as regras do *Canon*, eu farei um trato com você.

Eu o enfrentei novamente, me forçando a encontrar seus olhos verdes, apesar do tremor das minhas mãos. – O que?

- Se você conseguir acertar um golpe, eu libertarei você de suas obrigações para comigo.

Era o oposto do que eu tinha previsto - Que era algo como: “*se você sobreviver a isto, eu deixarei você se curar antes de lhe castigar por ter me desafiado*”. Por essas normas, era um bom negócio, se não soasse improvável. Eu procurei seu rosto, não tendo certeza se ele estava sério.

- Como eu sei que você manterá sua palavra?

Ethan ergueu seu olhar para a sacada de vampiros acima de nós. – Eles sabem.

Quando nossos olhares se encontraram novamente, eu movimentei a cabeça concordando. Eu entreguei a Mallory, a ameaça de morte amassado, a que eu não pude lhe dar por que estava muito ocupada sendo estúpida, e ela enfiou no fundo do seu short, e eu segui Ethan para o meio da sala.

Ele girou e ligeiramente, se curvou. – Um golpe. Isto é tudo que você precisa fazer.

Sem mais delongas, ele chutou, um elegante pontapé que teria trazido seu pé descalço na minha cara se eu não tivesse caído para trás. Bati no tapete com minhas costas, minha respiração rápida com o impacto. Enquanto eu estava deitada lá, a galeria ria acima de mim, eu não tinha certeza o que me assustou mais: o fato de que ele quase me chutou no rosto, ou o fato de que eu tinha sido rápida o suficiente para evitar isso. Eu *tinha* mudado.

- Belos reflexos.

Eu olhei para cima para encontrar Ethan a poucos metros de distância, olhando para baixo, para mim com curiosidade. Ele não era o único com dúvidas. Eu imaginava quanto mais eu poderia fazer, então empurrei minhas palmas atrás de mim, levantei minhas pernas, rolei para trás, e impulsionei meus pés em um salto rápido.

- Muito bom.

Eu desdenhei o elogio, mas estava excitada com o movimento. Eu não dançava clássico em anos, mas sempre adorei os poucos segundos de ser transportada no ar em um grand jeté²⁷. – a breve sensação de lutar contra a gravidade... e ganhar.

Isso foi semelhante, mas infinitamente mais satisfatório. Meu corpo se sentia ainda mais leve, vivo igual quando eu estava em plena forma de dançarina. Talvez houvesse vantagens em ser um vampiro. Eu sorri de volta para Ethan.

- Leve-o simplesmente como uma rodada de teste.

Então eu o circulei, procurando uma fraqueza. Ethan saltou sobre seus pés e curvou sua mão para mim como um convite.

- Então vamos ver o que você pode fazer. - Alguém iniciou uma música, e Nine Inch Nails - “The Hand That Feeds”²⁸ - se espalhou pela sala.

- Pertinente - ele murmurou, e curvou sua mão novamente.

NIN²⁹ era uma escolha interessante para um vampiro de quase quatrocentos anos. Qualquer que fosse seus problemas, eu não poderia criticar o seu gosto pela música. Voltando para o desafio em mãos, tentei um soco. Balancei para frente, girando o pulso enquanto tentava pegá-lo em um golpe, mas ele evitou isso, seguindo o movimento da minha mão, e balançando sua perna em uma rasteira que quase levou os meus pés para fora de debaixo de mim. Mas eu pulei a tempo e arqueei as costas em uma cambalhota, o que me colocou a poucos metros de distância e fora de seu alcance.

Ou assim eu pensei, até que ele correu tão rápido, o movimento foi borrado. Pulei para trás outra vez, então, novamente, o movimento quase inexistente, mas ele continuou chegando. Quando eu cortei o ar pela última vez, eu instintivamente agachei, o que colocou o golpe que ele tinha dirigido ao meu queixo fora do alcance. Ele golpeou o ar, e estendeu os braços para agarrar os seus joelhos, mas ele voou por cima de mim, pousando atrás de mim com um baque suave. Empurrei os meus pés de novo, e virei para vê-lo rindo descontroladamente, com os olhos em chamas verdes.

- Estou impressionado. Vamos fazê-lo novamente. - Então, sua expressão foi solene, e ele saltou sobre os seus pés e curvou a mão novamente em um convite.

Rolando meus olhos para o replay de Matrix, tentei um chute borboleta. Eu uma vez vi um instrutor de kick-boxing tentar isso, mas como um ser humano eu não tinha o poder ou a elasticidade para executá-lo. Ser um vampiro muda as regras. Agora eu tinha a força para me empurrar através do ar e balançar minhas pernas em volta para girar meu corpo na

²⁷ Passo de Balé clássico: <http://tinyurl.com/2f8kvyh>

²⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=qspWU4OMZL0>

²⁹ Nine Inch Nails (abreviado como NIN) foi uma banda de rock industrial, fundada em 1988 por Trent Reznor em Cleveland, Ohio, Estados Unidos, e encerrada em 2009 em Los Angeles, Califórnia, no mesmo país de origem.

horizontal. Ainda assim, os reflexos de Ethan eram mais rápidos do que os meus então eu perdi ele de novo.

Ele jogou seu torso para trás cerca de 180 graus, se mantendo todo ereto, e evitando completamente as minhas pernas estendidas.

- Tão perto - ele ofereceu.

- Não perto o suficiente. - Mas eu ri quando disse isso, emocionada que eu tinha conseguido o movimento. Isso agradou o público, também, e eles vaiaram a tentativa.

- Cuidado, Liege! - Alguém gritou. - Ela poderia deixar uma cicatriz nessa cara bonita.

Ethan soltou uma natural gargalhada.

- Deus me livre - ele disse a galeria.

- Então eu só tenho uma fabulosa habilidade e prudentes instintos para confiar.

Os vampiros riram juntos, e ele inclinou a cabeça para cima para sorrir para a multidão. Essa foi a minha chance, e eu peguei. Ethan estava distraído, então eu me apressei para ele, mas o desonesto bastardo antecipou a minha jogada. Ele se moveu para a esquerda justo antes de eu poder derrubá-lo.

Eu apoiei meus braços para bater no chão quando passei por ele, mas antes fiz contato, ele agarrou meu braço, girou em torno de mim no ar, e me empurrou para o chão. Caí de costas, com Ethan acima de mim, seu corpo esticado em cima do meu. Ele capturou perfeitamente meus pulsos em suas mãos e os empurrou — apesar do meu contorcionismo — para o tapete em cima da minha cabeça. A multidão explodiu em vaias e sugestões lascivas.

- Você me mordeu! - Eu acusei.

Seus lábios limitados a centímetros do meu rosto, ele sorriu lascivamente.

- E tão facilmente.

Eu esperneeiei, mas ele me empurrou mais forte contra o colchão, enfiou um joelho entre minhas pernas. - Iniciante, você pode adivinhar exatamente aonde isso vai levar.

Eu resmunguei em irritação. Pelo menos, eu disse a mim mesmo que era irritação, e não ao fato de que ele cheirava deliciosamente, uma limpa combinação de linho, algodão e sabão.

Não o fato de que o peso de seu corpo no meu se fazia completamente natural - um lânguido calor de repente, fluindo através de meu peito, como se a união de nossos corpos tivesse fechado um circuito. Eu tentei afastar a sensação de vergonha prateada dos meus



olhos - tenho que admitir, eu tive uma nova simpatia súbita pelos homens que tentam esconder sua excitação - eu os apertei fechados. Ethan me deixou calma, e quando eu finalmente abri meus olhos, seu rosto estava branco.

- Você concorda que falhou em conseguir um golpe? - Eu parei, mas balancei a cabeça. - Pelo menos você está disposta a me dar um presente?

Por um batimento cardíaco, seu olhar caiu nos meus lábios. Gostaria de saber se ele me beijaria, se ele pensava sobre isso, se ele sentia a força como eu sentia. Mas ele olhou para longe, então soltou meus pulsos e empurrou-se para cima. Ele ofereceu-me uma mão, que eu tomei, e deixei que ele me puxasse para os meus pés... para as vaias e decepção geral da galeria.

- É por isso que você veio? - Ele perguntou quando estávamos na posição vertical novamente. - Para lutar contra mim?

Mallory deve ter ouvido a pergunta sobre o murmúrio da multidão, quanto ela se adiantou, a nota estava em sua mão estendida. - Viemos por isso.

Ethan enxugou a testa com as costas de uma mão, depois pegou a nota. Ele leu com sua expressão em branco. - Onde você conseguiu isso?

- Ele estava envolto em torno de um tijolo que foi lançado através da janela da nossa sala. - eu disse.

Seu olhar explodiu. - Você se machucou? - Ele examinou meu corpo, procurando por lesões.

- Nós estamos muito bem. Havia três de nós em casa, e estamos todos bem.

- Três?

- O Namorado de Mallory estava lá.

- Ah.

Eu bati na nota com um dedo. - O que é isso? Existe uma guerra de vampiros que eu não sei? Será que me mudando chateamos alguém?

Ele franziu a testa enquanto ele lia a nota novamente. -Talvez seu atacante inicial esteja irritado por não ter terminado o trabalho, ou sobre eu ter acabado para ele. Acreditamos que ele, o que te mordeu, era um Rogue, um vampiro vivendo fora do sistema das Casas. A nota sugere que é verdade. É possível também que haja uma ligação entre o seu ataque e o ataque que matou Jennifer Porter.



Não era a primeira vez que eu tinha considerado essa conexão, mas a ideia foi mais terrível saindo de seus lábios. Ele deu legitimidade à possibilidade de que eu era a vítima de um transtornado – um assassino serial vampiro. Mas isso também levantou outras questões.

- Você sabe, é uma grande coincidência que você estivesse cantarolando pelo campus, ao mesmo tempo, que eu era atacada por um vampiro.

Ele levantou os profundos olhos verdes para os meus. - Havia uma quantidade considerável de sorte envolvida.

Olhamos um para o outro por um momento. - Ethan - eu disse suavemente. - você não matou Jennifer Porter, não é?

Seus cílios caíram, longos, louro escuro contra a pele dourada. - Não, eu não a matei. Nem ninguém da minha Casa.

Eu não tinha certeza se acreditava nele, embora eu não tivesse nenhuma razão para duvidar de sua honestidade, não quando ele lidou comigo, mesmo eu poderia admitir, com generosidade.

Eu abertamente desafiei o chefe da minha Casa, e tudo que eu tinha sofrido por isso era um pequeno embaraço diante de um grupo de vampiros que eu não conhecia. Abri minha boca para perguntar sobre a nota, mas antes que eu tivesse deixado algo sair, alguma coisa explodiu da galeria. Eles começaram a gritar para baixo para nós, o consenso geral é que eu merecia uma surra.

- Liege! - Gritou um. - Você não pode deixá-la ir embora por desafiar você!

Ele levantou o olhar para seus vampiros. - Você está certo. Vou mandá-la para seu quarto sem sobremesa e tirar seu celular!

A multidão riu, mas Ethan levantou a mão novamente, e como se ele estivesse conduzindo uma sinfonia de vozes, que silenciou imediatamente. Seja qual forem os meus problemas com a sua autoridade, eles foram claramente muito menos reticentes.

- Amigos, ela fez um esforço para me derrubar. E desde que ela ainda não tenha feito o juramento, ela... - ele olhou para mim - tecnicamente não violou o *Canon*. Além disso, ela 'levantou' faz dois dias, não mais, e quase pôde me bater. Ela será uma soma indiscutivelmente importante para a Casa, e todos nós sabemos o quão... delicadas nossas alianças são.

Havia menos risos dissimulados agora, misturados com as inclinações relutantes.

- Mais importante, ela veio aqui temendo por sua vida. - Ele levantou a nota.



- Ela levantou há dois dias, e foi ameaçada. - A ruiva que o acompanhava antes parou na borda da galeria. - Tem certeza que ela não nos trará a guerra, meu Liege?

Se eu tinha alguma dúvida que ela era dele, seu quadril sagazmente inclinado e olhos de alcova³⁰ eram a resposta. Noiva. Amante. Consorte, se estivesse falando de termos feudais.

Esperava ver os olhos de esmeraldas de Ethan em suas curvas sensuais, mas quando me virei para ele, seus olhos estavam em mim, sorrindo arrogantemente, como se ele soubesse que eu estava avaliando a sua mulher.

Dei de ombros. - Ela parece o suficientemente amável, se você gosta de seios, voluptuosos e do tipo vistoso.

- Muito para meu desânimo. - E isso deixou bem claro no tom irritado de sua voz. - Descobri repentinamente um gosto pelas obstinadas, morenas elásticas com um horrível senso de moda.

Ele poderia ter repetido linhas de Orgulho e Preconceito, por todo o desprezo que soava através de sua voz, seu obvio desagrado de estar atraído por uma mulher tão sem classe.

Meio ciente de novo das minhas roupas casuais, porém consciente do fato que ficava bem nelas, me mexi para não arrastar minha camiseta ou jeans. Em vez disso, coloquei meus dedos polegares na borda do meu cinto, e apertei meus dedos contra meus quadris planos.

Ethan olhou intensamente o movimento. Quando seus olhos me encontraram novamente, levantei uma sobrancelha. - Nem mesmo em seus sonhos, Sullivan.

Ele só grunhiu em resposta. Eu sorri maldosamente.

A porta da sala de luta abriu-se, e Malik entrou com um homem alto. Este usava suas calças e camisa com desgosto, ombros largos, cabelos revoltos e descolorados pelo sol, imaginei que estaria mais confortável em jeans e botas de cowboy. Baixei meus olhos para verificar seus sapatos. Certo o bastante, eram botas pretas de jacaré com as pontas de prata. Um ponto para mim.

Também me ocorreu que não tinha visto nem um vampiro que não fosse atraente. Estavam todos em forma, altos, impecavelmente arrumados, inegavelmente bonitos. Lisonjeiro, acho eu, que tenham me feito um deles, a menos que pense muito nas circunstâncias. Ethan aproximou-se dos homens e entregou-lhes a nota. Estudaram-na, falando e ocasionalmente olhando para mim e para Mallory.

Ela juntou seu braço ao meu. - Considero que será um prazer ver isto.

³⁰ Também conhecido como Quarto dos Prazeres.

Olhei-a insegura.

- Eu te conheço há três anos. Todo esse tempo, você tem estado em sua torre de marfim que você mesma construiu. Precisa ser resgatada. E se você não pode ser salva por seu príncipe, alto, sexy, e vivo... - Ela olhou para o trio de vampiros pensativos e observou Ethan seminu. - Ele certamente é a segunda melhor opção. - Ela deu um risinho perverso. - E você reclama dos seus exames orais. Esse cara será o maior desafio de sua vida.

- Chamar-lhe de um 'desafio' significaria que estou interessada. E eu não estou interessada. Eu estava fazendo minha deserção.

- Você está interessada - declarou ela. - E da forma possessiva como ele te olha, devo dizer que ele está interessado também.

- Ele acha que eu não sou sofisticada.

Ela me olhou. - Você é você. Rudemente você. E ele não poderá conseguir nada melhor do que isso.

Beijei sua bochecha. - Obrigada Mal.

- Sim.

Ela me soltou e olhou para os três vampiros, que estavam parados firmemente em frente a nós, discutindo nosso destino. Então esfregou suas mãos juntas. - Agora. Qual é para mim? Que tal o Vaqueiro Pete?

Formulei uma resposta que me ocorreu a qual, acidentalmente, poderia ser semelhante a algo como: Você não tem um namorado?

Ethan nos chamou com um só movimento de dedo. Quando chegávamos ao grupo, ele gesticulou para seus companheiros. - Malik, meu segundo, quem acredito já conheçam e este é Luc, Capitão da minha guarda.

Ele moveu-se para nós. - Merit, dois dias de idade de iniciada, e Mallory, sua companheira de casa, que tem a paciência de uma santa.

Mallory riu.

Traidora, mas conseguiu o que esperava. Embora Malik e Luc assentissem com a cabeça em forma de saudação, Luc franziu a testa, então abaixou aos pés dela, alterado.

- Você tem magia.

Mallory piscou. - O que significa isso?



Ethan passou um dedo suavemente por seu cabelo enquanto se encolhia.

- Ah.- ele disse balançando a cabeça. - Pergunte-me.

- Perguntar-lhe o que? - Ela perguntou.

- Quem trouxe a magia - disse Malik, tão casualmente, como se estivessem discutindo sobre o tempo.

Mallory colocou as mãos nos quadris. - Que diabos vocês, se me permitem usar o termo, estão falando?

Luc inclinou sua cabeça para Mallory, mas olhou para Ethan. - É possível que ela não saiba?

- Não saiba o quê? – Perguntei com a irritação crescendo. - O que diabos está acontecendo?

Como se ela não tivesse falado. Malik deu de ombros para Luc. - Se ela ainda não se uniu, é possível que a Ordem não tenha se envolvido em sua pré-adolescência. Isto é Chicago depois de tudo.

- Certo - disse Ethan. - Deveríamos chamar Ombud e dizer-lhe que há uma nova bruxa por aqui.

- Nova bruxa? - Perguntou Mallory, empalidecendo. - Tempo. Quem é uma bruxa?

Ethan olhou-a com a sobrancelha arqueada, e seu tom não poderia ter sido mais maçante. - Você, é claro.

Enquanto Mallory assimilava essa pequena revelação. Ethan e seu grupo informaram-me sobre as atuais relações de Chicago.

Embora quase todos os vampiros do mundo - todos os vampiros registrados - estavam afiliados a uma Casa, uma minoria era categorizada como *Os Rogue*, vampiros que não tinham vínculos com uma Casa nem lealdade para com um Mestre em particular.

Havia um número de maneiras das que você poderia passar a ser mordido por um vampiro que não era um Mestre e não era o suficientemente forte para comandar o recém transformado, por padrão de uma casa, ou ser mordido por um vampiro não filiado que não haviam feito os juramentos de lealdade. Por que pelo implícito perigo que significava para a estrutura da Casa, eles eram tratados como párias.

E como eles não eram o suficientemente fortes de forma individual para tomar uma Casa de vampiros, eram usualmente ignorados pelas Casas, a menos que eles tivessem escolhido, um tanto ironicamente, para se unirem as unidades anarquistas.



Os vampiros de Chicago acreditam que a morte de Jennifer Porter era trabalho de um Rogue, talvez um não satisfeito em viver sob a sombra das Casas de Chicago. Esta possibilidade ocupava dois problemas.

Em primeiro lugar, os humanos não sabem que os vampiros Rogue existem. Eles sabem sobre as Casas, e pareciam estar conformados com que os vampiros estavam organizados em órgãos políticos, que foram supervisionados por seus Mestres, e viveram sob um código - o *Canon*. Essa era uma espécie de existência que os humanos poderiam aceitar. E por isso era que os vampiros começaram a se preocupar com os Rogues, sobre o fato de que os vampiros, sem vínculos a uma Casa, nem supervisão, nem leis, estavam vivendo em seu meio.

Em segundo lugar, como os vampiros na conferência de imprensa cadastraram o pingente Cadogan, idêntico à de Ethan (e compreendi tardiamente com uma olhada ao redor da sala, o resto dos vampiros de Cadogan utilizava ajustada ao pescoço), tinham encontrado no local da morte de Porter.

Ethan estava confiante de que ninguém em sua Casa tinha estado envolvido, e ele havia concordado em cooperar plenamente com a investigação do Departamento de Polícia de Chicago. Este lhe tinha entrevistado, e ele tinha concordado em entrevistar a cada vampiro na residência da Casa Cadogan para certificar a si mesmo e aos detetives do Departamento de Polícia, que seus vampiros eram inocentes assim como ele.

Ele suspeitava, assim como faziam os representantes da Casa Navarre, que tinham falado (incluindo Celina Desaulniers, sua Mestra). Que um Rogue era o culpado pela morte de Porter. Mas isso não explicava o porquê dela ter sido assassinada, especialmente desde a presença de Greenwich, a organização que regulamentava os vampiros na América do Norte e Europa Ocidental, quem puniriam aos culpados.

Antes da morte de Jennifer Porter, a possibilidade de uma morte por estaca tinha sido forte o suficiente para proteger aos humanos. Agora, quem sabe?

Quem quer que fosse o culpado, os três (Ethan e seu grupo) acreditavam que meu ataque era o segundo ataque do assassino, e a nota, a prova de sua raiva por ter falhado em me matar.

- Meu nome estava no jornal de hoje - lembrei-lhes. - Então, a pessoa que jogou a ameaça com o tijolo não tinha que ser necessariamente o que me mordeu.

- Mas estava apenas seu sobrenome - disse Malik. - É duvidoso que ele tenha sido capaz de descobrir quem você era simplesmente por causa disso.

Ethan sacudiu a cabeça. - Ela é uma Merit. Para o bem ou para o mal, sua família muitas vezes aparece nos jornais, ele teria sido capaz de descobrir qual Merit estava envolvida. Robert e Charlotte são mais velhos e tem filhos. Não são típicos candidatos para uma mudança.

Incomodamente, pensei que ele sabia muito sobre minha família. - Mas se ele queria me matar - perguntei - por que a nota? A linguagem sugeria uma opção, como se tivesse escolhido ao Ethan em vez do vampiro que me atacou, escolher a Cadogan sobre qualquer que seja o grupo ao qual ele está filiado. Se ele ia me matar, por que isso ia importar?

Luc franziu a testa. - Então talvez isso não esteja relacionado com a morte da menina Porter?

- Talvez esteja, talvez não. - Ethan pronunciou.

- Sem mais informações, não podemos descartar nenhuma das possibilidades. O que sabemos é que somos os segundos vampiros na cena do ataque. A linguagem da ameaça sugere que qualquer que fossem os planos para Merit - morte ou outra coisa - não pode levar a cabo. Eles lhe lançam a culpa e, em um termo mais geral, a nós, dando-lhe um tom à nota, talvez, ao sistema da Casa.

- Então, estamos pensando definitivamente em Rogues. - Malik acrescentou - ou uma Casa com alguma animosidade tácita para nós. Grey?

Luc bufou. - Os dias de abertura foram na semana passada. A atenção de Scott está completamente em outras coisas neste momento. É improvável que ele esteja envolvido nisto mesmo porque eles se preocupam com a política da Casa. Que tal Navarre?

Ethan disse. - Com a idade e o prestígio de Navarre...

- Ou eles pensam assim. - Malik interrompeu.

Com uma expressão divertida, Ethan terminou. - Navarre pouco teria a ganhar de tão importante de nós. Celina é forte, o GP a adora, e ela está posicionada como a filha do Cartel para os vampiros de Chicago. Não há nenhuma razão para que eles se preocupem com Cadogan.

- O que significa que teremos investigações a fazer. - concluiu Luc.

Ethan assentiu para mim. - Luc colocará sentinelas em sua casa. Continuaremos a investigar a ameaça, talvez, quanto mais saibamos sobre a morte de Porter, aprenderemos mais sobre isso. Se vir algo suspeito, ou se te atacarem de novo me chame imediatamente.

Tirou um cartão do bolso da calça e me entregou. Eu li, em limpas letras pretas:

CASA CADOGAN
(312) 555-2046
NAVR NO. 4 | Chicago, IL

- NAVR número quatro? - Perguntei, com o cartão entre meus dedos.



- Esse é nosso número de registro. - Malik explicou, e lembrei o NAVR abaixo do anúncio no *Sun-Times*. - Somos a quarta Casa de vampiros estabelecidos nos Estados Unidos.

- Ah. - Deslizei o cartão dentro do meu bolso. - Obrigada. Ligaremos se acontecer alguma coisa.

- Não que esta visita não tenha sido educativa - disse Ethan, com seus olhos em Mallory. - Mas devemos voltar ao trabalho. Acho que nós tivemos bastante emoção por uma noite.

Ele dispensou Malik e Luc e nos sinalizou a porta do quarto.

Os olhares dos vampiros que passávamos ainda nos olhavam com hostilidade, mas pelo menos estavam também curiosos.

Por outro lado, não tinha certeza se isso era melhor ou pior, eu normalmente preferiria ficar fora do radar das pessoas sugadoras, predadores. Ou eu tenderia, se eu tivesse levado em conta este tipo de coisa.

Ethan nos acompanhou através da Casa. Quando chegamos à porta da frente, ele colocou uma mão em meu braço. - Mallory, poderia ter umas palavras com Merit, por favor?

- É seu fingerboard³¹ - respondeu ela, e fez saltar pela porta para os degraus abaixo. Ele me olhou.

- Meu fingerboard?

- É uma coisa para o futebol. O que é o que você precisa?

Sua boca apertou-se em uma linha severa, e eu podia dizer que ele estava preparando o discurso. - O que aconteceu hoje é incomum. - Ele disse. - Um iniciante desafiar um Mestre é praticamente inédito, como o é o Mestre não punir um indivíduo que tenha desafiado a sua autoridade. Estou te dando um desconto, porque você não escolheu ser um vampiro, porque nossas leis pedem o consentimento, e você não estava em condições de oferecê-lo.

Seu olhar desceu sobre mim com aqueles frios olhos verdes.

- Isso quer dizer, que se você fizer uma falta deste tipo novamente, será disciplinada. Se algum dia me levantar a mão de novo, lamentará essa decisão. Sou o Mestre desta Casa, e no comando de trezentos e oito vampiros. Eles procuram em mim proteção e eles me dão a sua lealdade em troca. Se alguém não entende isso... eu sou rápido, forte e estou desejoso em demonstrar essas qualidades. Da próxima vez, não errarei meus golpes. Entende o que estou lhe dizendo?

³¹ Fingerboard - braço (de instrumento de cordas) também conhecido como fingerskate é uma miniatura do skate, onde a pessoa pode realizar as manobras do skate de tamanho real.

O frio do seu discurso, não deu lugar ao meu sarcasmo. Eu assenti.

- Bom. - Ele estendeu a mão para a entrada, convidando-me a sair da Casa.

- Você tem cinco dias antes da Recomendação. O *Canon*, explica os juramentos, a cerimônia e a forma em que será chamada ao serviço. Prepare-se.

Dando-lhe outro assentimento obediente, desci os degraus.

- E faça algo com suas roupas. - Ele ordenou, pouco antes de fechar a pesada porta de carvalho atrás de mim.

Caminhamos em silêncio até o carro, onde eu encontrei um folheto de um clube sob o meu limpador do pára-brisa. Levantei o folheto, olhei a folha de propaganda da *Red*, era um clube na River North.

Entrei no carro, destranquei a porta para Mal, e coloquei o folheto no porta-luvas. Festa não estava na minha agenda neste momento.

O caminho para casa estava tranquilo, ao que pensamos, era por causa dos acontecimentos da noite. Era claramente isso, especialmente o enigma de Ethan Sullivan. Pelos poucos segundos que não supus quem ele era, eu havia me intimidado por seu rosto e forma, intrigada pela sensação quase tangível de seu poder e determinação.

Pensando que ele era bonito. Infinitamente, mais desconcertante era o fato de que depois descobri quem era ele, e ainda sabendo que ele tinha bebido de mim, podia admitir, uma persistente atração. Sua arrogância era irritante, mas era lindo, inteligente e respeitado por seus súditos.

Ethan usava seu poder, seu manto de confiança e autocontrole, assim como usava suas roupas de grife. Mas perigoso, eu sabia, debaixo daquela fachada perfeita. Ethan exigia lealdade completa, sem exceções, e boa vontade para o compromisso. Ele tinha ferramentas, força, velocidade, corpo e confiança suficientes para demonstrar sua coragem contra um adversário desconhecido diante de uma galeria de observadores. E enquanto me achava atraente - seu flerte era prova suficiente disso - ele não estava animado pela atração. Ao contrário, ele parecia ansioso para se livrar de mim como eu dele.

Por tudo isso, eu fui incapaz de erradicar a memória de meu primeiro vislumbre dele.

Uma imagem de íris verde assombrava através de minhas retinas quando fechava meus olhos, e eu soube que nada o poderia afastar.

O impacto tinha sido tão forte, como uma cratera alinhada em minha psique, que deixava um espaço vazio que um homem mortal não parecia poder preencher.



Murmurei uma maldição quando percebi para onde estava indo minha linha de pensamento, e voltei minha atenção para as ruas escuras de Chicago.

Mallory pigarreou. - Então, esse era Ethan.

Virei o Volvo rua abaixo, quando nos aproximávamos de casa. - Esse era ele.

- E o que você está pensando?

Dei de ombros, insegura de quanto queria admitir dos meus sentimentos, mesmo para Mallory. - Eu deveria odiá-lo, certo? Quero dizer, ele fez isso comigo. Mudou tudo. Levou-me tudo.

Mallory olhava para fora pela janela do carro. - Você estava pronta para a mudança Merit. E ele salvou sua vida.

- Ele me fez uma morta que anda.

- Ele disse que você não está morta. Que era apenas uma alteração genética. E há benefícios, mesmo que, você querendo admitir ou não.

Apenas uma alteração genética, ela disse, como se fosse pouca coisa, apenas um simples problema.

- Eu tenho que beber sangue - lembrei-lhe. - Beber. Sangue.

Mallory lançou-me um olhar infeliz. - Pelo menos, seja honesta sobre isso, você pode beber qualquer coisa que desejar. Qualquer coisa, e provavelmente essas milhas de pernas nunca ganhem uma grama. Sangue é uma nova... - ela balançou a mão no ar - vitamina ou algo assim.

- Talvez - eu concordei. - Mas não posso voltar a colocar os pés no sol. Não posso ir à praia nem dirigir com as janelas abertas.

Então, algo incrivelmente perturbador me ocorreu. - Não posso voltar para Wrigley, Mallory. Sem mais jogos Cubs³² em uma tarde quente de sábado.

- Você é do estilo Irlandês. Assaria com o sol, e não tem ido a Wrigley, o que, há dois anos? Vai olhar para os Cubs pela TV em seu quarto, como sempre fez.

- Não posso voltar para a escola. E minha família me odeia.

- Querida, seus pais sempre foram horríveis. Pelo menos até agora - disse suavemente. - Poderá lhes mostrar seu comportamento inadequado de vampiro.

³² Jogo de Baseball.

Mesmo agradável como era esse pensamento, não suavizou a tristeza completamente.

Eu sabia que precisava me animar, permitir e deixar ir o que havia perdido e encontrar uma maneira de sobreviver, crescer, em meu novo mundo. Mas como fazer para deixar ir uma vida de planos? Suposições sobre sua vida, sobre quem você era e quem será? Enquanto Mallory continuava lançando seus conselhos e me dizendo que "*minhas pequenas sutilezas*" sobre ser um vampiro. Ela não discutiu a conclusão do trio bizarro de que ela tinha trazido magia a Casa Cadogan, que ela era uma bruxa. Eu não sabia nada mais mágico do que tinha aprendido na TV e pela fixação de Mallory com o ocultismo. Assustou-me que minha companheira de quarto normalmente falante, evitara a discussão.

Então, parei o carro na garagem. Tentei novamente. - Quer falar de alguma outra coisa?

- Tanto quanto eu sei, não há outra coisa do que falar.

- Vamos Mallory. Eles disseram que você tinha magia. Sente-se hum... diferente? Quero dizer, se eles estão certos, você deve sentir alguma coisa.

Ela saiu do carro e bateu a porta, fiz uma careta de dor pela saúde do Volvo.

- Não quero falar sobre isso Merit.

Fechei a porta da garagem e a segui, ambas ignorando os guardas vestidos de preto ladeando a porta da frente.

Eles eram idênticos aos guardas que estavam no portão de Cadogan, altos e magros, com espadas elegantes em seus lados. Quaisquer que tenham sido as falhas de Ethan, não importavam, ele era malditamente eficaz. Entramos na casa, que estava tranqüila e livre de vampiros.

Mallory fingiu um bocejo e andou em direção à escada. - Vou para a cama.

- Mallory.

Ela parou no ultimo degrau, virou-se e olhou para mim com muito pouca paciência. - O quê?

- Apenas tente ser cuidadosa. Não temos que falar sobre isso agora, mas se as ameaças continuarem, ou se Ethan souber algo mais sobre o que você é... Bem...

Quando eu comecei a subir as escadas, desesperada para confortá-la como ela havia tentado fazer comigo, soltei. - Isto poderia ser uma coisa boa Mallory. Você poderia ter poderes especiais ou algo assim.



Ela parou e olhou para trás com um sorriso sarcástico. - Dada à forma como me sinto agora, só posso supor que está me dizendo as mesmas idiotices que eu te disse antes e que não te ajudaram tampouco.

Fui para meu quarto e me deitei de costas na cama olhando para o ventilador de teto girando, até que o amanhecer me chamou.

Capítulo 4

*Os fatos chocantes que acontecem na noite...
Provavelmente pedem por isso no condado de Cook.*

Tendo evitado minhas obrigações de neta por dois dias, quando chegou o pôr do sol encontrei a casa vazia; tomei um banho e vesti uma calça jeans e uma camisa apertada que me fazia parecer uma kunoichi³³ (que certamente deixaria Ethan sem jeito), então dirigi para West Side para a casa do meu avô. Infelizmente, mesmo a feliz lutadora Vampira Merit tinha medo de rejeição, então fiquei parada na frente de sua estreita porta de entrada incapaz de bater na porta, quando esta se abriu com um estalo. Meu avô olhou para fora através da porta de alumínio e disse. - Não ia entrar e falar com seu avô?

Lágrimas – de dúvida, de amor e de alívio – brotaram imediatamente. Então caminhei acanhada em sua direção.

- Oh Jesus, é você garotinha. - Ele abriu a porta e a segurou com seu pé enquanto abria os braços, corri para seus braços e dei-lhe um forte abraço. Ele tossiu e disse. - Devagar mocinha, você já tem um pouquinho mais de força nos seus braços.

Soltei-o do abraço, enxuguei as lágrimas no meu rosto. - Desculpa vô.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos – como um urso – e me deu um beijo na testa e disse. - Não se preocupa, entra.

Entrei e escutei-o fechando as portas atrás de mim. A casa do meu avô – que já foi à casa de meus pais – não havia mudado nada desde a última vez que havia ido lá. A mobília era simples e calorosa, as paredes eram decoradas com fotos de família dos meus tios e tias, um irmão de meu pai e duas irmãs dele e suas respectivas famílias. Meus tios e tias suportaram com muito mais graça o modo de criação, muito melhor que meu próprio pai, e eu tinha inveja do modo como eles se relacionavam facilmente com seus filhos e meu avô.

Nenhuma família é perfeita, eu sei, mas tive que viver com uma farsa imperfeita por causa do meio social dos meus pais em qualquer momento.

- Você quer biscoitos? Eu tenho Oreos.³⁴

³³ Ninja do sexo feminino.

³⁴ Oreo é uma marca de biscoito: <http://thedailydigi.com/wp-content/uploads/2009/02/oreos-1.jpg>

Eu sorri pra ele e sentei no sofá floral que ele tinha, dizendo: - Não, obrigada vô, estou bem.

Ele se sentou numa cadeira reclinável no canto do sofá, inclinou-se para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. - Seu pai me chamou quando a Casa telefonou para ele. - fez uma pausa. - Você foi atacada? Mordida?

Assenti com a cabeça. Ele me olhou e disse. - E agora está tudo bem? Você está bem?

- Penso que sim, quer dizer, me sinto bem, me sinto a mesma exceto pela parte vampira.

Ele riu consigo mesmo, mas sua expressão ficou serena rapidamente. - Você sabe sobre o ataque a Jennifer Porter? Ele foi parecido com seu ataque?

Assenti com a cabeça novamente. - Mallory e eu vimos à conferência de imprensa pela TV.

- Claro, claro. - Meu avô começou a falar, mas parece que começou a pensar melhor sobre isso. Ficou em silêncio por um momento, o barulho do relógio de parede era o único barulho na casa. Então ele finalmente levantou os olhos preocupados sobre mim. - Seu pai pediu para seu nome não ser citado no ataque, mas seu nome estava no jornal, então a cidade saberá que você mudou. Que você é uma vampira agora.

- Eu sei - disse a ele. - Alguns repórteres já até me ligaram.

Meu avô balançou a cabeça. - Claro, eu já devia esperar isso devido à notoriedade de seu pai. Francamente Merit, não irei esconder uma investigação policial, não para crimes dessa magnitude. Não posso fazer isso em sã consciência, não enquanto assassinos estiverem lá fora. Mas eu passo a mudança da sua natureza somente para alguns detetives seletos. Se nós pudermos limitar o acesso a essa informação, conte-a somente o quanto for necessário por vez, você não será tratada como vítima em potencial do assassino. Nós podemos manter a imprensa afastada sobre isso e então você poderá aprender como viver como uma vampira e não somente como uma vítima de ataque, certo?

Assenti com a cabeça e as lágrimas começaram a rolar novamente. Diga o que quiser sobre meu pai, mas não sobre esse homem, eu o amava.

- Agora que está tudo dito, e como não vou passar você por um departamento de investigação, nós ainda precisamos de um depoimento para os registros. - Ele colocou sua mão idosa sobre meus joelhos. - Então por que você não me diz o que aconteceu com as suas próprias palavras?

Meu vovô, o policial.

Eu contei tudo a ele, da minha volta no campus até a minha conversa com Ethan, Luc e Malik incluindo a hipótese dos Vampiros Rogue. A população em geral pode não dever saber sobre a existência dos Rogue, mas eu não iria esconder esse fato do meu avô. Quando disse tudo, ele me fez algumas perguntas, basicamente me fez refazer meus passos nos últimos dias, mas desta vez deixando de fora os detalhes de Ethan, Luc e Malik que nós não tínhamos conversado, como o fato de que o agressor que viu Ethan, aparentemente sabia quem ele era e evitou um confronto um a um.

Quando nós refizemos os passos pela segunda vez, ele sentou-se na sua cadeira de rodas e coçou os poucos cabelos que lhe restavam na cabeça. Por tudo aquilo sua mente estava impecável, ele parecia muito com um avô: camisa de flanela amassada, calça de sarja, sapatos com confortáveis solas altas. Ele colocou os cotovelos nos joelhos.

- Então o pessoal da Cadogan concluiu que a morte de Porter está ligada com o seu ataque?

- Eu acho que eles pensam em considerar esta possibilidade.

Após consentir com a cabeça vovô se levantou e foi para a cozinha. Quando ele voltou tinha uma pasta amarela em suas mãos. Sentou-se novamente e a abriu, folheou o documento. - Vinte e sete anos de idade, mulher, branca. Formação universitária. Cabelos castanhos escuros. Olhos azuis, magra. Ela foi atacada logo depois de ir passear com seu cachorro no Grant Park. O sangue dela foi drenado e depois ela foi abandonada para morrer. - Seus claros olhos azuis que pareciam-se com os meus, me observaram indecorosamente.

- Existem inegáveis coincidências. - Eu concordei, não estava assustada porque vovô concordava com Ethan. Mas sim devido a um fato pior ainda, o primeiro vampiro provavelmente havia tentado me matar. Desta forma eu acho que posso ser sua segunda vítima e já poderia até ter sido morta por drenagem sanguínea no meio da praça. Ethan não viria mais. Eu devo minha vida ao Ethan; e eu gostaria de não dever-lhe nada.

Meu avô entendeu a mão e acariciou meu joelho com suas mãos calejadas. - Eu gostaria muito de saber o que você está pensando agora.

Fiz uma careta e apertei as unhas contra o sofá. - Estou viva e devo tudo isso a Ethan Sullivan por isso, isso é... perturbador. - Olhei para meu avô. - Alguém está me caçando por que eu pareço com Jennifer Porter? Se for, por que jogar um tijolo pela janela? Esse cara me quer morta, talvez por ele mesmo ou alguma outra pessoa; e ele continua lá fora. - Eu balancei minha cabeça. - Vampiros saindo do armário já é ruim o bastante. A cidade não está preparada para isso.

Vovô bateu na minha mão novamente e em seguida, levantou-se de sua cadeira, pegou uma jaqueta e disse. - Merit, vamos dar uma volta.

Meu avô, o homem que cuidou muito de mim enquanto eu era uma criança, que disse para a família há anos atrás, logo depois da morte da vovó que iria se aposentar parcialmente.

Meu avô disse ao meu pai que estava fora das ruas e que poderia trabalhar em uma mesa na divisão de detetives da polícia, ajudando os detetives com os casos. Mas enquanto nós íamos para o sul no seu gigantesco Oldsmobile³⁵ - acho que de veludo vermelho – ele admitiu que não havia contado toda a verdade de seu caso com a polícia. Ele continuava a trabalhar para a cidade de Chicago, mas de uma forma diferente.

As coisas mudaram quando os vampiros saíram do armário há oito meses atrás, meu avô não estava nem um pouco surpreso. - Chicago tem vampiros por cerca de um século. - disse ele, enquanto dirigia pelas ruas escuras da cidade. - Navarre está aqui desde antes do incêndio. Claro que a administração não sabia que era tanto tempo, eles só sabiam de algumas décadas. Mas continuando, os Daleys sabem sobre você. Tate sabe sobre você. Muitos no alto escalão sabem sobre você. - Com os olhos na estrada ele se inclinou um pouco. - A propósito, a senhora Leary não tem nada a ver com isso.

- Todo esse tempo e ninguém pensou em falar que vampiros vivem entre nós na cidade? Todo esse tempo e ninguém contou? Estou bem impressionada.

Meu avô sorriu. - Se você acha isso impressionante você vai adorar essa, vampiros não são a ponta desse iceberg sobrenatural. Metamorfos, Demônios, Ninfas, Fadas, Trolls. O Windy City tem todos os registros, e é aí que eu entro.

Olhei para sua testa enrugada. - O que você quer dizer com “*é aí que eu entro?*”

Meu avô começou a falar, depois pausou e disse. - Quer que eu comece do início?

Confirmei balançando a cabeça.

- Todos esses seres sobrenaturais têm disputas internas. Há uma separação entre as Casas, fadas desertoras, disputas na fronteira do Rio das Ninfas.

- Como o Rio Chicago?

Meu avô entrou em uma calma rua residencial. - Como você acha que eles conseguem o rio verde para o dia de São Patrício?

- Eu pensava que era tinta.

Ele falou de um jeito meio com raiva e ao mesmo tempo sarcástico. - Como se fosse tão fácil assim, as ninfas controlam os canais e as ramificações do rio. Se você quer fazer algo no rio você precisa falar com elas antes. - Ele levantou uma mão. - Agora você percebe que não é só uma disputa doméstica e simples furtos. Existem motivos sérios, motivos esses que a maioria dos policiais comuns não recebe treinamento pra isso, a experiência, como negociar com eles. Bem, o prefeito Tate queria uma maneira de juntar todos esses assuntos em um só lugar, um escritório pra isso. Pessoas que poderiam lidar com as negociações e

³⁵ <http://www.carforums.net/reviews/makes/pictures/oldsmobile12.jpg>

disputas das coisas antes que afetassem a cidade. Então há quatro anos atrás ele criou o departamento dos Onbudsman³⁶.

Nesse momento me lembrei que Ethan havia mencionado isso uma vez. - Ethan mencionou isso uma vez, ele falou algo sobre Mallory falar com um *Ombud*. Eles achavam que ela possuía mágica. Que ela fosse uma bruxa ou algo do gênero.

Meu avô pareceu interessado. - Não diga, Cathcer ficará feliz de ouvir isso.

- Catcher? Quem é Catcher? - Eu perguntei. - Ele é um *Ombudsman*?

Meu avô sorriu. - Não garotinha, eu sou um.

Nessa hora eu me arrepiei, virei o rosto pra ele e disse. - O quê?

- O prefeito gosta de me chamar de *contato* entre o pessoal e os superiores. Pessoalmente, acho isso uma porra de burocracia, só isso. Mas o prefeito me pediu para ser assim e eu concordei. Vou te contar uma coisa, eu nunca lidei com vampiros ou lobisomens antes quando eu estava na ativa, e eu estava curioso como todos para sair e encontrar essas criaturas. Eu amo essa cidade Merit, não ligo pra isso desde que todos tenham um julgamento justo.

Balancei minha cabeça. - Não tenho a menor dúvida sobre isso, mas, vô, você estava aposentado, você nos disse, você *me* disse, que estava aposentado.

- Eu tentei me aposentar - disse ele. - Eu até tentei um emprego em escritórios, até mesmo com as evidências, mas não deu, fui um policial por 30 anos. Não podia fazer isso, não podia simplesmente desistir de tudo. Policiais têm muitas habilidades Merit. Nós mediamos, nós resolvemos casos, nós investigamos. - Enfatizou. - Só faço as coisas um pouco mais complicadas agora. Eu comecei em uma mesa na prefeitura e agora tenho minha própria área.

Ele me explicou que havia contratado quatro pessoas. A primeira foi Marjorie, sua secretária de cinquenta anos e que virou uma batalhadora depois de vinte e cinco anos atendendo telefones em departamento da polícia em uma das cidades mais violentas. O segundo foi Jeff Christopher, um cara de vinte e cinco anos que era um prodígio com computadores e que se tornou um mestre nos disfarces de um modo que ninguém entendia. O terceiro foi Catcher Bell. Catcher tinha vinte e nove anos, e como dizia meu avô, seco.

Meu avô me avisou. - Ele é bonito, mas é muito esperto. Não se aproxime muito dele.

- Mas até aí são apenas três. - Eu disse quando meu avô fez uma pausa.

³⁶ Profissional contratado por um órgão, instituição ou empresa que tem a função de receber críticas, sugestões, reclamações e deve agir em defesa imparcial da comunidade.

Silêncio, e então. - Tem um vampiro, de uma Casa, no entanto seus colegas não sabem que ele trabalha para mim. Ele evita a todo custo o escritório, só vai quando é realmente necessário. Eles fazem o trabalho externo - meu avô continuou. - Então tudo que eu tenho que fazer é ir e ser o bom garoto.

Eu duvidei que ele estivesse tão indiferente quanto a isso – especialmente em contraste com meu pai – a humildade era refrescante.

- Você não vai acreditar nisso - disse ele com uma risadinha. - Mas eu não sou tão rápido quanto costumava ser.

- Não! - Exclamei fingindo estar chocada e ele respondeu gargalhando. - Não posso acreditar que estivesse escondendo isso o tempo todo. Não posso acreditar que tenha brincado com magia por quatro anos e não me disse nada. A mim, a menina que escreve sobre o Rei Arthur para ganhar um dinheiro.

Ele deu um tapinha na minha mão. - Não era de você que eu estava escondendo isso.

Eu assenti com a cabeça entendendo. Se meu pai tivesse descoberto o segredo do meu avô isso poderia levar a dois resultados: ele daria um jeito de meu avô ser demitido ou manipularia meu avô para se aproximar do prefeito. Meu pai era muito manipulador.

- Ainda. - Eu disse olhando pela janela vendo a cidade passar. - Você podia ter me dito.

- Se isso te faz sentir-se melhor, eu sou agora o seu *Ombudsman*. E agora estou confiando a você o segredo do nosso quartel secreto.

Olhei pra ele, tentando sem sucesso esconder um sorriso. - Secreto, hum? - Ele acenou com a cabeça, muito sério. - Bem, então - eu disse. - Isso faz toda a diferença.

O escritório dos *Ombudsmans* era um prédio baixo, de ladrilho que ficava no final de uma quadra em uma vizinhança de classe média na zona sul da cidade. As casas simples mais bem arrumadas, os quintais eram cercados com cercas de arame. Meu avô estacionou o *Olds*³⁷ do lado da calçada e eu o segui por uma escada apertada. Ele apertou uns botões no teclado do alarme ao lado da porta, então ela abriu-a com uma chave. O interior do prédio era igualmente modesto e parecia que não tinha uma reforma desde os anos 60. Tinha muito laranja.

- Eles trabalham tarde. - Eu notei o interior bem iluminado, mesmo levando em conta à hora. - Criaturas da noite servindo criaturas da noite. Você devia colocar isso no seu cartão - sugeri.

³⁷ Oldsmobile: é um carro.

Ele caminhou até a recepção e depois foi até uma grande sala, então entrou num quarto à direita, um espaço se abriu com quatro mesas de metal dispostas em intervalos, de forma a ficarem de costas umas para as outras olhando para as paredes.

As paredes da frente e de trás estavam cobertas com giz metal. Pôsteres pareciam fazer parte de uma série: cada um tinha uma mulher usando um minúsculo pedaço de roupa estrategicamente colocado, mas os '*vestidos*' eram curtos em diferentes cores como as bandeiras que tinham em suas mãos.

Uma mulher era loira, com um vestido azul e uma bandeira que dizia: *Goose Island*. A segunda tinha cabelo longo, castanho escuro, vestia vermelho e sua bandeira dizia: *North Branchl*. Essas, eu logo deduzi que eram ninfas do rio Chicago.

- Jeff, Catcher. - Disse a voz do meu avô, os homens sentaram-se em duas mesas e fixaram-se em seus trabalhos.

Jeff olhou cada bit do computador de prodígio de 21 anos.

Ele pareceu relaxado e fofo, alto, magro e com um tufo de cabelo castanho. Vestia calças e uma camiseta branca, desabotoada em cima com as mangas levantadas até metade dos seus braços com dedos longos excelentes para o trabalho com o teclado.

Catcher parecia muito com um ex-militar, corpo musculoso debaixo de uma camiseta verde oliva onde havia estampado *Inimigo Público Número Um* e calças jeans. Sua cabeça raspada, seus olhos verdes claros e lábios carnudos e sensuais. Se ele não tivesse um olhar irritado no rosto eu diria que ele era incrivelmente sexy.

Como era de se esperar, ele apenas pareceu irritado, tremendamente irritado para falar a verdade.

Jeff deu um sorriso feliz ao meu avô e perguntou. - Ei Chuck, quem é ela?

Meu avô colocou a mão nas minhas costas, me levou ao centro da sala e disse. - Essa é minha neta, Merit.

Os olhos azuis de Jeff piscaram e ele disse. - Merit, Merit?

- Só Merit. - Eu disse e, estiquei a mão. - É um prazer conhecê-lo Jeff.

Só que, ao invés de apertar minha mão, ele olhou para mim e disse. - Você quer me cumprimentar? A mim?

Fiquei confusa e olhei para meu avô, mas antes que ele pudesse responder; Catcher olhando para um livro velho disse. - É porque você é uma vampira, e ele um metamorfo e, bem... camaleões e vampiros não são muito amigos.



Bem, isso era novidade para mim, se bem que até vinte minutos atrás a existência desses metamorfos e o restante dos seres sobrenaturais de Chicago também eram uma novidade.

- Por que não?

Catcher passou a página na lista telefônica. - Você é um dos que deveriam saber disso, não?!

- Eu sou uma vampira há três dias, não estou sabendo das situações diplomáticas, ainda nem bebi sangue para falar a verdade.

Os olhos de Jeff brilharam. - Você ainda não bebeu sangue? Você não deveria ter uns surtos de sede logo após ter sido mordida? Você não devia... você sabe... estar buscando vítimas para saciar sua sede?

Ele olhou para a minha camisa; sorriu, mexeu nos cabelos e disse. - Sou um cara totalmente saudável, se isso importa.

Eu tentei não sorrir, mas seu entusiasmo olhando para o meu peito acentuado estava parecendo simpático. - Não, não importa, mas mesmo assim muito obrigada pela oferta. Lembrarei dela quando a sede bater. - Olhei para o lado procurando por uma cadeira, encontrei um monstruoso abacate atrás de duas mesas de metal e sentei nele. - Me conte mais sobre essa inimizade entre vampiros e camaleões.

Jeff sorriu consigo mesmo, deu de costas e voltou a trabalhar como um polvo em seu serviço. Depois de um zumbido meu avô tirou o celular da bolsa, olhou na tela para ver quem ligava e depois olhou para mim. - Catcher e Jeff, eu preciso atender essa ligação, deixo tudo com vocês. - Então olhou para Catcher e disse. - Ela é confiável e, ela é minha. Ela pode saber de tudo que não está marcado como nível um.

Depois de eu acenar com a cabeça, ele virou as costas e saiu pela porta. Eu não tinha a menor idéia do que era nível um, mas eu tinha certeza que era algo que eu realmente gostaria de saber o que é. Ou será que seria algo que iria me assustar? Com certeza era melhor não tocar no assunto hoje.

- Agora você pode saber o que realmente acontece - disse Jeff com um sorriso.

Catcher bufou e fechou seu livro, então se jogou na cadeira e colocou a mãos atrás da cabeça.

- Já encontrou algum vampiro? Além de Sullivan, quero dizer.

Eu o encarei. - Como você sabia...

- Seu nome estava no jornal. Você pertence à Casa de Cadogan o que significa que você é uma vampira de Sullivan.

Minha pele se arrepiou. - Não sou uma vampira de Sullivan.

Mas Catcher segurou minha mão. - Esse não é o ponto mocinha. O ponto é que eu estou deduzindo que você já encontrou Sullivan e que você entende ao menos um pouco da política dos vampiros, que sua gente, e a minha usam esses termos vazios e patéticos, são um pouco particulares, sabe.

Dei um sorriso malicioso. - Entendi o sentido, sim.

- Bem, metamorfos não. Metamorfos são felizes. Eles são pessoas; depois animais; e pessoas novamente. Como não ser feliz desse jeito? Eles vivem como amigos; eles bebem; eles andam com suas Harleys; fazem festas no Alaska; fazem sexo gostoso de metamorfo.

Depois disso Jeff olhou para mim e mexeu as sobrancelhas, me convidando com os olhos. Olhei um pouco para baixo, sorri e balancei minha cabeça firmemente como resposta.

Aparentemente frustrado, ele bufou e voltou a trabalhar no seu computador. Felizmente.

- Vampiros por outro lado. - Catcher continuou. - Jogam xadrez com o mundo. Nós deveríamos deixar o mundo saber sobre nós ou não? Nós somos amigos desta Casa ou daquela? Nós devemos morder pessoas ou não? Eek! - Ele mordeu um dedo dramaticamente.

- Espera. - Eu disse levantando a mão, lembrando-me de uma coisa que Ethan havia me dito sobre os vampiros de Cadogan. - Espera aí, qual é a história com os vampiros de Cadogan?

Catcher coçou a cabeça. - Bem Merit, muito tempo atrás...

- Em um continente bem distante daqui. - Jeff se intrometeu.

Catcher sorriu de modo baixo e sensual. - Um tempo atrás, quando a Europa estava aterrorizada com seus vampiros. Surgiu a história que estacas e a luz do sol eram o melhor modo de cuidar da super população de vampiros e, quem sofreu com isso foi à população mais desfavorecida da Europa. Resumindo a história longa, os vampiros em seguida criaram o precursor do presídio de Greenwich, com isso os sobreviventes fizeram o juramento de nunca mais morder outro humano indesejável. - Ele sorriu. - Ao invés disso, os vampiros usaram seu poder de manipulação para encontrar pessoas que eles pudessem chantagear, subornar, oferecer glamour ou qualquer outra coisa em troca da liberdade.

- Por que comprar a vaca? - Perguntei.

Ele acenou com a cabeça positivamente. - Precisamente. Quando desenvolveram tecnologia para preservar o sangue, carregá-lo, muitos vampiros se desfizeram dos humanos. O fato é que imortalidade traz grandes memórias e, algumas Casas acharam que elas estariam mais seguras se cortassem a maior parte do contato com os humanos, deixando apenas os que dessem sangue ou manipulasse o sangue para eles.

Ao ver minhas sobrancelhas erguidas ele complementou.

- Isso acontece. A biologia dos vampiros requer sangue novo, uma nova infusão, então isso não é uma fonte muito saudável para se nutrir. Mas isso acontece. Algumas vezes ritualisticamente, algumas vezes para passagem de nível.

O pescoço de Jeff ficou claramente pálido com a pausa na explicação de Catcher.

- E tem outra coisa. - Ele enfatizou, suas bochechas ficaram vermelhas. Catcher desviou seu olhar. - Alguns vampiros vêem nisso... um importante e sensual componente na repartição.

Corei nas bochechas e balancei a cabeça demonstrando interesse, tentando não pensar nos detalhes do que ele havia me contado – ou em qualquer vampiro de olhos verdes que poderia pertencer a isso.

- De qualquer forma. - Catcher continuou. - Algumas casas, incluindo Cadogan deu aos membros a escolha. De beber ou não beber sangue.

Jeff entrou na conversa e disse. - Aí está uma questão.

Catcher concordou. - Alguns vampiros acham humanos sujos e que os mordendo, estariam retrocedendo. Cadogan acha isso.

Não que fazê-lo em segredo seja melhor. *Eles* serem sobrenaturais muito poderosos - disse Jeff, acenando positivamente com a cabeça.

- O que quer dizer com *eles* - eu perguntei me inclinando para frente, empolgada por conseguir mais informação já que eles estavam interessados em me passar.

Catcher balançou sua cabeça. - Vamos deixar esse capítulo sórdido para depois.

- Certo, e sobre vampiros sendo particulares?

- Vampiros pensam que suas políticas, e a porra das Casas são o maior problema do mundo. Eles pensam que isso é maior que os problemas humanos, como a fome global ou qualquer outra coisa. A maioria da galera sobrenatural concorda. Vampiros são predadores, predadores Alfa e aonde os vampiros vão muitos '*Deles*' acompanham.

- '*Deles*'?

- Ah você sabe, seres super sobrenaturais. - Logo em seguida ele complementou após minha expressão de confusão. - Eu me refiro a anjos e demônios; seus mais poderosos feiticeiros, eles prestam atenção nas Casas. Quem está assustando quem, quem está aliado com quem, toda essa merda. Metamorfos por outro lado podem simplesmente mudar de lado. Eles são simplesmente mais descontraindo.

- E nós somos neuróticos demais?

Catcher sorriu. - Agora você está entendendo. Vampiros não gostam que metamorfos sejam relaxados quanto aos seus problemas. Vampiros preferem alianças. Eles conseguem amigos que possam depender deles, especialmente os mais velhos que ainda sofrem com as contendas Européias. Na próxima vez que você for à Casa de Cadogan lembre-se de olhar o símbolo acima da porta principal. Aquelas são insígnias de alianças; eles mostram quem Ethan conseguiu como aliado. De fato eles estão fazendo um back up em caso de os humanos se estragarem ou as outras Casas decidirem que Cadogan está bebendo a ponto de colocá-los em risco. E devido aos metamorfos não jogarem esse tipo de jogo – Keene nunca irá colocar uma insígnia sobre a porta da frente de Ethan Sullivan – vampiros os ignoram. - Catcher suspirou. - Também há o rumor que os metamorfos tinham a chance de entrar na Segunda Limpeza, mas, preferiram não participar, não se envolveram.

- Nem mesmo para salvar suas vidas? - Perguntei.

Catcher assentiu de forma pesada, fechou a cara e encarou Jeff, Jeff parecia estar envolvido no trabalho para ignorar os rumos que a conversa tomou.

- Vou ver. E quem é Keene?

- Meu líder. - Jeff disse alegremente olhando para o teclado do computador com uma expressão feliz. - Gabriel Keene, ele é o clímax do Central North American. Ele vive em Memphis.

- Huh.

Eu então caminhei de um lado ao outro do quarto e voltei. Afinal de contas eu tinha que digerir toda aquela informação que ele havia jogado em cima de mim.

- Huh.

- Verbal desta vez. - Disse Catcher. E rapidamente complementou - Jeff, para de encher o saco dela.

Deu uma clareada na garganta atrás de mim antes de começar a digitar novamente com seriedade. Havia muito mais coisa do que eu pensava. Eu admito, antes da mudança eu nunca havia pensado sobre vampiros. Os poucos pensamentos que tive foram – especialmente após assistir Celina Desaulniers seduzindo um congresso a sua maneira – não

era lisonjeio. Os poucos que eu tinha tido – Bem, eles se envolveram demais com Ethan Sullivan e de menos com todo o resto.

- Eu adoraria ficar sabendo o que você está pensando agora, baby.

Olhei em volta e vi Catcher sorrindo de modo sábio. Ele estava com as sobrancelhas levantadas esperando minha resposta. Senti a raiz de meu cabelo ficar arrepiada, mas, levantei a mão negligenciando. - Nada, nadinha. Só pensando.

E ele respondeu com um - Uh-huh. - que não parecia convencido, então eu virei à mesa.

- Onde vocês se encaixam nisso tudo?

Nenhuma resposta, até que abruptamente Catcher sentou e começou a folhear seu livro novamente. Aquilo já era resposta demais, eu pensei.

Meu avô voltou e desde que Catcher não estava mais me contando tudo, ele tomou seu lugar e começou a passar para a equipe os detalhes recentes e relevantes sobre minha vida – a mordida, a ameaça, o desafio.

Quando ele havia passado todos os detalhes ao Catcher e ao Jeff ele me contou como estava a investigação da morte de Jennifer Potter. Como vítima em potencial – os três concordaram que eu poderia ser a próxima – ele achou que seria importante me manter informada. Infelizmente uma falta de comunicação estava no meio do progresso das investigações. Mesmo com os vampiros Navarre terem concordado em trabalhar com a CPD (Departamento de Polícia de Chicago) solucionando crimes. Eles podiam estar sendo forçados a manter sigilo sobre o que encontravam. As conexões vampíricas do meu avô ajudaram a solucionar vários espaços em branco, mas, nas palavras de Catcher eles eram contratados, não oficiais, então seu acesso às informações era limitado. Mas, os vampiros estavam satirizando sobre estarem sendo taxados como traidores de suas Casas, então eles reportavam ao Ombudsman, não para o Departamento de Polícia de Chicago.

Aquilo significava que qualquer informação feita sobre disfarce precisava passar antes por canais. E mesmo quando se encontrava um meio de mandá-la para um investigador ela ainda parecia suspeita.

Os tiras eram da velha guarda e não confiavam em fontes sobrenaturais. Mesmo meu avô com seus 34 anos de serviço não escapou do preconceito.

Muitos policiais que trabalharam com ele, simplesmente tratavam-no como se ele fosse um estranho. E mais importante, toda a comunicação no mundo não poderia ajudar no fato que a única evidência coletada na morte de Porter foi uma medalha de Cadogan. Os detetives acharam impressões digitais. Infelizmente, com um pouco mais e todo o preconceito ao seu favor, o Departamento de Polícia de Chicago odiava, mas, não poderia ignorar a casa de Cadogan como suspeito.



Depois de nós termos repassado tudo aquilo, eu estava sentada numa mesa vazia batendo a caneta contra a mesa. Então olhei para cima e me deparei com os olhos de Catcher.

- Vocês concordam que ele não fez isso? - Eu deduzi que eu não precisava especificar que o *ele* era.

- Ele não fez isso - foi à resposta imediata de Catcher. - Mas isso não significa que alguém em Cadogan não possa estar envolvido

Coloquei os cotovelos na mesa, apoiei meu queixo com minha mão e franzi a testa para ele. - Ele disse que estava interrogando os vampiros que vivem na Casa de Cadogan. Ele não pensa que vampiros de Cadogan estejam envolvidos.

- Catcher não disse vampiro *de* Cadogan. - meu avô esclareceu. - Ele disse alguém *em* Cadogan. Nós sabemos que uma medalha foi retirada de Cadogan. A Casa provavelmente possui medalhas reservas para o caso de um vampiro de outra Casa desertar ou um pingente se perder. Uma recomendação surgiu. E aí que medalhas são dadas a novos vampiros. Eles estão lá.

- E para serem pegas. - Jeff exclamou.

Catcher parou e se espreguiçou, sua camiseta levantou mostrando seu abdômen e uma tatuagem circular no seu estômago. Catcher era magrinho, mas, gostosinho. - Vampiros marcam esquemas fora das Casas. - Ele disse deixando cair os braços. - E algumas vezes trazem as parceiras (os) para Casa. E se as medalhas não estivessem muito seguras e um dos visitantes a pegou? E se Sullivan não fosse um maldito bundão, ele podia ter considerado isso.

- Vocês dois não vão continuar? - Eu perguntei.

Catcher riu e sentou na sua cadeira de novo, a cadeira rangendo e ele simplesmente a ajustou de novo. - Oh, nós vamos continuar, Sullivan e eu vamos voltar.

- Então como?

Ele balançou a cabeça. - Nós não temos tempo para aquela história hoje à noite. Bastava dizer isso. - Ele fez uma pausa - Sullivan gosta dos meus talentos únicos.

- Quais são?

Catcher riu muito

- Nunca em um primeiro encontro, raio de sol. - Ele passou a mão sobre sua cabeça e reabriu o livro que estava na sua mesa. - E só porque Sullivan e eu somos amigos não quer dizer que ele não seja um bundão. E aquilo também não quer dizer que ele queira admitir que esteja errado.



Essa foi a declaração mais profunda e sincera que eu ouvi nos últimos dias, eu ri com muito gosto. - É isso aí. - Eu disse, dando tapinhas no meu coração. - Isso me deixa bem aqui. Ethan disse algo sobre os vampiros Rogue estarem envolvidos. - Eu propus. - Mas isso não parece com que eles tenham entrado na Casa. O que eu quero dizer é que a segurança é bem apertada.

- Rogues são uma teoria - disse vovô. - E nós já passamos a informação para a central.

- Então isso é tudo que você faz? - Eu perguntei. - Passar a informação?

- Nós não somos investigadores - confirmou vovô. - Esse escritório funciona mais como um departamento diplomático. Mas desde que nossos vampiros não falam mais com policiais, nós temos informações que os policiais não têm. O prefeito disse para nós passarmos a informação, então, nós passamos.

- E para ser sincero - complementou Catcher, - você e sua bruxa estão envolvidas agora. Isso nós dá incentivo para prestar atenção e manter isso entre nós, isso enlouqueceria as ruas, cedo ou tarde.

Eu levantei a sobrancelha e fiquei me perguntando, como ele ficou sabendo sobre a identidade secreta de Mallory, mas ele olhou para o lado. Eu imagino que Sullivan havia ligado.

Meu avô colocou a mão sobre meu ombro. Havia bolsas sobre seus olhos e eu só reconheci, e repentinamente me senti culpada por ter levado tanto tempo para contar a ele, por preocupá-lo desnecessariamente, mesmo sabendo que se tratava de mim, mas o assassino perdido que colocou toda a preocupação nos seus olhos.

- Isso é tudo o que nós temos. - Disse meu avô. - Eu sei que isso não é muito satisfatório, pelo menos não quando você é a vítima e sua vida virou de cabeça pra baixo.

Eu apertei a mão dele mostrando que estava tudo bem e disse. - Tudo ajuda. - Depois olhei nos olhos dele e disse. - Isso ajuda.

Depois de uma série de adeus, vovô foi para o lado de fora para aguardar meu táxi. Ele trancou o prédio e me levou até um banco de praça de madeira bem na esquina do pequeno prédio, tudo muito bem podado.

- Eu ainda não acredito que você está envolvido em tudo isso - eu disse. - Tem tanta coisa acontecendo nessa cidade e muitas pessoas pensam que vampiros são a soma de tudo isso. - Eu olhei para ele com um olhar de preocupação. - E você está bem na linha de frente.

Vovô sorriu alegremente. - Vamos torcer para que isso não venha para a linha da frente. Isso já tem oito meses. Se bem que, nos últimos meses as coisas foram pesadas, mas agora estão estáveis. Eu não diria que os humanos aceitaram os vampiros, mas parece que há certa... curiosidade. - Ele suspirou. - Ou nós estamos no olho do furacão. A calma antes da



revolta, caos. E não tem como dizer o que os poderosos fariam para equilibrar o poder. Como Catcher dizia, muitos dos fortões tomam a superioridade dos vampiros por garantia. Eles se vêem - disse olhando sobre seus óculos, com um olhar que mais parecia de um pai e, isso deixou meu coração nervoso. - como predadores, os fortões tendem a seguir o líder dos vampiros por isso. Mas aquela lealdade, se você prefere chamar assim, estava condicionada para os vampiros ficarem fora dos holofotes da mídia. Ficando abaixo do radar, mantendo os olhos humanos afastados do mundo sobrenatural. Eles, os vampiros, nunca tiveram uma boa relação pública. E você com aqueles pôsteres de ninfas?

Eu assenti. - Quem poderia dizer, se as ninfas armassem para controlar Chicago não conseguiriam?

Ele sorriu. - Elas teriam toda a população masculina atrás delas em um curto espaço de tempo. No entanto, metamorfos são o único grupo com poder para mover a nação contra os vampiros. Eu não sei se eles se interessariam nisso, mas, eu repito que estamos negociando com o desconhecido. - Ele deu de ombros. - A verdade é, essa é a primeira saída sobrenatural da história moderna, e isso aconteceu na era pós Harry Potter. Na era pós Senhor dos Anéis. Os humanos já pensam mais sociavelmente sobre os seres sobrenaturais, acontecimentos sobrenaturais, senão eles estariam nos dias em quem bruxas e vampiros seriam queimados. Felizmente, as coisas serão diferentes dessa vez.

Ele ficou quieto por um momento, isso nos deu a possibilidade de considerar aquela possibilidade – a possibilidade onde nós poderíamos levar isso à frente. Que era certamente melhor do que imaginar o pior cenário. Fogueiras. Linchamento. Procedimentos de Inquisição. O tipo de reação que acontece quando a maioria teme perder o poder, o desequilíbrio do status Quo.

Quando meu avô voltou a falar, sua voz estava calma. Mais solene. Cansada talvez. - Não há precedentes para isso. Eu não fiquei 34 anos na Força para ficar dando palpites, então eu não posso dizer o que acontecerá ou, se a desgraça ainda pode piorar, quem poderia vencer. Então vamos manter nossos olhos e orelhas bem abertas. E torcer para que os fortões continuem confiando em nós e, torcer para que o Prefeito dê os passos certos em relação a isso.

- Essa seria uma hora horrível para virar vampiro. - Eu suspirei.

Ele sorriu tentando me animar – esse som varreu toda a melancolia – e deu um tapinha no meu joelho. - Então é isso garotinha, então é isso.

A porta atrás de nós se abriu e, Catcher saiu, suas botas batiam contra a calçada. - Podemos conversar por um minuto? - Ele perguntou ao meu avô, inclinando sua cabeça na minha direção.

Vovô olhou pra mim pedindo permissão e eu consenti. Ele deu um beijo na minha testa, colocou as mãos sobre os joelhos e levantou-se. - Eu trouxe você aqui porque eu queria que você soubesse que sempre terá um lugar seguro Merit. Se você precisar de ajuda,



conselhos, se você tiver dúvidas ou qualquer outra coisa. Você pode sempre vir aqui. Nós sabemos o que você está passando e, nós a ajudaremos se pudermos, certo?

Eu balancei a cabeça e dei-lhe um abraço. - Obrigada vovô. E me desculpe, por ter demorado tanto tempo para vir aqui.

Ele deu um tapinha nas minhas costas. - Sem problemas garotinha, eu sabia que você me procuraria quando você tivesse a chance de vir e estivesse pronta.

Eu não pensava que estava pronta, mas não discuti nesse ponto.

- Dê a ela alguns cartões - vovô se dirigiu a Catcher e após uma rápida virada entrou no prédio novamente.

Catcher tirou um cartão de negócios de sua carteira e me deu. Só tinha um número de telefone com o nome *OMBUD*. - Considere isso um cartão de *saída livre da prisão*.

Em seguida Catcher sentou no banco. Esticou-se, baixou os braços e cruzou seus pés. - Então você desafiou Sullivan - ele disse finalmente.

- Não de propósito. Fui a Cadogan para mostrar-lhe o bilhete. E estava chateada por ter sido transformada, mas não tinha a intenção de discutir com ele sobre isso.

- E o que aconteceu?

Abaixei-me e agarrei um punhado de grama coberta de orvalho ao lado do banco e joguei no ar. - Ethan disse algo ordinariamente possessivo e me provocou. Eu desafiei-o. Acho que a genética vampírica estava um pouco ansiosa para lutar mais do que eu estava, mas ele me ofereceu um acordo, livrar-me das minhas obrigações para com a Casa, se eu conseguisse atingi-lo.

Catcher me deu uma olhada. - Suponho que não conseguiu.

Balancei minha cabeça. - Acabei deitada no chão. Mas consegui alguns movimentos. Eu me defendi. E ele também não me bateu. Ele pareceu surpreso de eu ser tão forte e rápida.

Catcher segurou a respiração enquanto balançava a cabeça. - Se você se defendeu de Sullivan, seus reflexos são melhores do que deveriam ser para um bebê vampiro. E isso significa Iniciada, que você terá alguns poderes. Que tal sobre o olfato? Audição? Alguma melhoria?

Balancei minha cabeça. - Não muito mais do que o normal, só quando me irrita.

Catcher pareceu considerá-lo, inclinando a cabeça para me olhar. - Isso é... interessante. Pode ser que estes poderes não estejam expostos ainda.



Uma motocicleta atravessou as ruas escuras, e nós permanecemos quietos até que desapareceu na esquina.

- Se você quiser aumentar seu poder. - Catcher continuou, - Qualquer que seja seu poder, precisará treinar. Os vampiros têm seus próprios métodos de trabalho, movimentos ofensivos, padrões defensivos. Você precisa aprendê-las.

Tendo esvaziado o fruto de suas sementes, deixei cair o galho vazio na terra.

- Se sou mais forte, porque eu preciso treinar?

- Você vai ser poderosa Merit, mas sempre vai haver alguém mais forte ainda. Bom, a menos que você seja Amit Patel³⁸, mas esse não é o ponto. Confie em mim, sempre vai haver alguns vampiros que queiram levá-la. Terá desafios de bons e maus garotos. Para se manter saudável, simplesmente ser mais forte ou mais rápida não será o suficiente. Você precisa de movimentos. - Fez uma pausa e assentiu. - E até que o departamento de polícia não resolva o assassinato, servirá para que cuide de si mesma. Fará Chuck sentir-se melhor, e se Chuck se sente melhor, eu também me sinto.

Sorri, apreciando que meu avô tinha um Chuck atrás de suas costas.

- Jeff pode defender a si mesmo?

Catcher fez um som sarcástico. - Jeff é um metamorfo de merda. Não precisa de artes marciais para ir ao redor do mundo.

- E você, precisa de artes marciais?

Em vez de responder, ele levantou sua mão em minha direção. Uma explosão de luz azul voou de seus dedos diretamente em minha cabeça. Imediatamente, me joguei no chão, em seguida, virei quando ele jogou uma segunda explosão. Com um poder elétrico, a explosão enviou uma chuva de faíscas.

Voltei meu olhar novamente ao homem sentado no banco, murmurando uma série de maldições que poderia ter colocado as orelhas de meu avô, vermelhas. - O que diabos você é?

Catcher parou e estendeu uma mão para me ajudar. Peguei-a e me coloquei de pé novamente.

- Não uma pessoa.

- Um bruxo?

³⁸ É um índio americano cirurgião cardíaco e diretor do Cardiovascular Medicina Regenerativa na Universidade de UTAh.



Ele arregalou os olhos perigosamente. - Como você acabou de me chamar?

Obviamente, o ofendi, então, me arrependi. - Um... Desculpe. Eu não sei muito disto de... etiquetas.

Olhou-me por um momento, depois assentiu. - Aceito. É um grande insulto para alguém como eu.

Eu não lhe disse que os vampiros tinham dito a palavra com uma casual facilidade. - E o que é isso exatamente?

- Eu sou... fui um feiticeiro classe quarto, hábil ao menos e especializado em Chaves maiores e menores.

- Chaves?

- As divisões do poder. De magia - ele acrescentou, por causa do meu olhar fixo. - Mas porque estraguei a lista da Ordem - ele apontou para as palavras em sua camiseta. - Eu fui excomungado.

- A Ordem? Isto é uma igreja?

- Mais como um sindicato. Eu era um membro.

Embora eu tenha entendido as palavras que ele usou, não tinha nenhum contexto em que colocá-las, nada do que tinha dito, pelo que nada fazia sentido. (Eu precisava de um dicionário. Um grande, pesado, ilustrado, etiquetado, com um índice de Os Raros de Chicago. Eles faziam desses?), mas a parte da excomunhão era claro o suficiente. Então eu me foquei nisso. - Você é um Rogue Mágico?

Ele deu de ombros. - Bastante próximo. Voltemos a você, eu vou treiná-la.

- Por quê? - Olhei para o prédio, em seguida, dei-lhe um olhar desconfiado. - Você pode disparar luzes azuis de suas mãos, mas você está trabalhando em um prédio degradado na zona sul com meu avô. Treinar-me, te afastará do seu trabalho – aponte para sua camiseta. – E de qualquer outro negocio sobrenatural em que esteja. Além disso, este não é o trabalho dos vampiros?

- Sullivan esclarecerá.

- Por quê?

- Porque o fará, em voz alta. Armas, objetos de poder, é a segunda chave. Este é o meu saco, minha especialidade, Sullivan sabe disso.

- E por que você se importa que eu treine?



Catcher me olhou por um longo tempo, tempo suficiente para que os grilos começassem a piar à nossa volta. - Particularmente, por que Chuck me pediu. E porque você tem algo de mim. E virá o tempo, quando você terá que protegê-lo. E eu preciso saber que você está pronta para isso.

Tomei minha própria pausa. - Está falando sério?

- Muito.

Coloquei minhas mãos nos bolsos, inclinei a cabeça para ele. - O que eu estou protegendo?

Catcher sacudiu a cabeça. - Não é hora para isso.

Não era hora para todas as coisas boas, meu táxi virou a esquina e parou diante de nós.

- Amanhã, às oito e meia. - Catcher disse, então me deu um endereço, que supus, era do Rio do Norte. Caminhei até o táxi e abri a porta traseira.

- Merit.

Olhei para trás.

- Ela precisa de treinamento, muito. A última coisa que preciso é outra desorientada novata ao redor com a menor Chave.

Sullivan definitivamente fez uma ligação sobre Mallory.

- Como você sabe disso? - Eu perguntei.

Catcher bufou. - Saber as coisas é o que eu faço.

- Bom, então você sabe que ela não está digerindo bem a nova notícia. Talvez você devesse chamá-la. Por que com os dentes e assassinos em série, estou cheia de drama sobrenatural no momento.

Ele sorriu, com seus dentes brancos e brilhantes. - Baby, você é um vampiro. Lide com isso.

Mallory estava dormindo quando cheguei em casa, metida com segurança em sua cama. E como não ia estar segura, com um par de guardas armados lá fora?

Fui direto para a geladeira. As bolsas de sangue continuavam não sendo apetitosas, então, agarrei uma maçã e me sentei na bancada da cozinha, verificando o jornal.



A página principal tinha uma foto do Prefeito Tate, alto e negramente bonito, embaixo, dizia: “*Prefeito Anuncia Novas Medidas Anti-crimes*”. Bufei, me perguntando o que os leitores pensariam se soubessem que as medidas anti-crimes eram tomadas em um pequeno prédio na zona sul.

Depois de olhar o jornal, olhei o relógio. Eram duas horas da manhã, horas antes de eu ir dormir. Eu estava debatendo sobre um banho quente, quando bateram na porta.

Fui para a sala, mastigando a maçã no caminho e olhei pelo buraco da porta. O nariz e o cabelo eram distorcidos pelo ângulo, mas não havia dúvida de que era um vampiro loiro, irritado, vestindo Armani. Destranquei a porta e a abri. - Boa noite, Ethan.

Seus olhos imediatamente caíram sobre a impressão ninja em meu peito. Obtive uma sobrancelha levantada por minha escolha de moda - pelo menos, foi assim que eu interpretei seu desgosto - antes que ele levantasse uns brilhantes olhos verdes para os meus.

- Você pensa em derrubar minha Casa nos espionando?

Antecipando a Luta Número Dois, eu suspirei, mas o convidei para entrar.

Capítulo 5

Apenas uma mordida rápida

Sullivan entrou, seguido por Luc e pela consorte ruiva de Ethan, da sala de luta. Como eu não tinha conhecido oficialmente a dama de Ethan, estendi minha mão quando ela entrou calmamente pela porta da frente com uma calça de cintura alta de couro e uma camiseta sem manga, azul claro, que ela sobrecarregava injustamente com a tarefa de segurar seus peitos pendurados.

- Merit - eu disse.

Ela olhou minha mão e a ignorou. - Amber. - Disse antes de se virar.

- Prazer em conhecê-la. - Murmurei e olhei para o trio na sala. Encontrei Ethan de pé, enquanto sua linda vampira e seu acompanhante estavam no sofá.

- Merit.

Julgando-me segura, optei pelo título formal. - Liege.

Ele levantou uma sobrancelha. - O que tem a dizer por si mesma?

Abri minha boca, depois a fechei novamente, tentando, sem êxito, imaginar o que eu havia feito. - Por que não começa você primeiro?

Houve dois gemidos provenientes do sofá.

Ethan plantou suas mãos nos quadris, varrendo para trás o casaco do seu terno no processo. - Você foi ver o Defensor Público.

- Fui ver meu avô.

- Te adverti ontem, sobre seu papel, seu lugar, e pensei que tínhamos combinado que você não ia mais desafiar minha autoridade. Estar de acordo em espionar a Casa, a trair a minha Casa, claramente cai na categoria de “desafiar minha autoridade”.

Ele parou, me olhando. Um momento passou enquanto eu tentava envolver minha mente em torno da acusação.

Suas narinas abriram-se. - Estou esperando Merit.

Seu tom foi, condescendente, paternalista. Profundamente irritante.

E pelo que eu tinha visto até agora, tipicamente Sullivan.

Tentei ser uma pessoa melhor e lhe explicar. - Eu não estou de acordo em espionar ninguém, e me ressentir essa acusação. Talvez eu não te agrade Sullivan, mas não sou uma traidora. Não fiz nada que justifique essa acusação.

Desta vez, ele piscou. - Mas você admite que esteve no escritório?

- Meu avô. - Comecei cuidadosamente, controlando minha voz para não gritar com ele. - Me levou ao escritório para conhecer seu pessoal, para me dizer sobre os outros sobrenaturais de Chicago. Não fiz acordo em espionar ninguém, nem em trair ninguém. E como eu poderia? Continuo sendo um vampiro de três dias, e estou disposta a admitir que ainda continuo sendo bastante ignorante.

Amber bufou. - Ela tem um ponto, Liege.

Eu dei-lhe crédito, mantive os olhos em mim. Tive um longo olhar antes que ele começasse a falar novamente.

- Não nega que foi ao escritório do Defensor Público?

Esforcei-me para descobrir a lógica dessa pergunta, mas não encontrei nada. - Sullivan, você vai ter que me ajudar aqui, porque, ao contrário da informação que você me deu, não concordei em fazer nada para o escritório do Defensor Público. Fui lá para aprender, para visitar, não para que me designassem alguma coisa. Não concordei em espionar, nem olhar documentos, ou dar mais detalhes, nem dar datas, nada. - Apertei meus olhos e cruzei os braços. - E não vejo o que tem de errado em visitar meu avô em seu escritório.

- O que está errado. - Ethan disse. - É que o escritório do seu avô está tentando prender o assassinato de Jennifer Porter em *minha* Casa.

- O Departamento de Polícia de Chicago está tentando ligar o assassinato a sua casa. - Eu o corrigi. - Porque por tudo o que eu ouvi, meu avô e todos em seu escritório pensam que vocês são inocentes. Mas você sabe que tinha uma medalha Cadogan na cena do crime. Supondo que os Forenses não plantaram a evidência lá, a medalha veio da sua Casa. Cadogan está envolvida, não importa o que meu avô faz, e se você gosta ou não.

- Ninguém da minha Casa faria isso.

- Talvez não o assassinato. - Concordei. - Mas a menos que você entregue medalhas como souvenirs nas festas, alguém de sua Casa está envolvido. Pelo menos alguém deixou entrar a pessoa que a pegou.



Não esperava sua reação. Eu esperava outro delírio, um discurso sobre a lealdade dos vampiros de Cadogan. Não esperava seu silêncio. Não esperava que caminhasse para o sofá e sentasse, com os cotovelos sobre os joelhos, com as mãos juntas.

Não esperava que passasse as mãos pelos cabelos, para em seguida, descansar a cabeça nas palmas das mãos. Mas isso foi o que ele fez. E os movimentos, a postura, eram tão humildes, tão cansado, e tão, tão humano, que eu tive uma repentina, surpreendente urgência em alcançá-lo, tocar seu ombro, reconfortá-lo.

Foi um momento de fraqueza, outra violação das defesas que eu tentava erguer contra Ethan Sullivan. E isso, nesse maldito momento, fez com que minha fome aumentasse.

Quase perco o fôlego pela súbita explosão de fogo que percorreu meus membros, e tive que me segurar na parte de trás da poltrona para me manter em pé. Meu estômago apertado, ondas de dor percorrendo meu abdômen. Minha mente iluminou-se e toquei minha língua na ponta de um dente, eu podia sentir a ponta dele.

Engoli instantaneamente.

Precisava de sangue. Agora.

- Ethan. - Luc disse seu nome, sussurrando atrás de mim.

Uma mão agarrou meu braço e virei minha cabeça para olhar. Ethan estava parado ao meu lado, com grandes olhos verdes.

- Primeira Fome. - Anunciou. Mas suas palavras não significavam nada.

Olhei para baixo aos longos dedos sobre meu braço e senti o calor da explosão de fogo novamente. Golpeei meus pés contra ele, e me deleitei com o golpe.

Isto significou algo. O sentimento, a necessidade, a sede. Olhei para Ethan, enquanto arrastava meu olhar do triângulo de pele que estava descoberto ao ter o colarinho de sua camisa desabotoada, seu pescoço, a linha forte do seu queixo e as curvas sensuais dos seus lábios.

Queria sangue, e queria dele.

- Ethan. - Sussurrei em uma voz tão rouca que quase não a reconheci.

Mas os lábios de Ethan se abriram e vi um clarão de prata em seus olhos. Mas se foi em um instante, passando para um verde nublado.

Beirei seu corpo, molhando meus lábios e, em seguida, sem um único pensamento sobre as consequências, ou o que esse ato significava, os pressionei contra sua garganta. Ele cheirava tão bem, limpo, suave, todo homem e másculo. Ele sabia tão bem o poder do

homem. As pontas de seus cabelos roçavam meu rosto quando beijei a longa linha de seu pescoço.

- *Ethan*. - Sussurrei novamente seu nome, como um convite. Uma promessa.

Ele estava paralisado até que beijei sua pele bem debaixo de sua orelha. Podia cheirar o sangue cantando em suas veias que palpitava a milímetros debaixo de meus dentes.

Então ele suspirou, e o som fez eco através de minha cabeça, um reconhecimento de paixão compartilhada, de desejo mútuo.

Os outros ao redor de nós começaram a falar. Não queria que falassem. Queria ação. Calor. Movimento. Raspei meus dentes em seu pescoço, não rompendo a pele, apenas o bastante para indicar o que eu queria. Da direção que eu tomaria.

Seu pulso acelerou, e eu lutei para não mordê-lo tão rapidamente, para não apressar o prazer disso. Mas através da queimação de excitação, algo frio, não desejado me picou. Sacudi minha cabeça e empurrei-o para trás.

- *Liege*, você não pode alimentá-la pela primeira vez. Ela precisa de sangue humano. Você tem muito poder para uma primeira alimentação. Ela já é forte o bastante como é.

Ethan resmungou, mas não se moveu. Ele ficou exatamente onde estava, debaixo de meus lábios, em uma silenciosa submissão.

Contente, joguei minhas mãos ao redor de sua cintura.

- Tire-a de cima dele, Lucas!

Senti o frio toque novamente, uma gota de água gelada contra minha pele quente. Irritante. Indesejada. Era minha consciência, percebi, começando a me despertar, enfrentando a fome.

Mas lutava com o profundo e escondido instinto e a atração latente. Ganhou.

Eu resmunguei e dei um golpezinho com a ponta da minha língua contra sua orelha, enquanto ignorava minhas próprias advertências.

- *Ethan*.

- Luc, você deve... eu não posso... – ele gemeu aterrorizado. E Deus que som, o suficiente para que causasse o efeito. Tracei uma linha de beijos por seu pescoço. - Não como há dias. Merit você deve parar. – Dado o fato que ele estava apoiado em meu corpo quando disse isso, faltou convicção em suas palavras.



Uma mão agarrou meu braço, muito lentamente virei minha cabeça para encontrar umas unhas vermelhas cravadas em meu bíceps. O toque foi o suficiente para me distrair, para me fazer perceber meus lábios contra o pescoço de Ethan, de que estava agindo fora do *Canon*. Ignorando seus protestos, havia sido compelida a continuar e estava preparada para mordê-lo. Estava preparada para rasgar suas roupas e tomá-lo ali mesmo no chão.

Estava preparada, de todas as formas concebíveis, para servir a meu Lorde. Essa visão me empurrou através da fome como uma mão gelada, me empurrou através do desejo ao outro lado – a parte de trás da terra, de pensamentos irracionais e as boas decisões.

Reunindo toda a força que tinha, respirei e forcei a mim mesma para longe dele e dela, precisando de espaço para voltar a ter controle de meu corpo, sentei-me com as mãos em minhas bochechas, abrindo a boca para respirar.

A fome me deixou suando ainda em minha camiseta fina e jeans. Ainda podia sentir a fome, um tigre enjaulado rondando através de meu corpo, desejoso de alimento, esperando lançar-se de novo. Supus que qualquer controle que desprendi era temporário, ilusório. Mas no fundo, dentro de mim, me deleitei com esse conhecimento.

O tigre passeava e estava ansioso, esperando seu mero momento. Ele teria sua oportunidade. Ele beberia.

Luc perguntou. – Sangue?

- Cozinha. – Ethan respondeu roucamente. – Eles enviaram bolsas. Amber vá com ele, nos de um minuto.

- Muito controle para passadas setenta e duas horas. – Luc observou. – Ela o conteve.

- Se eu quisesse observações, as teria pedido. – Sua voz era firme, obviamente irritada. – Vá à cozinha e prepare o sangue, por favor.

Quando estávamos sozinhos, quando normalizei minha respiração, parei reta novamente e fiquei olhando seus olhos. Esperei por uma resposta sarcástica, mas ele simplesmente me devolveu o olhar, sua expressão cuidadosamente inexpressiva.

- Está tudo bem – disse ele, seu tom cortado. – Era de se esperar.

- Não de mim.

Ethan abriu os botões do colarinho de sua camisa, depois arrumou as lapelas de seu casaco. Voltando a recompor-se, pensei, quem sabe por que ele queria algo também. O prateado de seus olhos demonstrava isso, mesmo pelo muito que protestara.

- A primeira Fome pode surgir de repente. – Ethan disse. – Não há necessidade de se desculpar.



Levantei uma sobrelanceira para ele. – Não ia me desculpar. Se não fosse por você, eu não teria essa sede.

- Não esqueça seu lugar, Iniciada.

- Como se você me permitisse.

- Alguém tem que lembrá-la. – Ethan disse, parando mais próximo, tanto que a barra de sua calça tocou meus sapatos. - Me prometeu submissão. Concordou que seu comportamento rebelde já estava acabado. Concordou não me desafiar novamente. E ainda se empenha em derrubar as paredes da Casa Cadogan ao redor de nós.

- Mestre ou não. – eu disse olhando-o com raiva. – Retratar-se, ou te desafiarei novamente. – Havia sido traída tantas vezes na vida para conhecer o valor da honra e honestidade, e tentar viver com códigos. - Não te dei nenhuma razão para duvidar de minha lealdade... que é uma coisa tremenda, dado o modo como me transformou.

Suas narinas abriram-se, mas não contradisse a declaração. – Merit, então me ajude, se você apóia o escritório de Tate acima da minha Casa...

Olhei-o em branco. – Tate? Alcade Tate? Nem sequer sei o que quer dizer apoiar seu escritório. Por que eu apoiaria seu escritório?

- O Defensor Público é uma criação do Alcade.

Eu ainda não entendia seu ponto. – Entendo isso. Mas por que importaria ao Alcade o que eu faço? Por que importaria que um de seus empregados leve sua neta ao trabalho?

Ethan me olhou fixamente. – Por que ainda que você esteja afastada de seu pai, ele continua sendo Joshua Merit e você continua sendo sua filha. Além disso, é a neta de um dos homens mais influentes da cidade. E no caso de que precisemos de mais combustível, você é claramente mais forte do que seria normalmente. – Sacudiu uma mão em direção a cozinha. – Até eles reconhecem.

Enfiou as mãos nos bolsos e se afastou, virando-se para olhar uma fileira de livros na estante próxima a porta principal. – Tate não é de confiança. – disse. – Ele sabe sobre nós, sabia sobre nós, e ainda que seu encontro com seu avô pareça bem intencionado, o homem está guardando alguma coisa. Entendemos que ele saiba sobre os vampiros Rogue, mas não ter dado esta informação ao público... Isso levanta as perguntas: está ele tentando evitar mais pânico, ou a informação é uma arma que usará contra nós mais para frente? E, ele não fala com as cabeças das Casas, em vez disso ele trabalha através do Escritório do Defensor Público. Tão útil quanto poderia ser. – Ele retrocedeu. – Mesmo tão bem intencionado quanto possa ser seu avô, ele continua trabalhando para Tate. Tate controla o bolso e a direção da polícia. Isso significa que ele maneja as rédeas.

- Meu avô é seu próprio homem.



Ethan se afastou da estante de livros, cruzou os braços e me olhou. Uma ruga cruzava sua testa. – Pense Merit: Os vampiros anunciam sua existência aqui em Chicago. Somos as primeiras Casas nos Estados Unidos da América que o fazem. Tate está em primeiro entre os Alcaldes nesse sentido, primeiro seu mandado de estabelecer a Polícia Sobrenatural, o que se refere a fazer as alianças com as Casas, mantendo segurança. Um homem pode usar esse poder, essa posição. Mas seja o que tenha planejado, e te asseguro que esse homem tem planos, provavelmente os tem tido desde que soube sobre nós, ele não tem sido correto. Não posso permitir que te transforme em parte de seus planos, ou que minha Casa caia presa neles. Então até que tenha aprendido o suficiente para atuar apropriadamente, para usar a discricção quando tenhamos que discutir nossos assuntos, se manterá longe do Escritório do *Ombud*.

Eu não me manteria afastada, e ele provavelmente sabia, mas não tinha sentido começar a discutir outra vez.

Em vez disso, inclinei minha cabeça para ele. – Como soube que fui ao escritório?

- Tenho minhas fontes.

Não duvidava. Mas enquanto me perguntava que fonte estaria encobrindo – Catcher, Jeff, o vampiro encoberto que servia ao escritório do Defensor Público, ou alguém mais resignado a cuidar de mim – Não ia perguntar. Ele nunca me diria.

Mas alguém lhe havia dado informação de minhas atividades, alguém que não tinha estado o suficientemente próximo para saber exatamente por que eu estava lá. Isso era muito importante para passar por alto.

- Um conselho gratuito – disse-lhe. – A pessoa que está te dando informações não estava dentro do edifício. Por que se estivesse, saberia do por que eu estava lá, e o que havíamos conversado. E o mais importante, o que nós *não* discutimos. Eles fizeram deduções e se prepararam para convencê-lo de que essas deduções eram corretas. Eles estão jogando com você, Sullivan, ou ao menos tentando dividir informação para incrementar sua própria marca.

Por um momento, Ethan não falou. Ele apenas me olhou, como se estivesse me vendo pela primeira vez, se dando conta repentinamente que eu era mais do que sua nova subordinada rebelde, mais do que a filha de um financista.

- Essa é uma boa análise.

Dei de ombros. – Estava na sala, Sei o que estava acontecendo. Ela, ou ele, não. E novamente ao ponto, ele é meu avô, além de Mallory, ele é tudo o que tenho. Ele é meu único laço real de família. Eu não posso cortar esse laço. Não o farei, mesmo que você pense que é um desafio. Mesmo que você pense que é uma rebelião e que vá contra sua soberana autoridade.



- Tem outros laços agora, Iniciada. A Casa Cadogan; eu. Você é minha vampira agora, não esqueça.

Presumi que havia dito como um elogio, mas seu tom era muito possessivo para o meu gosto.

- Sem importar o que tenha passado há seis dias atrás, não pertenço a ninguém a não ser a mim mesma, Sullivan, e menos ainda a você.

- Você é o que eu te fiz.

- Eu fiz a mim mesma.

Ethan deu um passo adiante, depois outro, até que estava muito próximo para evitá-lo, até que me coloquei contra a parede da sala, até que senti o frio gesso atrás de mim.

Estava presa.

Ethan colocou suas mãos contra a parede, uma em cada lado de minha cabeça, mantendo-me ali, olhando-me.

- Quer ser disciplinada, Iniciada?

Parei, olhando-o, uma chama acendendo em meio interior. – Não especialmente. – Menti.

Seus olhos buscaram os meus. – Então por que insiste em me insultar?

O contato visual parecia muito íntimo, então virei à cabeça e tentei engolir a complicada excitação, incomodamente consciente que não poderia culpar minhas ações, meu interesse, ao vampiro escondido em mim. A mudança genética.

Ela e eu éramos a mesma mente, mesma genética, mesmo no desejo, e inegável atração por Ethan Sullivan.

Mas estiquei o braço nesse sussurro de negação, coloquei as mãos ao redor, e segurei-lhe como se minha vida dependesse disso. Em um segundo, sonhei em escapar, começar de novo, com um novo nome, em uma nova cidade, onde não ansiasse passar os dedos por seus cabelos, e empurrar minha boca contra a sua, até que ele se rendeu me pegou contra a fria e branca parede, empurrou seu corpo contra o meu, aliviando a necessidade, para acalantar a frieza.

Ao invés, eu disse, quem sabe honestamente. – Não estava insultando você.

Ele não se moveu, até que abaixou sua cabeça, seus lábios mais próximos dos meus do que antes. – Me queria há um momento atrás.

Desta vez sua voz era tranquila, suas palavras não eram o desafio de um vampiro Mestre, mas a súplica de um menino, de um homem. - Tenho razão não é Merit? Você me desejava?

Forcei-me em ser honesta, mas não pude me forçar a falar. Então me mantive em silêncio, e deixei que o silêncio tomasse o lugar das palavras que eu não podia obrigar-me a dizer. *Te desejo. Apesar de mim mesma, te desejo. Apesar do que você é, eu te desejo.*

- Merit.

- Não posso.

Baixou sua cabeça, de forma que seus lábios pairassem sobre os meus, sua respiração em meu rosto.

- Ceda a mim.

Levantei meus olhos para encontrar os seus, que eram profundamente verde escuro, como os monstros das florestas primitivas, antigas, desconhecidas e escondendo-se nas profundidades arborizadas.

- Você não gosta mesmo de mim.

Ele sorriu um pouco malvadamente.

- Isso não parece importar.

Um tapa não poderia ter me tirado do transe mais rápido.

Contorci-me debaixo de seus braços que me seguravam então me afastei. – Estou vendo.

- Não estou feliz com isso também.

- Sim, entendo que não quer estar atraído por mim, que pensa que estou abaixo de você, mas obrigada por me mostrar isso. E no caso de você não ter percebido, não estou feliz com isso tampouco. Não quero que goste de mim, e certamente não quero estar com alguém que está espantado comigo. Não quero ser... desejada por um presunçoso.

Ele deu um passo em minha direção com a graça de uma pantera espreitando. E, tão perigosa quanto uma. - Então o que você quer que eu diga? - Sua voz era baixa, grossa com o suave poder. - Que eu queria que você me provasse? Por tudo que você é teimosa, sarcástica, completamente incapaz de levar a sério a minha autoridade e notoriamente desrespeitosa, que eu te quero? Você acha que isso é o que eu escolheria?



Lá estava novamente, a lista de defeitos. As razões porque ele não deveria estar atraído por mim. As razões que eu odiava a química, contra as nossas vontades, queimando entre nós. Minha voz calma, o som estranhamente longe, eu lhe disse: - Eu não quero nada de você.

- Mentirosa - Ele acusou, e baixou sua boca na minha. Ele me beijou e o ciclo fechou-se novamente. Seus lábios eram suaves e quentes, e implorava uma reação, desafiava-me a participar, me entregar, mesmo que momentaneamente, para a química. Meus membros soltos, meu corpo me desafiando a me afundar nisso, deleitar-se com ele. Mas eu estava o suficientemente perto do fogo, quando eu quase saltei em cima dele para tirar o sangue de suas veias. Isso tinha sido suficiente. Isso tinha sido demais. Então, eu mantive meus lábios juntos e tentei virar a cabeça para longe.

- Merit - ele entoou - Fique quieta. - Os dedos de Ethan deslizaram ao longo da minha mandíbula, se enroscando em meu cabelo, e ele usou seu polegar para inclinar meu queixo. Ele deu um pequeno passo para frente, alinhando nossos corpos, apenas tocando.

Abaixou sua cabeça e me beijou novamente, seus polegares acariciando meu rosto enquanto movia seus lábios sobre os meus, acariciando, acalmando, sem forçar.

Então, quando sua língua deslizou entre meus lábios e tocou a minha, quando a emoção elétrica subiu por minha espinha, eu cedi.

Hesitante, no início, e só respondendo depois de eu prometer a mim mesma que nunca, nunca o tocaria novamente... o beijei. Devolvi seu beijo, absorvendo a língua que ele me oferecia, respondendo a seus beliscões e mordidas por minha própria conta.

Não parecia poder ajudá-lo. Não podia não beijá-lo. Ele sabia tão bem, ele cheirava tão bem.

Ele era o céu, bacon dourado na escuridão sobrenatural que girava em torno de mim.

Mas isso não era algo para culpar a magia. Isto era muito mais Elemental, muito mais poderoso. Era necessidade, desejo, em sua forma mais básica.

Mas eu não podia permitir isso, querer a alguém que não me queria. Não realmente.

Então, coloquei uma mão em seu peito, e senti a batida de seu coração debaixo do macio algodão de sua camisa antes de afastá-lo. - Pare.

Ele deu dois passos para trás, seu peito subindo e descendo enquanto tomava fôlego, e me olhava.

- Isso foi um erro - eu disse. - Não deveria ter acontecido.

Ele umedeceu seus lábios, depois, passou uma mão pelo queixo. - Não?

- Não.

Silêncio. Então. – Posso te oferecer mais.

Pisquei, levantei o olhar e encontrei seus olhos. – O que?

- Poder. Acesso. Recompensas. Você deve estar disponível apenas para mim.

Meus lábios se abriram as palavras momentaneamente faltando, o choque foi tão grande.

- Você está me pedindo que seja sua amante?

Ele parou e tive o pressentimento de que ele estava decidindo se era isso, de fato, que estava oferecendo-me. Como se estivesse pesando os prós e contras, decidindo se sua ereção valia todos os problemas que eu havia lhe causado.

Um rubor cruzou suas esculpidas bochechas. - Sim.

- Oh, meu Deus. - Baixei os olhos, coloquei uma mão sobre minha barriga, perguntando-me como as coisas haviam se tornado tão bizarras. - Oh, meu Deus.

- Isso é um sim?

Olhei-o de novo, vi o clarão de pânico em seu rosto.

- Não, Ethan, Jesus. Definitivamente não.

Seus olhos brilharam, e me perguntei se ele alguma vez havia sido rejeitado antes, se alguma mulher em seus quase quatrocentos anos de existência havia rejeitado a oportunidade de servir-lhe. - Você entende o que é que estou te oferecendo?

- E você entende que não estamos em 1815?

- Não é incomum para os Mestres ter Consortes.

- Sim - eu disse. - E sua atual Consorte está na minha cozinha, neste momento. Se você precisa... de um *alívio* fale com ela.

O real choque de sua oferta tinha começado a passar, e ser substituído por um pouco de dor, um pouco de insulto, ele não gostava de mim o suficiente para me oferecer algo mais, e que tenha pensado que eu estava lisonjeada com o pouco que me oferecia.

- Por muito que me doa dizer isso, Amber não é você.



Olhei para ele. - Nem sequer sei o que significa isso. O que é lisonjeiro, enquanto eu não te agrade, você está desejando sacrificar-se apenas para meter-se em minha roupa íntima?

Suas narinas se abriram, uma minúscula linha apareceu entre suas sobrancelhas. - Você é imatura.

- Sou imatura? - Minha voz, o sussurro que saiu foi feroz. - Você acaba de oferecer que eu seja sua prostituta!

Ele deu um passo para mais perto, sua mandíbula apertada, o músculo tremendo. - Ser a Consorte de um Mestre Vampiro é uma honra, Iniciada, não é um insulto.

- É um insulto para mim. Não vou ser um escape sexual para você e para ninguém. Quando isso... acontecer-me, quero companheirismo. Amor. Não confia em mim o suficiente para isso, e eu não tenho certeza se você é capaz de sequer fazê-lo.

Ele deu de ombros, e imediatamente lamentei pelas palavras. Respirei fundo, e tomei espaço, movendo-me para a cadeira.

Foi um longo momento antes de poder encontrar seus olhos de novo.

- Eu sinto muito. Isso foi algo realmente horrível de se dizer. É só que, vivo em um tempo diferente - disse a ele. - Com expectativas diferentes. Não nasci para servir a alguém indiscriminadamente, sem pensamentos próprios. Apesar de qualquer coisa que possa ter feito, meu pai me criou para ser independente. Para encontrar meu próprio caminho. - Ele apenas não acreditava que meu próprio caminho fosse o certo na maior parte do tempo. - Estou tentando ser eu mesma, Ethan. Para manter algo de mim mesma no meio de todo esse - levantei minha mão e fiz um gesto abstrato com os dedos. - caos. Não posso ser esse tipo de garota.

Essa declaração significava mais, eu pensei, que só uma resposta a sua oferta, que uma resposta a ser sua amante.

Eu não estava certa de poder chegar a ser o que ele queria - o vampiro acessível, o perfeito pequeno soldado de sua amada Cadogan.

A expressão de Ethan, antes irritada, estava agora completamente inexpressiva, seus olhos verdes vazios.

- Então, acabamos aqui. Eu já te expliquei a situação. Mesmo que você goste ou não, não somos humanos. *Você* não é humana. Não mais. Nossas regras são diferentes das que você está acostumada, mas são as regras. Você não pode desobedecer e, se não obedecê-las, estará me desafiando.



- Eu não estou me rebelando. - Eu disse, tão calma quanto pude, percebendo quantas linhas já havia atravessado, já havíamos passado ao longo da noite. - Nem estou tentando usurpar sua autoridade. Estou apenas tentando... - procurei as palavras – evitá-la.

Ethan puxou os punhos de sua camisa. - Temos regras por uma razão, Merit. Temos Casas, por uma infinidade de razões, apesar de sua opinião, apesar de encontrar-se... assimile à idéia. Goste você ou não, você é minha subordinada. Se negar sua Casa, haverá implicações. Será julgada como uma pária. Um Rogue. Será rejeitada por todos os vampiros, ignorada e ridicularizada porque escolheu não confiar em mim. Não terá acesso às Casas, aos membros ou a mim.

Olhei para ele. - Tem que haver algo no meio entre a anarquia e subordinação.

Ethan olhou para o teto, então fechou os olhos. – O que você acha que é subordinação? Você vê os vampiros da minha casa. Você vê a Casa. É uma prisão? Eles parecem miseráveis? Quando você me desafiou, fui injusto com você? Eu te tratei cruelmente ou dei-lhe uma oportunidade justa para provar a si mesma? Você é mais inteligente do que isso.

Ele tinha razão, é claro. Os vampiros da Casa, claramente o respeitavam e parecia pelo menos aos meus olhos, que eram muito felizes com o consentimento de seu líder. Mas isso não queria dizer que eu estava disponível para isso, para confiar cegamente nele, ou em nenhum deles. Não tinha a determinação nem fé suficiente para isso.

Ficamos em pé e em silêncio, até que Ethan fez um som final e frustrado e chamou Amber e Luc.

Enquanto eles caminhavam através da sala, Amber passou por mim com um olhar que nós duas sabíamos que ela era a vitoriosa.

Ela de alguma forma sabia, provavelmente tinha ouvido, o que ele me havia oferecido, e que eu o havia rejeitado. Não só tinha me tirado da corrida, como também tinha lhe assegurado sua posição. Piscou despreocupada, e eu senti uma repentina, indesejável pontada de ciúmes. Eu não queria suas mãos nela. Não queria que ela o tocasse. Mas eu havia tido a chance de tomar seu lugar, e tinha rejeitado. A decisão havia sido tomada, então, ignorei a irritação e olhei para o outro lado.

- Vamos - disse Ethan.

Luc acenou para mim. - Há sangue sobre a mesa. Está quente e pronto para beber.

Ethan não me olhou quando se virou em direção à porta, e senti o peso da sua decepção. Por mais ilógico que fosse eu queria que ele estivesse com orgulho de mim, da minha luta e da minha força, não desapontado por eu não ter conseguido seguir os critérios básicos de comportamento dos vampiros. Por outro lado, eu não deveria pedir desculpas por não ir rastejando para cama do mestre da minha Casa.



Luc e Amber saíram em seguida. Eles tinham dois carros, uma Mercedes Roadster preta, que eu achei que fosse de Ethan, e um enorme SUV preto.

Luc e o Amber dirigiram-se ao último. Segurança de viagem, eu presumi. Quando deu o primeiro passo, Ethan virou e olhou para mim, sua cara cuidadosamente em branco.

- Eu teria perguntado a você se pudesse Merit. Eu teria pedido o seu consentimento, e deixado que você tomasse a decisão agora mesmo. Mas não fiz. Não podia porque você estava morrendo. E certamente não era à hora para discutirmos os méritos de sua associação. Deveria ter discutido, mas não podia, assim tive que tomar uma decisão.

Depois de uma pausa, ele continuou com sua voz repentinamente cansada.

- O tempo está passando. Você tem quatro dias até a sua iniciação formal na Casa. A hora em que você terá que adotar uma postura está se aproximando, Merit. De um jeito ou de outro, você decidirá se você quer aceitar a vida que lhe foi dada e aproveitar ao máximo, ou fugir e viver a margem da nossa sociedade, suportando a humilhação de ser rejeitada pela Casa, por todos os outros que gostam de você. Por todo mundo que entende o que você é. Quem você é. Sua sede. - O seu olhar fixo intensificou-se. - O seu desejo. E está decisão, tal como é, é sua.

Com isto, ele desceu as escadas. Segui-o para fora, e flanqueei dois guardas na minha porta, me inclinei e chamei o seu nome. Ele olhou para trás.

- Sobre a... fome. Ela sempre se parecerá com isto?

Deu-me um pequeno sorriso. - Um tanto como ser um Vampiro de Cadogan, Merit, será o que você faz.

Tive de dar-lhe o crédito, ele tinha razão sobre uma coisa. O tempo estava passando e eu teria que tomar uma decisão. Fazer uma escolha entre aceitar a vida que ele tinha me dado, como ele disse, ou evitar ao Ethan, a Casa e a comunidade de vampiros. Posso escolher em viver como um membro das Casas Americanas, ou fazer uma vida para mim fora disso. Mas uma eternidade olhando os amigos e o mundo mudando, enquanto eu permaneço a mesma, ia ser bastante solitário. Observar Mallory envelhecer, meu avô envelhecer, enquanto eu permaneceria eternamente com 27 anos.

Que tipo de vida iria ter se eu rejeitasse a Casa, fingisse ser humana, e sobreviver a minha família, sem nenhuma companhia a não ser livros mofados e bolsas de sangue?

No entanto eu não estava pronta para dar o próximo passo. Não ainda. Existiam muitos fios soltos a serem enrolados. Bem, e um maior de todos. E um que me pôs no carro as quatro da manhã, deixando o santuário de Parque de Vime da vizinhança de vampiros.

Desta vez não dirigi para a Casa. Dirigi para a universidade. Eu estava em uma missão, assim quando cheguei ao meu destino ignorei os avisos e estacionei no primeiro



lugar vazio que encontrei. Saí do carro, tranquei-o atrás de mim, e caminhei para o campus principal, a mochila escolar vazia por cima do meu ombro. Olhei a extensão de grama, calçadas e árvores com a mão no meu pescoço.

Sempre amei este lugar, normalmente fazia uma pausa antes de seguir para o Edifício Walker, onde ficava o departamento de inglês, assim podia me deliciar com a visão da grama e do céu. Andei para o lugar onde eu tinha sido atacada, agachei-me onde o meu sangue tinha sido derramado, tocando a grama com a mão.

Não tinha nada aqui, nenhum sangue, nenhuma grama pisada, sem nenhum indício em todo esse caminho de terra que tinha sido testemunha do meu nascimento, da minha morte. De mim. De Ethan.

As lágrimas que achei que já tinham se esvaído voltaram a cair. Caí de joelhos, dedos enrolados na grama, desejando que as coisas tivessem sido diferentes. Que eu não tivesse tomado a lamentável decisão de sair de casa e andar no campus. Solucei ajoelhada com a frustração e o arrependimento me inundando, me esmagando. Ouvi uma risada do outro lado do gramado. Limpei minhas lágrimas e levantei minha cabeça. Dois estudantes, um casal, andando de mãos dadas pelo caminho antes de desaparecerem entre os edifícios. E com isso a noite voltou a se tornar tranqüila, a maioria das janelas escuras, nenhuma brisa balançando as árvores do campus.

Fechei meus olhos. Inspirei. Expirei. Voltei a abrir meus olhos. E apesar da mágoa e do pesar, era uma linda noite. Uma de uma eternidade de noites que teria a oportunidade de presenciar. E além de ver essas noites teria de encontrar uma maneira de lutar contra a perda, as vidas que terminariam enquanto a minha ira continuar. Um modo de lidar com as minhas obrigações na Cadogan.

Um meio de lidar com Ethan. E descobrir como apoiar a Mallory, como manter a minha relação com o meu avô apesar das nossas posições. Teria que descobrir como dizer as pessoas boas sobre as pessoas más, dentro desse estranho, novo mundo em que tinha entrado. E o que é mais importante, teria que descobrir se eu me enquadrava dentro da categoria de “boas pessoas”. Se Ethan era um dos maus. E eu percebi o meio para esse fim. Tinha que ser uma escolha. Eu fui transformada em vampiro sem o meu consentimento, atacada e violada, naturalmente, sem o meu consentimento. O único jeito de seguir em frente, construir uma nova vida, tomar as rédeas dessa nova vida, seria tomar uma decisão consciente para mim, para o que der e vier. Vivo, ou não vivo, como um vampiro reconhecido. Eu poderia fazer essa escolha. Aqui e agora, eu poderia tomar as rédeas e ter minha vida de volta.

- Vampiro é a minha escolha - sussurrei.

Não era muito, mas foi o bastante para me erguer no meio da noite, em meio ao campus. E desta vez me ergui aos meus próprios termos. Com minha direção decidida, apertei a mochila vazia no meu peito e me dirigi para o edifício Walker. O prédio estava escuro e trancado. Peguei minhas chaves, destranquei a porta e subi pelas escadas. Cada estudante graduado tinha uma caixa de correio. Usava a minha como um álbum de recortes

do meu tempo em Chicago. Um ticket de entrada de uma sessão da meia-noite de Rocky Horror que eu tinha assistido com os colegas de TAS e alguns graduados. Uma entrada de um jogo de basquetebol que jogamos contra o NYU, onde fiz o meu trabalho de pós-graduação.

Eu abri minha bolsa e coloquei documentos, recordações, lembranças. Lembranças tangíveis. Provas da minha humanidade. Mas tinha algo novo em minha caixa de correios, um envelope rosa, selado, mas sem assinatura. Coloquei minha mochila no chão, perto dos meus pés e abri a carta.

No interior havia um cartão cor de rosa, com glitter parabenizando uma menina pelo seu aniversário. Eu ri, abri o cartão e encontrei, ao lado de um unicórnio brilhante, a assinatura de um bom pedaço do corpo estudantil da pós-graduação do departamento, a maioria me desejando tudo de bom nessa nova vida, minha vida com presas. Não tinha me dado conta, até que eu vi o cartão, de que eu precisava disso. Que precisava da conexão entre a minha velha e a minha nova vida.

Necessitava que eles soubessem por que eu tinha desaparecido, por que tinha parado de ir às aulas. Era um tipo de encerramento. Não era uma desculpa para não ligar para os meus amigos do departamento, ou para o meu orientador ou até mesmo o chefe da comissão. Só Deus sabia quando eu teria força para fazer isso. Mas foi algo. E por hoje tinha sido o bastante. Então agarrei minha mochila, deixei minha chave na caixa do correio e parti.

Voltei para casa e encontrei como prometido um copo com sangue, agora já frio, em cima do balcão da cozinha. A casa estava tranqüila, Mallory ainda estava dormindo. E fiquei contente que ela não estivesse lá para presenciar o que eu estava a ponto de fazer. Desviei meu olhar para o líquido vermelho-alaranjado dentro do copo e senti surgir novamente, assinalado pelo zumbido do meu sangue. O meu pulso estava acelerado e não precisava de um espelho para saber que meus olhos estavam prateados. Mas era sangue, minha mente rejeitou a idéia, mesmo sabendo que meu corpo ansiava por isso. A ânsia ganhou. Coloquei a mão em volta do copo, dei uma mexida e levantei o copo, reconhecendo isso como o verdadeiro fim da minha vida como um ser humano, e o início da minha vida como um vampiro.

Não havia mais justificativas, mais racionalização. Levei o copo aos meus lábios. Bebi. Levando alguns segundo para esvaziar todo o copo e ainda não foi o bastante. Bebi mais duas bolsas que retirei direto da geladeira, não tinha me incomodado em esquentar ou me preparar. Bebi o líquido mais do que eu tinha posto alguma vez em meu corpo, em questão de minutos, parando finalmente quando senti meu próprio sangue desacelerar.

Três bolsas de sangue e eu as tinha ingerido como se tivessem me privado de comer e beber água durante semanas. Quando a fome estava saciada, peguei as bolsas descartadas no chão. Fiquei chocada com o fato, não de ter bebido sangue, mas de beber voluntariamente. Coloquei uma mão sobre minha boca, me obrigando a não tirá-la de lá, sabendo que se deixasse minha mão cair, iria querer beber mais.



Caí no chão, minhas costas contra um dos lados da mesa e trouxe meus joelhos até meus peitos. Forçando a respiração. Forçando meu cérebro a se unir ao meu corpo e aceitar minhas novas necessidades.

Aceitar o que eu era.

Vampiro.

Iniciada Cadogan.

Foi desse jeito que Mallory me encontrou, sentada no chão da cozinha, com bolsas de sangue a meus pés, um pouco antes do sol nascer. Ela estava pronta para trabalhar, vestida de preto, com seus saltos, jóias, bolsa Sassy³⁹, cabelo azul emoldurado envolta do rosto. Seu sorriso vacilou e ela se agachou na minha frente.

- Merit? Você está se sentindo bem?

- Bebi três bolsas de sangue.

Deixando a sua bolsa aos meus pés, pegou uma bolsa de sangue vazia com as pontas de dois dedos.

- Percebi. Como se sente?

Soltei uma risada. - Acho que bem.

- Você acabou de rir?

Soltei uma risada novamente. - Não.

Seus olhos se abriram. - Você está bêbada?

- Com sangue? Não - balancei minha mão para espantar a idéia. - Parece mais como leite para mim.

Mallory pegou as outras bolsas e caminhou até a lata de lixo e as lançou ali.

- Uh-huh

- E como vai você? Sentindo-se mais bruxa?

Ela foi até a geladeira e pegou um refrigerante, em seguida abriu.

- Estou me ajustando à ideia. E acho que posso dizer o mesmo de você?

³⁹ Modelo de bolsa de mão da marca Guess.

Fechei a cara e logo comecei a contar nos dedos os eventos acontecidos durante a noite. - Bem, descobri que meu avô esteve mentindo durante quatro anos sobre o seu trabalho. Conheci um mago e um metamorfo de origem indeterminada, fui paquerada por esse metamorfo, descobri que fui quase vítima de um serial killer, quase fui golpeada por rajadas elétricas mágicas, beijei Ethan, recusei uma proposta de Ethan, fui ameaçada por Ethan. - Dei de ombros. - Foi um dia normal.

A boca de Mallory estava aberta e continuou assim até que ela fechou com um clique de dentes. - Não sei nem por onde começar depois de tudo isso. E sobre a mentira do seu avô?

Levantei-me do chão, apoiando minha mão na mesa para manter o equilíbrio. E levou um minuto para minha cabeça parar de girar, efeitos posteriores, supus, de beber muito sangue de uma só vez.

- Bebida, por favor?

Mallory voltou à geladeira e pegou outro refrigerante e levantou esperando minha aprovação, quando assenti, ela abriu a tampa. Depois que ela me entregou, tomei um grande gole, descobrindo, para minha alegria, que refrigerante diet de uva era realmente refrescante após beber um litro e meio de sangue humano. Agradei pela bebida. E em seguida contei tudo sobre o *Ombud* e seus trabalhadores. Não falei sobre a recomendação de Catcher, de que Mallory deveria adquirir treinamento. O melhor seria colocar ambos juntos em um mesmo local, toda essa beleza e teimosia, e assistir a pele voar.

- Tenho treino essa noite. - Disse-lhe. - Irei encontrar com Catcher na academia de Near North Side. Você quer ir?

Ela deu de ombros. - Posso ir.

- Nós temos que falar sobre algo? Quero dizer, você está bem?

Mallory sorriu arrependida. - Estamos bem, não é sua culpa que eu seja... o que eu sou.

- E talvez Catcher tenha algumas respostas para você.

- Isso seria ótimo.

Terminei minha bebida e joguei a lata fora. - Preciso estar na academia às oito e trinta. Mas primeiro tenho que dormir. O amanhecer está perto, você sabe. - Bocejei e falei - Você não me perguntou sobre o meu beijo com o Ethan.

Ela revirou os olhos. - Por que eu preciso? É óbvio que você sente tesão por ele.

- Não, eu não sinto!

Ela me deu um olhar cético, em resposta encolhi os ombros, me faltava energia para argumentar... e isso necessitaria uma grande mentira e uma grande negação de qualquer maneira.

- Certo. - Ela disse. - Você está perdoada já que você é uma morta viva recente. E foi bom?

- Infelizmente, sim.

- Técnica? Habilidade? Mãos?

- Com nota máxima em todas as categorias. Naturalmente, depois de quatrocentos anos de treino, você tem que ter adquirido algumas habilidades.

- Grande currículo. - Ela concordou. - E não importaria se ele fosse inexperiente e incompetente. Basta vocês dois estarem na mesma sala, o fogo é tanto que derrete as cortinas. Com toda essa tensão sexual, não surpreende que vocês tenham chegado às vias de fato. - Ela acrescentou. - Não chegou à segunda base, não é?

Fiquei calada. - Merit?

- Ele perguntou se eu não seria sua amante. - Ela ficou me olhando de boca aberta.

- Sim

Ficamos em silêncio por um momento, até que ela foi para a geladeira e pegou um pote de sorvete do congelador. Ela pegou uma colher, colocou no topo do sorvete e entregou para mim.

- Ninguém merece mais um desses do que você. - Eu não tinha certeza se era verdade, mas tomei assim mesmo e ajudou mais do que uma dose de Chunky Monkey⁴⁰.

Mallory encostou-se na mesa e bateu as unhas bem feitas em cima da bancada.

- Sabe, de uma maneira meio burra até que é um pouco lisonjeiro. Mesmo estando em conflito com isso, ele acha você atraente.

Balancei a cabeça enquanto tomava uma colherada de sorvete.

- Sim, mas ele não gosta de mim. Ele admitiu. Ele somente... - Eu acenei com cabeça em volta com uma colherada de sorvete. - Ele meio... que está... acidentalmente atraído por mim.

- Você ficou tentada?

⁴⁰ É um sorvete: <http://tinyurl.com/2vn82ws>



Dei de ombros.

- Isso não responde minha pergunta, Merit.

O que eu poderia ter dito? Que mesmo no meio disso tudo, uma pequena parte de mim, um pequeno lugar no meu coração (ou mais precisamente no meu quadril) queria dizer que sim? Terminar esse beijo com carícias e algo mais do que um dia solitário e frio entre os lençóis vazios?

- Não realmente. - Ela ficou me olhando, parecendo que estava avaliando o que tinha acabado de dizer.

- Não posso dizer se você está mentindo ou não.

- Nem eu posso. - Admiti em voz alta entre outra colherada de sorvete. Ela suspirou e alisou minhas costas, antes de pegar sua bolsa e ir em direção à porta da frente.

- Você deve meditar um pouco enquanto estiver hibernando. Vejo você hoje à noite. E vou com você para o treino.

- Obrigada, Mallory. Tenha um bom dia no trabalho.

- Terei, e você durma bem.

Talvez sem surpresas, eu não dormi.

Capítulo 6

*Se na primeira você não teve sucesso,
caia em cima de novo!*

Estava chovendo quando eu acordei na noite seguinte, o quarto dia da minha nova vida, dobrada em baixo de uma antiga colcha que cobria minha cama. Eu me espreguiceei, levantei e caminhei para a janela, lancei para o lado a cortina de couro preta que mantinha a luz do sol fora do meu corpo enquanto eu dormia. A noite era cinza, a fria janela contra a palma da minha mão. Gotas pesadas da chuva da primavera batiam contra o vidro. Eram sete e meia, e a noite se estendia diante de mim. Eu tinha só uma coisa planejada - treinar com Catcher, conforme combinado na noite anterior.

Eu mesma me fiz parar de ficar obcecada com o beijo. Afinal de contas, deveria estar emocionada até a morte por eu não ter sido fraca o suficiente para dizer "sim" à oferta de Ethan. Eu ainda era a Merit, ainda era a amiga da Mallory e ainda era a neta do meu avô. Então quando eu levantei, eu deixei isso para trás e me foquei na noite adiante.

Eu não estava certa sobre a roupa apropriada para minha primeira noite de treinamento como Iniciada da Casa Cadogan, especialmente dado o tempo, então eu optei por calça capri de ioga preto, uma camiseta, sapatos de correr e um casaco de lã para afastar o frio. Quando nos encontramos na sala de estar, Mallory estava sem seu terno de negócios e enfiada em calça jeans e uma camiseta. Ela entrelaçou seu braço no meu enquanto subíamos as escadas, acenando com a cabeça para os guardas na porta antes de seguirmos para a garagem.

Mallory segurou aberta a porta da garagem e nós caminhamos para dentro.

- Você está pronta para sua grande aventura de vampiro?
- Você está pronta para descobrir quem você é? - Eu rebati.
- Honestamente, eu não estou ainda certa se saber é melhor que não saber.

Eu fiz um som de concordância, destranquei o carro, e deslizei para dentro. Mallory juntou-se a mim depois que eu alcancei o topo da tranca da porta. O carro funcionou na primeira tentativa - nem sempre uma garantia com um carro quase mais velho que eu - E eu recuei cuidadosamente para fora da garagem.

- Você pode acreditar que nós estamos presas nisso? - Ela perguntou. - Até um mês atrás, ninguém sabia que vampiros existiam. Agora nós estamos no meio disto, tão fundo quanto você pode conseguir. E este Catcher. Ele é o que?

- Ele disse que era um feiticeiro da classe quatro até ser expulso da Ordem. Eu não sei o que é isso.

- É o corpo administrativo para feiticeiros. - Mallory disse.

Eu deslizei um olhar rápido para ela. - E você saberia disso por quê...?

- Eu venho fazendo um pouco de lição de casa. E fiz algumas ligações.

- Entendo. E um feiticeiro da classe quatro? Isso seria o que, exatamente?

- Top de linha.

Na verdade não é surpreendente dada à exibição de fogos de artifício. Um pouco assustador, mas não surpreendente.

Quando chegamos ao distrito de armazéns, encontramos vaga para estacionar em frente ao prédio de tijolos com o endereço que Catcher tinha fornecido. O edifício era de quatro amplos andares e o topo era cercado por janelas quadradas igualmente espaçadas, como uma coroa de vidro. Uma considerável porta vermelha estava no meio da fachada. Nós nos esquivamos da chuva para alcançá-lo, então empurramos para abrir, revelando um impressionante átrio que se estendia por toda a altura do edifício. O cômodo em si tinha a forma de um T invertido, com um longo corredor perfurando o meio. Uma mesa de recepção no formato de meia lua estava na junção. Tendo recebido nenhuma instrução além da hora e endereço, eu dei a Mallory um encolher de ombros, e nos aventuramos pelo corredor. Ao invés de testar cada porta, com qual nos sentiríamos um pouco como em Alice no País das Maravilhas, nós decidimos esperar e ter esperança que alguém eventualmente viria procurar por nós. Nós debatemos se eles viriam da direita ou da esquerda.

- Lado esquerdo?- Eu ofereci.

Mallory balançou sua cabeça.

- Direita. O perdedor paga o jantar.

- Feito. - Eu concordei, demasiadamente cedo.

Mallory desaprovou isso. Uma porta se abriu à direita, e a cabeça de Jeff apareceu fora da porta. Ele sorriu para mim, acenou um oi com a mão, e arregalou seus olhos quando viu Mallory.

- Você tem magia. - Ele disse sua voz um pouco sonhadora, e acenou para que entrássemos. Mallory murmurou algumas escolhidas palavras sobre magia. Mas nós seguimos obedientemente.

A sala era enorme. As paredes eram de concreto, o chão dominado por tapetes de ginástica azul. Luvas de boxe e sacos de dar socos pendurados em um canto. O contraste entre esta sala - estéril equipado para treinamento de precisão - e a sala da Cadogan de luta cerimonial, equipada para movimentos rápidos. Era facilmente percebido. Este lugar não tinha a seriedade, mas também faltava ego.

- Lá, você se exibiu. Aqui, você irá entrar em forma. Você está preparada? - A música, entretanto, era estranhamente suave - John Lee Hooker, "You Talk Too Much". Fluiu através do espaço.

- Eu sou Jeff. - Ele disse, esticando uma mão em direção a Mallory. Ela sacudiu.

- Mallory Carmichael.

- Eu sou um metamorfo. - Ele disse. - E você é mágica.

- Isso é o que eu ouço. - Ela disse.

- Você ainda não entrou para a ordem?

Mallory balançou sua cabeça.

Jeff assentiu.

- Converse com Catcher. Mas não o deixe te cegar para os benefícios de ser sindicalizado.

Como se em sugestão, uma porta no lado mais distante da sala se abriu com um metálico aranhado. Catcher emergiu, andando em direção a nós com os pés descalços, calça jeans, e uma camiseta que se lia *Homens De Verdade Usam Chaves*. Isso era um bom visual pra ele. Sensual, rude, um pouco perigoso. Era o visual de um homem que só rastejaria se fosse para fora da cama, deixando uma mulher muito satisfeita em baixo dos lençóis.

Eu assisti seus olhos inspecionarem o quarto, vi seu olhar se mover de Jeff, para mim, para Mallory. E isso foi quando eu o vi piscar, a pequena mudança em sua postura quando ele viu a delicada estrutura, o cabelo azul, o magnífico rosto. Eu virei, e vi a mesma entusiasmada expressão em sua face, e assisti eles se encararem. A força da atração pareceu aquecer o ar. Eu sorri.

- Você está atrasada. - Catcher disse quando nos alcançou, cruzando os braços acima de seu tórax.

Jeff, o fofo, defendeu minha honra.

- Ela estava aqui na hora certa. Eu as achei em pé no corredor, olhando a arquitetura.



- É um grande edifício. - Eu disse.

- Obrigado. - Catcher respondeu, seu olhar em Mallory.

- Eu não tenho tempo para lidar com você hoje à noite. - Eu achei que introduções eram desnecessárias. Mallory xingou.

- Eu não me recordo de ter te pedido ajuda.

O ar pareceu formigar ao nosso redor, causando arrepios pelo meu braço. Jeff tomou uns passos para trás. Desde que ele indiscutivelmente sabia mais que eu, segui a dica.

- Você não tem que pedir. - Catcher disse. - Você está praticamente encharcada de poder, e você obviamente não tem nenhuma pista do que fazer com isto.

Mallory rolou seus olhos e cruzou seus braços. - Você não sabe sobre o que está falando.

- Eu sei que você é uma classe quatro. - Catcher disse a olhando com olhos semicerrados. - E eu sei que você sabe o que isso significa. Eu sei que você andou fazendo ligações. Mas Merit não tem magia, e eu precisava ter certeza, primeiramente, que ela poderia lidar com o que está vindo. Então não agora, certo?

Os olhos de Mal queimavam, brilhavam. Mas depois de um momento, ela assentiu.

Catcher inclinou a cabeça, então me examinou. Ele beliscou a manga do meu casaco de lã.

- Isto não servirá. Você está vestindo muitas roupas. Você precisa assistir seu corpo se mover, aprender como seus músculos trabalham. - Ele entortou um dedo polegar em direção à porta atrás do quarto. - Volte. Há roupas no vestiário. E tire os sapatos.

- Você está brincando, certo?

- Você quer um discurso, também?

Eu não fiz, mas eu estava um pouco cansada de ser mandada por homens sobrenaturais com problemas de ego, então eu me satisfiz resmungando algumas maldições no caminho de volta.

O vestiário estava brilhante, vazio, e limpo, mas como todos os vestiários, levava a essência onipresente de suor e produtos de limpeza. Havia dois pedaços de tecido preto em um banco. Eu os levantei.

O Catcher tinha sido sério sobre assistir meus músculos trabalhar. As “roupas” eram apenas fragmentos - Uma faixa de 20 centímetros de lycra para cobrir meus peitos e um par

de short de lycra que só alcançaria o topo das minhas coxas. Parecia como um uniforme de voleibol de praia, embora eu ache que mesmo Gabrielle Reese⁴¹ conseguiria mais roupa que isto.

- Você só pode estar brincando. - Eu murmurei, mas me despi e puxei o equipamento de treinamento. Eles se ajustaram bem, pelo menos um pouco de pele eles cobriam. Eu dobrei e empilhei minhas roupas, colocando meus sapatos em cima, então puxei meu cabelo em um rabo-de-cavalo. Uma rápida vasculhada no espelho acima de uma pia de lousa revelou muita pele pálida de vamp, mas o resultado não era ruim, realmente. Eu sempre fui magra, mas meus músculos pareciam mais definidos agora, a genética de vampiro fez mais para meu corpo do que milhas na esteira. Assoprei a franja da minha cara, me desejando sorte, e voltei para a sala de treinamento.

Para meu embaraço, eu consegui um assobio de Mallory e Jeff, que sorriu para si de contentamento. Eu rolei meus olhos, mas fiz uma reverência para eles dois, então caminhei para onde Catcher estava - braços dobrados sobre o tórax, um olhar ameaçador em seu rosto - no meio dos tapetes.

- Flexão. - Ele disse, apontando no chão. - Comece agora.

Como ordenara, eu fui para o chão, estendendo meus braços e pernas, e comecei a erguer meu corpo. O movimento era quase sem esforço, embora eu certamente não pudesse fazer flexões por tempo indeterminado, eu tinha visivelmente mais força no corpo. Eu senti os músculos apertando e flexionando enquanto eu me movia, e me deleitei com a sensação do sangue fluindo mais rápido do que antes. Eu vi pés surgirem, então me girei.

Catcher chamou o nome do Jeff, e a música mudou, ficou mais forte, mais alto, mais rítmico.

- O primeiro passo, - Catcher disse acima de mim. - é avaliação. Os poderes vampíricos são baseados no físico, força, velocidade, agilidade. A habilidade de saltar alto, mover mais rápido que a presa. Olfato realçado, visão, audição. Embora esses possam exigir um pouco de amadurecimento antes deles terem efeito. E mais importante, a habilidade de curar ferimentos, reparar danos, que asseguram que o corpo fique em plena forma. Assim como a pele danificada em meu pescoço.

Enquanto eu continuava erguendo e abaixando meu corpo, Catcher abaixou diante de mim, um dedo debaixo de meu queixo me pausando, braços estendidos, no meio de um movimento de empurrar o corpo pra cima. Ele procurou meus olhos, mas chamou o nome de Jeff. - Jeff?

- Ela acabou de terminar o empurrão cento e trinta e dois.

⁴¹ Jogadora profissional de vôlei dos EUA.



Catcher assentiu. - Você é mais forte que a maioria. - Mãos em seus joelhos, ele levantou novamente.

- Abdominais. Comece.

Eu rodei meu corpo em posição, comecei uma série de abdominais. Esses foram seguidos por fortes movimentos, agachamento, e um conjunto de posições de ioga que Catcher disse serem intencionados para testar minha flexibilidade e agilidade. Eles eram todos relativamente fáceis, meu corpo se ajustava em posições que - até mesmo os distantes anos de dança e boa forma física. - deveria ter sido impossível. Mas eu fiz as poses *do King Dancer* e *Warrior*, *Wheel poses* e *Forearm Stands*⁴² sem esforço, como se eu tivesse simplesmente parada lá. Meus músculos trabalhavam para manter as posições, mas a sensação era maravilhosa. Como uma força em todo o corpo depois de uma longa soneca.

- Até agora, você é facilmente muito forte em físico. - Ele comentou.

Eu estava de ponta cabeça quando ele disse isso, e eu abaixei meus pés para o chão e permaneci. - Significa o que? - Eu perguntei, endireitando meu rabo-de-cavalo.

- Quer dizer, só em termos de sua notória força física você está no escalão mais alto. Os vampiros são avaliados de três maneiras. Fisicamente: força física, fibra, habilidades. Psíquico: habilidades psíquicas e mentais. Estratégia: estratégia e considerações de aliados. Quem seus amigos são - ele explicou. - E dentro dessas categorias, existem níveis. Muito fortes no topo, muito fracos na parte inferior, e uma classe no meio.

Eu franzi a testa pra ele. - Dê-me uma comparação. O que são humanos?

- Em estratégia e psíquica, muito fracos para padrões vampíricos. Em força física, eles poderiam variar de fracos até muito fracos. Muitos vampiros não são muito mais fortes que humanos. Eles precisam de sangue, e eles têm esse desagradável problema de alergia a luz solar, mas sua musculatura permanece essencialmente inalterada. Alguns receberam poderes, mas mesmo assim é mais tarde. Só tem passado o que, quatro dias desde sua mudança? Claro, até os vampiros que não conseguem apreciável força conseguem um impulso metafísico. A habilidade de deslumbrar humanos, comunicação mental, uma vez que seu Mestre inicie o vínculo.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. - Comunicação mental? Você quer dizer como telepatia?

⁴² Todas posições de Ioga:

King Dancer: <http://yoga.am/wp-content/uploads/2010/04/bigkingdancer1.jpg>

Warrior: http://doitgood.files.wordpress.com/2009/04/ponto_warrior_2.jpg

Wheel: [http://www.tracis.info/tracis.info.pictures/Wheel Pose \(Urdhva Dhanurasana\).jpg](http://www.tracis.info/tracis.info.pictures/Wheel Pose (Urdhva Dhanurasana).jpg)

Forearm Stands: http://images.teamsugar.com/files/users/1/12981/32_2007/peacock.jpg



- Eu quero dizer telepatia. - Ele confirmou. - Ethan chamará você, iniciando o vínculo. Você só poderá se comunicar com ele. Com seu Mestre. Mas é uma habilidade à mão para se ter.

Eu olhei para Mallory, pensando sobre suas semelhantes palavras antes de eu dar minha palavra a Ethan na Casa Cadogan. Ela assentiu para mim.

- Você terá físico. - Catcher continuou. - Psíquico, talvez. Esses provavelmente não vieram ainda. Eles podem não vir até que você e Ethan se conectem. - Catcher deu um passo mais perto e olhou em meus olhos, sua sobrancelha enrugada, como se ele estivesse olhando através das minhas pupilas.

- Você terá algo. - Ele disse calmamente. Então seus olhos se focalizaram novamente, e ele andou para trás. - E esses poderes a moverão para cima. Você será um vampiro Mestre, Merit. Você terá sua própria Casa um dia.

- É sério?

Ele casualmente encolheu os ombros, como se a possibilidade de que eu seria um dos vampiros mais poderosos no mundo não era grande coisa.

- Depende de você, é claro. Você podia ficar um Noviciado⁴³, fique debaixo da asa de Ethan.

- Você sabe como motivar uma garota.

Ele riu. - Por que você não descansa cinco minutos, e então nós iniciaremos você nos movimentos? Existe um bebedouro no corredor.

Eu caminhei em direção a Mallory, que saltou em cima, agarrou-me pelo cotovelo, e me puxou para o corredor vazio. Eu encontrei o bebedouro e percebi que meu corpo de repente agonizava por água. Isso foi quando ela começou a gritar.

- Você disse feiticeiro! Feiticeiro! - Ela apontou de volta para a sala de treinamento. - *Aquilo* não é um feiticeiro.

Eu achei que conhecer Catcher não tivesse um efeito nela. Eu ergui minha cabeça e enxuguei a água de meu queixo, em seguida, de volta para a sala, onde Catcher estava encarando um surpreendentemente alegre Jeff.

- Uh, sim, *aquilo* era. É. E acredite em mim, eu sei. Eu fui quase uma vítima destas pequenas coisas de explosão com ponta do dedo que ele consegue fazer.

- Mas ele é jovem! Quanto ele tem, vinte e oito?

⁴³ Viciado em ser novato.

- Ele tem vinte e nove anos. E com o que você pensou que ele iria parecer?

Ela encolheu os ombros.

- Você sabe. Velho. Grisalho. Longa barba branca. Vestes desalinhadas. Amável. Esperto, mas um pouco distraído como um professor.

Eu reprimi um sorriso.

- Eu disse *feiticeiro*, não Dumbledore⁴⁴. Então ele é quente. - Eu encolhi os ombros. - Podia ser pior. Ele poderia ser um pretensioso vampiro de um século de idade que decidiu que você é seu projeto mais recente.

Mallory pausou então me bateu levemente no braço.

- Você ganha. Isto é pior.

- Uh, *sim*. - Eu concordei, e nos liderei de volta a sala de treinamento.

Nós trabalhamos por mais duas horas. Ele me posicionou em frente a uma fileira de espelhos juntos a uma parede e começou a me ensinar como me mover, como me defender. Nós gastamos a primeira hora - bem, eu gastei a primeira hora - aprendendo como cair.

Sério.

Previendo que eu poderia ser o objeto de um arremesso acima da minha cabeça ou um salto desajeitadamente executado, Catcher me ensinou como não me ferir quando eu bater no chão. Como rolar, equilibrar meu peso, usar o impulso para empurrar um movimento diferente. Na segunda hora nós trabalhamos os básicos: chutes, socos, bloqueio, ataques com a mão. Os blocos de construção que eventualmente combinavam com artes marciais, a combinação do conjunto definia vampiros lutando. Os padrões tiveram suas origens em várias formas de artes marciais asiáticas - judô, iaido, kendo, e kenjutsu, vampiros europeus tem aprendido o sistema de um espadachim nômade. Mas Catcher explicou que os movimentos evoluíram em uma peculiar forma de lutar porque, - como ele colocava isto. - vampiros e gravidade têm uma relação especial. - Os vampiros podiam saltar alto e manter seus corpos no ar por mais tempo que os humanos, então movimentos vampíricos são mais complicados que a original arte marcial humana. Ostentação, Catcher disse, foi incentivada.

Não foi até o fim da segunda hora, depois que ele começou a me ensinar posições defensivas de espada, que Catcher me deixou ver uma espada. A lâmina com bainha tinha sido envolvida em uma colante seda azul, e ele desdobrou-a com uma cuidadosa concentração. Era uma katana, muito igual às lâminas dos cintos usados pelos guardas de fora de Cadogan. Ela era revestida com uma bainha de verniz preta e tinha uma longa alça

⁴⁴ Mago do filme “Harry Potter.”

envolta em cordão preto. Ele desembainhou com um assobio do aço, a longa lâmina levemente curvada capturava o brilho das luzes fluorescentes em cima.

Enquanto eu admirava a espada, traçando um dedo no ar dois centímetros acima da lâmina - relutante em manchar a superfície - Mallory perguntou, - Por que espadas? Eu quero dizer, se vampiros podem ser mortos, por que não só usar armas? É rápido, certamente mais fácil que carregar uma espada de 90 cm. Essas coisas não são exatamente imperceptíveis.

- Honra. - Catcher disse, segurando a espada logo abaixo do punho e girando-a em sua mão em uma figura oito. Ele olhou acima para mim. - Você é imortal, significa que você viverá para sempre se você não for morta. Mas se alguém decidir que é sua hora de ir, eles têm três opções. A luz solar é claro, o modo fácil. - Ele agarrou a espada com ambas as mãos, a lâmina apontando para o chão, e empurrou-a para baixo. - Dois: perfure o coração com uma estaca. Destrua o coração e você destruirá o vampiro. Aspen⁴⁵ é a madeira tradicional.

- Por que Aspen? - Eu perguntei.

Mallory ergueu um dedo.

- Há uma teoria de produtos químicos nas fibras que impedem o coração de regenerar.

- E você sabe isto por que...?

- Oh, por favor! - Ela disse, me acenando com uma mão. - Você sabe que eu leio muito.

Catcher balançou a espada acima de sua cabeça, em seguida, a lâmina cortando o ar, o aço assobiou, uma vez que caia. - Três: destrua o corpo. Remova a cabeça, remova os membros, o corpo morre. Fatiamento irá enfraquecer o corpo, como as armas. Mas as armas são muito fáceis. Balas muito fácil. Se você quiser destruir um imortal, você faz isto cuidadosamente, precisamente, e depois da batalha. Você destrói um imortal porque você lutou contra ele, usando as velhas tradições, ganhando o direito. - Girando o punho, ele agarrou a espada e cortou-o ao lado de seu corpo, um movimento que teria dilacerado um inimigo por trás dele. Então ele olhou pra mim. - Honra entre ladrões. - Ele concluiu sobrelanceiras erguidas, e eu me perguntei, não pela primeira vez, como Catcher sabia tanto sobre vampiros, e o que colocava esse brilho intencional em seus olhos.

Ele olhou atrás para Mallory. - É por isso que eles não usam armas.

- Como você sabe tudo isso? - Ela perguntou.

Catcher encolheu os ombros como se não importasse.

- As armas são o que eu faço.

⁴⁵ Tipo de madeira: http://superiorsaunas.com/store/images/paneling_aspen_8420.jpg



- Isto é como ele trabalha seu talento. - Jeff disse.

- É a segunda chave. - Eu adicionei, apreciando a expressão surpreendida no rosto de Catcher.

- Eu sou capaz de aprender.

- Vivacidade me surpreende. - Ele soltou, em seguida, se ajoelhou, colocou a lâmina na bainha, e colocou a espada na sua frente no chão.

Solenemente, ele se curvou, então enrolou ela na seda.

- Da próxima vez, eu a deixarei segurá-la.

- Da próxima vez? E sobre seu trabalho? Meu avô?

- Chuck não se importa que eu esteja garantindo a sua segurança. - Quando a bainha estava coberta novamente, ele levantou, a embalou em seus braços, e examinou todos nós. - Quem quer ovos?

Capítulo 7

O que há em um nome?

- Ovos. - Foi o que virou, significava um café da manhã delicioso e gorduroso. Após eu ter tomado banho e colocado minhas roupas de volta, Mallory e eu seguimos Catcher e Jeff para uma pequena lanchonete de alumínio situada na sombra de um bairro comercial, que já havia visto dias melhores. Um sinal elétrico de néon azul piscava "Molly's" em um das janelas redondas.

Uma vez dentro, nos empilhados em uma cabine e examinamos o menu do café da manhã. Depois que uma garçonete em um vestido xadrez anotou nossos pedidos - ovos, linguças, torradas – colapsamos em um silêncio sociável, marcado apenas pelos olhares intensos que Mallory e Catcher não podiam impedir.

Quando os pratos chegaram minutos depois, carregada com a necessidade de café da manhã, eu caí nas linguças. Comi três imediatamente e fiz olhos de corça⁴⁶ para Mallory, que me entregou uma quarta.

Catcher riu. - Você está precisando de proteína.

- Como um metamorfo - Jeff intercedeu, sorrindo famintamente. E isso me fez ponderar algo.

Eu mordisquei a ponta da minha torrada. - Jeff, em que tipo de animal você se transforma?

Ele e Catcher trocaram um olhar, atentos o suficiente para que eu imaginasse que eu tinha dado outra gafe sobrenatural. Mentalmente repeti meu interesse em obter um guia. Inferno, escrever um, se isso fosse necessário.

- Eu fiz a pergunta errada de novo? - Eu perguntei, dando outra mordida, imperícia social claramente não afetando o meu apetite.

- Perguntar sobre o animal de alguém é o equivalente a um metamorfo puxar um governante e pedir que um cara o açoite. - Catcher disse.

⁴⁶ Fêmea do veado; fêmea dos cervídeos, em geral.



E para baixo foi à torrada em minha traquéia. Eu engasguei, tive que engolir metade do meu copo de OJ⁴⁷ para recuperar meu fôlego. - Eu estou bem - eu disse, acenando para Mallory. - Eu estou bem. - Eu dei a Jeff um sorriso tímido. - Desculpe.

Ele sorriu para mim. - Oh, eu não estou ofendido. Eu poderia te mostrar. Acho que você ficaria muito satisfeita.

Levantei uma mão. - Não.

Jeff deu de ombros e mastigou com a boca cheia de ovos, aparentemente imperturbável.

Catcher tomou um gole de café, em seguida, mergulhou uma ponta de torrada no fragmento da grudenta gema de ovo em seu prato. - Há um caminho mais fácil para você corrigir a sua ignorância, você sabe.

- Qual é? - Perguntei-lhe, empurrando meu prato. Eu tinha acabado cinco lingüiças, três minhas e duas furtadas, três ovos e quatro triângulos de torrada, e eu tinha acabado de acabar apenas com a ponta da minha fome. Mas duas mil calorias ou mais de gordura, carboidratos e proteínas era o meu limite em uma sessão. Eu ia pegar um lanche mais tarde, e me perguntei até quão tarde Giordano estava aberta. Ou até quão tarde o Superdawg⁴⁸ ficava aberto. Um cachorro-quente e batata frita - quão bom isso soava?

- Leia o *Canon*. - Catcher respondeu, interrompendo o meu devaneio carnal. - É a sua melhor fonte para informações, incluindo toda a merda que você já deveria saber sobre vampiros. Há uma razão de eles deixarem-nos de fora, você sabe.

Bati os dedos na mesa - bem no meu caminho mental através de um Hackney burger com queijo bleu, e fiz uma cara. - Sim, bem, eu tenho estado muito ocupada, recebendo ameaças de morte, chutando a bunda do meu Mestre, ficando em forma.

- Você finalmente tem uma desculpa para comprar aquele BlackBerry⁴⁹. - Mallory salientou, tomando de seu copo de plástico, com padrões de diamante, de suco de laranja. Eu fiz uma careta para ela, então bati meus cílios para Catcher.

- Então, qual é a história com Mallory?

Mallory rosnou. Catcher a ignorou. - Agora que ela foi identificada, a Ordem entrará em contato com ela. Ela vai começar sua formação, será atribuída a um mentor - não a mim. - esclareceu ele, dando a ela um olhar. - E será pedido para jurar nunca usar sua magia para as forças do mal - ele colocou uma mão sobre seu coração - Mas apenas para o bem.

⁴⁷ Orange Juice = Suco de Laranja.

⁴⁸ É um drive-in (um local de serviços onde o cliente não precisa sair do carro para obter os produtos, alimentos, etc) de cachorros-quentes: <http://bigpicture.typepad.com/writing/superdawg.jpg>

⁴⁹ É um celular.



- Foi isso o que você fez? - Eu perguntei a ele. - Usou magia para o mal em vez de bem?

- Não. - Foi tudo o que ele disse, jogando o guardanapo sobre seu prato.

- Por que agora? - Mallory perguntou. - Se eu sou tão poderosa, porque o interesse só agora? Por que eu não fui identificada antes?

- Puberdade. - Disse Catcher, relaxando na cabine. - Você acaba de entrar em seus poderes.

Eu bufei uma risada. - E você pensou que o estranho cabelo do corpo e espinhas fosse o fim dela.

Mallory me deu uma cotovelada no estômago. - Que poderes? Não é como se eu estivesse lá fora agitando uma varinha mágica ou algo.

- O poder de um feiticeiro não funciona assim. Nós não amaldiçoamos, sem encantos, sem receitas, sem caldeirões. Nós não temos que invocá-lo ou pedir por ele. Nós não o desenhamos através de uma varinha ou a combinação de palavras e ingredientes. Nós o puxamos através de nossos corpos, pela simples força da nossa própria vontade. - Catcher entortou um polegar para mim. - Ela é uma predadora, uma humana geneticamente alterada, temperada por magia. Sua magia é acidental; vamps notam isso mais do que os humanos, têm uma maior consciência dela do que os humanos, mas não conseguem controlá-la. Nós somos vasos de magia. Nós a mantemos. A canalizamos. A protegemos.

Para a expressão vazia de Mallory, Catcher disse: - Olhe, você decidiu recentemente que você queria alguma coisa, e, de repente conseguiu isso? Algo inesperado?

Mallory franziu a testa e mordiscou o final de uma linguiça, um movimento que eu notei que foi assistido com avidez por Jeff.

- Não que eu possa pensar. - Ela olhou para mim. - Algo que eu queria e consegui?

Foi quando isso me bateu. - Seu trabalho - eu respondi. - Você disse a Alec que queria o trabalho, no dia seguinte, você o tinha.

Mallory empalideceu e virou-se para Catcher. - Isso está certo? - Havia tristeza em sua expressão, provavelmente consternação com a possibilidade de que ela não tinha conseguido o emprego em McGettrick por causa de suas qualificações ou criatividade, mas porque ela tinha feito isso acontecer, o resultado de alguma força sobrenatural que ela poderia ligar como um interruptor de luz.

-Talvez. - Catcher disse. - O que mais?

Franzimos a testa, considerando. - Helen. - disse Mallory.- Eu a queria fora da Casa, virulentamente. Eu abri a porta, disse a ela para sair, e puf, ela estava na varanda. - Ela olhou para Catcher. - Eu pensei que se você revogasse um convite de um vampiro ele era sugado para fora?

Catcher sacudiu sua cabeça, sua expressão irradiando calma preocupação. Eles seriam bons um para o outro, eu decidi. A energia, expressividade, impulsividade, criatividade dela, comparado a solidez sarcástica dele. - Eles partem por regra, por paradigma. Não por magia. Aquela foi sua realização.

Mallory acenou e deixou cair à lingüiça de volta ao seu prato.

- Você pode experimentar, se quiser. Agora, enquanto eu estou aqui. - A voz de Catcher era suave, pensativa. Mallory olhou sobre a mesa, molhou os lábios. Finalmente, após um longo silêncio, ela olhou para cima.

- O que eu faço?

Catcher assentiu. – Vamos. - ele disse, procurando no bolso de seu jeans. Ele tirou uma batida carteira de couro preto, em seguida, escorregou dinheiro do centro dobrado e o colocou sobre a mesa. Depois ele se inclinou para frente e empurrou a carteira de volta, se levantou da cabine e estendeu a mão para Mallory. Ela fez uma pausa, olhou para a mão, mas o deixou ajudá-la a levantar e sair. Eles seguiram para a porta.

Jeff engoliu a polegada restante do seu suco de laranja, em seguida, colocou o copo vazio de volta no mesa, e nós dois seguimos.

Lá fora, a chuva finalmente tinha parado. Catcher levou Mallory, a mão dela ainda na sua, em torno do restaurante. Jeff e eu trocamos um olhar, mas nos apressamos a seguir.

Catcher andou um quarteirão ou mais até que ele e Mallory estavam diretamente abaixo do El, em seguida, posicionou o corpo dela para que eles se encarassem. Jeff parou cinco metros deles e colocou uma mão no meu braço para me parar, também.

- Perto o suficiente - ele sussurrou. - Dê-lhes espaço.

- Me dê suas mãos - ouvi Catcher dizer a ela. - E mantenha seus olhos em mim.

Ela hesitou, mas estendeu suas mãos, palmas para cima.

- Você é um canal - ele disse. - Um conduíte para a energia, o poder. - Ele estendeu suas mãos, palmas para baixo, sobre as dela, com pouco espaço entre elas.

Por um segundo, não havia nada além dos sons da cidade. Tráfico. Conversa na rua. O baque da linha de um baixo de hip-hop. As gotas de água nos trilhos acima de nós.

- Espere. - Jeff sussurrou. - Olhe a mãos deles.

Aconteceu ao mesmo tempo, o rugido da sobrecarga do trem e o brilho que começou a se reunir no espaço entre seus dedos estendidos.

Os olhos de Mallory se arregalaram; então Catcher gesticulou com a boca alguma coisa e os olhos dela se levantaram. Eles se entreolharam, Catcher dizendo-lhe coisas que eu não podia ouvir sobre o chiado e o ruído do El.

O brilho aumentou, cresceu em uma esfera, uma esfera de luz dourada entre eles.

O trem completou sua passagem, o repentino silêncio formando um vácuo de som.

- Eu posso sentir isso - disse Mallory, derrubando o olhar para suas mãos e a luz entre elas.

- O que você sente? - Catcher perguntou.

Ela olhou para ele, seus rostos iluminados pelo brilho.

Química, eu pensei, meus lábios se inclinando em um sorriso para a mistura de alegria e surpresa no rosto dela.

- Magia. - Jeff sussurrou ao meu lado.

- Tudo. - Mallory respondeu.

- Feche seus olhos. - Catcher disse a ela. - Inspire isso.

Ela deu um aceno hesitante. Suas pálpebras caíram, e então ela sorriu. A esfera cresceu, engolindo suas mãos, braços, troncos até que era uma bolha de luz amarela revestindo os dois. O ar carregou com eletricidade, a brisa de magia tremulando minha franja e o cabelo frouxo de Jeff.

E então, com um *pop*, se foi, um plano de névoa amarela dissipando no ar em torno deles. Mallory e Catcher, braços ainda estendidos, olharam um para o outro.

Ele ergueu o olhar. - Não foi tão mau.

- Como se você tivesse feito melhor, Bell.

Sorri. Essa era a minha garota, funil mágico ou não. Ela estaria bem, eu decidi.

Eles derrubaram os braços e se juntaram a nós.

- Então, o que diabos foi aquilo, exatamente?

Catcher olhou na minha direção. - Precisa aprender a base vamp. E você não precisa saber disso agora.

A demonstração de magia estava concluída, voltamos para o bloco em que deixamos nossos carros, meu Volvo acabado, o Sedan hippie de Catcher, e o velho Hatchback⁵⁰ de Jeff.

- Planos? - Catcher perguntou.

Jeff sorriu. - É uma noite de sexta-feira, eu estou fora do trabalho cedo, e eu vou conversar com uma bonitinha garota de Buffalo. Ela é loira e curvilínea em todos os lugares certos, então eu preciso chegar em casa e ficar on-line. - Ele deu uma cotovelada em Catcher. - Certo, C.B.?

- Eu te disse para não me chamar assim.

- Isso é, você sabe, nós temos uma coisa, nós dois. Você sabe.

Catcher olhou para Jeff. - Eu não sei, Jeff. Eu realmente não sei. - Mas quando Jeff começou a explicar, Catcher levantou uma mão. - Também não estou interessado. - Ele olhou para mim e Mallory. - Planos?

Nós balançamos as cabeças.

- Há um clube em River North que parece legal. - Catcher puxou um folheto de seu bolso. Era semelhante ao que havia sido deixado sob os meus limpadores quando meu carro foi estacionado fora de Cadogan, anunciando Red. - Não é muito longe da academia.

Apontei para o folheto. - Eu tenho um desses também. Eles devem estar distribuindo pela cidade.

Catcher encolheu os ombros, dobrando o papel, e colocando-o de volta no bolso. - Alguém quer dançar?

- Oh, Jesus. - Mallory murmurou.

- Dançar? - Eu perguntei. - Eu poderia dançar. Eu preciso me trocar, mas eu posso dançar. - Eu poderia sempre dançar. Meus quadris não mentiam.

Mallory dobrou a língua em sua bochecha, em seguida, deu a Catcher um olhar de falsa irritação. - Muito bem, Gandalf⁵¹. Você vai irritar ela, e eu nunca vou conseguir levá-la escondida para dentro. Você quer dar a ela doce e cafeína, enquanto você está nisso?

⁵⁰ É um carro.

⁵¹ Gandalf, Gandalf o Cinzento ou Gandalf o Branco é um Istari, um dos personagens principais de O Senhor dos Anéis.

Catcher sorriu para ela, e mesmo que o sorriso não fosse para mim, era quente o suficiente para enrolar meus dedos dos pés.

- Feiticeiro, não mago. Sim?

Depois de um momento, ela acenou, um rubor alto em suas bochechas.

Eu também assentiria, se eu fosse ela. Provavelmente até me jogasse em uma batida de pestana para melhorar.

- Eu vou deixar vocês duas lidar com ele. - disse Jeff, e abriu as portas de sua Hatchback. - Divirtam-se dançando. E se você se cansar mais tarde, - ele levantou suas sobancelhas - me dê uma ligada. - Ele piscou, então entrou no carro e foi embora.

- Um dia desses, eu vou beijá-lo apenas pelo princípio da coisa - eu disse a Mallory enquanto caminhávamos para a Volvo.

- Você deveria ter feito isso naquele momento. Você teria feito o fim de semana dele.

Caminhei em volta e destranquei a porta. - Mas a loira bonita dele teria perdido. Não posso fazer isso.

Mallory balançou a cabeça solenemente. - Verdade. Você é tão generosa.

Entrei no carro, destranquei a porta do passageiro, e esperei enquanto Mallory e Catcher discutiam sobre alguma coisa. Problema aparentemente resolvido, Mallory deslizou para dentro, corando furiosamente. Eu quase perguntei o que eles tinham discutido, mas a forma subconsciente que ela levou seus dedos aos lábios respondeu à pergunta. Sufoquei uma risada, tirei o carro do estacionamento e dirigi para casa.

Catcher, que tinha nos seguido para Wicker Park, acampou no sofá em frente à televisão, enquanto Mallory e eu trocávamos de roupa. Descemos as escadas em jeans da moda, saltos altos e bonitos tops dignos de um clube. O meu era preto com pequenos pontos brancos e mangas curtas - uma pechincha vintage achada. - Mallory usava um top, sem mangas de gola alta, com uma longa gravata amarrada em seu pescoço que brilhava prata na luz.

- Bonita camisa. - ela me disse, dedilhando uma manga enquanto caminhávamos pelas escadas. - É como se você tivesse florescido o estilo durante a noite.

Eu estava tomando sérios acertos sobre as minhas escolhas de moda nesta semana, provavelmente não surpreendente para uma garota cuja decisão de se vestir era geralmente entre cores de camisetas em camadas. Eu não era uma consumidora, para o desgosto da minha mãe (e de Mallory... e de Ethan).

Mas mesmo assim agradeci Mallory e tive a satisfação de ver seus dedos estalarem conscientemente através de seu cabelo na altura dos ombros quando nos aproximávamos da sala.

- Eu tenho certeza que ele vai gostar do seu cabelo - eu provoquei, então enfiei minhas chaves e carteira em uma pequena bolsa preta. Mallory mostrou a língua. Recolhemos Catcher - que culposamente capotou fora de um filme de Lifetime - e saímos.

Red estava localizado em um edifício autônomo, uma estrutura de tijolo de três andares que parecia, estruturalmente, como se pudesse abrigar um estúdio de design. A fachada estava dominada por três linhas de altas janelas arqueadas, cada uma coberta com um relevo esculpido. Estacionamos o carro em uma rua lateral e nos aproximamos da porta, baixo retumbando através das paredes. Fomos dirigidos para o final da curta fila de espera, mas o guarda na porta - careca, vestindo uma camiseta preta e uniforme militar, e usando um fone de ouvido - acenou uma prancheta para nós.

- Nós não estamos na lista. - Catcher disse a ele.

- Nomes? - perguntou de qualquer maneira, sua voz fixa e profunda.

- Catcher Bell, Mallory Carmichael, e Merit. - Catcher disse a ele. Com o rosto sem expressão, o fanfarrão folheou o invólucro de papel cortado em sua placa. Mas então seu olhar ficou rosa, e ele olhou distraidamente para frente e balançou a cabeça como se, eu imaginei, tivesse ouvido alguém na outra extremidade do fone de ouvido. Então ele se afastou da porta e nos acenou para dentro.

Estranho, mas quem éramos nós para discutir com o serviço VIP?

Entramos na batida rítmica de um baixo lento que carregava poder suficiente para vibrar meu núcleo. Mas enquanto a música era estridentemente alta, a decoração era chique. Elegante. As bebidas eram servidas a partir de um enorme bar espelhado que era dobrado contra a parede frontal do edifício, enquanto as paredes laterais eram revestidas de gumes de cortinas espelhadas e cabines de couro vermelho, mesas na frente delas. Minúsculas lâmpadas iluminavam as mesas e refletiam contra os espelhos, dando ao clube o olhar de um café europeu. Uma escada em caracol de ferro forjada estava posicionada próxima ao bar, e uma pequena pista de dança, mas completamente lotada, dominava a parte traseira do aposento. A clientela era tão clássica como a decoração – chiques casais estavam nas cabines ao longo da parede, conversando sobre martinis e cosmopolitas. Eles eram todos estranhamente atraentes – muitos de bolsas Louis Vuitton e sapatos Manolo Blahnik, cuidadosamente penteados e perfeitamente vestidos com roupas adaptadas.

Alguns, eu sabia, eram vampiros. Não tenho certeza de como eu sabia isso - embora o fato de que eles fossem todos estranhamente atraentes era uma certeza. Eles só tinham uma vibração diferente, um diferente sentido sobre eles. E aqui estavam eles, tomando uma bebida de dez dólares, flertando, e balançando com a música apenas como pessoas normais.

Catcher pediu nossas ordens para beber – tônico de vodka para Mal, gin e tônico para mim - enquanto nós fomos para a última mesa espelhada disponível. Deslizamos contra a parede, deixando o assento de fora para Catcher.

- Lugar lindo - gritou Mallory sobre o alto barulho, examinando o local. - Eu não posso acreditar que não estivemos aqui antes.

Concordei, observando o movimento dos dançarinos, pegamos as bebidas de Catcher quando ele voltou. Uma canção terminou e começou uma segunda instantaneamente, as batidas de abertura de Muse, “Hysteria”⁵², soando através do clube. Ansiosa para dançar, eu tomei um gole da minha bebida rápida e agarrei Mallory pela mão, puxando-a para a pista de dança. Nós nos arrastamos com a multidão, encontrando uma lacuna no esmagamento de corpos vestidos por designers, e dançamos. Mudamos, movemos, balançamos quadris e braços, e deixamos a música nos alcançar, nos engolir, tirar as preocupações de nossas mentes em tempo de sintonizar a fúria. Ficamos na pista de dança com aquela música e outra, e outra, e outra, antes de passar através dos corpos de volta para uma pausa, um assento, uma bebida. (E tínhamos deixado Catcher guardando nossas bolsas, então nos sentimos um pouco com a obrigação de voltar).

Mallory deslizou na cadeira ao lado dele, enchendo-o com a sua fabulosa experiência de dança, os olhos dele acesos com diversão enquanto ela conversava com vital animação, empurrando o cabelo atrás das orelhas enquanto falava. Bebi meu coquetel e acabei com a água que esperava por nós.

De repente, a música terminou e o clube ficou em silêncio, mesmo com os flashes que passavam à nossa volta. Uma névoa começou a fluir em torno de nossos pés, um prelúdio para a sinistra batida “Ramalama” de Roisin Murphy⁵³, que começou a derramar pela sala. Os dançarinos do clube, que haviam feito uma pausa entre as músicas, esperando o sinal para avançar novamente, gritaram com alegria, e começaram a se mover com a música mais uma vez. Descansamos por alguns minutos, conversando sobre nada em particular, quando Catcher tomou a bebida da mão de Mallory, a depositou sobre a mesa, e a levou de volta para a pista de dança. Quando ela se virou para mim, seu rosto irradiando choque por ele ter a coragem de esperar que ela seguisse sem estardalhaço, eu pisquei de volta.

Rolei o gelo ao redor da minha bebida, assistindo Mallory corar enquanto Catcher balançava-se contra ela, quando uma voz ao meu lado de repente perguntou: - Boa música, você não acha?

Olhei, surpresa ao encontrar um homem sorrindo com o braço esticado ao longo da cabine atrás de mim. Seu cabelo era cortado, vagamente ondulado, e castanho escuro, enquadrando lapidadas maçãs do rosto, um queixo com fenda, e uma forte mandíbula pontilhada com barba de um dia.

⁵² <http://www.youtube.com/watch?v=VgxgNkppVLo>

⁵³ <http://www.youtube.com/watch?v=rNWDg5DtjUE>

Mas por tudo o que ele era bonito, foi o olhar que me puxou, que chamou a atenção. Isso acelerou meu pulso. Eram escuros, e definidos sob longas sobrancelhas escuras. Ele olhou para mim sob longos cílios pretos, seu olhar sedutor mascarado. Os cílios subiram, desceram, subiram novamente.

Olhos sexy, usava uma justa jaqueta preta de couro, linhas rematadas, um estilo muito rock alternativo - sobre uma camisa preta que aninhou seu torso magro. Em um pulso estava um relógio com uma larga faixa de couro.

Ao todo, o estilo era urbano, rebelde, perigoso, e malditamente eficaz em um vampiro. E ele era *definitivamente* um vampiro.

- É uma ótima música. - Eu respondi, tendo terminado a minha análise, e inclinei minha cabeça em direção a pista de dança. - E as crianças parecem gostar.

Ele balançou a cabeça. - Parecem. Mas você não está dançando.

- Eu estou tomando um ar. Eu estava lá por quase uma hora. - Eu lhe disse, praticamente gritando para garantir que ele pudesse me ouvir por cima da música pulsante.

- Oh? Gosta de dançar, não é?

- Recebo ao redor. - Percebendo como soou, acenei minhas mãos. - Não é isso que eu quis dizer. Eu só quis dizer que eu gosto de dançar.

Ele riu e colocou uma garrafa de cerveja na mesa. - Eu vou te dar o benefício da dúvida - disse ele, sorrindo suavemente e dando-me um olhar cheio de seus olhos. Eles não eram castanhos, como eu havia pensado, mas uma espécie de azul marinho manchado.

E eu fui atingida pelo pensamento de que quando ele finalmente me beijasse, eles iriam lampejar e aprofundar, pulsando prata nas bordas...

Espera. Quando ele *finalmente* me beijasse? De onde, em nome de Deus, isso veio?

Eu estreitei meu olhar para ele, adivinhando a origem da trapaça. - Você acabou de tentar o glamour em mim?

- Por que você pergunta? - Sua expressão era inocente. Muito inocente, mas um canto da minha boca se contorceu de qualquer maneira.

- Porque eu não estou interessada em descobrir qual cor seus olhos ficam quando você beija.

Ele sorriu maliciosamente. - Então, a questão é que minha boca agora está na sua mente?

Revirei os olhos dramaticamente e ele riu, depois pegou sua cerveja tomando um gole. - Você está ferindo o meu ego, você sabe.

Eu dei ao seu corpo, pelo menos a parte que não estava escondido debaixo da mesa, uma avaliação rápida. - Eu duvido disso. - Eu disse a ele, e tomei um gole animador do meu próprio coquetel. Uma rápida olhada ao redor do clube confirmou a suspeita, revelando mais do que algumas mulheres - e um punhado de homens- cujos olhos estavam colados no homem ao meu lado. Dada a intensidade dos olhares - e minha propensão de errar - eu me perguntei se ele era algum tipo de celebridade vampiro que eu deveria saber. Com medo de ser desajeitada novamente, eu não queria perguntar, então eu decidi cuidadosamente orientar meu caminho em direção a uma introdução.

- Você vem muito aqui?

Ele umedeceu os lábios e desviou o olhar rapidamente, em seguida de volta para mim, rindo descontroladamente como se ele soubesse um segredo especial.

- Venho bastante aqui. Não me lembro de vê-la antes.

- É a minha primeira vez - eu admiti. Inclinei a cabeça para Mallory e Catcher, que balançavam na borda da multidão, seus corpos amassados juntos da cintura para baixo, suas mãos nos quadris um do outro. Trabalhe rápido, eu pensei, sorrindo para Mallory quando ela chamou minha atenção.

- Estou aqui com amigos - eu disse a ele.

- Você é nova, feita recentemente, quero dizer.

- Quatro dias. E você?

- É indelicado perguntar a idade de alguém.

Eu ri. - Você acabou de perguntar!

- Ah, mas esse é o meu lugar - Isso explica o sorriso secreto, mas desde que eu não sabia nada sobre o clube, isso não me dá qualquer informação útil sobre quem ele era. - Posso pegar uma bebida para você?

Eu segurei o coquetel meio cheio na minha mão. - Estou bem. Obrigada, de qualquer jeito.

Ele balançou a cabeça e tomou um gole da sua própria cerveja. - O que você está achando do vampirismo?

- Se fosse uma casa, - eu respondi depois de algumas considerações sérias. - eu a chamaria de um fixador superior.



Ele bufou, em seguida cobriu o nariz com as costas da mão enquanto deslizava-me um olhar divertido. Isso me fez sorrir, pensar que mesmo os bonitos vampiros conseguem cerveja acima de seus narizes. - Bem dito.

Eu sorri para ele. - Nós tentamos. O que você acha do vampirismo?

Ele cruzou os braços, embalando a cerveja contra o seu peito, e me deu um rápido olhar. - As vantagens são boas.

- Oh, vamos lá. Certamente você tem linhas melhores que isso.

Ele parecia desolado. - Estou retirando todo o meu melhor material.

- Então eu odiaria ver o fundo desse barril.

Ele pôs a mão no meu ombro e se moveu para mais perto, o movimento enviando pequenas faíscas em minha pele, em seguida colocou uma mão estendida na nossa frente. - Imagine uma paisagem de nada além de referências astrológicas e impertinentes comentários humorísticos. É a isso que você vai me reduzir.

Cobri meu coração fingindo simpatia. - Eu diria que sinto muito em ouvir isso, mas principalmente sinto muito pelas mulheres que tem que ouvir isso.

- Você está me matando aqui.

- Oh, não me culpe por isso - eu disse em uma risada. - É o material que precisa trabalhar.

- Oh, eu te culpo - ele disse solenemente. - Eu vou morrer um homem solitário...

- Você é imortal.

- Vou viver uma vida longa e solitária, - ele rapidamente corrigiu, se curvando um pouco para baixo na cabine, - porque você está sendo excessivamente crítica sobre as minhas cantadas.

Eu acariciei seu braço, o firme músculo debaixo da minha mão, e senti um simpático rubor cruzar o meu rosto.

- Olhe, - eu disse a ele. - você tem uma boa aparência. Eu duvido que você precise de cantadas. Há provavelmente uma mulher desesperada lá fora, apenas esperando você se aproximar.

Ele gesticulou como se puxando uma faca de seu peito. -Boa aparência? *Boa*?! Esse é o beijo da morte. E você acha que uma mulher desesperada é o melhor que eu posso fazer? - Ele fez um som frustrado, cujo efeito foi atenuado pela inclinação travessa de sua

boca. Colocando a garrafa de volta na mesa, ele se levantou. Eu pensei que tinha conseguido afugentá-lo, até que ele estendeu uma mão. Eu levantei as sobrancelhas em questionamento.

- Desde que você me feriu, eu acho que você me deve uma dança.

Não havia espaço para debate no pronunciamento, sem espaço para erro ou ajuste. Era a mente do vampiro macho, - eu me perguntei. - que excluía a possibilidade de discussão? Isso não poderia abranger um desafio à autoridade? Ou talvez fosse uma questão de autoridade. Baseado no que eu tinha ouvido falar de sua fixação por esportes, eu não achei que esse fosse Scott Grey, o chefe da Casa que tinha o seu nome. Quem quer que ele fosse ele exalava o mesmo sentimento de propósito que Ethan. Ele estava em alta escala, qualquer que fosse a Casa que o reivindicava.

E eu, claro, era uma humilde Iniciada. Mas uma humilde Iniciada *solteira*, por isso levantei-me e peguei sua mão.

- Bom - ele disse com olhos brilhantes, e então juntou nossos dedos e me levou para a pista de dança, o que me deu outra chance de avaliar. Ele era um par de centímetros mais alto que eu, talvez cerca de um metro e oitenta e três. Sua parte baixa era tão rock and roll como o topo - escura calça de brim que perfeitamente se encaixavam em suas longas pernas, botas pretas e um cinto de couro grosso que segurava o jeans em seus quadris. E o melhor de tudo, uma divina bunda que era perfeitamente enquadrada pelo tecido de brim. O homem era uma propaganda andante da Diesel.

Quando ele encontrou um lugar para nós, ele se virou para mim e levantou minhas mãos ao redor de seu pescoço, pôs as mãos em meus quadris, e se moveu em perfeito sincronismo com a música. Ele não tentou complicados passos de dança - sem giros, sem curvas, sem manifestações de suas proezas. Mas ele moveu seu quadril contra o meu com o tempo da batida pulsante, o tempo todo olhando para mim com um meio sorriso peculiar. Então ele molhou os lábios e inclinou-se para frente. Eu pensei que ele queria me beijar, e eu vacilei, mas em vez disso, ele disse seus lábios próximos ao meu ouvido. - Obrigado por não me recusar. Eu teria que escapulir do meu próprio clube.

- Eu tenho certeza que o seu ego teria resistido. Você é um grande e forte vampiro, afinal.

Ele riu. - De alguma forma, você não parece muito impressionada com o vampirismo, então eu não tinha certeza de que isso me recomendaria.

- Justo - eu lhe dei essa. - Mas você tem realmente bonitos... sapatos.

Ele piscou, então lançou um olhar questionável a suas botas. - Eles estavam no meu armário.

Eu aspirei e puxei a manga de sua jaqueta. - Por favor. Você tem planejado esta roupa por uma semana.



Ele deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás divertindo-se no momento. Quando se estabeleceu novamente, ocasionalmente quebrava em tremores de riso, ele sorriu sutilmente para mim. - Eu admito isso. Eu dou uma merda para o que eu pareço. - Então, ele puxou a fina manga da minha camisa. - Mas olha o que isso me trouxe.

Não havia resposta que eu poderia dar além de sorrir de volta para ele pelo elogio, então foi exatamente o que eu fiz. Ele sorriu e colocou as mãos em meus quadris, e eu acomodei as minhas nas firmes curvas de seus ombros, e dançamos. Dançamos até que música mudou, saltando imediatamente para algo mais rápido, algo mais forte e, em seguida continuamos dançando - em silêncio, atentamente, enquanto corpos se moviam ao nosso redor.

Percebi então que parte do zumbido, da vibração de meus membros, não era da música estridente. Vinha dele, do zumbido tangível de energia que andava sob essa boa forma na minha frente.

Ele era um vampiro, e um poderoso.

A música mudou de novo, e ele se inclinou para frente. - E se eu pedir o seu telefone?

Eu sorri para ele. - Será que você não gostaria do meu nome primeiro?

Ele acenou pensativo. - Essa é provavelmente uma informação importante.

- Merit. - eu disse a ele. - E você é?

A resposta dele não era o que eu esperava. Seu sorriso alegre desapareceu, e ele congelou no lugar, mesmo quando as pessoas se moviam à nossa volta. Suas mãos caíram dos meus quadris, e eu conscientemente puxei minhas mãos para trás de seus ombros.

- Morgan. Navarre. Segundo. De qual Casa você é?

Isso explicava a vibe de poder. Eu tive um mau pressentimento sobre sua reação à minha resposta, mas ofereci de qualquer forma, com hesitação. - Cadogan?

Silêncio, então: - Como você entrou aqui?

Pisquei para ele. - O quê?

- Como você entrou aqui? Meu clube. Como você entrou aqui? - Seu olhar tomou um brilho de aço, e eu imaginei que a hora do flerte, chegando-para-conhecer-você, tinha acabado. Então me lembrei das palavras de Catcher, sua advertência de que Cadogan era olhada de cima por beber dos humanos.



Examinei seu rosto, tentando ler sua expressão, tentando avaliar se era dali que a súbita tinha vindo – de alguma irracional discriminação por mordida de Casa. - Você está brincando?

Ele pegou minha mão e me puxou através dos dançarinos para fora e longe da pista de dança. Quando estávamos de volta ao clube, ele me obrigou a parar e me encarou. - Eu perguntei como você chegou aqui.

- Eu vim através da porta da frente, tal como todos os outros. Será que você pode me dizer o que há de errado?

Antes que ele pudesse responder, suas tropas chegaram, um grupo de vampiros que se agruparam em torno dele. Na frente e no centro estava Celina Desaulniers, a vampira mais famosa de Chicago. Ela era tão bonita em pessoa como na TV. Uma pin-up⁵⁴, vampira de HQ - corpo-fino, longas pernas, cintura fina, seios voluptuosos. Ela tinha longos, ondulados cabelos pretos que iluminavam seus olhos azuis e pele de porcelana. Escondendo muito pouco daquela pele estava um vestido de bainha curta de cetim cor de champagne, que era recolhido em dobras intrincadas no corpete. Seus saltos combinavam com o tom.

Ela olhou para mim com desdém óbvio. - E quem é essa? - Sua voz era mel, fluindo e eficaz. Senti um breve desejo insistente de cair a seus pés, implorar o seu perdão, me aproximar só para que eu pudesse escovar uma mão contra a sua pele, o que eu sabia que iria ser suave como a seda. Mas cerrei as mãos contra o que eu percebi tardiamente era outra tentativa Navarre de glamour, minha resistência reforçada pelo fato de que Mallory e Catcher haviam se juntado a nós, e ficaram atrás de mim, como suporte. Os olhos de Celina se arregalaram, e eu imaginei que ela estava surpreendida pelo truque não ter funcionado.

- Merit. - disse Morgan nitidamente, o fofoqueiro. - Cadogan.

- Alguém, por favor, me explique qual é o problema? - Eu não consegui resposta para a pergunta. Em vez disso, Celina olhou para mim, olhou sobre mim, arqueando uma delicada sobrancelha. Ela repetiu o nome de Morgan, uma demanda implícita.

- Você precisa partir. - disse Morgan. - Nós temos humanos aqui, e nós não permitimos vamps de Cadogan no clube.

Olhei para ele. O que eles achavam que eu ia fazer? Iniciar um massacre com os dançarinos? - Olha, o cara na porta deixou eu e meus amigos entrar - eu disse, com intenção de fazer-los compreender, uma cotovelada contra o preconceito cego. - Não estávamos causando problema, estávamos dançando. Nós certamente não iríamos assediar os humanos.

Eu olhei para Morgan por apoio, mas ele apenas desviou o olhar. Aquele pequeno ato de rejeição, de negação, me picou. Frustração começou a dar lugar à raiva, e meu

⁵⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pin-up>

sangue começou a pegar fogo. Movi-me um passo em frente, mas uma mão no meu cotovelo me parou.

- A luta não vale à pena. - Catcher sussurrou. - Não por isso. - Ele gentilmente me puxou para trás na direção da porta. - Vamos sair daqui.

Celina olhou para mim novamente, e por um momento éramos os dois únicos vampiros no local. Seja qual for o poder que ela tinha - e era muito além de qualquer coisa que já tinha sentido - se arrastou por mim em lentas picadas. Com a duração de uma batida de coração, e eu estava envolvida no seu interior, envolto por ele. No início, eu não tinha certeza do que ela estava tentando fazer - o impulso não era fisicamente ameaçador, mas era agressivo. Eu não acho que ela poderia me machucar, mas ela tentou escapulir para dentro de mim, procurando fraquezas, sentindo meus pontos fortes. Ela estava me avaliando, aqui na frente de seu Segundo e seus patronos, na frente de Catcher e Mallory. Ela estava me medindo, me testando, esperando por eu gritar, dar um passo atrás, cair abaixo dessa barragem de poder. Eu sabia que não era forte o suficiente para colocar um muro contra ela, mas eu não iria desistir, implorar para parar, ou chorar. E mesmo se eu tivesse sido forte o suficiente, eu não sabia como lutar contra isso, como batalhar contra isso. Então eu fiz a única coisa que eu conseguia pensar - absolutamente nada. Eu coloquei minha mente em branco, pensando que se eu não lutasse contra ela, se eu não colocasse paredes, ela iria deslizar e fluir ao meu redor. Era mais fácil dizer do que fazer - eu tinha que lutar para não prender a respiração enquanto o ar engrossava, pulsando com energia.

Mas eu consegui manter meus pensamentos claros, olhei de volta em seus olhos azuis, e deixei um canto da minha boca curvar para cima.

Seus olhos brilharam prata.

Em termos de vampiro, ela piscou.

- Celina.

A voz de Morgan quebrou o feitiço. Eu vi a concentração dela hesitar, vi seu corpo relaxar quando a magia se dissipou ao nosso redor. Ela tomou uma respiração e deslizou seu olhar para Morgan, instruindo suas características em impermeabilidade arrogante. - Você tem concorrência, pet, do pequeno brinquedo de Ethan.

Eu quase rosnei, e quase saltei nela (embora só Deus saiba o que eu teria feito), mas os dedos de Catcher, ainda em torno do meu braço, se apertaram.

- Merit - Catcher disse baixinho - deixe isso ir.

- Pegue o conselho, brinquedinho. - Celina me disse.

Eu queria responder, mas isso daria o que ela queria. Eu decidi que não ia jogar de volta raiva ou palavras sarcásticas. Não, essa era a minha chance de jogar o melhor

vampiro. Para jogar a fria, calma, garota. Para jogar de a Iniciada que ainda se lembrava do que era ser humana.

Eu mantive o meu olhar sobre Celina, e copieei um movimento que eu tinha visto Ethan fazer: Eu deslizei minhas mãos nos bolsos do meu jeans, mantive a minha postura profissional, e deixei minha voz ficar um pouco mais profunda, um pouco mais densa. - Não um brinquedo, Celina. Mas com certeza eu sei exatamente o que eu sou. - Que essas palavras imitaram plenamente Ethan não me ocorreu até muito mais tarde.

- Boa menina - sussurrou Catcher, e puxou meu braço, me levando embora. Segui com o pouco de orgulho que eu tinha deixado, e não consegui lançar um olhar para trás para o garoto de cabelos castanhos que tinha me vendido para sua Mestra.

Fiquei quieta até que estávamos a um quarteirão do clube, e Catcher, aparentemente tendo nos considerado a uma distância segura o suficiente, ofereceu: - Tudo bem. Deixe sair.

E eu deixei. - Eu não posso acreditar que as pessoas ajam desse jeito! É o século XXI, pelo amor de Deus. Como está tudo bem em discriminar? E o que diabos aconteceu com Celina me testando? - Virei-me para Catcher, meus olhos provavelmente selvagens, e agarrei seu braço. - Você sentiu aquilo? O que ela fez?

- Você teria que ser completamente distraído para não sentir. - Mallory acrescentou. - A mulher é uma parte do trabalho.

- Eu pensei que você disse que vampiros não têm magia? - Eu perguntei a ele. - O que diabos era aquilo?

Catcher sacudiu a cabeça. - Vamps não podem *fazer* magia. Eles não podem realizá-la. Eles não podem curvar e dar forma a ela. Mas você ainda nasceu daquela magia, daquele poder, se você chama vampirismo de genético ou não. Você pode senti-la. Testá-la. E vamps sempre podem fazer o que vamps fazem melhor: manipular.- Ele puxou o folheto de Red do bolso de novo.

- Eles nos usaram como iscas - eu percebi. - Eles identificaram nossos carros, plantaram os insetos.

Catcher assentiu e guardou novamente o papel. - Ela queria dar uma olhada.

- Em mim?

- Eu não sei - ele disse olhos em Mallory. - Talvez. Talvez não.

- E então há os Olhos de Quarto - eu disse. - Eu não posso acreditar que cáí por aquele cantador, até dancei com ele. Você acha que foi tudo um truque?



Catcher suspirou mãos unidas acima da cabeça, e olhou para trás, para Red. - Eu não sei Merit. Você acha que ele estava tramando?

Ele parecia sincero. Genuíno. Mas quem poderia dizer? - Eu não sei - eu decidi. - Mas você sabe qual é a moral desta história?

Nós tínhamos chegado ao Volvo, e eu fiz uma pausa no processo de destrancar as portas, esperando para garantir que eu tivesse a atenção deles. Quando eles olharam para mim, eu ofereci. - Nunca confie em um vampiro. *Nunca*.

Eu estava prestes a entrar no banco da frente, quando notei que o Hummer estacionado na frente do meu carro tinha uma placa onde se lia "*NVRRE*." Sorrindo maliciosamente, eu corri para ele e chutei um dos grandes pneus. Quando o alarme do carro começou a soar descontroladamente, eu entrei em meu carro, e liguei. Não fez muito para o Hummer, mas a catarse foi boa.

Quando estávamos em nosso caminho a quadras do clube, eu encontrei o olhar de Catcher no espelho retrovisor.

- Todo aquele drama porque bebemos?

- Em parte - Catcher disse. - O folheto colocou você no clube para uma olhada; beber fez você ser expulsa. É uma maneira conveniente de Celina pesquisar na cidade, ter gente vindo involuntariamente a sua porta.

- Involuntariamente para sua teia. - Mallory murmurou, e eu acenei. Era inútil, eu supus, lamentar a Casa onde nasci, mas que maneira de entrar no mundo dos vampiros. Quatro dias depois da mudança e um pedaço da população de Chicago decidiu que não gostava de mim por causa da minha filiação. Por causa de o que os outros fizeram. Isso fedia a preconceito humano.

Catcher se esticou no banco de trás. - Se faz você se sentir melhor, ambos receberão o que está vindo para eles.

Bati os dedos contra o volante enquanto dirigia, em seguida, encontrei o olhar dele de novo. - Significando o que, exatamente?

Ele encolheu os ombros e desviou o olhar, olhando para fora da janela lateral. Aparentemente, ele era psíquico, também, nosso ex-feiticeiro da quarta série.

- Catch, você sabia que isso ia acontecer? Sabia que era um bar de Navarre?

Catch? Olhei para Mallory, surpreendida que eles já haviam progredido para apelidos. Aparentemente eu tinha perdido alguma ligação séria na pista de dança. Mas a expressão dela não mostrou nada.

- Sim, *Catch*, - eu repeti - você sabia?

- Eu queria dar uma olhada no clube - ele disse. - Eu sabia que era um clube de Navarre, mas não tinha me ocorrido que seríamos iscas. Eu certamente não tinha a intenção de sermos expulsos, de nos tornar atores no jogo de moralidade de Celina, embora eu suponha que isso não deveria me surpreender. Vampiros, - ele disse com um suspiro cansado. - são foddidamente desgastantes.

Mallory e eu trocamos um olhar enquanto ela rodava uma mecha de cabelo em torno de seu dedo. - Sim querido, - ela disse, fazendo uma linda imitação de Zsa-Zsa⁵⁵ Gabor. - vampiros são desgastantes.

Eu fingi um sorriso, e nos levei para casa.

Eu estava escovando meus dentes em um pijama esfarrapado – uma camiseta verde-pálido de um ex-namorado onde se lia EU SOU UM ZOMBIE e um par de boxers - quando Mallory, ainda com roupas de clube, correu para o banheiro e bateu a porta fechada. Parei em meia escovada, e olhei para ela com expectativa.

- Então, eu tenho que terminar com Mark.

Sorri. - Isso pode não ser uma má idéia - eu concordei e retomei a escovação. Mallory chegou perto de mim na frente do balcão e encontrou o meu olhar no espelho.

- Estou falando sério.

- Eu sei. Mas você estava falando de romper com Mark antes que você conhecesse *Catcher*. - Terminei a escovação, espirrei um pouco de água na minha boca e cuspi. Agradeço a Deus por amigos que são próximos o suficiente para assistir você escovar os dentes sem ficar enojados.

- Eu sei. Ele não é certo para mim. Mas é muito tarde, e eu preciso dormir, e me sinto realmente estranha sobre esse eu-tenho-meu-trabalho-porque-eu-desejei-por-isso. E então há *Catcher*.

Ela se acalmou, obviamente pensando, e seu silêncio deixou um espaço para as estirpes de ruído da televisão de baixo, que flutuavam pela casa. Um narrador estava descrevendo a situação de uma mulher espancada que iria superar a adversidade, câncer, e a pobreza desesperada para começar uma nova vida com seus filhos.

Limpei minha boca em uma toalha e olhei para ela. - É o fato de que ele está lá embaixo assistindo ao canal Lifetime novamente.

⁵⁵ É uma famosa atriz e socialite austro-húngara radicada nos Estados Unidos. Em 1936, ganhou uma competição de beleza em seu país. Apareceu em diversos filmes como *Moulin Rouge* (1952), *Lili* (1953), e em muitos outros. Fez também teatro e televisão nas séries *Batman*.



Ela coçou a cabeça. - Ele acha isso inspirador? - Debrucei um quadril contra a bancada do banheiro. - Você deveria ir por isso.

- Eu apenas não estou certa. De repente, sobre isso, eu não estou certa. Trabalho, eu tenho certeza. Suas presas, eu estou bem. Mas este garoto. Ele tem bagagem, e magia, e eu não sei...

Eu a abracei, entendendo que isso não era apenas sobre Catcher, mas sua confirmação da nova forma de sua vida. Do fato de que seu interesse no ocultismo, na magia, tornou-se algo muito, muito mais pessoal.

- O que quer que você faça, - eu disse a ela - eu estarei aqui.

Mallory inalou, indo para trás alisando cuidadosamente as lágrimas que estavam sob seus olhos azuis. - Sim, mas você é imortal. Você tem tempo.

- Você é uma vaca. - Saí do banheiro e desliguei a luz, deixando-a no escuro.

- Uh, quem comeu o seu peso em linguiça mais cedo nesta noite?

Eu ri, e entrei no meu quarto. - Divirta-se com Romeo - eu lhe disse, e fechei a porta atrás de mim. Na fria cama do quarto, ainda estando a um par de horas da madrugada, eu peguei de volta os cobertores, acendi a lâmpada ao lado da cama, e me estabeleci com um livro de contos de fadas. Não me ocorreu que dada à forma atual da minha vida, eu não tinha necessidade de lê-los. Eu estava vivendo eles.

Capítulo 8

As presas significam nunca ter que dizer: desculpe

Ao anoitecer, acordei com o cheiro de tomates e alho, e corri para baixo em meu pijama. A televisão estava ligada, mas a sala estava vazia. Eu me arrastei para a cozinha, onde encontrei Mallory e Catcher, ambos começando a comer espaguete com molho de tomate. Meu estômago começou a roncar.

- Suponho que não tenha sobrado nada.

- Cozinha - Catcher disse, puxando o fim da baguette⁵⁶ - O deixamos ali. Sabendo que você desceria.

Eles tinham feito isso? Eu me perguntei com um sorriso, e fui até o fogão. Não tinha certeza sobre como me sentir por comer espaguete no café da manhã - ou café da manhã quase às oito horas da noite - mas meu estômago não sofreu nenhuma náusea, roncando mais alto enquanto eu colocava os restos da panela em um prato.

Procurando por uma bebida, fui até a geladeira para pegar um refrigerante, mas minhas mãos pararam sobre as bolsas de sangue, meus dentes de repente, pulsaram com a urgência de afundar-se em uma bolsa. Toquei-os com a língua, senti a dor dos meus dentes crescidos.

Não estava, pensei, a agressiva fúria da fome que eu senti há dois dias atrás.

Ainda assim, peguei uma bolsa do tipo A e olhei timidamente para Mallory e Catcher.
- Preciso de sangue – disse-lhes. - Mas eu posso tomá-lo em outro lugar se quiserem.

Mallory sorriu e mastigou um bocado de espaguete. – Você está pedindo permissão para me morder? Por que você já deveria saber que não me importo.

Sorri agradecida e com a permissão dada, peguei um copo limpo no armário e enchi-o com a bolsa. Eu não tinha certeza de quanto aquecê-lo então marquei alguns segundos no microondas, coloquei-o e fechei a porta. Quando apitou, corri para agarrá-lo, e esvaziei o copo em segundos. O sangue tinha um ligeiro sabor de plástico, provavelmente da bolsa, mas valia à pena. Repeti o movimento derramar, esquentar, tomar até que esvaziei as bolsas, então bati em meu estômago, feliz, peguei meu prato de espaguete e levei um banquinho para o lado de Catcher.

⁵⁶ É uma fina fatia de um longo pão francês: <http://tinyurl.com/37srv9h>

- Tudo isso te tomou três minutos - disse ele, polvilhando pimenta vermelha em sua comida.

- E foi um pouco anticlímax - disse Mal – Já que você olhou o microondas todo o tempo. Pensei que estava fazendo algum tipo de invocação, talvez roer o plástico. Grunhindo - deu outra garfada no espaguete, então, disse. - Arranhando a terra. Latindo.

- Sou um vampiro, não um cão. – lembrei-lhe e comecei a comer o meu próprio espaguete. – Então – eu disse depois que mastiguei uns poucos e saborosos bocados. Diga o que quiser sobre a atitude de Catcher, o cara sabia cozinhar. - O que aconteceu aqui hoje?

- Mark vai fazer Esqui Aquático. - Catcher disse. - Felizmente, não teremos mais que nos preocupar.

Mallory deu-lhe um olhar assassino. - Eu realmente gostaria que você não dissesse isso. Ele tem sentimentos, você sabe.

- Mmm- hmm.

- Você poderia acalmar um pouco essa atitude. - Mallory advertiu, escorregando para fora do banco. Deixou seu prato na pia e saiu furtivamente da cozinha.

- Problemas no paraíso? - Perguntei quando ela se foi, deslizando um olhar de soslaio para Catcher.

Ele levantou um ombro. - Ela disse a Mark para vir e assim poderia terminar com ele pessoalmente. Ele estava um pouco decepcionado. Os dois choraram.

- Ah!

Comemos em silêncio, até que limpei nossos pratos, e coloquei os dois na pia. - Vamos dar-lhe algum espaço. Vamos para o ginásio.

- Vou te dar um par de horas. Logo preciso ir ao escritório.

- Em um sábado?

Ele apenas deu de ombros em resposta. Catcher, estava aprendendo, era um cuidadoso guardião de informação. A habilidade, provavelmente o fazia inestimável para meu avô.

Quando saímos da cozinha, perguntei. - Posso segurar sua espada hoje?

Catcher me olhou por cima do ombro com uma sobrancelha levantada.

- A espada - corrigi. – A espada.

- Veremos.

Nós treinamos por duas horas, pulamos a evolução física, indo diretamente aos movimentos básicos que Catcher tinha começado a me ensinar no dia anterior. Eu sempre havia sido rápida em aprender, uma capacidade melhorada pela necessidade de aprender rapidamente as rotinas de balé, mas minha memória muscular era ainda mais forte agora, e os movimentos eram quase automáticos no momento que a sessão terminou. Isso não significava que fosse elegante, mas tinha aprendido o que tinha que fazer, pelo menos. Catcher cumpriu a metade de sua promessa de me deixar pegar a espada.

Ele não me deixava tocar a lâmina desembainhada, mas ele me permitiu colocar o cinturão que sustentava a bainha, antes de tirá-la de mim para demonstrar como sacá-la em uma posição de joelhos. Os movimentos que me ensinou, e que me explicou, eram semelhantes a esses de Laido⁵⁷, e estavam projetados para permitir ao portador da espada, reagir ante uma surpresa - e a esses desonrados - ataques. Quase perguntei por que um ataque surpresa era tão desonroso, ele precisava me ensinar como me defender de um. Mas imaginei que um movimento de ombros, pintaria sua resposta, e isso seria tudo o que conseguiria saber sobre os vampiros desonestos. Então não me preocupei em perguntar.

Quando Catcher terminou comigo, troquei para minha roupa de sair e disse adeus.

Ele foi para o escritório de meu avô no Lado Sul, enquanto que eu optei por me fazer de boa a pequena vampira de Cadogan. Dirigi até o Hyde Park com a intenção de informar a Ethan sobre os eventos do dia anterior. Não estava entusiasmada por vê-lo novamente, não depois do nosso último encontro, mas não tinha dúvida que ele ouviria sobre as nossas atividades no Red.

E essa história, eu pensei, era melhor vir diretamente de mim. Não tinha certeza de como abordar o tema de Morgan, sobre o fato de que tinha flertado com um vampiro de Navarre nem sequer vinte e quatro horas após a nossa troca de beijos e a direta proposta de Ethan. Decidi entrar na Casa Cadogan, em seu domínio, por isso era provavelmente melhor não mencionar o problema em absoluto. Ethan, os guardas me informaram, estava em seu escritório, caminhei diretamente para lá, e bati na porta, mesmo tendo certeza que ele tinha sido informado da minha chegada. Ele soltou um “Entre”, eu entrei e fechei a porta do escritório atrás de mim. Ethan em seu uniforme “a La Armani” estava atrás de sua mesa, com uns arquivos abertos diante dele. Ele ficou olhando intencionalmente o conteúdo, seus olhos se movendo de um lado para outro através da página que estava lendo.

- Olha quem entrou de bom grado em meu escritório de injustiça.

Eu gradualmente relaxei feliz por aceitar o sarcasmo assim como o humor predominante, então parei em frente a sua mesa.

- Posso ter um minuto?

⁵⁷ Arte marcial japonesa do desembainhar da espada.

- O que você fez agora?

Obviamente, íamos evitar o tema do nosso beijo completamente. Bom para mim.

- Nada, mas obrigado pelo voto de confiança. Meu ego está inflado.

- Hmm. - Sussurrou com uma dúvida óbvia, seu olhar ainda sobre os papéis em sua mesa. - Se você está aqui por sua própria vontade, e não ouvi nenhum grito de Malik sendo arrastado por você no corredor, eu suponho que você deva... – parou completamente. -... ter se resignado ao seu destino?

- Estou trabalhando em aceitar o fato de que sou um vampiro - eu disse, apoiando-me na borda de sua mesa.

- Nossos corações batem simultaneamente. - Ethan respondeu, olhando-me finalmente, com aqueles selvagens olhos verdes. Ele relaxou na cadeira. - Embora eu possa ver que seu guarda-roupa não tenha melhorado.

- Eu estava treinando com Catcher Bell. Ele está me introduzindo no kata⁵⁸.

- Sim. Nós conversamos sobre isso. Então, o que a traz aqui?

- Um infeliz tropeção com os vampiros de Navarre.

Ethan me olhou tranquilamente por um momento, depois cruzou os braços sobre seu peito.

- Explique-se.

- Fui ao Red na noite passada. Conhece esse lugar?

Ele balançou a cabeça. - É o clube Navarre.

Sim, se Catcher apenas tivesse mencionado isso, pensei tristemente, mas não tinha nenhum sentido arrepender-me do passado. – Eles nos deixaram entrar, Mallory, Catcher e eu, mas não nos rejeitaram até que um vampiro Navarre descobriu que eu pertencia a Cadogan.

A testa de Ethan enrugou-se. - Já que eu duvido que você tenha espalhado a informação você mesma, como eles souberam que era de Cadogan?

- Eu conheci um vampiro Navarre, Morgan?

Uma pausa cuidadosa, em seguida, Ethan assentiu novamente.

⁵⁸ Palavra japonesa utilizada em várias artes marciais: http://pt.wikipedia.org/wiki/Kata_%28artes_marciais%29

- Ele apresentou-se, ofereceu sua afiliação a Casa, e eu fiz o mesmo.

- Ele apresentou a si mesmo?

Eu assenti. – Foi aí quando ele descobriu que eu era de Cadogan, e quando se tornou um completo idiota. Celina e outros vampiros foram chamados, e eles nos expulsaram do clube. Eu queria te dizer no caso de que alguém mais suponha que eu saí por aí, não sei, causando estragos e dando um nome ruim a Cadogan. - Ou um nome pior, me corrija mentalmente.

Os olhos de Ethan alargaram-se. – Eu deveria presumir isso?

- Por que jogar a culpa onde eu pertenço se podiam me acusar de... bode expiatório?

- Touché⁵⁹ – concordou, um canto de sua boca subiu em um sorriso.

Baixei a cabeça. Ethan se levantou de sua cadeira, as mãos cruzadas atrás das costas, e caminhou até a mesa de conferência no final da sala. Em seguida, virou-se e encostou entre dois de seus lugares combinados. O movimento colocou uma distância entre nós, e achei interessante a ansiedade que tinha em afastar-se.

- E ainda assim deixaram que entrasse no clube em primeiro lugar. Por quê?

- Eles deviam saber quem eu era. Encontramos panfletos, Catcher e eu, da Red em nossos carros. Ele sugeriu darmos uma voltar pelo lugar e eles nos deixaram entrar.

- Ela queria dar uma olhada em você.

Eu assenti. - Essa era a teoria de Catcher.

- Celina provavelmente sabia seu nome de família, viu o nome no registro, e quis dar-lhe um muito passivo-agressivo “Olá”.

- Ela soa como um convite.

- Celina não é a mais... filantrópica dos vampiros. - Ethan disse. - Mas ela é inteligente. É atenta, determinada e muito, muito protetora de seus vampiros. Navarre floresceu sob seu comando, e o GP a ama. Além disso, está o fato de que ela é um dos vampiros mais poderosos dos Estados Unidos.

Encontrei seu olhar e pensei no teste que ela tinha feito comigo, pensei sobre o fato de que eu tinha resistido bastante a ela para colocar um olhar de desgosto em seu rosto.

⁵⁹ Touché é uma expressão de origem francesa que é utilizado na Esgrima quando se elimina o adversário.

- Suas habilidades psíquicas são particularmente notáveis - ele continuou. – Ela tem uma surpreendente habilidade para o glamour. É algo assim, como nas velhas histórias sobre quando os mortais ficavam hipnotizados ao fazer contato visual.

Virou sua cabeça para mim, dando-me um olhar apreciativo. Eu me senti exatamente como me senti com Celina, na noite anterior – sutil o fluxo de uma magia que me colocava a prova. Mas, enquanto a investigação de Celina era insistente, agressiva, a de Ethan se movia como água sobre as rochas, escorrendo, gotejando, verificando a forma do que estava por baixo.

- Você estará a altura dela – ele finalmente concluiu.

Concordei, optando por não dizer-lhe que ela tinha tentado utilizar o glamour em mim, ou que ela tinha falhado. De que havia sentido o *puxar*, mas que eu tinha tirado de cima. Se isso era uma amostra de meus crescentes poderes, ele descobriria em breve.

Sem elaborar, Ethan moveu-se para o outro lado da sala para a parede de estantes de livros, atrás das cadeiras de couro, e pegou de uma delas um livro fino.

- Venha aqui Merit.

Eu me empurrei para fora do ambiente de trabalho e o segui, parando timidamente a alguns passos atrás dele.

Ethan olhou através do volume de couro vermelho até que encontrou uma página em particular, então, entregou-me o livro, as páginas se espalharam abertas entre seus dedos longos. Quando eu encontrei seu olhar, ele bateu no livro com um dedo.

A sensação de medo rolou em meu abdômen, mas me forcei a olhar.

Era tão horrível como eu tinha previsto. Em cada lado da página havia letras em madeira, suas linhas negras contrastando contra o papel de linho.

Cada madeira descrevia a um vampiro, ou medievais ou vampiros imaginários de qualquer maneira. O impresso do lado esquerdo mostrava uma donzela com um grande busto deitada debaixo de uma árvore na floresta e uma caricatura animalesca de um vampiro masculino, com suas longas presas sobre ela, prontas para morder. O vampiro estava nu da cintura para cima, e não estava usando sapatos. Seus dedos transformados em garras, seu cabelo longo, escuro e sarnento. Cascos, talvez o mais revelador, estavam afundados na terra.

Abaixo da madeira, em uma letra elaborada, estavam as palavras:

Acautelai-vos do Vampiro, cuja luxúria tenta o casto.

Mas o trabalhador camponês que esculpiu o bloco original não só havia oferecido um problema – o vampiro tirador de virgindade - mas também uma solução.



Na primeira página, o vampiro estava parado sozinho, com as mãos amarradas na árvore, como também seus tornozelos e pescoço. O pescoço tinha sido cortado, sua cabeça caída para um lado, seu intestino tinha sido arrancado, órgãos derramados através de seu coração, que jazia no chão ao seu lado, tinha uma estaca de madeira.

Talvez o pior de tudo, era que seus olhos estavam abertos, com um rio de lágrimas provenientes de suas córneas, com seu olhar em algo fora da página, com uma expressão de terror, dor, perda. Esta não era uma caricatura. Isto era um retrato, uma imagem de um vampiro na mais profunda agonia. O artista, se esse era o termo apropriado para o criador de algo tão repugnante, havia mostrado muito pouca simpatia. Esta madeira tinha a inscrição:

Regozijo no Terror Cortado.

- Jesus - eu sussurrei, de repente, tremendo o suficiente para sacudir o livro em minhas mãos. Ethan pegou de volta o livro, fechou-o e colocou-o cuidadosamente no seu lugar.

Olhei para ele. Sua expressão era não surpreendentemente solene.

- Não estamos em uma guerra - disse ele. - Não hoje. Mas isso pode mudar a qualquer momento, assim, nós fazemos o que temos que fazer para proteger a paz. Nós aprendemos a distinguir cuidadosamente os nossos amigos de nossos inimigos, e a ter certeza de que nossos inimigos compreendam quem são nossos amigos.

Isso, pensei, era a resposta dos sentimentos de Catcher sobre o relacionamento de vampiros e metamorfos. Isso tinha sentido para mim, que eles haviam optado pelo anonimato, em vez de protestar pelo massacre dos vampiros, eles não eram grupos populares nas Casas. Isto também explicava a tendência vampírica de juntar-se em Casas, de formar alianças explícitas e enxergar os estrangeiros com cautela.

- Você já viu - procurei a palavra apropriada - Punições como esta?

- Não exatamente como essa. Mas perdi amigos no Segundo Esclarecimento, e praticamente o vivi eu mesmo.

Fiz uma careta e mordi meus lábios. - Mas se isso é verdade, não era estúpido anunciar nossa existência? Qual era o risco de manter o anonimato?

Ethan não respondeu. Sua expressão também não mudou. Ele só me olhou, como se fosse me fazer chegar a uma conclusão que não estava disposto a dizer em voz alta.

Não foi difícil chegar à conclusão: Sair do armário havia nos colocado a frente e no meio dos humanos, pondo em risco nossa sobrevivência, embora meu avô diga que estamos na era pós Harry Potter. Nós havíamos tido sorte até agora, longe das investigações do Congresso e de tumulto, no entanto, a curiosidade geral, foi levando à matança de vampiros. Se Deus quiser, nossa sorte continuaria, mas o fato de que um vampiro assassino esta solto em Chicago e que nossa Casa era suspeita, não era um bom presságio.

A maré podia mudar facilmente.

De repente eu estava ansiosa para estar em casa, segura dentro da minha casa, com as travas postas, protegida de lascas de madeira e pelos guardas com espadas.

- Eu deveria ir embora - eu disse, e ele me acompanhou até a porta do escritório. - Você acha que ouvirá de Celina sobre o incidente no clube?

- Ouvirei sobre Celina - quando chegamos à porta, abriu-a e acenou com a mão em forma de convite. - Obrigado por me informar sobre as suas... escapadas.

Notei a frase, mas podia dizer que ele estava tentando aliviar o pesado humor, portanto, apenas bufei uma resposta. - Não há problema. Obrigada pela lição de história.

Ethan assentiu com a cabeça e começou. - Se você apenas tivesse lido...

Mas eu levantei a mão.

- Eu sei. Fui avisada sobre ler o *Canon*. Pegarei o livro assim que eu chegar em casa - levei dois dedos até minha testa. – Palavra de honra⁶⁰.

Um canto de sua boca se levantou. - Tenho certeza que só se aplicará a você mesma, poderia encontrar um uso a esse intelecto por trás do sarcasmo.

- Mas onde estaria à diversão nisso?

Ethan encostou-se na porta. - Percebi que a obediência é uma novidade para você, mas acho isso emocionante. Você tem dois dias antes da *Recomendação*, os juramentos. Você deverá passar esse tempo contemplando essa alegação.

Isso me parou e girei sobre meus calcanhares para olhá-lo novamente. – Se eu sou uma dos doze, você fez aos outros os mesmos discursos que está me fazendo? As mesmas ameaças? Perguntas? Fez-lhes as mesmas ofertas?

Eu me perguntei se ele mentiria para mim, e me faria algum discurso sobre o Direito de ser o Mestre da Casa. Mas ao invés disso, ele disse. - Não. As apostas não são tão altas com o resto do seu grupo. Eles são soldados fortes, Merit.

Quando ele não se aprofundou, eu instiguei. - E eu sou...?

- Não. - Com essa resposta enigmática, ele voltou ao seu escritório e fechou a porta atrás dele.

⁶⁰ No original: “Scout’s honor.” = Palavra de escoteiro.

Era quase meia-noite quando voltei para Wicker Parque. A casa estava vazia, e me perguntei se Mallory e Catcher teriam alcançado algum tipo de paz depois de sua briga após o jantar. Eu estava faminta, por isso fiz um sanduíche de presunto com uma omelete de batatas, envolvi minha invenção em um guardanapo e fui para a sala. Liguei a televisão para que ficasse como som de fundo – e era infeliz viver na era dos comerciais, filmes-B e lixo sindical - e coloquei o *Canon* sobre meu colo.

Comi enquanto lia, depois de uma hora terminei o capítulo 1, então mudei para o tutorial de "*Servindo a Seu Lord*". Felizmente, o texto era menos conjugal do que parecia o título. Enquanto que o primeiro capítulo era uma espécie de introdução ao vampirismo, o capítulo 2 oferecia mais detalhes sobre os deveres dos vampiros Novatos - lealdade, obediência, e algo que o livro se referia como "*Reconhecida Condescendência*", que era tão burro e retrógrado como Jane Austen, como seu nome sugeria.

Supunha-se que devia oferecer a Ethan minha "*Consideração Educada*", tratá-lo com deferência e respeito, e geralmente receber suas solicitações e demandas com agradecimento, em primeiro lugar, porque ele havia pedido.

Eu ri, compreendendo o grau que meu comportamento provavelmente o tenha assustado, e me perguntei desde quando o *Canon* não tinha sido atualizado, talvez desde *A Regência da Inglaterra*.

Eu amassei meu guardanapo e coloquei-o na mesa de café quando ouvi uma pancada na porta.

Mallory talvez tenha esquecido suas chaves ou Ethan com um pedido que devo aceitar agradecidamente por sua Honrada Pessoa. Um tanto muito confortável com os guardas do lado de fora da porta, cometi o erro de abrir a porta sem olhar pelo olho mágico.

Ele colocou uma bota preta na porta antes que eu pudesse bater a porta em sua cara. – Desculpe. – Ofereceu através das três polegadas de espaço aberto.

- Tira seu pé da minha casa.

Morgan mudou, enquanto inclinava-se pela abertura. - Estou aqui para me desculpar profusamente⁶¹. E estou com desejo de ajoelhar-me. - Sua voz ficou suave novamente. - Olhe, eu realmente sinto muito sobre a cena na noite passada. Eu poderia ter me comportado melhor.

Abri a porta e ofereci-lhe meu olhar mais orgulhoso possível. - Poderia ter se comportado melhor? No sentido de não humilhar a mim ou meus amigos? Em não apoiar-me, quando você sabia que não estávamos causando problemas? Ou em não nos tratar como lixo só porque sou de uma Casa diferente da sua? Em que parte você poderia ter se comportado melhor? Especificamente.

⁶¹ De forma abundante.

Morgan sorriu timidamente, uma expressão que era muito irritantemente linda em um homem de cabelos escuros e olhos sensuais.

Ele estava em jeans novamente esta noite, mas desta vez havia combinado com uma camisa azul de manga três quartos que marcava seu torso. Notei um rastro de dourado em volta do pescoço e imaginei que seria a medalha da Casa Navarre, com estilo semelhante ao que Ethan usava, mas, como ele o havia mostrado na noite anterior, simbolizando uma muito, muito diferente filosofia.

Olhei para baixo, mas ele encontrou meu olhar, um canto de sua boca, formando um torto e encantador sorriso. - Por favor?

Soltei um lento suspiro, mas deixei-o entrar. - Entre.

- Obrigado.

Caminhei para a sala de estar, deduzindo que ele estava me seguindo, me deixei cair no sofá e cruzei as pernas. Olhei-o com expectativa enquanto ele fechava a porta atrás de nós. - Bem?

- Bem o quê?

Acenei com uma mão ao redor da sala. - Comece a se ajoelhar. Vejamos algumas ações de joelho.

- Você está falando sério?

Levantei minhas sobrancelhas.

Ele não respondeu, mas finalmente concordou com a cabeça, então, caminhou entre as cadeiras, colocou-se sobre um joelho e estendeu as mãos. - Estou monumentalmente arrependido pela dor e humilhação que causei a você e seus...

- Ambos os joelhos.

- Pardon⁶²?

- Prefiro ver os dois joelhos no chão. Quero dizer, já que você vai rastejar, então que seja o melhor que possa fazer, certo?

Morgan me olhou por um momento, apertando a boca, o sorriso ameaçando quebrar-se, mas assentiu com uma grave solenidade. Ele dobrou os dois joelhos no chão, então me olhou com aqueles olhos azuis escuros com uma expressão que teria funcionado no mais fiel caçador. - Eu realmente sinto muito.

⁶² Perdão, tradução do idioma Francês.

Olhei-o por um momento, prolongando seu tempo no chão, em seguida, assenti. - Bom.

Então, eu não era imune a um lindo rapaz, com uma expressão sentimental. Realmente, que ex-graduada de 27 anos – estudante de vampiro de Cadogan seria?

Morgan levantou-se e limpou os joelhos e, em seguida sentou-se à minha frente.

Quando eu me perguntava, por que exatamente ele decidiu arrepender-se, ele disse. - Há muita conversa em Navarre sobre Cadogan. Sobre as Casas que bebem. Há um montão de vampiros com longas memórias, e muitos deles estão afiliados com Navarre. Não é você pessoalmente, é mais como muitas décadas de medo inato. Medo de que tudo o que trabalhamos para construir - o Sistema de Casas, o *Canon* - será destruído pelos vampiros que bebem.

Era um bom argumento, e um que eu podia ver, tendo visto o exemplo de uma punição feita para os vampiros pelos seres humanos. No entanto, eu lembrei-lhe. - Foi Navarre quem realizou a conferência de imprensa, Morgan. Foi Navarre quem anunciou nossa existência.

- Foi um movimento preventivo. Cada dia que passava sem os vampiros tomando a iniciativa era um dia mais próximo dos humanos pegando-a por nós. Empurrando-nos para o foco de um modo que não poderíamos controlá-lo. Em um modo que não podíamos voltar. Isso se tratava de sair à luz em nossos termos.

Estiquei as pernas no sofá, e descansei a cabeça no encosto. - E você acredita nisso?

- Não importa em que especialmente eu acredito. Sou o segundo de Celina. Ajo como ela deseja. Mas tendo dito isso, sim, acredito nisso. O mundo é um lugar diferente agora.

- Você age como ela quer, e ainda assim você está aqui, conversando com o inimigo.

Ele riu. - Parece valer a pena até o menor motim.

- E não valia a pena na noite anterior, quando ela nos jogou?

Morgan suspirou, depois passou as mãos pelo seu cabelo. - Correndo o risco de parecer ingrato pelo seu perdão, já te pedi desculpas por isso.

Abaixou suas mãos e ofereceu um olhar esperançoso. - Talvez pudéssemos falar de outra coisa? Não de vampiros nem de beber. Nem de alianças ou Casas. Apenas fingir sermos normais por um par de horas?

Deixei que meu sorriso se espalhasse lentamente. - O que você acha dos Bears⁶³?

⁶³ Time de Futebol Americano.

Morgan cheirou, depois olhou para o corredor. - A cozinha é ali?

Eu assenti.

- Posso pegar alguma coisa para comer?

O interesse que eu tinha em sair com o rapaz - não tinha evaporado na noite passada quando prometi nunca mais flertar com um vampiro de novo - eu decidi que esta era o segundo encontro mais pobre do que nunca. - Acho que sim.

Ele caminhou através da porta. - Obrigado - e desapareceu pelo corredor, mas gritou. - Sou um fã de Packer, nasci em Madison.

Ele estava procurando em uma gaveta quando cheguei à cozinha. - Você tem que admitir que o Green Bay é um time melhor, especialmente este ano. Chicago tem problemas com sua linha O, há um problema com seu quarterback⁶⁴, e não têm nenhum secundário defensivo.

Debrucei-me no batente da porta e cruzei os braços. - Você vai ficar na minha cozinha, comendo a minha comida, vendo minhas coisas e vai esmagar meu Bears? Você é corajoso ou estúpido.

Morgan puxou uma faca e uma tábua de corte, em seguida, foi até uma pilha de ingredientes para sanduíches que já tinha colocado sobre o balcão - um saco de pão de nozes, mostarda, maionese, presunto, queijo americano, queijo suíço, peru defumado, um pote de pickles, pasta de pepino, azeitonas pretas, alface e tomate.

Em outras palavras, o conteúdo da nossa geladeira sem contar os refrigerantes e o sangue. Então, pegou duas latas de refrigerante. Ele abriu uma, e ofereceu-me a outra enquanto bebia, inclinando-se sobre os armários.

- Consideração de sua parte oferecê-lo - eu disse secamente, aceitando o refrigerante enquanto me juntava a ele no balcão. - Não te alimentam na Casa Navarre?

Cortou dois pedaços grossos de pão, depois passou a trabalhar nos tomates, cortando-os enquanto falava. - Nos jogam um pouco de aveia entre as sessões de doutrinação e os filmes propagandistas. Então, saímos para uma boa caminhada pelos arredores e a recitação dos sonetos à beleza de Celina.

Eu ri e cortei algumas folhas de alface, depois as levantei para sua aprovação. Ele balançou a cabeça, então, começou o cuidadoso processo de cortar a carne, queijo, legumes e especiarias para o seu Dagwood⁶⁵.

⁶⁴ Quarterback (QB) é uma posição do futebol americano.

⁶⁵ Um sanduíche alto, multicamadas, feito com uma variedade de carnes, queijos e condimentos:
<http://tinyurl.com/2dnyawd>



- Eles colocam coisas saudáveis no refeitório, eu nunca tenho a oportunidade de fazer um sanduíche do meu próprio gosto, sabe?

Tendo acrescentado muito brie⁶⁶ e foie grãs⁶⁷, eu imaginei isso muito bem. Foi por isso que o parei antes que adicionasse a parte final do pão. Agarrei um saco de batata da omelete no outro lado do balcão e a entreguei. - Uma camada de batatas – expliquei-lhe solenemente. - Ela adiciona um crocante agradável.

- Gênia. - disse ele, e colocou uma camada de batatas dentro de seu sanduíche. Nós dois o olhamos por um momento, quatro polegadas verticais de coisas deliciosas.

- Deveríamos tirar uma foto?

- É um pouco extremamente impressionante.

Ele abaixou a cabeça para o sanduíche. – Quase odeio arruiná-lo mordendo-o, mas estou com tanta fome, então... - Lamentando falar, ele o agarrou com as duas mãos e mordeu. Seus olhos fechados enquanto grunhia pela primeira mordida. - Este é um endiabrado bom sanduíche.

- Eu te disse. - eu disse, inclinando-me sobre o balcão e pegando o saco de batata.

- Fale-me sobre você. - disse entre as mordidas.

O saco soou ruidosamente quando o agarrei para pegar uma batata. - O que quer saber?

- Origem, interesses. Por que a filha de um dos homens mais poderosos de Chicago decidiu se tornar um vampiro.

Eu o olhei por um minuto, um pouco decepcionada com o que ele perguntou, e me perguntando se o fato dos meus pais terem dinheiro era o motivo de seu interesse em mim.

E já que ele sabia, eu me perguntei se a notícia da minha mudança e minha ligação familiar estaria circulando pelas Casas. Claro, desde que ele achava que a decisão havia sido minha, ele claramente não sabia de tudo.

- Realmente importa quem é meu pai?

Morgan encolheu um pouco. - Não para mim. Para alguém, talvez. Eu me pergunto se para Ethan importa.

A ele importava, pensei arrependida, mas não foi assim que eu lhe respondi. – Ele salvou a minha vida.

⁶⁶ Tipo de queijo.

⁶⁷ Termo que em francês significa "fígado gordo".

Os olhos de Morgan viraram para mim. - Como?

Debati comigo mesma o que dizer a ele, mas optei pela verdade. Se ele realmente não sabia nada melhor. Se ele sabia de algo, talvez os limites do seu conhecimento pudessem dar uma impressão errada dos culpados. - Eu fui atacada. Ethan salvou minha vida.

Morgan me olhou, depois limpou a boca com um guardanapo que tinha pegado na mesa. - Está brincando.

Balancei minha cabeça. - Alguém me atacou quando eu estava andando pelo campus. Ele quase arrancou minha garganta. Ethan me encontrou, e começou a mudança.

Os olhos de Morgan se alargaram. - Como você sabe que Ethan não preparou a situação?

Um puxão desconfortável formou um nó no meu estômago. Eu não o sabia, não com certeza.

Eu estava confiando no instinto e na explicação de Ethan, sua confissão de inocência. Eu ainda continuava me perguntando por que ele estava naquele lugar no meio da noite, e sua resposta - algo sobre sorte - não havia sido o suficiente.

Não achava que ele tinha me machucado de propósito, não fisicamente, de qualquer forma. Emocionalmente, pensei, era um tema diferente, e uma razão a mais para manter-me limpa com ele. Era meu patrão, aderir a tudo que era necessário para fazer meu trabalho, seja o que for que isso signifique. Mas ele estava fora dos limites para algo mais, seu (conflitante) interesse por trás desse ponto.

- Merit?

Pisquei mais uma vez em minha cozinha, para ver Morgan me observando do balcão. - Desculpe - eu disse. - Estava apenas pensando. Eu sei que ele não preparou. Ele salvou minha vida - cruzei meus dedos debaixo da mesa, desejando que fosse verdade.

Morgan franziu o cenho. - Huh. Eles encontraram uma medalha Cadogan na cena da morte de Jennifer Porter.

- Qualquer pessoa com acesso a Casa pode ter plantado a medalha lá, até um Rogue tentando fazer ficar mal o sistema das Casas.

Ele assentiu com a cabeça. - Essa é uma teoria. Atualmente é isso o que Celina pensa.

- Ela não acha que Ethan o tenha feito? Ou alguém mais de Cadogan?

Morgan olhou para mim com atenção por um momento, depois deu de ombros e terminou as mordidas finais do sanduíche. - Seria mais correto dizer que temos mais medo das respostas das pessoas para Cadogan, e não propriamente a dos vampiros. A paz é frágil.

Isso era o que tinha ouvido, mas de algum modo o sentimento não parecia tão verdadeiro vindo de Morgan como o fez vindo de Ethan.

- O que você estava fazendo antes de...? - ele perguntou.

Tendo terminado o primeiro refrigerante, fui para a geladeira e peguei outro, o abri e voltei para o meu lugar no balcão. - Era uma estudante graduada. Literatura Inglesa.

- Aqui em Chicago?

Eu assenti. - Universidade de Chicago.

- Então você queria ensinar?

- No nível colegial, sim. Eu queria ser uma professora. A Literatura Medieval Romântica era minha especialidade. As sagas Arthurianas, Tristão e Isolda, esse tipo de coisa.

- Tristão e Isolda. Isso é interessante.

Cavei no saco de batatas procurando uma única batata, a encontrei e a comi. - É só isso? O que você fazia antes?

- Meu pai era o dono da Red, ou pelo menos do bar que era antes de eu reabri-lo. Ele morreu alguns anos depois que ele foi transformado, e eu peguei seu lugar.

- Por que você decidiu se tornar um vampiro?

Morgan enrugou a testa, esfregando a nuca. - Eu tinha uma namorada. Ela estava doente, e foi abordada por alguém de Navarre. Estabelecemos contato com Carlos, ele era o segundo de Celina nesse momento, e eles aprovaram nos transformar em Iniciados. Ela era brilhante, forte, teria sido uma grandiosa vampira.

Parou e olhou para o relógio, o volume de sua voz baixou. - A noite chegou para a mudança. Eles me mudaram, mas ela não pôde passar por isso. Ela morreu um ano depois.

- Sinto muito.

- Ela disse que não queria viver para sempre. Eu era jovem e estúpido, me sentia imortal de qualquer maneira, quem não o faz nessa idade? Estava com ela quando morreu. Ela não teve medo.



Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos, enquanto o deixava trabalhar com essa memória. - De qualquer forma, essa é a minha história.

- Há quanto tempo foi isso?

- 1972.

- Assim que você faria...

Ele riu, e fiquei contente por ver um pouco mais de cor em seu rosto. – Uma idade que faria você se sentir desconfortável.

Encostei-me no balcão, cruzei meus braços e lhe dei um olhar sensibilizado. - Você parece ter... Vinte e oito? Isso significaria que você nasceu por volta de 1944.

- Tenho setenta e dois. - disse, poupando-me a subtração. - Não tão velho para parecer irreal, mas o suficiente para pensar em mim como... Velho.

- Não aparenta ter setenta e dois. E também não age como quem tem setenta e dois. Não é que haja algo de errado nisso. - Acrescentei tardiamente, um dedo no ar enfatizando o ponto.

Morgan riu. – Obrigado *Mer*. Não sinto um dia mais que setenta e um.

- Espiritualmente setenta e um.

- Espiritualmente setenta e um. - Ele concordou. - Existe atualmente um sério debate sobre o impacto da nossa aparência juvenil e como agimos, sobre a idade que queremos ter.

Eu sorri desconfiada. - Os vampiros filósofos?

Ele sorriu em resposta. – A imortalidade propõe seus próprios dilemas.

A imortalidade era um dilema que eu não tinha considerado totalmente ainda, e me perguntei se o resto dos vampiros pensava nisso. - Como?

Morgan estendeu a mão e agarrou o saco de batatas fritas, nossos braços se tocaram enquanto o pegava. Eu ignorei o pequeno choque que passou por meu braço, lembrando-me o que tinha jurado sobre os rapazes incomuns com caninos longos.

- Os vampiros mudam sua identidade a cada sessenta anos aproximadamente. - Morgan respondeu, jogando uma batata no ar. - E ainda caem sob o radar, devemos funcionar sem o sistema. Isso significa simular nossas mortes. Mentimos para nossos amigos e para nossa família que acumulamos em cada vida humana. Falsificamos nossos números da segurança social, as carteiras de motorista, passaportes.

- E isso é ético?

Ele encolheu os ombros. - Justificamos isso dizendo que é necessário para proteger a nós mesmos. Mas ainda assim é mentir.

Pensando em minha própria saída apressada da academia, eu me perguntei em voz alta. - Onde eles trabalham? Esses filósofos, eu quero dizer.

- Eles ficam bem escondidos. Alguns em academias, geralmente com dinheiro suficiente para ter escritórios nos sótãos e aulas noturnas. Você já viu aqueles meninos nos cafés, com seus laptops e pequenos cadernos negros? Eles estão sempre lá à noite, rabiscando furiosamente.

Eu sorri. - Eu costumava ser um desses caras. Bem, garotas, de qualquer maneira.

Morgan se inclinou para frente e de modo conspiratório, fechou os dedos em garras, em seguida, arranhou o ar. - Você nunca sabe se eles são vampiros andando por aí.

- É bom saber. - Eu disse, com um sorriso.

Morgan sorriu em resposta, era um sorriso agradável, mas ele se desfez, quando ele tirou uma mão vazia do saco de batata, aparentemente percebendo que tinha acabado.

Eu o peguei e joguei no lixo, um lançamento perfeito, que eu encestei.

- Muito bem – disse ele. - E por falar em aros, você tem algo planejado?

Eu sabia que nós não estávamos falando de basquete, mas dei-lhe o benefício da dúvida. - O que você tem em mente?

Ele consultou o relógio. - São uma e quinze. Provavelmente o Sports Center já começou.

- É um desafio - eu disse com um gesto firme, e o conduzi de volta a sala.

Ele estava certo, estava passando. Embora fosse tão tarde como era eu não deveria ter duvidado sobre o Sports Center⁶⁸ na ESPN⁶⁹. Não estava sempre acordada nas primeiras horas da manhã?

Sentamos na sala, assistimos quarenta e cinco minutos de histórias sarcásticas de esportes, e discussões sobre o potencial da NFL.

Quando o show terminou, Morgan levantou da cadeira. - Eu devo ir. Preciso verificar algumas coisas antes do amanhecer, e deveria passar no Red.

⁶⁸ Canal de esportes.

⁶⁹ Emissora America de esportes.

Percebi tardiamente que era um sábado à noite, sem dúvida uma grande noite para o clube, e ele tinha escolhido passar as horas aqui, comendo sanduíches e assistindo ESPN.

Ele caminhou até a porta, balançando os braços em cima da cabeça, revelando a curva da pele lisa das suas costas, eu me encontrei desejando que ele não fosse um vampiro.

Nós alcançamos uma espécie de relacionamento confortável, e uma noite tranquila com ESPN e grossos sanduíches, era uma boa mudança, em vez de intrigas políticas, ameaças de morte, e revelações sobrenaturais.

- Obrigada por vir pedir desculpas - eu disse, levando-o à porta. - Teria sido mais amável se você não tivesse sido um idiota, em primeiro lugar, mas uma garota sempre aprecia uma boa dose de culpa.

Morgan riu. – As garotas o fazem?

Eu sorri em resposta e abri a porta, ficamos lado a lado por um minuto, nos olhando. Então ele se inclinou, com uma mão no meu quadril, e pressionou seus lábios nos meus. Morgan me beijou lentamente, encontrando meus lábios, em seguida, puxando e movendo-se contra mim. Era um beijo delicioso, e ele era incrivelmente bom nisso. Mas eu não estava disposta a repetir o erro de beijar um vampiro, então, eu o empurrei para trás com a palma da minha mão. - Morgan.

Ele protestou com um grunhido, então levou sua boca para meu pescoço, onde traçou uma linha de beijos do meu ouvido a minha clavícula. Meus olhos fechados sonhando, aparentemente meu corpo tão ansioso quanto o dele para levar as coisas adiante.

- Você é uma vampira solteira quente - ele murmurou. - Eu sou um vampiro solteiro quente. Mas, para sua inabalável lealdade para com os Bears, nós deveríamos ficar juntos.

Eu o empurrei novamente para trás, e desta vez ele ficou reto. - Não estou pronta para um namorado agora.

O rosto de Morgan franziu em uma carranca esquisita, e passou a mão por seu cabelo. - Você e Ethan têm alguma coisa?

- Ethan? *Não* - respondi, provavelmente soando um pouco mais defensiva do que deveria ter soado. - Deus, não.

Ainda carrancudo, ele assentiu com a cabeça. - Ok.

- Não posso fazer com presas.

Ele recuou aparentemente surpreso e me olhou. - Você é uma *DESpresaSADA*.

Eu sorri. - Sim. Dizem-me isto com muita frequência. Amigos então? - Ofereci uma mão em sinal de conciliação.

- Por enquanto.

Revirei os olhos e empurrei a mão em seu peito outra vez, fazendo-o sair pela porta. - Boa noite, Morgan.

Virou-se e desceu os degraus. Quando chegou à rua, virou-se novamente e começou a voltar. - Vou me introduzir em sua vida Merit, a minha maneira.

Sacudi meus dedos para ele. - Uh-huh. Deixe-me saber como funciona isso para você.

- Ei, olhe o que você está perdendo. Tenho grandes habilidades.

Revirei os olhos dramaticamente. - Tenho certeza que sim. Encontre uma boa e doce garota Navarre. Você ainda não está pronto para Cadogan.

Ele fingiu tirar uma faca do seu coração, mas então piscou, e atravessou a rua até seu carro, um conversível.

O carro emitiu um sinal sonoro animado quando ele se aproximou e em segundos, estava lá dentro, rugindo rua abaixo.

• • •

Eu estava dormindo quando eles chegaram às cinco e meia da manhã. Eles brigaram no início – Mallory gritando com Catcher e Catcher gritando em resposta. O assunto era magia, e o controle do quer que seja que Mallory tinha maturidade suficiente, para que Catcher a deixasse tomar suas próprias decisões. Mallory lamentava sua arrogância e Catcher lamentava sua ingenuidade. A briga me acordou, mas o que me manteve acordada foi à reconciliação. Eles se trancaram no quarto e foi aí então quando começaram os grunhidos e gemidos. Eu amava Mallory, e estava começando a gostar do sarcasmo de Catcher. Mas de nenhuma maneira eu estava interessada em ouvir os dois em uma turbulenta batalha de sexo. Quando ela gritou seu nome pela terceira vez – Catcher aparentemente era uma máquina – enrolei um cobertor em torno dos meus ombros e tropecei sonolenta pela casa ainda escura, até a sala, onde eu me enrolei e caí adormecida outra vez.

A segunda vez que eu acordei, era quase meio-dia. A casa estava silenciosa e manchada com a luz do sol, e eu estava atordoada, o suficiente - estúpida o suficiente - para tentar voltar tropeçando, para o meu quarto.

Reacomodei o cobertor, apenas um braço, alguns dedos e meu rosto visíveis, acima da colcha, e comecei a viagem pelas escadas.

Eu fiz isso através da sala ilesa, sem saber do destino que eu teria que ter. Com apenas poucos dias de vampirismo sob minha cintura, entrei em contato com essa pequena vulnerabilidade terrível, que todos os que viram os episódios de Buffy, deviam conhecê-la, *“alergia ao sol”*.

Eu estava simplesmente consciente o suficiente para pisar com cautela através do corredor, e não foi até que cheguei à metade das escadas que senti a picada e a repentina queimação. Eu havia caminhado diretamente através de um raio de sol, meu antebraço descoberto recebeu a total exposição.

Engoli ar, a dor quase me levando ao choque, doeu como uma queimadura, mas beirou a insondáveis níveis dolorosos.

O calor era insuportável, como colocar meu braço em um forno superaquecido, e a pele ficou imediatamente vermelha e embolada.

Dei um puxão para trás e o cobri com o cobertor, com minha mão firme, procurando freneticamente a escuridão, percebendo que eu estava presa em um pedacinho de sombra, então me encolhi nesse pedacinho de sombra. Tateei atrás de mim, procurando a maçaneta e abri a porta do armário do corredor, tomando cuidado para não voltar a ficar exposta à luz solar. Quando manobrei para abri-la, eu entrei em uma fresca escuridão, caí no chão, lágrimas saindo dos meus olhos, pelas pontadas afiadas em meu braço, e caí adormecida.

Capítulo 9

*Não há nada muito de errado
que um Chunky Monkey⁷⁰ não possa consertar*

Eu pensei que estava em um caixão. Eu pensei que eu era o peso de uma horrível piada Navarre, ou algum horrível ritual Cadogan desconcertante, e eu tinha sido enfiada em uma caixa de pinho como a menina morta que uma vez eu pensei que era. Começando a hiperventilar, eu agarrei os cobertores em torno de mim, então bati nas paredes, gritando para que alguém me deixasse sair.

Eu caí para frente quando Mallory abriu a porta, caindo de cara em seus chinelos felpudos. Com o rosto queimando de constrangimento, levantei-me de cotovelos, cuspiendo pedaços de pelugem de poliéster rosa. Tanta coisa para uma vamp durona.

A voz de Mallory estava sufocada, e eu podia dizer que ela estava trabalhando muito para não rir. - Que. Diabos.

- Noite ruim. Realmente uma noite ruim. - Sentei-me no chão, dobrando as pernas debaixo de mim, e verifiquei o estado do meu braço. Estava vermelho dos dedos até o cotovelo, mas as bolhas haviam desaparecido. Cura sobrenatural era um truque útil para um vampiro distraído, embora pudesse fazer meus inimigos mais difíceis de matar. Olho por olho, eu acho.

Mallory se agachou ao meu lado. - Jesus, Mer. O que aconteceu com seu braço?

Suspirei e passei alguns segundos chafurdando na auto-piedade. - Vampiro. Luz solar. Poof. - Acenei meus braços em forma de uma nuvem de cogumelo. - Queimadura de terceiro grau.

- Eu devo perguntar por que você estava dormindo no armário?

Eu não queria embaracá-la com uma repetição de seu fim de noite grotesco, por isso eu ignorei a questão. - Adormeci, fiquei muito perto do sol, me agachei.

- Vamos - ela disse, pegando meu cotovelo livre e me ajudando a levantar. - Vamos pelo menos colocar algumas babosas⁷¹ no seu braço. Dói muito? Esqueça. Não responda

⁷⁰ É um Sorvete.

⁷¹ Planta utilizada para diversos fins medicinais há muitos anos. Geralmente é utilizada para problemas relacionados com a pele.



isso. Você tem um mestrado em Inglês e você ainda une um sujeito e predicado. Vou tirar minhas próprias conclusões.

- *Mallory!* - A voz do *Catcher* explodiu para baixo das escadas.

Mallory fixou sua boca em uma linha apertada e me levou para a cozinha. – Ignore - ela aconselhou. - Assim como a peste bubônica, ele vai embora se você der tempo suficiente.

- *Mallory!* Nós não terminamos! Volte aqui!

Olhei para cima da escada. -Você não o deixou algemado à cama ou algo assim,não é?

- *Jesus*, não. - Eu visivelmente relaxei, até que ela continuou. - Minha cabeceira é uma única peça de madeira. Não há nada em que eu possa algemá-lo.

Eu gemi e tentei limpar a imagem de um nu, algemado *Catcher*, se contorcendo na cama da minha mente. Não que fosse uma má imagem, mas ainda...

Mallory continuou nos levando em direção à cozinha. - Ele está chateado porque ele acha que eu não estou prestando atenção as suas incessantes malditas palestras sobre magia. - Sua voz estava baixa, e ela imitou. - *Mallory Delancey Carmichael*, você é uma feiticeira de quarta classe com direitos e obrigações, blá blá blá. Eu acho que entendo agora porque a Ordem o chutou, ele era muito mandão, mesmo para eles.

Fomos para a cozinha e peguei um assento enquanto *Mallory* tirava um tubo de uma gaveta ao lado da pia. Ela encheu meu braço com creme com muita atenção, então tampou o tubo e o colocou de lado. - Eu me pergunto se você precisa de sangue hoje.

Eu fiz uma careta, em parte pelo pensamento de beber sangue, em parte pela constatação de que *Mallory* tinha se tornado minha mãe predatória. Desde quando eu tinha me tornado tão carente? - Eu estou bem, eu acho.

- É só que às vezes na literatura, - e por isso ela quis dizer os ocultistas *fanzines*⁷² que apareciam na nossa caixa de correio com surpreendente frequência - quando vamps estão feridos, eles precisam de sangue extra para complementar o processo de cura. - Seu olhar brilhou. - Você está curando, não é?

Eu assenti. - As bolhas se foram.

- Bom. - Ela foi até a geladeira e tirou um saco, e meu estômago começou a resmungar imediatamente.

- Eu preciso disso - eu timidamente admiti um pouco envergonhada de que eu ainda tivesse tão pouco conhecimento sobre o funcionamento do meu corpo pós-mudança. Eu

⁷² Abreviação de *fanatic magazine*.

esfreguei uma câibra no pescoço, sem dúvida o resultado de ter dormido enrolada em uma bola no chão do armário. - O fato é que, por toda esta conversa sobre o quão forte eu sou, eu realmente não sou muito boa em ser um vampiro.

Mallory aqueceu o sangue, o derramou em um copo, e me entregou. Mas ela levantou uma mão antes que eu pudesse levantá-lo até minha boca, voltou até a geladeira, e pegou um talo de aipo e uma garrafa de Tabasco. Ela pontilhou um pouco de molho de pimenta no copo, então derrubou o aipo. - Bloody Bloody Mary.

Tomei um gole e acenei. - Não é ruim. Poderia usar vodka e suco de tomate, mas não é tão ruim.

Mallory riu, mas seu sorriso desapareceu quando Catcher pisou na cozinha. Nas mãos dele estava o livro grosso de capa de couro que eu o tinha visto olhando a noite toda em que visitei o escritório do meu avô. Ele estava seminu, um par de jeans se deslocava baixo no seu quadril esculpido, o único pedaço visível de roupa. O homem tinha um corpo de morrer - todas as curvas e ângulos, e pequenos buracos deliciosos de músculos esculpidos e carne.

Enquanto eu pegava a vista, Mallory gritou: - Você quer parar de me seguir? Não é nem mesmo a sua casa!

- Alguém tem que seguir você! Você é um perigo para a maldita cidade!

Um pouco assustada de que esta peça do drama sobrenatural não tinha nada a ver comigo, eu desisti da pretensão de educadamente ignorar a luta, abaixei o copo, e dei-lhes toda a minha atenção.

Catcher andou através da cozinha, praticamente jogou o livro no balcão da cozinha, em seguida, empurrou Mallory em um tamborete. Ele apontou para o livro. - *Leia!*

Mallory estourou e olhou para ele por um longo tempo, sua boca desenhada em uma linha apertada, com as mãos esmagadas tão juntas que os nós de seus dedos estavam brancos. - Quem diabos você pensa que é para me dar ordens?

Tensão e magia se levantaram e giraram em torno do cômodo, tangível o suficiente para levantar o cabelo em meus braços e pescoço. Redemoinhos disso se cruzaram e fluíram, as extremidades do cabelo de Mallory se elevando em torno de seu rosto como se ela tivesse entrado em uma brisa forte.

- Jesus! - Eu murmurei, olhando para os dois.

Sem aviso, havia uma fresta de luz. Meu copo, felizmente vazio de sangue, quebrou em cima do balcão.

- Mallory. - Advertiu Catcher, um meio rosnado.

- Não, Catcher.

As luzes tremeram quando eles se encararam, um flash de iluminação com a batalha de vontades.

Finalmente, Catcher suspirou poder se dissipando do cômodo com um tangível *whoosh*. Sem palavras ou hesitação, ele agarrou os braços dela e a puxou contra a linha de seu corpo. Então ele abaixou a cabeça para a dela, e a beijou. Ela gritou e se contorceu, mas enquanto a boca dele trabalhava na dela, ela se acalmou. Quando, momentos depois, ele se puxou para trás, ele olhou para ela com expectativa.

Por um batimento cardíaco, depois dois, ela apenas olhou para ele. - Eu lhe disse que tínhamos acabado.

- Claro que você disse. - Ele beijou o topo da testa dela, virou o corpo dela, e empurrou seus ombros para que ela caísse sobre o banco. Então, ele ergueu o queixo dela para encontrar seu olhar. - Eu tenho que trabalhar. Leia a Chave. - Ele saiu da cozinha. A porta da frente fechou segundos depois.

Por uns bons cinco minutos, nem uma de nós disse nada. Mallory, mãos no colo, olhava fixamente em branco para o livro. Quando eu me sacudi para fora do estupor do drama induzido, fui para o freezer e peguei uma caixa de Chunky Monkey. Tirei a tampa, encontrei uma colher, entreguei ambos a Mallory, em seguida peguei o banquinho próximo ao dela. Recíproca terapia de sorvete, eu decidi. - Então. *Aquilo* aconteceu.

Mallory acenou distraidamente e mastigou uma colher gigante de sorvete. - Eu o odeio.

- Sim.

Mallory derrubou a colher dentro do recipiente e colocou a cabeça entre as mãos. - Como alguém tão arrogante pode ser tão bom? É injusto. É um crime contra a natureza. Ele deveria ser... punido por ser pretensioso com cicatrizes e verrugas cabeludas ou algo assim.

Peguei a colher e pesquei pelo sorvete por um quadrado de chocolate branco. - Ele vai passar a noite de novo?

- Provavelmente. Não que eu tenha alguma coisa a dizer sobre isso.

Mordi um sorriso de volta. Havia muitas coisas que eu tinha aprendido sobre Mallory. Número um entre elas era o fato de que ela raramente fazia algo pela metade. O que quer que ela tenha se envolvido, seja namorado ou carreira, ela dava um nível quase obsessivo de atenção. Então essa falsa indiferença anunciava algo muito interessante sobre um Catcher Bell.

- Apaixonada por ele, não é?



- Um pouco - ela disse, acenando. Ela esfregou os braços, em seguida olhou para a mesa. - A coisa é Mer, ele não me deixa mandar. Com Mark, se eu dissesse a Mark para escalar o Matterhorn, ele pularia no próximo avião para a Europa. Catcher está acima de mim. - Um canto de sua boca se inclinou para cima. - Eu não tinha percebido quão atrativo é essa qualidade em um homem.

Seu olhar encontrou o meu, e seus brilhantes olhos azuis estavam úmidos. - Ele não dá à mínima se eu tenho um ótimo trabalho na melhor empresa da cidade, ou se eu tenho cabelo azul, ou se eu estou bem debaixo dele. Ele apenas gosta de mim.

Eu me levantei e a recolhi em um abraço. - Pena que ele é um idiota pretensioso.

Mallory deu um riso aquoso. - Sim, é. Mas ele é forte como um cavalo, então isso meio que ajuda.

Afastei-me, fazendo caretas, e caminhei em direção à porta da cozinha. - Esta casa está ficando pequena demais para nós três. Sério.

Mallory riu, mas eu não tinha certeza se eu estava brincando.

• • •

Depois de tomar banho e me vestir em roupas que eu sabia que não iriam cumprir com a aprovação de Ethan - jeans, Pumas, e uma camiseta sem manga - eu decidi ir para o escritório do meu avô. Eu queria uma atualização sobre a investigação, e eu também estava trabalhando para evitar pensar sobre amanhã. Dia Sete. A Cerimônia Honrosa, durante a qual eu seria atribuída a uma posição na Casa Cadogan, e iria dar meu juramento a Ethan, e provavelmente seria atordoada em uma polegada da minha imortalidade.

Eu não tinha certeza da minha recepção no escritório de *Ombud*, ou mesmo se alguém estaria trabalhando na construção em uma noite de domingo, assim eu decidi levar um suborno de um frango á lá fast-food. Depois que fiz a compra, estacionei na frente do escritório de *Ombud*, levei o meu suborno para a porta da frente, bati na campainha e esperei.

Minutos passaram antes que Catcher passasse pelo corredor, desta vez usando uma camisa preta do Ramones com botas e jeans. Ele parecia surpreso em me ver, mas digitou o código para destrancar a porta e a abriu, seu olhar sobre o balde de papel que eu embalava na curva de um braço.

- Eu trouxe frango - eu indiquei.

- Posso ver isso. Ela te expulsou, também, ou esta é uma visita humanitária?

- Nenhum dos dois. Eu queria checar a investigação...

- E você está assustada sobre a noite de amanhã.

- ...e eu estou assustada sobre a noite de amanhã.

Catcher lançou um olhar cuidadoso para a rua, depois passou para o lado para me deixar entrar. Eu esperei enquanto ele trancava e codificava a porta e pegava uma coxa no balde. Então eu o segui de volta pelo corredor e para o escritório. Catcher imediatamente se moveu para sua mesa, inclinando-se para pressionar o botão no interfone estilo *As Panteras*.

- Merit está aqui - ele disse.

Jeff pulou da cadeira e foi para o balde que eu tinha colocado sobre uma das mesas vazias, após retirar um pedaço para mim. Aparentemente sem o gene para a sutileza, ele pegou o peito, o comendo somente depois de ter apontado para o frango para mostrar o simbolismo. Não pude deixar de rir, mesmo sabendo que ele não precisava do encorajamento.

- Olá, menina. - Meu avô entrou na sala, com um grande sorriso em seu rosto. Era bom ser amada, eu pensei, e me delicieei com o brilho disso. - O que você está fazendo aqui?

Catcher puxou um pedaço de carne de sua coxa. - Ela está se escondendo. A Cerimônia é amanhã.

- Ah, é? - Vovô perguntou, escolhendo no balde até que ele encontrou um pedaço, então empurrou o quadril na borda da mesa. - Você está nervosa?

Jeff chutou para trás em sua cadeira e cruzou os tornozelos em sua mesa ao lado de seu mutante teclado. - Será que eles ainda fazem os Iniciados comerem um frango cru?

Engoli em seco e, tendo perdido alguma coisa semelhante ao meu apetite, deixei cair o pedaço de frango que eu tinha selecionado de volta no balde.

- Eu acho que é só metade de um frango hoje em dia - meu avô corrigiu solenemente. - Eles começam com um todo, mas eles pegam dois Iniciados e os fazem rasgá-lo em pedaços. Mãos não são permitidas. Apenas presas.

- Sangrento e impressionante - disse Jeff com aprovação, rasgando o peito que ocupava entre as duas mãos.

Isso era nauseante, mas ainda não tendo experimentado a Cerimônia, eu não tinha entendido a piada até que vovô piscou para mim. Eu deveria ter sabido. Dois vampiros lutando em um frango cru não era muito o estilo de Ethan - não era quase nem digno o suficiente. Seu estilo era um pouco mais europeu, um pouco menos de entretenimento desportivo. Ele era, imaginei com um sorriso, mais propenso a fazer os recrutas recitar os monarcas Ingleses ou tocar uma complicada peça de Chopin.

- Pare de ficar com essa obsessão sobre Sullivan - Catcher murmurou, se curvando em torno de mim para chegar ao balde de frango. Ele continuou antes que eu pudesse defender a hipótese. - A Cerimônia vai muito bem. É principalmente cerimonial, exceto pelos juramentos. Na verdade, - ele começou, antes de pular sobre a mesa ao lado do meu avô. - de tudo, eu aposto que Sullivan fará uma grande surpresa.

Eu fiz uma careta para ele. - Como assim?

Catcher encolheu os ombros. - Eu apenas estou dizendo. Você é forte. Ele é forte. Devemos esperar por uma cerimônia interessante.

Peguei um lugar vazio. - Descreva interessante.

Catcher sacudiu sua cabeça. - Você é uma garota inteligente. Você deve estar fazendo sua lição de casa. O que você aprendeu sobre a cerimônia até agora?

Eu fiz uma careta, tentei lembrar o que eu tinha visto no *Canon*. - Todos os vampiros que vivem em Cadogan estarão lá, como testemunhas. Ethan irá me chamar para a frente, dizer meu nome ou algo assim, e eu devo tomar dois juramentos - fidelidade e homenagem. Para servir a Casa e ser leal a ela.

- Não apenas a Casa. - Catcher disse, se esticando mais para puxar mais frango do balde. - Para o próprio Mestre. - Ele mordiscou a ponta de sua coxa, em seguida, olhou para mim. - Você está pronta para isso?

Como eu poderia eventualmente estar pronta para isso? Eu teria vinte e oito anos em questão de dias, e não tinha nem mesmo recitado o Pledge of Allegiance⁷³ em dez anos. Como eu poderia estar preparada para jurar minha lealdade e serviço a uma comunidade que eu tinha me juntado como uma alternativa à morte ou a um homem que não me achava capaz de lealdade, ou digna de confiança?

Por outro lado: - É uma opção, não tomar o juramento?

- Não a menos que você queira viver separadamente deles. - Catcher disse, pegando um pedaço de frango do osso. - Fingir que você não foi feita por ele. Fingir que você não é o que *ele* fez de você.

Você é o que eu fiz de você. Ethan tinha me dito. Difícil fingir o contrário.

- Se você entrasse nessa coisa de vampiro sozinha, e encontrasse seu próprio caminho para ele, o que você faria?

- Eu não teria chegado a isso - eu retruquei. - Eu não sou como eles, não no misticismo vampiro.

⁷³ Pledge of Allegiance (Voto de Lealdade) é um juramento de lealdade à bandeira e à república dos Estados Unidos da América, originalmente composto por Francis Bellamy em 1892.



Sua expressão suavizou. - Então, só porque as coisas não são exatamente do jeito que você queria você vai cair fora? Acredite em mim Merit, exílio é uma maneira solitária de viver.

- Às vezes, - meu avô acrescentou - mesmo se você não pode ser o que você quer, fazer mais do que você *pode* ser, não é uma má segunda escolha. Você tem uma chance de se refazer, garota.

- Mas em qual imagem? - Eu perguntei secamente.

- Essa é sua decisão. - Catcher disse. - Você foi feita vampiro por Sullivan, claro, mas os juramentos ainda são seus. E você ainda não os tomou.

Meu avô acenou para mim. - Você saberá o que fazer quando chegar a hora.

Eu esperava que ele estivesse certo. - Algo novo na investigação Porter?

- Não muito - admitiu ele, balançando a perna. - Em termos de provas, não conseguimos reunir nada mais.

- Mas nós conseguimos algumas fofocas interessantes - disse Jeff, fazendo uma pausa para engolir um pedaço. Ele inclinou a cabeça para meu avô. - O vampiro de Chuck diz que Celina Desaulniers se encontrou com o Prefeito Tate esta semana. Aparentemente, ela estava tentando tranquilizar o prefeito de que os assassinatos não poderiam ter sido cometidos por uma Casa vamp.

- Morgan me disse que acha que Cadogan é inocente, que os Rogues estão por trás do assassinato dela. - Expliquei minha recém-formada amizade com o vamp Navarre.

Vovô parecia divertido e balançou a cabeça, em seguida começou a me dizer o pouco que sabia sobre vamps Rogue na Windy City - principalmente que eles eram uma forte dúzia - quando seu celular tocou. Ele deslizou para fora da mesa, pegou-o, abriu-o, e franziu o cenho para o celular antes de elevá-lo à sua orelha.

- Chuck Merit... Quando? - Ele fez um movimento de escrita com a mão, e Jeff passou uma caneta e um bloco de papel. Meu avô começou a escrever rapidamente, às vezes jogando um "Ok" ou "Sim, senhor."

Prefeito, Catcher gesticulou para mim. Eu assenti.

A ligação continuou por alguns minutos, meu avô fechou o telefone depois de assegurar ao prefeito Tate que ele iria fazer algumas ligações. Ele olhou para ele, um pedaço de plástico prateado na mão, e quando levantou à cabeça, preocupação estava gravada em seu rosto.

- Outro assassinato - foi tudo o que ele disse.

O nome dela era Patrícia Long. Sentamos em silêncio, sem piadas ou sarcasmo, nossos olhos cabisbaixos, enquanto ele passava os detalhes. Ela tinha vinte e sete anos de idade. Uma morena. Uma advogada de uma empresa internacional que atuava na Michigan Avenue. Ela tinha sido encontrada em Lincoln Park, um telefonema anônimo dirigindo o CPD para a cena. A causa de sua morte tinha sido a mesma – perda de sangue devido aos ferimentos em seu pescoço e garganta.

Mas havia uma pequena informação adicional com este caso. O informante disse que tinha visto um vampiro deixando a cena - um homem vestindo uma camiseta de baseball azul e amarela, presas arreganhadas, boca coberta de sangue.

Catcher xingou. - A jersey⁷⁴ é provavelmente uma camisa da Casa Grey. É uma das assinaturas de Scott. - Ele me lançou um olhar, explicando. - Grey é um fã de esportes. Não faz medalhas como Cadogan e Navarre, eles têm jerseys em vez disso.

Vovô assentiu. - Infelizmente, você está certo. Soa como a Casa Grey. Eles não encontraram nada mais no local, - sem medalhas ou detritos que ligariam a alguém mais - mas eles ainda estão processando.

Ele colocou o telefone em seu cinto, seus dedos gordos trabalhando para juntar os componentes plásticos. - Isso tira o calor de Cadogan, deslizando direito para Grey. Alguém quer colocar dinheiro sobre a existência de algo de Navarre na cena do ataque de Merit?

Os três deles olharam para mim, suas expressões sombrias.

- Você pode perguntar a Ethan - eu disse. - Mas ele não mencionou nada para mim. - Não que ele necessariamente iria. Ele ainda não tinha certeza da minha lealdade.

- Mesmo se tivesse havido algo, - Catcher colocou. - isso não significa que é relacionado aos ataques. Eu vou comer a minha mão direita se Scott Grey, ou alguém da Casa Grey, teve algo a ver com este último. Eles são uma equipe forte e completamente inofensiva.

- É improvável - meu avô concordou.

- Mas também não há nenhuma evidência que aponte especificamente para um vamp Rogue - eu indiquei.

- Na verdade, isso não é inteiramente verdade - vovô disse. – O CPD sabia que Jersey ligava a Casa Grey, então eles mandaram um par de uniformes mais. Quando eles chegaram lá, encontraram um bilhete pregado na porta da frente. Scott não tinha visto ainda, eles não têm guardas lá fora, provavelmente pensando que a Casa é nova o suficiente para ter criado inimigos. Mal tem três anos de idade.

⁷⁴ Camisa esportista de malha, suéter, pulôver.

Catcher franziu a testa e cruzou os braços. - O que a nota diz?

- Era uma tentativa de rima:

*Azul, amarelo, Cinza
Quem quer pagar?
O Diabo é Justo
O sistema também.*⁷⁵

Estremeci. - Isso é realmente, realmente horrível.

- Ao dizer “sistema”, é uma batida nas Casas? - Jeff perguntou. - Os ataques são encenados para parecer como crimes das Casas, mas as notas definitivamente dizem “Rogue”.

- Ou, - eu sugeri - se a teoria é que os Rogues são responsáveis, os assassinatos são para os policiais, e as ameaças são para as Casas vampiras.

Meu avô assentiu pensativo. - Jogando dessa forma.

Catcher puxou o bloco de papel, olhou para as notas que meu avô havia escrito, e franziu a testa. - Eu não gosto disso. Está muito arrumado. Eu nunca gostei da fábrica de medalhas, e gosto menos ainda desta coisa jersey. Mas para um Rogue deixar uma nota, não é um pouco suspeito? Eles têm de saber que as notas levam aos Rogues, não as casas, até o assassinato. Por que fazer todo esse problema para configurar as Casas aos ataques, então dar uma facada no próprio pé com uma nota que prende a coisa em você?

- Depende dos Rogues. - sugeriu o meu avô. - Se os crimes supostamente são um tapa no sistema, as notas dizem, “Ei, olha o que eu coloquei bem debaixo do seu nariz, afiliação ou não.” Talvez eles não pensaram que o vamps iriam partilhar as notas com os policiais.

Catcher passou a mão sobre sua cabeça raspada. - Não importa que diabos está acontecendo lá fora, Sullivan precisa arrumar isso. As Casas precisam juntar os Rogues da cidade, descobrir quem poderia estar por trás disso, oferecer sanções ou recompensa por informações. Eles amam essa negociação de merda, eu não entendo por que eles não estão fazendo isso agora.

- Porque falar com os Rogues seria uma admissão de que os Rogues têm poder. - Jeff ofereceu. - As Casas vamps teriam que reconhecer vamps que se opõem ao sistema, e pedir pela ajuda deles. De jeito nenhum que Ethan ou Celina vão fazer isso. Grey talvez, mas não os outros dois. Suas memórias são muito longas.

⁷⁵ Blue, yellow, Grey
Who wants to pay?
The Devil is Due
The system is, too.



Vovô pegou o bloco de notas novamente e levantou-se, então caminhou até a porta. - Você tem razão eles precisam conversar se não por outro motivo que o tempo dessa coisa. Houve uma semana entre a morte de Porter e o ataque de Merit, nove dias entre Merit e a morte desta garota. Não é uma amostra enorme, mas...

- Nós não temos muito tempo - conclui calmamente. - O que significa que podemos ver outro nos próximos dez dias?

Meu avô soltou uma respiração lenta, então juntou as mãos acima da cabeça. - Talvez, criança. Não invejo o CPD sobre este. - Ele olhou para mim, me deu um triste sorriso. - Sinto muito te expulsar, mas precisamos começar a fazer telefonemas. Cadogan e Navarre precisam ser notificadas, e eu preciso falar com a minha fonte.

- Obrigado pelo jantar - disse Jeff

- Claro. - Peguei o balde, olhei para um punhado de pedaços, decidi que eu ainda não tinha apetite por aves.

- Aproveite o resto - eu disse. - Vou deixar aqui.

- Ah, antes que você vá, - disse Jeff, cavucando debaixo da mesa. - peguei algo para você. - Ele cavou ali debaixo por um minuto, fazendo tinidos e ruídos, antes de engatinhar para fora com uma bolsa militar verde em suas mãos. Ele segurou-a para mim, e eu a peguei, e espiei dentro.

- Você está tentando me dizer algo, Jeff? - Eu perguntei, olhando dentro do saco deafiadas estacas de madeira.

- Só que eu prefiro você viva.

Eu coloquei o saco sobre meu ombro, dei-lhe uma piscada. - Então, obrigada.

Ele sorriu carinhosamente. Jeff era uma criança, mas uma boa criança.

Catcher levantou. - Eu vou levá-la para fora.

Dei um abraço em meu avô, e dei um aceno final e sorri para Jeff, então deixei Catcher me guiar de volta para a porta da frente. Ele pôs o código e a manteve aberta para que eu pudesse passar. - Fique perto dos guardas essa semana. Esse maníaco poderia tentar terminar com você, dar uma pancada forte no número três.

Tremi e engatei o saco de estacas um pouco mais apertado no meu ombro. - Obrigada pelo conforto.

- Eu não estou aqui para confortar você, querida. Estou aqui para mantê-la viva.

- E pegar minha companheira de casa.

Ele sorriu grandiosamente, uma covinha espreitando do lado esquerdo de sua boca virada para cima. - E isso, admitindo que eu possa fazê-la ver do meu jeito.

Deixei-o com um sorriso, feliz que, qualquer que fosse o drama sobrenatural, eu tinha encontrado amigos para me ajudar a passar por isso.

Uma nova família, apesar de todas as diferenças genéticas.

Entrei no carro e voltei para casa com as janelas abaixadas, tentando segurar aquele sorriso, aquele conforto, tentando deixar a brisa da primavera e uma suave melodia levarem a minha incerteza.

Você já teve um momento em que você sabia, sem sombra de dúvida, que estava no lugar certo? Que você estava no caminho certo? Talvez a percepção de que você atravessou uma fronteira, saltou um obstáculo, e de algum modo, depois de enfrentar alguma montanha invencível, encontrou-se, de repente do outro lado dela? Quando a noite estava quente, e o vento estava gelado, e uma canção estocava as ruas calmas em torno de você. Quando você sentiu o mundo inteiro em torno de você, e você era parte dele - do funcionamento dele - e tudo era bom.

Contentamentos, eu supus, é a simples explicação para isso. Mas parece mais que isso, mais espesso do que isso, alguma unidade de propósito, algum sentido de estar verdadeiramente, honestamente, por aquele momento, em casa.

Aqueles momentos nunca duram muito tempo. A canção termina a brisa para, as preocupações e receios fluem de novo e você fica tentando avançar, mas olhando para trás para a montanha atrás de você, querendo saber como você conseguiu cruzá-la, com medo de que você realmente não conseguiu - que a grossa sombra sobre o seu ombro pode evaporar e se re-formar atrás de você, e você teria que enfrentar a carga de atravessá-la novamente.

A canção termina, e você olha para a calma e escura casa na sua frente, e você agarra a maçaneta da porta, e anda de volta para sua vida.



Capítulo 10

Mantendo vigília na noite

- *H*ora de levantar, dorminhoca!

Eu ouvi a voz, mas resmunguei no meu travesseiro e puxei o edredom sobre minha cabeça.

- Vá embora.

- Aw, vamos Mer. Hoje é o seu grande dia! O Compromisso dos Vampiros!

Eu me afundei nos cobertores. - Eu não quero ser uma vampira hoje.

Eu ouvi um xingamento, e os cobertores foram arrancados do meu corpo e jogados no chão.

- Droga, Mallory! - Eu sentei e tirei uma mecha de cabelo negro do meu rosto. - Eu tenho vinte e sete anos e sou perfeitamente capaz de levantar sozinha. Saia do meu quarto! Vá perturbar Catcher.

- Catcher tem problemas maiores em sua cabeça agora, Mer. - Ela parou no meio de folhear as camisas que estavam penduradas no meu armário. - Você ouviu sobre essa outra garota? A que foi morta.

Eu acenei enquanto tirava o sono dos meus olhos. - Eles a mencionaram noite passada.

- Que época infernal para virar um vampiro.

- Nem me fale. Eu disse a mesma coisa outro dia.

Mallory começou a tirar as roupas dos cabides e jogá-las em uma pilha no chão. Eu dei a ela um olhar dramático que ela não se incomodou em notar.

- O que você está fazendo?

- Eu estou achando algo para você vestir. Você tem compromisso hoje.



Para tudo que Mallory declarava-se imune aos benefícios de ser tão linda e em boa forma quanto ela era, tinha momentos que ela se divertia com coisas femininas. Suas irmãs do clube de moças ficariam orgulhosas.

Eu balancei minhas pernas sobre o lado da cama. - Não é compromisso. É Iniciação. Iniciação *de vampiros*. Eu não preciso me vestir para que Ethan possa me humilhar.

- Verdade. Ele humilhou você bem quando estava em jeans e uma camiseta. - Ela olhou de volta, me deu um olhar sobre seu ombro, irritado o suficiente para reduzir um penhor às lágrimas. - Mas você vai estar lá com, o que você disse, outros onze vampiros novos? Você precisa mostrar a eles do que é feita. Hoje é o seu dia para recomeçar. Para se reinventar.

Eu estremeci quando Mallory tirou um par de sapatos altos pretos e uma blusa justa, branca de botões. Eles se juntaram as calças que ela tinha jogado na cama.

- Essa não é o tipo de coisa que eu costumo usar.

Ela riu. - É por isso que você vai usar essa noite. - Ela fez um gesto com as suas mãos. - Banheiro. Limpe-se.

Quando tomei banho e me sequei, Mallory assumiu. Nada escapava sua observação. Eu estava perfumada, depilada e maquiada dentro de um polegar da minha vida, meu cabelo longo escovado e pulverizado até brilhar a longa margem da minha franja negra sobre a minha testa. Eu estava escondida dentro das calças sociais e a camisa branca de botões, muito justa, que tinha braceletes no final das mangas três - quartos. A camisa foi colocada, e ela envolveu um cinto preto ao redor da minha cintura, antes de desabotoar o par de botões de cima na camisa.

- Você pode ver meus peitos se fizer isso. - Eu a avisei.

- Assim como eles - ela disse sarcasticamente. - E esse é o ponto. Você está interpretando a parte da vampira quente solteira essa noite.

Eu observei meu reflexo mudar no espelho – de estudante de graduação casualmente atraente para algo um pouco mais ardente. Ela amarrou três tiras justas de espessas contas prateadas ao redor do meu pulso direito, adicionou algumas camadas de maquiagem – me dando, como ela explicou, “um dramático olho esfumaçado e lábios beijáveis”, então me deslizou dentro dos saltos.

- Tudo bem - ela disse, balançando seu dedo em um movimento giratório. - Vire-se.

Eu executei como um poodle treinado de circo, girando lentamente no lugar para que ela pudesse me analisar.

- Legal! - ela elogiou. - Você está muito, muito bonita.

Eu suspirei e a deixei ajustar a bainha na perna das calças e a gola da minha camisa, então checar meus dentes.

- Tudo bem. Teste final. Vamos.

Porque eu não estava acostumada a andar em salto alto, ela me ajudou a descer as escadas, então me fez ficar no pé das escadas, enquanto ela se movia para dentro da sala de estar.

- Cavalheiros, eu apresento o mais novo membro da Casa Cadogan, a vampira mais esperta de Chicago: Merit!

Eu estava desapontada que ela não tinha me nomeado “A vampira mais sexy de Chicago”, mas peguei o que podia e fui em frente quando ela gesticulou para eu ir. Jeff e Catcher estavam sentados no sofá, Jeff quase se atirando dele quando eu entrei na sala de estar.

- Woot, woot! - Ele gritou. - Você parece boa o bastante para comer!

Eu deslizei a Mallory um olhar. - Ele é o seu teste? Ele acha que qualquer coisa com seios parece bom.

- Como você não se qualifica, é por isso que eu o chamei.

Eu dei a ela um rosto juvenil e cobri meus seios protetoramente. Não tinha muito deles, mas era meu, droga. Eu derrubei minhas mãos quando Jeff ficou em frente a mim, sorrindo masculinamente.

- Você parece que-ente. Certeza que você não quer largar esse negócio de vampiro e justar-se a Matilha? Nós temos melhor... seguro.

Eu sorri para ele, certa de que “seguro” não tinha sido a primeira sugestão em sua mente, mas foi realmente impulsionada pelo dedo que Catcher empurrou pelas suas omoplatas. Mas eu o agradeci e estendi meus braços para Catcher.

- Boa sorte - ele ofereceu, me abraçando e me soltando. - Você não decidiu ainda o que vai fazer sobre os juramentos?

- Ainda não. - Eu admiti a única questão agitando meus nervos. Como uma deixa, uma batida soou na porta. Jeff, que estava mais perto, abriu-a. Um motorista uniformizado tirou o quepe de sua cabeça.

- Srta. Merit, por favor, encaminhe-se a Casa Cadogan.

Eu soltei uma lenta respiração, tentando acalmar o medo que estava fazendo uma emaranhada bagunça no meu estômago, e virei meus olhos nervosos para Mallory. Ela sorriu e estendeu suas mãos, e eu fui para dentro do seu abraço.

- Minha garotinha está crescendo.

Eu não resisti à risada, o que eu tinha certeza que era sua intenção. - Você está tão ferrada. - Quando eu a deixei ir, Catcher veio, colocando uma mão possessiva em suas costas.

- Seja boa essa noite.

Eu concordei e agarrei a minúscula bolsa preta e branca que Mallory tinha preparado para mim. Nela continha, ela tinha me informado mais cedo, um batom, meu celular (desligado, para que não irritasse meus companheiros de casa), as chaves do meu carro, dinheiro de emergência. E, aham, um preservativo, Mallory aparentemente pensando nisso como se eu fosse ser pega em um sexo vampírico de emergência. (Vampiros podiam pegar DST? Aposto que eles não abrangeram isso no *Canon*.)

Bolsa preparada, eu dei a todo mundo um trêmulo aceno final e segui o motorista para a aerodinâmica limusine preta que estava na calçada. Durante o percurso para motorista-porta aberta, embora a maioria das minhas células cerebrais estivessem ocupadas tentando me manter ereta nos stilettos⁷⁶ de três polegadas, eu tomei um momento para lembrar a última vez que uma limusine tinha sido estacionada em frente a nossa casa. Tinha sido seis dias atrás, quando eu tinha chegado, recentemente mudada e enfiada em um vestido de cocktail, ainda tonta do ataque e da mudança.

Seis dias depois, metamorfos apimentaram Chicago, meu avô empregou um vampiro secreto, minha companheira de quarto estava namorando um mágico, e eu estava aprendendo como empunhar uma espada de samurai.

A vida definitivamente seguiu em frente.

A limusine andou em uma velocidade constante para o sul, parando em frente a uma Casa Cadogan iluminada e deslumbrante. Tochas iluminavam a calçada da Casa e o caminho que levava a porta da frente, e velas brilhavam em cada uma das dúzias de janelas da Casa. Um dos guardas do portão da frente abriu a porta da limusine e me deu um sorriso reconhecedor quando eu pisei na calçada. Enquanto eu andava dentro dos terrenos, eu percebi que as dezenas de tochas que iluminavam a calçada não eram da sua variedade de tochas de jardim. Elas eram elegantes, esculpidas de ferro forjado. E mais importante, elas eram sustentadas por uma luva de vampiros – homens e mulheres, todos vestidos em chiques ternos de corte – que ficavam ombro a ombro ao longo da calçada.

⁷⁶ Sapato de salto fino: <http://lifepulse.files.wordpress.com/2009/04/stiletto.jpg>

Meu estômago se apertou com nervos, mas eu me forcei a andar em frente, a andar por eles. Eu não tinha certeza do que esperava – desprezo e escárnio, talvez? Alguma indicação de que eles tinham visto através de mim, e sabiam que eu não era tão poderosa como alguns pareciam acreditar?

A reação deles era quase mais assustadora. Cada par, quando eu passei, inclinavam suas cabeças. “Irmã.” Eles disseram quietamente, deste modo à palavra flutuou atrás de mim quando eu me movi através deles.

Arrepios cobriram meus braços, meus lábios se separando quando eu absorvi o peso do que eles estavam me oferecendo – solidariedade, parentesco, família. Eu andei ao pátio coberto, olhando atrás de mim, e inclinei minha cabeça na direção deles, esperando que eu valesse à pena.

Malik estava na porta aberta, e ele estendeu uma mão em convite.

- Ele preparou um show - ele disse quietamente quando andei para dentro. - Você vai achar as mulheres na ante-sala da sala do baile. - Ele inclinou sua cabeça em direção as escadas. - Todos os caminhos para cima e para a esquerda.

Eu concordei de novo e agarrei o corrimão quando eu alcancei as escadas, bem ciente de que escadas, saltos de três polegadas, e coxas cheias de adrenalina eram uma combinação perigosa.

No topo das escadas, eu fui para a esquerda. O som feminino de risadinhas bobas e brincadeiras ecoava através do hall, e eu andei em sua direção, parando na porta aberta. Tinha uma dúzia de mulheres no quarto que tinha sido enfeitado para parecer como um suntuoso camarim – grandes espelhos, um monte de luz, um monte de “produtos”. Metade dos vampiros usavam o preto Cadogan tradicional. Eles Novatos ajudaram os outros cinco, que estavam vestidos em uma extensão de vestimentas glamorosas (vestidos de cocktail, blusas cintilantes, calças de cetim), preparados para a cerimônia. Essas mulheres maquiadas e vestidas eram minhas colegas Iniciantes, e eu repentinamente me senti velha e bolorenta nesse traje preto e branco.

Enquanto eu os assistia, eu percebi que eles estavam todos sorrindo. Seus olhos estavam brilhantes e ansiosos, como se eles estivessem se preparando para o evento mais excitante de suas vidas. Essas eram mulheres, eu pensei, que tinham sido convidadas a se juntar a Casa. Que tinham escolhido – conscientemente – esquecer do mundo humano pela noite e sangue e a intriga política de vampiros.

Eu senti uma inveja aguda. Como teria sido, andar dentro da Casa Cadogan e pedir por associação, ou ver a Recomendação como a celebração de uma profunda realização? Realmente era Demanda dos Vampiros para essas mulheres, antigos humanos que acreditavam que eles mesmos eram felizes para fazer o corte.

- Elas são como leões se preparando para pular na gazela.

Eu sorri no rancor dos meus nervos, me virando para achar uma vampira loira sorridente atrás de mim. Ela vestiu o preto requerido, seu longo e comprido cabelo colocado em um rabo-de-cavalo arrumado na sua nuca.

- E Ethan é a gazela?

- Oh, sim. - Ela inclinou sua cabeça em direção à provisão – agora aplique mais alguma nova sombra de batom M.A.C. – e balançou sua cabeça - Não que elas tenham uma chance. Ele não toca as crianças novas. Mas eu não acho que vou dizer isso a elas. - Seu sorriso aumentou, e eu decidi não pensar muito sobre o fato de que eu era uma criança nova, e ele certamente me tocou.

- Eu acho que vou deixá-las se estufarem. - Ela decidiu. - Isso dá as crianças mais velhas algo para aproveitar mais tarde.

- A vitória da derrota?

- Exatamente. - Ela estendeu a mão. - Lindsey. E você é Merit.

Eu concordei cautelosamente e aceitei sua mão, me perguntando que outra informação ela tinha recolhido ou já que parecia ser uma popular fofoca de vampiro, minha paternidade.

- Nada a temer sobre mim. - Ela assegurou, sem eu ter levantado o problema. Quando meus olhos se arregalaram, ela ofereceu. - Eu sou empática. Você ficou muito tensa, e eu tive essa sensação de que era sobre algo mais profundo, familiar, talvez. Mas eu não daria a mínima para quem seus pais são. Além disso, meu pai era o rei porco de Dubuque. Então eu sei de vida alta, *chica*.

Eu ri alto, atraindo a atenção das mulheres nos espelhos, que se viraram todas para olhar para mim. E para me avaliar. Eu recebi um monte de olhares de-cima-a-baixo e algumas sobrancelhas cautelosamente levantadas antes delas se virarem de volta para o espelho e decidirem sobre aperfeiçoar seus cabelos e maquiagens. Eu me senti uma estrangeira – familiar o bastante com Ethan e a Casa para perder aquele brilho de “nova criança”, mas definitivamente não ainda uma das “crianças mais velhas”, que eu assistia se moverem ao redor dos novatos com eficiência confiante, oferecendo assistência, pulverizando cabelos, acalmando nervos.

Lindsey repentinamente bateu suas mãos juntas. - Senhoras, nós estamos prontos. Se vocês me seguirem, por favor? - Ela foi para a porta. Meu estômago em nós, eu engoli pesadamente e segui em fila atrás das outras garotas.

Nós andamos de volta ao hall, mas dessa vez passamos pelas escadas. Nós nos movemos, em vez disso, em direção a um grupo de homens que estavam em uma tensa fila do lado de fora de grandes portas duplas. Tinham seis deles, todos em ternos de corte na última moda, e eles se viraram quando nos aproximávamos, sorrindo apreciadamente. Eles

eram o resto das novas crianças, os seis vampiros masculinos que, em uma questão de minutos, estariam se tornando membros totalmente desenvolvidos da Casa Cadogan.

Nós nos juntamos à fila atrás dos caras, enquanto os vampiros que nos acompanharam formaram uma fila do nosso lado. Eu era a última vampira em fila; Lindsey tomou o lugar ao meu lado.

Nós ficamos quietos por um instante, os doze de nós nervosamente ajustando as roupas e alisando o cabelo, arrastando nossos pés enquanto nós esperamos pelas portas se abrirem, esperamos para jurar nossa lealdade e obediência ao homem que tinha tomado a responsabilidade de assegurar nossa saúde, nosso bem-estar, nossa segurança. Eu senti uma rápida e momentânea simpatia pela responsabilidade que ele havia pegado, mas eu lutei com o sentimento. Eu tinha o bastante para me preocupar.

Com um macio *whoosh*, as portas foram abertas, revelando um salão de baile que estava envolvido em luz e tamborilando com a batida da música ambiente pesada.

Meu estômago se agitou, e eu coloquei uma mão no meu abdômen para parar o puxão.

- Você vai ficar bem. - Lindsey sussurrou. - Eu vou te escotar. E como você é a última, você só terá que fazer o que os outros fizerem. Siga o líder deles.

Eu concordei, mantendo meus olhos nos cabelos negros e curtos da mulher na minha frente. A fila começou a se mover, nós lentamente prosseguimos dentro do espaço, em passo com os vampiros do nosso lado.

Gigantescos espelhos emoldurados pendurados dos dois lados do salão de baile, ondas revoltas de tecido branco caíam acima deles. O chão de carvalho estava brilhando, as paredes um tom pálido de dourado. Candelabros segurando centenas de velas cintilando, refletindo um brilho dourado por todo o lugar.

Os vampiros, todos de preto, eram uma folha prateada contra a decoração. Eles estavam em duas colunas grandes e bem dispostas, como um esquadrão em atenção, um estreito corredor entre eles. Nós andamos entre as colunas, Lindsey e eu conduzindo a parte de trás.

Na frente do quarto, em uma plataforma elevada, estava Ethan, flanqueado por Malik e Amber, Luc ficando atrás. Ethan parecia um pirata. Ele estava vestido em preto, desta vez uma camiseta justa de manga comprida que mostrava cada plano e curva do seu torso, e uma calça social frouxa. Seus pés estavam enfiados dentro dos sapatos pretos quadrados, seu cabelo na altura dos ombros colocado caprichosamente atrás de suas orelhas. Suas pernas estavam separadas, como se ele estivesse abraçando seu corpo contra o balanço do mar, braços cruzados sobre seu peito enquanto ele nos observava chegando mais perto, a cada parte o capitão sobrevivendo a sua equipe. Ele também parecia tão confiante quanto eu nunca tinha o visto – seus ombros ajustados, seu maxilar definido, seus olhos esmeralda brilhando com poder.



Seu olhar fixo seguiu a fila de vamps, pulando sobre cada um, e eu vi sua testa se franzindo antes de me achar no fim da fila. Nossos olhares se trancaram novamente, o ato não menos poderoso do que tinha sido quando nós nos conhecemos pela primeira vez, uma semana atrás. E então, com um movimento tão rápido que eu pensei mais tarde se tinha imaginado, ele inclinou sua cabeça.

Eu acenei de volta.

Meu olhar ainda em Ethan, eu quase tropecei na mulher na minha frente quando paramos de nos mover, o primeiro da nossa fila pareado com as colunas de vampiros do nosso lado.

A música parou e o quarto silenciou. Ethan descruzou seus braços e tomou um passo a frente.

-Irmãos. Irmãs. Vampiros da Casa Cadogan.

O quarto rompeu em aplausos espalhafatosos, os vampiros ao nosso redor assobiando e gritando até que Ethan os silenciou com um rápido movimento de sua mão.

- Essa noite nós iniciamos doze novos Vampiros Cadogan. Doze vampiros que vão se tornar seus irmãos, suas irmãs, seus companheiros de quarto, seus amigos. - Ele pausou. - Seus aliados. - Tiveram concordâncias na multidão.

- Essa noite, doze novos vampiros vão jurar lealdade a Casa Cadogan, a mim, e a vocês. Eles vão se juntar a nós, trabalhar para nós, rir conosco, amar conosco, e, se necessário, lutar conosco. - Ethan pausou, então tomou um passo a frente. - Meus amigos, meus vassalos⁷⁷, vocês permitem?

Eles responderam com ação. Como um só, os vampiros dos nossos lados giraram para nos encarar. Então, quase simultaneamente, suas expressões solenes, eles caíram no chão, se ajoelhando diante de nós. Mas para o grupo no pódio, nós éramos os únicos homens e mulheres ainda de pé, o resto refletindo ao redor de nós. Eles nos ofereceram associação, eles ofereceram a Ethan consentimento, fé.

Eu fiquei com arrepios de novo.

Foi humilhante, surpreendente, comovente assistir a apresentação, para ver uma centena de vampiros prostrado diante de mim, para saber que eu era parte disso, que era um deles. O nervosismo desapareceu, substituído por um tipo estranho de conhecimento, um entendimento profundo de que eu tinha me tornado algo diferente, algo histórico.

Algo mais.

⁷⁷ Servos, súditos.

Eu deixei meu olhar flutuar através da multidão de vampiros, ainda ajoelhados perante a nós, e fiquei ciente de alguma coisa a mais - o lento zumbido de poder, como uma sutil corrente elétrica, que se moveu através deles, como água sobre uma queda de rochas.

Magia.

Eu deixei minha mão levantar, deixei meus dedos sentirem a sutil forma dela, as curvas e inclinações no ar. Não era diferente de estar colocando uma mão fora da janela do carro e sentindo o vento passar, tinha o mesmo senso estranho de solidez. E, - como Catcher disse. - não era que eles estavam fazendo magia, efetuando-a. Era mais como se eles estivessem a expulsando, soltando-a no ar ao redor de nós. O que quer que Ethan tenha dito, ser um vampiro não era somente sobre genética.

Percebendo que eu estava no meio de quase uma centena de vampiros, minha mão flutuando no ar como uma idiota, eu a puxei de volta, esfregando o interior da minha palma com um dedo para tirar os formigamentos restantes. Eu sobrevivi aos vampiros ao meu redor, percebendo que mais ninguém parecia ter notado a magia. Os Iniciantes encaravam um pouco sem expressão os vampiros da Casa, bocas abertas em surpresa, seus olhos piscando nervosamente através dos homens e mulheres aos nossos pés.

Eu arrisquei um olhar e olhei para Ethan, ainda na plataforma. Seu olhar estava em mim, sua expressão impossível de ler, mas sua atenção fixa. Eu pensei se ele tinha me visto levantar minha mão, sentir a corrente, e eu pensei se tinha feito algo errado ao tocá-la.

Após um momento, ele se virou para suas tropas. - Ergam-se, amigos, enquanto nós damos boas-vindas aos seus companheiros, enquanto eles juram suas promessas para proteger essa Casa.

Os vampiros ergueram-se em comum acordo, como se eles tivessem se coreografado e praticado os movimentos. Eles se moveram com tamanha sincronização que era parecido a assistir um rebanho de pássaros em vôo – e um pouco desconcertante em um grupo de homens e mulheres.

Eles giraram novamente para encarar Ethan, e a tensão no quarto pareceu se elevar, os novos vampiros na minha frente se mexendo nervosamente. Alguma coisa estava para acontecer.

Lindsey se inclinou na minha direção. - Quando ele chamar seu nome, quando ele te chamar para ir em frente, vá até ele. Pode assustar você, mas é perfeitamente natural. Ele chama todo mundo.

Sem aviso, o vampiro Iniciante na frente da fila – um jovem de talvez vinte e cinco anos – tropeçou para frente. O vampiro do seu lado pegou seu cotovelo para segurá-lo, então o escoltou nos doze passos estranhos até o pódio, onde ele se ajoelhou perante Ethan. O acompanhante então foi para o lado. O quarto estava silencioso, todos os olhos no Mestre e

no Iniciante perante ele. Ethan se abaixou, disse algo para o garoto, que concordou, e respondeu.

A troca continuou por alguns momentos, antes de Malik ir em frente e ofereceu algo para Ethan. Brilhava na luz, – um medalhão em uma fina corrente de ouro – e o vampiro abaixou sua cabeça. Ethan colocou suas mãos ao redor do pescoço do homem e colocou o medalhão. Quando estava preso, ele sussurrou de novo, e o homem se ergueu.

- Joseph, Iniciante de Cadogan, eu te faço um membro completo da Casa Cadogan, com todos os direitos e deveres de um vampiro Novato.

A multidão aplaudiu roucamente quando Joseph e Ethan se abraçaram. Amber então saiu do pódio e levou Joseph para um lado, onde ele ficou nos olhando, como um finalista de concurso.

A mesma sequência seguiu com os outros dez vampiros antes de mim – ajoelhando, falando, abraçando, aplausos. Warner, Adrian, Michael, Thomas, e Connor seguiram Joseph dentro da fila de Novatos de Cadogan, assim como cinco mulheres – Penny, Jennifer, Dakota, Melanie e Christine. Antes de eu saber, eu estava na frente da fila, Lindsey do meu lado, Ethan perante mim, a multidão de Novatos – novos e velhos, assistindo enquanto eu esperava para ser chamada. Adrenalina começou a surgir.

O salão ficou silencioso de novo. Eu me forcei a levantar meu olhar, a encontrar o de Ethan. Teve um momento de contato visual antes dele abaixar a cabeça.

Foi quando eu ouvi – o eco macio de sua voz na minha cabeça, como um sussurro vindo do fim de um túnel. E então eu estava caminhando através do túnel, em direção ao som, e eu apertei meus olhos e tentei estancar a repentina explosão de náusea. Sua voz chamava claramente, meu nome. Meu nome inteiro – o primeiro, o do meio, o último. E vindo dos seus lábios, não soava tão ruim.

Mas eu não era mais aquela garota. Não tinha sido, talvez nunca, e certamente não era desde que eu era velha o bastante para reivindicar minha própria identidade. Para ser Merit, melhor do que o fantasma de alguém mais.

Olhos fechados, contemplando minha identidade, eu não tinha ouvido ele se aproximar. Eu não soube que ele estava perante a mim até sentir seus dedos em um aperto ao redor dos meus braços.

Minhas pálpebras se levantaram. Ethan olhou para mim, narinas tremendo, prata moderando as margens de suas íris. Eu engoli e olhei em volta, percebendo que o salão estava silencioso, e que todos os olhos estavam em mim. Eu olhei para Lindsey, cuja expressão mostrava alguma mistura terror, choque e temor, e eu não tinha idéia do que tinha feito.

Eu pisquei e voltei meu olhar para Ethan. Um músculo contraiu-se em sua mandíbula, e ele se inclinou para frente.

- Que diabos é o tipo de jogo que você está jogando?

Eu abri minha boca, mas estava muito atrapalhada para formar palavras. Desesperada para fazê-lo entender que eu não tinha, *dessa vez*, propositalmente falhado com ele, eu balancei minha cabeça freneticamente.

- Eu não estou. - Eu fui capaz de botar para fora, querendo que ele entendesse.

Ethan piscou seus dedos se soltando um pouquinho, e seus olhos procuraram através do meu rosto, procurando meu olhar. - Você não veio em frente quando eu te chamei.

- Você não me chamou.

-Você me ouviu chamar seu nome?

Eu concordei.

- Eu te coloquei para frente, assim como eu coloquei todos os outros. Você não veio. - Então seus lábios se separaram seus olhos repentinamente se arregalando, sua expressão repentinamente apreciativa. - Você não estava lutando comigo?

Eu balancei minha cabeça. - Claro que não. Não agora. Não assim. Eu posso não ser sempre... adaptável, mas eu tenho um forte instinto de sobrevivência. Eu não vou insultar você na frente do seu pessoal. - Eu ofereci a ele um pequeno sorriso. - Bem, não de novo, de qualquer maneira.

- Ethan? - Malik foi em frente. - Devemos liberar os outros?

Ethan balançou sua cabeça. Ele relaxou seus dedos e soltou meus braços, e então se girou nos seus calcanhares. - Siga-me.

Eu não hesitei, mas segui andando atrás dele, deixe-o tomar alguns passos para a plataforma, e parei na frente dele. Eu não me ajoelhei incerta do que ele queria que eu fizesse. Malik tomou o lugar do lado de Ethan, e quando seu pessoal estava reunido de novo, ele olhou para a multidão.

- Amigos.

A única palavra silenciou os vampiros, silenciou as especulações que eu sabia que tinha começado a abrir caminho através da Casa: Por que ela não foi em frente? Era algum tipo de rebelião? (de novo?) Ele ia puni-la dessa vez? (legalmente?)



- Nesses tempos, paz é trêmula. Aliados são chaves. Poder é chave. - Seu olhar se deslizou para mim. - Eu a chamei. Não teve efeito.

O murmúrio começou a ficar sério.

- Ela resistiu à chamada, - Ethan continuou, erguendo sua voz sobre os vampiros. - Ela resistiu ao encanto. Ela tem força meus amigos, e será uma aprovação para nossa Casa. Por que ela é nossa. Uma vampira Cadogan.

Pela terceira vez, os arrepios surgiram.

Ele olhou de volta para mim e acenou ligeiramente, e eu me ajoelhei diante dele. Então ele tomou um passo à frente e olhou para mim. Seus olhos brilharam com justiça, brilhante vidro verde embaixo da margem dos cílios longos e loiros.

Era essa. A hora para me jurar, ou não, em serviço para esses vampiros.

Para Cadogan.

Para Ethan.

- Merit, Iniciante da Casa Cadogan, na presença de seus irmãos e irmãs, você jura fidelidade e lealdade para a Casa Cadogan, para sua honra, para seu Lorde? Você jura ser sincera e fiel a Casa de Cadogan e seus membros para a exclusão de todos os outros, sem exceção? Você jura apoiar a liberdade de seus irmãos e irmãs?

Eu mantive meus olhos nos dele e com uma única palavra, aceitei uma eternidade de obrigação.

- Sim.

- Merit, Iniciante da Casa Cadogan, você jura servir a Casa e seu Lorde sem hesitação, e nunca, por palavra ou escritura, procurar machucar a Casa, seus membros, ou seu Lorde? Você vai ajudar a segurar e defendê-la contra qualquer criatura, viva ou morta, e fazer essa promessa, com muito prazer e sem medo, e mantê-la pelo tempo que você viver?

Eu abri minha boca para responder, mas ele me parou com uma sobrancelha levantada.

-Imortalidade torna uma vida longa Merit, e por uma promessa eterna. Pense com cuidado antes de responder.

- Eu vou. - Eu respondi sem hesitação, já tendo feito a decisão que eu era, para melhor ou pior, uma Vampira Cadogan.

Ethan concordou. - Então que seja. Filha de Joshua, amada de Charles. - Eu sorri com a menção do nome do meu avô - Você oferece sua fé e fidelidade, e nós a aceitamos dentro de nossa graça e favor.

Ele tomou o último medalhão de Malik, se inclinou mais perto, e o prendeu ao redor do meu pescoço. Sua mão, eu pensei, se demorou por um momento antes dele voltar, mas antes de eu ter uma chance para pensar o que aquilo significou, sua voz retumbou através do salão.

- Merit, Iniciante de Cadogan, eu te faço... Sentinela dessa Casa.

A multidão arfou. Ethan olhou para mim, esperou pela minha reação.

Meus dedos instintivamente tocando o pingente na corrente, eu dei a ele uma reação imediatamente – levantando, olhos arregalados para os dele e encarando, de boca aberta, a revelação. Eu estava chocada, em parte porque eu realmente sabia o que uma “Sentinela” era, e em parte porque ele tinha me feito uma.

Como eu tinha explicado para Mallory, a posição de Sentinela, como muito da Casa, era feudal em origem, e não era muito usada em Casas Modernas. Onde o Capitão da Guarda da Casa, nesse caso Luc, ficava como a cabeça do pequeno exército de guardas da Casa, a Sentinela era responsável por guardar a casa como uma entidade. Como Sentinela, eu seria responsável pela estrutura em si, e o mais importante, pela Casa como um símbolo.

Como Mallory colocou, eu estaria defendendo a marca. E eu seria honrada-jurada para servir a Casa, qualquer persistente desconfiança para Ethan completamente além do ponto.

Na verdade, ele estava assegurando minha lealdade a Cadogan na forma mais perspicaz possível – me dando o dever de defendê-la.

Era brilhante. Uma estratégia merecedora de aplausos. Uma estratégia merecedora-de-Ethan, por tudo que ele se orgulhava nas manobras políticas.

Ainda ajoelhada, eu o encarei. - Bem jogado.

Ele sorriu sobre seus olhos encapuzados, ofereceu sua mão a mim. Eu a peguei e me levantei.

- De novo, - ele disse seus olhos iluminados. - nós vemos seu potencial para causar estragos.

- Não era minha intenção causar estragos. Eu não posso impedir se eu sou... anormal.

Ethan sorriu. – Anormal não - ele disse. - Única. E eu acredito que nós vamos nos ajustar a esse desenvolvimento.

Ele estava sendo anormalmente não-irritante, e eu pensei se aceitando os juramentos eu tinha ultrapassado algum começo importante para ter a confiança de Ethan. Talvez agora que eu era oficialmente uma vampira Cadogan – exposta as regras do Mestre a ao esquema detalhado de disciplina e penalidade do *Canon* – ele poderia se permitir confiar em mim.

Mas Ethan manteve seus olhos em mim, seu olhar indo e voltando através do meu rosto. Ele ainda parecia estar procurando por alguma coisa, esperando por alguma coisa, então eu soube, mesmo que nós tivéssemos feito progresso, que nós ainda não tínhamos acabado inteiramente.

- O que?

- Eu quero sua fidelidade.

Eu franzi minha testa, não entendendo. - E a tem. Eu simplesmente fiz um juramento. Dois. Dois juramentos para proteger você e as suas pessoas contra todas as coisas vivas e mortas. Eu nem sei como a segunda parte funciona, e eu a assinei mesmo assim.

Ele balançou a cabeça. - As Casas vão ouvir sobre sua força, eles vão aprender sobre sua velocidade e agilidade. Eles vão aprender que você pode resistir ao encanto. - Ele levantou as sobrancelhas, e eu percebi que ele estava perguntando por uma confirmação. Eu acenei.

- Outros, quando aprenderem de suas origens, vão testar sua lealdade, questionar se você é... submissa. Haverá dúvidas quanto à sua disponibilidade para aderir a minha autoridade. - Seu olhar se intensificou, suas Iris agora de um verde profundo – como água do mar fria e escura. - Eu quero que as Casas saibam que você é minha.

Eu ouvi a nota tensa de possessão em sua voz, mas sabia que não era pessoal – não tinha nada a ver comigo, mas refletia sua preocupação que outra Casa pudesse me atrair para longe. E Ethan não estava interessado em dividir seu novo brinquedinho. Qualquer que seja sua atração física por mim, eu era uma arma, um instrumento, um utensílio para ser armazenado em defesa da Casa dele. Dos vampiros dele.

Mas ele tinha me dado minha própria arma. Enquanto eu era uma vampira Cadogan, submissa as suas ordens – e enquanto eu não tivesse nenhum plano imediato para resistir a sua autoridade – eu era uma Sentinela para a Casa Cadogan, não para Ethan Sullivan. Meus planos para proteger a Casa substituiriam seus planos individuais para mim. Ironicamente, enquanto ele pensou em me segurar, ele tinha realmente me dado às chaves para minha independência.

- Enquanto pode parecer divertido para você ficar me mostrando. - Eu disse a ele, - É melhor para Cadogan se minhas forças não forem desfiladas na frente das outras Casas. É melhor mantê-las no escuro e para você me deixar fazer meu trabalho. Eu vou atrair menos suspeita se eles não souberem o quão forte eu sou, especialmente se eles não souberem que

eu tenho certa imunidade ao encanto. A surpresa funcionará em nossa vantagem. - Meu tom não permitiu discordância, apenas ofereceu uma estratégia que eu sabia que ele aceitaria.

Enquanto eu esperei por uma resposta, enquanto ele considerava o que eu tinha dito, eu ofereci. - A menos que você somente queira que eu seja uma pessoa representativa, e não realmente empregar minhas habilidades para proteger a Casa.

Ethan balançou sua cabeça, franzindo enquanto ele o fazia. - Não. Você permanecerá Sentinela. Mas eles ainda vão questionar sua lealdade. Palavra nossa, vamos chamá-los, conflitos se espalham.

- Então minha palavra de que está tudo bem na casa Cadogan, de que eu sou, vamos dizer, empenhada ao seu serviço não terá muito efeito. Eles respeitarão ações, Ethan, não palavras.

Eu vi um brilho de apreciação nos seus olhos. - Justo o bastante. - Seu olhar deslizou para a multidão atrás de mim, e eu percebi que eles tinham estado assistindo o diálogo inteiro. Nossas posições não eram exatamente discretas, ficando como se estivéssemos na frente do quarto, dezenas de vampiros assistindo.

- Vamos continuar essa discussão amanhã Sentinela.

Notando que eu tinha perdido agora meu primeiro nome assim como ganhado meu novo título, eu acenei em concordância. No movimento de sua mão, eu tomei meu lugar como à décima segunda' adição a Casa Cadogan, ficando diretamente na frente de Amber. Eu podia senti-la me olhando atrás de mim, mas mantive meu olhar aberto e em branco e nos vampiros na frente de nós. Seus olhares suspeitos não eram melhores, mas pelo menos eles me notaram com um pouco menos de evidência, ciúmes induzido de Ethan.

Ethan se virou para a multidão. - Amigos, tendo ouvido os juramentos de nossos doze novos membros, nós encaramos a aurora como uma Casa feita maior, feita mais forte, feita mais segura contra seus inimigos. Eu lhes convido a dar boas-vindas a seus novos irmãos e irmãos com braços abertos.

Um vampiro na multidão falou: - Braços abertos são bons! Só não se esqueça de trancar a porta de seus quartos!

Ethan riu com a multidão. - E nessa nota irreverente, eu proclamo essa Recomendação fechada e lhes ofereço uma boa noite. Dispensados.

A multidão ofereceu um "Obrigado, Liege" simultâneo, e as filas de vampiros começaram a relaxar e a se aglomerar em pequenos grupos. A mulher da minha esquerda guinchou alegremente, e começou a abraçar os outros, provavelmente excitados que tinham finalmente sido admitidos na Casa. Eu não me senti confortável aproveitando a celebração – para melhor ou pior, eu não era um deles – e em vez disso olhei de volta a Ethan. Ele estava de volta na pose pirata-inspecionando-sua-equipe, e, eu pensei se ele sentia o mesmo senso

de separação – sendo ambos um membro de Cadogan, mas, pela virtude de ser sue Mestre, não realmente um deles.

Eu me movi de volta a ele, confiante que tinha pegado seu limite, mas precisando me assegurar de algo.

- Ethan?

Olhos na multidão, ele respondeu. - Hmm?

- O que você acha sobre os Bears?

Ele me deslizou um olhar, uma sobrancelha loura levantada. - Que eles são grandes predadores que hibernam⁷⁸?

Eu abri minha boca para especificar, mas percebi que a resposta disse o bastante.

- Não importa. - Eu disse, e me dissipei na multidão.

Do lado de fora do salão, os novos vampiros se agrupavam, sorrindo e rindo sobre a cerimônia, batendo nas costas uns dos outros e dividindo abraços vitoriosos. Eu assisti a celebração, não certa de que eu me juntar a eles seria apreciado.

Alguém cutucou minhas costas. Eu me virei para achar Lindsey, que segurava uma pilha de fichários e pastas de papel pardo grosso, o topo de cada uma tinha uma protuberância irregular. Eu peguei os materiais, que deviam pesar dez quilos, e levantei olhos questionadores.

- Papelada - ela explicou. - Formas de seguro, regras da Casa, toda aquela coisa boa. Nós temos um site da Cadogan. Os protocolos de segurança de Luc estão na sessão segura. Faça login e dê uma olhada neles assim que tiver uma chance. Você terá que se acostumar com eles em uma semana ou duas. O seu beep está lá, também. Mantenha-o sempre com você sem exceções. Se você estiver no chuveiro, leve-o para o banheiro. Luc considera todo o pessoal da segurança de plantão vinte e quatro horas por dia. Isso até inclui uma Sentinela alta e poderosa.

Entre sorrisinhos, eu consegui dizer. - Isso inclui você?

Ela acenou. - Eu sou uma guarda. - Ela me cutucou com seu quadril. - Então nós vamos nos ver bem mais agora que você vai ficar como Sentinela. Movimento histórico esse. Responde-me uma pergunta?

Eu instintivamente olhei em volta, chequei que nós estávamos longe o bastante dos vampiros que eu não daria qualquer segredo de estado respondendo algo honestamente. Os

⁷⁸ Ele se refere literalmente a ursos (bears).

novos Novatos pareciam estar arranjando sua festa de celebração, então eu achei que estava segura.

- Pergunte.

Lindsey inclinou sua cabeça para mim. -Você está dormindo com Ethan?

Por que as pessoas continuam perguntando isso? - Não. *Não*. Definitivamente não. Não.

Provavelmente o primeiro *não* tinha respondido a pergunta, mas eu não conseguia parar de despejá-los. Por que eu estava protestando tanto?

- Oh, é porque...

- Por que o que?

Ela acariciou meu ombro. - Não se exalte. Eu não quero acabar pregada no chão da sala de treinamento.

Eu levantei uma sobrancelha para isso, mas ela sorriu de volta. Eu estava começando a gostar dessa garota.

- Vocês dois só pareceram ter uma conexão. - Ela suspirou. - Isso não importa para mim, de qualquer maneira. Ele é tão quente quanto um filho da puta. - Lindsey atirou de volta um olhar interessante através das portas do salão, bem a tempo de ver Ethan saindo, absorto em conversa com Malik. - Alto, louro, corpo de um deus.

- Ego de um deus. - Eu coloquei, e os olhei passar bem pelos novatos e em direção as escadas. Ethan estava aparentemente cheio de brincar de ser o Mestre interessante, e voltou a brincar de frio e distante. - Ele é bonito, entretanto.

Lindsey deu uma risadinha, uma risada que saiu típica e adoravelmente irritante. - Eu sabia que você tinha uma coisa com ele. Seus olhos se derretem quando ele está perto.

Eu rolei meus olhos. - Meus olhos não se derretem.

- Eles ficam prateados.

Depois de uma pausa, eu permiti, - Não toda vez.

Lindsey riu baixo, e dessa vez o som era um pouco maléfico. - Você está ferrada, garota.

- Eu não estou ferrada. Podemos falar de outra coisa, por favor? - Lindsey abriu sua boca, e eu adicionei. - Outra coisa que não tenha a ver comigo e garotos da persuasão de

vampiros? - Quando ela deixou o assunto se calar, eu estava satisfeita que tinha tomado à ofensiva.

Uma mão no meu cotovelo nos parou antes de podermos pular para um tópico mais prazeroso.

- Saia conosco.

Eu olhei, e encontrei um dos novos vampiros do meu lado, e tive que pausar para lembrar seu nome. Muito alto, bastante jovem, cabelo castanho cortado e enrolado, um pouco fofo, algum tipo de sangue azul da costa leste. Connor, era isso.

- O que? - Eu respondi.

- Nós vamos sair para celebrar. - Ele inclinou sua cabeça na direção “do nó” de Novatos descendo coletivamente as escadas. - Você tem que vir conosco.

Eu abri minha boca para dar uma resposta hesitante, um “Eu não sei” que teria capturado o fato de que eu sabia que não era realmente um deles. Mas ele me parou com uma mão.

- Eu não vou aceitar um não como resposta. É nossa primeira noite oficial como vampiros Cadogan. Nós vamos ao bar Temple para celebrar. Tem doze de nós, e seria errado somente onze aparecerem. - Ele deu a Lindsey um sorriso cativante. - Você não acha?

- Eu definitivamente acho. - Ela deslizou sua mão na dobra do meu cotovelo. - Nós vamos te encontrar no bar.

Connor olhou de volta para mim, sorrindo como um garoto. - Irado. Nós te veremos, então. E eu terei uma bebida pronta. - Ele recuou seus punhos nos quadris, e me analisou. - Gim e tônico?

Eu acenei

- Eu sabia. Você parece uma garota G e T. Nós vamos esperar por você - ele disse então me tocou debaixo do queixo. Jogando sua jaqueta sobre seu ombro, ele desceu as escadas e ficou fora de vista.

Lindsey suspirou alto. - Ele é fofo.

- Ele é uma criança. - E não quis dizer cronologicamente – ele tinha provavelmente vinte e cinco anos, vinte e seis. Mas ele carregava aquele senso de rico otimismo de raça, compartilhado por um monte de crianças com quem eu tinha crescido. Eu era um pouco cínica pra isso. Dê-me o gasto, leve um garoto desiludido em vez disso.

- Um pouquinho mimado demais. - Lindsey concordou indo no coração do assunto.

- Mas isso não significa que ele não pode pagar pelas nossas bebidas. - Ela tomou um passo a frente e puxou meu braço. - Vamos lá. Vamos passar algumas horas fingindo que ser um vampiro significa ir a festas e compras com caras e ter vinte e cinco anos para sempre.

Nós trotamos pelas escadas, e andamos pela sala de estar, onde Malik e Ethan ainda estavam absortos em discussão. A sobrancelha de Ethan estava franzida, mãos nos quadris enquanto ele encarava Malik, que parecia estar explicando alguma coisa.

Lindsey e eu paramos no corredor, assistimos Ethan balançar sua cabeça, então entregar instruções a Malik, que concordou obsequiosamente e colocou no PDA.

- Vamos lá, senhoras! O álcool espera!

O olhar de Ethan foi de Connor, para Lindsey, para mim, e sua expressão se apagou. *Amanhã. Meu escritório.* Nós só tínhamos concluído a cerimônia, e ele já estava fazendo uso da conexão mental que ele tinha aberto entre nós.

- Vamos, Merit. - Lindsey disse, me puxando para longe. Eu acenei de volta a ele, e a deixei me levar para fora.

O Bar Temple estava alojado em um estreito prédio espremido em uma esquina na Wrigleyville. Era propriedade da Casa Cadogan e abastecido com artes Cubs, ele fez uma matança, sem trocadilhos, durante a temporada de baseball.

Era depois da meia-noite quando chegamos, e o bar estava lotado. Uma mistura de vampiros e humanos (aparentemente esquecidos dos predadores ao seu redor) enchiam o apertado espaço, o lado direito de cada um estava revestido por mobília de bar, o esquerdo por uma série de estandes e mesas. Um pequeno sótão estava empoleirado na parte de trás, que dava a um punhado de clientes uma visão de olho de pássaro do quarto, e seus padrões sobrenaturais.

Nós vimos Connor e o resto dos Novatos em volta de uma longa e espremida mesa de bar na beirada da área de sentar, bebidas em suas mãos.

- Merit! - Connor gritou quando fizemos contato visual, empurrando através da multidão para chegar até nós. - Eu achei que você ia dar um furo com a gente.

Eu comecei a esclarecer que tinham passado apenas alguns minutos desde que tínhamos nos visto, mas recebi uma cotovelada de Lindsey nas costelas. Eu dei a ela um olhar sujo antes de sorrir de volta a Connor.

- Nós conseguimos! - Eu disse iluminadamente, e aceitei o Gim e tônica que ele me ofereceu. Ele seguiu o exemplo com Lindsey, ela imediatamente tirou o limão da beirada de seu copo antes de tomar um grande gole da bebida. Eu segurei um sorriso, achando que ela precisava do líquido calmo para passar por uma noite com bebês vampiros.



Casualmente, eu também pensei, dado as teorias de Catcher sobre minha força física e mental, se eu podia formar o mesmo tipo de laço com ela que Ethan tinha formado comigo. Eu a encarei, tentando alcançá-la, colocar um túnel mental entre nós, mas tudo o que consegui para meu problema foi o começo de uma dor de cabeça latejante e um olhar estranho de Lindsey.

- O que você está encarando? - Ela perguntou.

- Como Ethan faz aquela coisa de conexão mental? - Eu perguntei de volta, enquanto seguimos Connor através da multidão, em direção aos novos Iniciantes, segurando nossas bebidas no alto para evitar derrubá-las nas pessoas ao nosso redor.

- Eu não sei os mecanismos disso, - Lindsey disse - se é isso que está perguntando. É o que os Mestres fazem. É a conexão com os vampiros que eles transformam.

Nós cortamos caminho através de homens e mulheres vestidos belamente, finalmente emergindo no fim da mesa de bar. Os vampiros que se reuniam ali – mulheres empoleiradas em saltos penosamente altos, homens ficando entre e ao redor delas – imediatamente pararam de falar.

- Pessoal - Connor anunciou no silêncio relativo, - Eu lhes trago a Sentinela da Casa Cadogan. - Ele levantou seu copo em minha direção. - Merit, seus irmãos. - Eles olharam para mim, me analisaram, avaliaram, e questionaram. Esperando pelo julgamento, eu levantei meu próprio copo e ofereci um sorriso tentador.

- Oi.

Uma mulher com um bob de brilhantes de cabeça negro deslizou um olhar a mulher loura do seu lado, então sorriu para mim.

-Amável conhecer você, Merit. Você causou uma tremenda impressão.

Sua dicção era perfeita, suas palavras precisas, seu justo terno preto cortando em um baixo decote em V.

Ela parecia vagamente familiar, levou um momento antes de eu perceber que eu tinha a visto antes – que eu realmente a *conhecia*. Essa era Christine Dupree, filha de Dash Dupree, um dos mais famosos de Chicago - o advogado de defesa criminal mais notório. Nossos pais eram amigos, e Christine e eu tínhamos sido apresentadas anos atrás em uma recepção para uma escola particular que meu pai queria me colocar. Eu tinha implorado a ele que me mantivesse em escola pública, e ele tinha desistido – por eu ter implorado tanto e pelo que ele tinha acreditado que tinha sido uma greve de fome de dois dias. (Eu não tinha mencionado a reserva de Oreos que meu avô tinha me ajudado a esconder dentro do meu quarto.)

- Nós nos encontramos antes, Christine. Você conhece meu pai.



Ela franziu o cenho, suas delicadas sobrancelhas erguidas franzidas, mas então um sorriso floresceu.

- Oh meu *Deus*. Você é *aquela* Merit! Filha de Joshua. É claro! - Ela se virou para as garotas ao seu redor, que nos assistiam com curiosidade ávida, e explicou nossa conexão. - *Deus, sente-se!* - Christine disse, acenando para o Novato Warner em direção a uma cadeira vazia em uma mesa atrás de nós. - Pegue uma cadeira para a garota, Warner.

No comando, Warner colocou um assento e o ofereceu com um tique.

- Minha dama.

Sentar ou não sentar? Eu olhei de volta para Lindsey, que estava conversando animadamente com Connor, seus olhos se agitando enquanto ela ria sobre algo que ele tinha dito. Eu decidi que estava bem, então tomei o assento e comecei a me familiarizar.

Eu conversei com os vampiros mais novos de Cadogan por horas. Ele me explicaram porque eles tinham optado virar vampiros, e as razões eram surpreendentemente variadas – doenças, nobreza, imortalidade, conexões familiares.

Michael tinha um ótimo-ótimo-ótimo-avô morto em um combate entre casas em guerra que tinha se tornado um vampiro Cadogan, oportunidades de carreira. Eu contei minha própria história, deixando de lado os detalhes imundos da minha transformação para vampiro, e senti a parede entre nós começar a se dissolver. Eles estavam especialmente excitados sobre eu ter desafiado Ethan, os caras me fazendo repetir a história até eles decorarem cada detalhe. Ethan, eles me informaram, era um lutador notório, com um recorde quase inquebrável de vitórias contra outros vampiros. Eles estavam divertidos que eu tinha o desafiado, impressionados que eu tinha me segurado.

Honestamente, eu estava surpresa pelas suas reações. Não é que eles estavam interessados na minha história, mas é que eles ouviram indiferentes da bagunça que tinha inadvertidamente feito da sua Recomendação. Eu esperava raiva e esnobismo, não aceitação.

Nós trocamos histórias até as primeiras horas da manhã, até os convidados lentamente saírem do bar, até Sean e Colin – os bartenders residentes, também vampiros Cadogan – animadamente nos expulsarem. Nós saímos e fomos para os nossos veículos, e eu dei a Lindsey uma carona de volta a Casa Cadogan. Ela passou a viagem debatendo os méritos de namorar um vampiro bebê. No fim da noite, com minutos disponíveis antes do amanhecer, eu saí do carro, e ri alto do banner gigante pendurado que atravessava a minha porta da frente e da Mal.

Era uma tira de plástico preto com “ADIVINHE QUEM ESTÁ SOBRE A COLINA!” impresso em um gigantesco letreiro branco através dele. Uma caveira e ossos cruzados, e do outro lado desenhos de lápides de cartoons.

Eu ri, adivinhando o culpado. As expressões dos guardas da porta da frente eram tão brancas como eu nunca tinha visto. Eu pensei que eles não estavam impressionados pela brincadeira. Eu passei por eles, destranquei a porta, entrei na casa e tranquei-a novamente. Dentro da sala de estar quieta, na mesa perto da porta da frente, tinha uma nota com o meu nome nela.

Merit,

Parabéns pela sua Iniciação dos Vampiros. Espero que você tenha tido um ótimo momento e dito ao Darth Sullivan para desistir. Também espero que tenha gostado do banner. Não era exatamente o que eu queria, mas eu gostei das lápides. Difícil achar um presente mais perfeito para a não-morta recente.

XOXO⁷⁹.

M.

Em um rabisco irregular embaixo da escrita de Mallory tinha outra mensagem:

O banner foi ideia dela.

CB

Sorrindo, eu enfiei a nota dentro do meu bolso, passei os dedos pelo medalhão no meu pescoço, e bem quando o sol começou a surgir no horizonte, subi as escadas para a cama.

⁷⁹ x = beijo, o = abraço



Capítulo 11

Conselho para Litigantes e Vampiros:

Nunca faça uma pergunta na qual você já sabe a resposta.

- Tire o seu traseiro da cama.

Duas noites seguidas? Eu gemi e puxei o travesseiro sobre minha cabeça. - Estou tentando dormir.

O travesseiro foi arrancado de volta, e um celular foi pressionado contra meu ouvido em tempo de ouvir alguém gritar. - Tire o seu traseiro da cama, Sentinela, e venha até a droga da Casa! Eu não sei que trabalho agradável você esperou, mas aqui, nós honramos nosso pagamento. Você tem quinze minutos.

Repentinamente acordada, e percebendo quem era no telefone, eu agarrei o celular da mão de Mallory e apalpei através dos travesseiros e cobertores até estar ereta. - Luc? Eu não posso atravessar a cidade em quinze minutos.

Teve uma risada de cascalho no outro lado do telefone. - Então aprenda a voar Sininho, e traga esse traseiro lindo para a Casa. - A ligação acabou com um clique audível, e eu atravessei pela cama e pulei para o chão.

- Muita pressa?

Xingando como um marinheiro de licença, eu folheei através do meu closet. - Estou atrasada. - Eu ventilei. - Os vampiros da Casa já me acham uma aberração. E agora eu sou a fresca aberração de princesa que não consegue aparecer no trabalho no horário. Eu não sabia que ele me queria lá no meio do anoitecer.

Sua voz quase irritantemente calma, Mal ofereceu. - Cheque a porta, querida.

- Eu não tenho tempo para enigmas, Mal. Estou atrasada. - Eu folheei através de uma camiseta de manga comprida, então outra, e outra, e não encontrei nada que os vampiros de Cadogan achariam pelo menos remotamente aceitável.

- A porta, Merit.

Com um gemido, eu saí do armário e olhei para a porta. Pendurados sobre minha porta do quarto estavam uma blusa preta de manga comprida e uma calça justa cinza. Um par de



sapatos de salto alto Mary Jane estava na frente deles. Como um conjunto, era simples, clássico, e com os sapatos stiletto, um pouco ardente. Eu olhei de volta para ela. - O que é isso?

- Um presente de primeiro-dia-de-trabalho.

Meus olhos se encheram com lágrimas, e eu as limpei com as mangas da camiseta de manga comprida que eu tinha dormido. - Você cuida bem de mim.

Ela suspirou e veio mais perto, então me colocou em um abraço. - Você está no oitavo dia das férias do cérebro de Merit. Você tem até o décimo dia. Espero que você tenha se ajustado até lá. - Ela tirou o cabelo do meu rosto, então torceu uma mecha dele. - Sinto falta da Merit esperta.

Eu sorri timidamente. - Eu sinto falta dela, também.

Ela acenou. - Bom. Eu vou correr e pegar um terno preto para você. Como você tem um aniversário a caminho, eu estou totalmente proclamando isso como seu presente.

O vigésimo oitavo aniversário era na próxima semana. E enquanto eu apreciava o pensamento, eu não estava louca sobre o suposto presente. - Sem querer ser exigente, Mal, mas eu posso ganhar um presente de aniversário que não seja relacionado a Ethan Sullivan?

- Tem alguma coisa na sua vida agora que não seja relacionado a Ethan Sullivan?

Hmm. Ela tinha um ponto.

- Agora, sem mais demoras! Entre no chuveiro, vista essas belas roupas, e vá fazer aquela coisa de Sentinela. - Eu a saudei e segui a ordem.

Levou-me vinte minutos para me vestir e para colocar em ordem – para puxar meu cabelo em um rabo de cavalo alto, para escovar minha franja, entrar nas novas roupas e amarrar as tiras finas do sapato de salto alto de três polegadas Mary Janes, pegar minha bolsa preta mensageira, prender meu beep – e outro punhado de tempo para chegar a Casa Cadogan. Eu joguei o carro para dentro do parque assim que estava perto do portão e trotei em meus calcanhares – e um belo olhar que era, eu tenho certeza pela calçada.

A Casa estava quieta e vazia quanto eu finalmente subi as escadas da frente e entrei na sala de estar. Eu supus que os vampiros estavam acordados e dispostos, já assumindo suas posições e dedicando a si mesmos a causa Cadogan. Eu espreitei dentro do salão da frente, não vi ninguém, e andei através dele para o segundo. Ainda sem vampiros.

- Procurando alguém?

De toda a sorte. Transformando meu rosto no que eu esperava que fosse um desgosto leve, eu virei para encarar Ethan. Não surpreendentemente, ele estava em preto – um terno

preto caído sobre uma camisa branca, sem gravata. Ele estava na soleira da porta, braços cruzados sobre seu peito, seu cabelo puxado na nuca.

- Estou atrasada - foi minha confissão.

Suas sobrancelhas se levantaram o canto da sua boca quase, mas não completamente, virou-se em divertimento. - No seu primeiro dia? Estou chocada. Eu tinha imaginado que você se provaria sendo nossa funcionária mais segura e de confiança.

Eu o contornei, espreitei através da soleira do salão. Ia para outra sala de estar, também vazia. - E eu aposto que você se tornou Mestre da Casa Cadogan devido ao seu humor espetacular. - Eu parei e o encarei, então coloquei minhas mãos nos meus quadris. - Onde eu acharia Luc?

- Por favor?

- Por favor, o que?

Ethan rolou seus olhos. - Essa era sua forma de mostrar algum respeito ao seu patrão.

- E você está sugerindo que esse é você?

Em resposta, ele levantou uma única sobrancelha no alto.

- A coisa é, - eu apontei. - desde que você me deu a responsabilidade de assegurar a segurança da Casa, eu tenho alguma autoridade sobre você, também.

Ethan descruzou seus braços e colocou suas mãos nos quadris. A postura era vagamente ameaçadora, seu tom somente um pouco menos que isso. - Somente se eu agir de modo que ameace a Casa. E eu não vou.

- Mas essa é minha determinação para fazer, não é?

Ele somente me encarou. - Você é sempre tão rebelde?

- Eu não sou rebelde. Teimosa, indiscutivelmente. E não comece com essa de que eu estava causando problema. Eu só estava fazendo uma pergunta.

- Você começa a causar problemas do minuto que acorda. Porque em questão, você está atrasada.

- E isso nos traz de volta ao círculo completo. Agora onde está Luc? - Ele levantou as duas sobrancelhas, e eu suspirei. - Deus, e você me chama de teimosa. Por favor, Sullivan, onde está Luc?



Houve uma pausa enquanto ele colocava suas mãos dentro dos bolsos, mas então, finalmente, me deu uma resposta que não envolvia uma crítica ao meu caráter. - Sala de operações. Descendo as escadas e à direita. É a primeira porta à esquerda, antes de ir ao quarto sobressalente. Se você repentinamente descobrir que está enterrada em vampiros, todos com a intenção de te ensinar as maneiras que você tão obviamente precisa você foi muito longe.

Eu levemente peguei nos lados da minha camisa e me abaixei em uma agradável reverência, fechando meus olhos. - Obrigada, “Liege”. - Eu disse, Condescendendo agradecidamente.

- Você ainda não está no traje de Cadogan, você sabe.

Eu amarrei a cara, inundada na realização de quebrar o coração que eu tinha tentado novamente, e falhei, de interpretar o vampiro Cadogan. Eu nunca ia ser boa o bastante para Ethan? Eu duvidei, mas falsifiquei um sorriso e descaradamente ofereci. - Você devia ter visto o que eu *ia* vestir.

Ethan rolou os olhos. - Vá trabalhar Sentinela, mas me encontre antes de ir embora. Eu quero conversar sobre as investigações dos assassinatos.

Eu acenei. Difícil ser sarcástico quando assassinato em série era o assunto. - Claro.

Ethan me deu um silencioso aceno final, então se virou e saiu do quarto. Eu mantive meus olhos na soleira da porta vazia mesmo quando ele se foi, ainda esperando que ele voltasse para dentro e adicionasse um comentário engraçadinho final. Mas silêncio preencheu a Casa, Ethan aparentemente estava disposto a não batalhar mais agora. Aliviada, eu tomei as escadas e virei à direita. A porta que ele tinha indicado estava fechada. Eu bati, ouvi alguém me convidar a entrar, abri a porta e entrei.

Era como entrar em um set de filmagem. O quarto era tão maravilhosamente decorado quanto os pisos superiores da Casa Cadogan, cores pálidas e mobília de bom gosto, mas estava manchada com tecnologia – telas, computadores, impressoras. Os finais do quarto retangular estavam ancorados por longos bancos de computadores e equipamentos que pareciam muito caros, com monitores de segurança montado em cima. Imagens pretas e brancas dos terrenos de Cadogan tremiam nas telas. Uma mesa de conferencia oval estava no meio do quarto, um monte de vampiros – incluindo Luc e Lindsey – ao redor dela. E na longa parede atrás da mesa de Conferência, uma tela de sete metros, projetando uma série de imagens de uma garota morena.

De *mim*.

Eu encarei, com lábios abertos, a uma foto de mim dançando em um palco em um collant rosa pálido, e uma saia ao redor das minhas coxas, mãos esticadas em cima da minha cabeça. Houve um som de “click”, e a imagem mudou. Eu estava na faculdade, vestindo uma

camisa da NYU⁸⁰. *Clique*. Eu estava em uma mesa de biblioteca, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto me debruçava sobre um livro. A foto era perturbada por sedução de vampiro – Eu sentada de pernas cruzadas em jeans em uma cadeira confortável, meu cabelo puxado em um nó bagunçado, óculos punk retro empoleirado no meu nariz, Chuck Taylors⁸¹ no meu pé.

Eu inclinei minha cabeça para o lado, olhando para o texto na tela. “*Contos de Canterbury*”⁸²,” eu anunciei para a sala. Todas as cabeças viraram para olhar para mim enquanto eu ficava, sem nenhuma firmeza na porta. - Eu estava me preparando para uma aula, caso fiquem curiosos.

Luc, que estava sentado na cabeceira da mesa, tocou em uma tela que estava embutida na mesa, e as imagens desapareceram substituídas por um logo da Casa Cadogan. Ele ainda parecia meio cowboy hoje – cabelos louros despenteados roçando no colarinho de uma camisa jeans desbotada de manga comprida, jeans, e botas, visíveis porque ele cruzou seus tornozelos na mesa na sua frente. Ele era o único vampiro no quarto em jeans. Todo o resto estava no preto requisito de Cadogan, tops e camisas ajustados que, presumivelmente, tornava mais fácil para os guardas fazerem seus trabalhos do que os habituais trajes duros.

- Fazendo alguma pesquisa? - Eu perguntei.

- Você ficaria surpresa com o que você pode encontrar nos sites em uma semana. - Luc disse. - E a segurança sempre checa a segurança. - Ele apontou para mim em direção a um lugar na mesa do lado de Lindsey, e do outro lado de uma vampira que eu não conhecia – uma ruiva alta e alegre, que talvez tivesse feito vinte e dois anos quando ela foi transformada. Ela riu para mim.

- Sente o seu traseiro. - Luc disse. - Já te levou tempo o bastante para chegar aqui. Você realmente precisa considerar a idéia de se mudar para a Casa.

Eu sorri tristemente para os outros guardas, na qual nenhum deles eu reconheci, exceto Lindsey, e tomei o banco oferecido. - Eu não consigo imaginar qualquer maneira de que isso seria uma boa ideia. - Eu disse, tentando um tom iluminado. - Eu ficaria fula com Ethan e o empalaria em seu sono. Ninguém quer isso.

- Muito menos Ethan. - Lindsey apontou, usando uma vara que parecia ser de charque⁸³ para gesticular. - Isso é muito magnânimo, Merit.

Eu sorri para ela. - Obrigada.

⁸⁰ NYU- Universidade de Nova York (New York University).

⁸¹ Chuck Taylors = All star -> <http://tinyurl.com/5pdwgb>

⁸² Contos de Canterbury é uma coleção de histórias escritas a partir de 1387 por Geoffrey Chaucer, considerado um dos consolidadores da língua inglesa. Na obra, cada conto é narrado por um.

⁸³ Beef Jerky – Um tipo de charque, com processamento semelhante ao mesmo, porém adicionado de algumas substâncias diferentes. <http://tinyurl.com/29had3k> / <http://tinyurl.com/27jwgs2>



Luc rolou seus olhos. - Antes de nós sermos interrompidos. – Ele me deu um olhar pesado que tornou claro quem ele estava responsabilizando pela perturbação – Eu estava explicando para sua equipe que eu vou te testar no protocolo C-41, e que se você ainda não entender os quatro subconjuntos do protocolo C-41, você vai achar seu traseiro no escritório do Ethan explicando para ele porque você passou a noite festejando com bebês vampiros quando deveria estar se preparando para assegurar a segurança da sua Casa.

Luc ergueu seu olhar fixo até o meu. - Eu presumo que você olhou através do site noite passada e pode nos levar através dos subconjuntos do protocolo C-41?

Eu engoli um grande senso de pânico. Era como viver o pesadelo – aquele onde você está despreparada para um exame e você aparece para a prova completamente pelada? Aqui eu estava, bem vestida, mas ainda para ser humilhada na frente do esquadrão de guardas Cadogan. Eu podia muito bem ter pulado a parte do guarda-roupa.

Eu abri minha boca para jogar algum tipo de resposta – uma desculpa, um par de frases defeituosas sobre a importância da segurança da Casa nos dias de alianças duelo (e Ethan disse que eu nunca ouvia!) – quando Luc foi acertado – bem no rosto, com um pedaço de charque voador.

Lindsey bufou e quase caiu da sua cadeira, rindo, se segurando – e o balde de plástico de charque gigante que estava no seu colo – bem antes dela tropeçar.

Com a calma de um homem acostumado a ser atingido no rosto com carne seca, Luc tirou o pedaço de charque da sua camisa, levantou-o, e nivelou um olhar torto para Lindsey.

- O que? - ela disse. - Você não pode achar que eu vou deixar você sentar aí e torturá-la. - Ela olhou de volta para mim. - Ele está te enchendo de merda. Não existe essa coisa de protocolo C-41. - Ela procurou dentro do balde e tirou um pedaço de carne em forma de régua, então olhou de volta para Luc, enquanto roia-o até o fim. - Você é tão merda.

- E você está despedida.

- *Eu não estou despedida.* - ela murmurou para mim, balançando sua cabeça. Ela ofereceu o balde. - Charque?

Eu nunca tinha sido uma fã de charque, mas a vontade de comer era inegável. Eu procurei e agarrei duas barras de charque, e imediatamente comecei a roer-las. Coisa estranha sobre ser um vampiro – você nunca sabe que está faminta até estar cercada por comida. Então os impulsos chutam.

Luc resmungou no jogo baixo, mas chutou as pernas da mesa, fez sinal para o balde, e quando ela ofereceu, pegou alguns charques por conta própria. Ele puxou a ponta com os dentes, então disse. - Pessoal, já que nosso residente causador-de-problemas finalmente decidiu se juntar a nós, por que vocês todos não se apresentam? - Ele colocou uma mão no seu peito. - Eu sou Luc. Eu existo para dar ordens a vocês. Se vocês questionarem essas

ordens, você vai achar seu traseiro no chão. - Ele sorriu esfaimadamente. - Alguma pergunta boneca?

Eu balancei minha cabeça. - Eu acho que estou legal.

- Certo. Peter, você é o próximo.

Peter estava acerca de seis metros, com um corpo magro, e cabelos castanhos que caíam bem depois das orelhas. Ele usava um suéter cinza, jeans, e botas. Ele tinha sido feito provavelmente nos seus trinta anos, e tinha um olhar de saúde casual que me lembrava os novos Novatos. Mas onde eles usavam um brilho de otimismo ingênuo, Peter tinha o olhar vagamente cansado de um homem que já tinha visto muito em sua vida.

- Peter. Eu tenho estado aqui há vinte e sete, vinte e oito anos.

- Peter é um sumário. - Luc comentou, acenando para a próxima guarda. - Juliet.

Juliet era a ruiva de aparência meio louca. - Juliet. Oitenta e seis anos, cinquenta e cinco em Cadogan. Eu era elogiada em Taylor, transferidos. É um prazer te conhecer, Merit.

- Kel, você é a próxima.

- Eu sou Kelley. - Disse a mulher a minha direita. Seu cabelo negro era longo e liso, sua boca um arco de cupido perfeito, sua pele perfeitamente pálida, seus olhos ligeiramente levantados. - Duzentos e quatorze anos. Eu fui feita por Peter Cadogan antes da Casa ser formada. Quando ele foi morto, eu fiquei com Ethan. Você permanecerá Sentinela?

Eu assenti a única opção avaliável, enquanto seu tom quebrou qualquer argumento. A energia que a rodeava era contida, intensa, e quase densamente agressiva. Por tudo aquilo, ela era ágil e elegante, e era provavelmente enganosamente não temerosa a média humana.

- E por último, e pelo menos, sem dúvida, nós temos Lindsey. - Ele olhou para ela, deu a ela um olhar altivo.

Lindsey somente acenou uma mão no ar. - Você sabe quem eu sou. Eu tenho cento e quinze anos, se é que importa originalmente de Iowa, mas fiz minha vida em Nova York – regra dos Yankees. Eu tive muito o que beber noite passada, e eu tenho uma dor de cabeça de rachar, mas eu livreli um novato de uma pinta.

Eu sorri, mas captei um rosnado bem baixo vindo da cabeceira da mesa de Luc. Alguns sentimentos não-correspondidos, talvez?

- Nos faça um favor e poupe-nos dos detalhes sanguinários, Linds.

Lindsey sorriu para mim. - E eu sou a residente psíquica.

Ele estalou seus dedos. - É claro. Eu sabia que tinha um motivo dele te manter por perto. Todo mundo tem suas especialidades – Peter tem os contatos, Juliet é a falsa. Ela reúne dados. - Eu supus que ele quis dizer discretamente. - Kelley é nossa residente mecânica e gênio de software.

Quando ele se virou para olhar para mim, o resto dos guardas fez o mesmo. Eu fiquei parada enquanto eles me deram olhares apreensivos e calculistas, provavelmente registrando forças e fraquezas, estimando poderes e potenciais.

- Eu sou forte e rápida - eu ofereci. - Eu não sei como luto contra todo mundo, mas como vocês provavelmente ouviram, eu dei a Ethan um funcionamento para seu dinheiro, então vocês sabem o que eu posso fazer em alguns dias de treino. Desde então, eu tenho treinado com Catcher Bell, aprendendo movimentos e trabalho de espada, e isso é bem vindo. Eu pareço ter alguma resistência a glamour, mas eu não tenho outros poderes psíquicos. Pelo menos, ainda não.

Seus olhos arregalados de whiskey em mim, Kelley ofereceu. - Eu suponho que isso faz de você um soldado.

- E eu sou o líder destemido, - Luc disse. - levando esse grupo de vampiros fodidos em algo maior que a soma das duas coisas. Eu gosto de pensar sobre isso como...

- Chefe, ela está dentro. Ela não precisa do discurso de recrutas. - Peter ergueu as sobrancelhas com expectativa para Luc.

- Certo. - Luc assentiu. - Certo. Bem, em adição aos seis de nós, temos contato com os guardas diurnos, o pessoal que fica no portão. Eles são empregados pela RDI⁸⁴ – essa é a nossa companhia de seguro externa.

- E como nós sabemos que podemos confiar neles? - Eu perguntei.

- Cínica. - Luc disse com aprovação. - Eu gosto disso. De qualquer maneira, RDI é executada por fadas. E ninguém fode com fadas. A coisa é, enquanto nós protegemos a Casa...

- Porque uma casa segura é um Mestre seguro. - os quatro guardas repetiram juntos, suas palavras cinzas de tão secas, e eu achei que Luc quebrava o provérbio freqüentemente.

- Jesus, vocês bastardos *me* ouvem. Estou tocado. De verdade. - Ele rolou seus olhos. - Como estava dizendo, nossa lealdade primária é a Ethan, aos vampiros. Sua lealdade é a primeira e a mais importante a Cadogan. Eu não acho que isso vai fazer muita diferença em curto prazo, mas se surgir algo que teste a ligação entre Mestre e Casa, você vai precisar estar ciente disso. - Ele balançou sua cabeça, sua boca franzida. - Isso vai te colocar em uma

⁸⁴ É uma empresa concebida para lidar com as necessidades do dia-a-dia da segurança, bem como a recuperação de fugitivos e caça de recompensas. <http://tinyurl.com/28ksdw3>



merda de lugar infernal, tendo que contrariar Ethan sobre a segurança da Casa. Mas ele pensou que você era a garota para o trabalho, então... Você sabe tudo sobre armas? - ele perguntou, sua expressão repentinamente apertada.

Eu pisquei. - Hm, somente para ficar longe delas?

Luc puxou uma respiração, correu suas mãos através do seu cabelo. - Treino, então. Jesus, você é verde. Balé e pós-graduação para a merda da Sentinela Cadogan. Vai levar tempo. - Ele assentiu, então soltou suas mãos e rabiscou algo em um bloco de anotações que estava na mesa, na frente dele. - Você vai precisar de treinamento de armas, estratégia, visual⁸⁵ e segurança, tudo isso.

Ele ficou quieto por um momento, virando uma página ocasional enquanto ele fazia notas. No ínterim, Lindsey me ofereceu outro pedaço grande de charque, que eu aceitei gratamente.

- Agora que acabamos o chazinho, - Luc disse, afastando o bloco de notas e se estabelecendo em sua cadeira, - é hora para nossa revisão anual das Regras Que Vocês Bastardos Desrespeitosos Nunca Seguem.

Um gemido unificado descontente encheu a Sala de Operações. Luc ignorou-o. - Eu vou explicar essas regras pelo benefício de Merit, mas já que vocês raramente obedecem-nas, - ele deu a Lindsey um olhar aguçado, que ela respondeu mostrando a língua - tenho certeza que vocês apreciarão a reciclagem.

Ele tocou no painel na frente dele. O logo de Cadogan desapareceu do telão, substituído por uma lista com marcadores intitulada *Guardas Cadogan – Expectativas*.

Luc se inclinou de volta, cruzou suas mãos atrás de sua cabeça, e chutou seus pés com botas de volta em cima da mesa. - Número um, você sempre está de plantão. Eu não me importo em onde você está, com quem você está, ou o que você está fazendo. Dormindo, tomando banho, fazendo avanços inapropriados em direção aos vampiros ainda-corados. - Isso ganhou um grunhido de Lindsey. - Se você receber bip, você está a caminho para Cadogan. Eu quero todo mundo no lugar, sabendo suas posições, sabendo suas responsabilidades, sabendo se vocês estarão guardando uma zona ou individualmente.

Lindsey se inclinou na minha direção. - Ele é obcecado com bailes de colégio. - ela sussurrou. - Espere ele canalizar o Treinador K quando ele achar que pode arriscar a analogia.

Eu sorri.

- Duas vezes por semana, - Luc disse, - você vai revisar protocolos ditos, se focando nas evoluções, estratégias, qualquer rebarba que eu tenha meu traseiro naquela época

⁸⁵ Originalmente ele fala cleaning, que é relacionado a se limpar, mas essa palavra também pode significar beleza, e por isso significa “visual.”

particular. Todo dia que você estiver no trabalho, você vai revisar os diários, e você vai revisar os processos que estão no seu documento particular. - Ele apontou para uma linha de pastas montada na parede, cada uma de uma cor diferente, cada uma marcada com um dos nossos nomes. No rótulo da maior pasta lia-se *Sentinela Cadogan*.

- Esses documentos manterão você informada sobre qualquer ameaça, qualquer mudança na gestão desta ou de outra Casa, qualquer convidados em Cadogan, qualquer instruções dadas pelo seu “Liege” e pelo meu. Quatro vezes por semana você treinará de acordo com o manual que você encontrará no site. Treine aqui, trine com seus companheiros, treine fora da Casa. Eu não me importo. Mas você vai ser testada periodicamente – força, velocidade, vigor, katas, armas. Você é um guarda Cadogan, e você deve sua vida e saúde a essa Casa. Você vai ser preparada para pagar esse débito, literalmente, se necessário.

Um silêncio pesado caiu sobre o quarto, e eu assisti os guardas assentirem solenemente, alguns tocando o pingente de Cadogan que estava na base de seus pescoços.

- Número três, - Luc continuou, apontando para a tela. - você é uma empregada da Casa Cadogan. Isso significa que se você estragar alguma coisa no processo de fazer seu trabalho – machucando, irritando humanos – você corre o risco de atrair atenção indesejada para a Casa, nosso ser processado, e o aumento dos prêmios de nosso seguro, e o seu traseiro na rua, onde você vai acabar seguindo os góticos Rogue ao redor da Cidade dos Ventos. Usando as palavras de Merit, ninguém quer isso, muito menos Ethan. E você com certeza não quer estragar tudo porque estava descuidada. Número quatro, enquanto essa não é uma regra ágil e difícil, e Ethan nunca admitiria isso, você deveria... ficar discreta nas suas relações com outros sobrenaturais. Isso inclui vamps de outras Casas, feiticeiros, metamorfos, e talvez mais relevante hoje, – Luc olhou para Peter e colocou as pontas de dois dedos na mesa – ninfas. Malik é o único vampiro autorizado a entrar em alianças em nome da Casa sem o selo de Ethan. Amigável está bem, nós não precisamos fazer inimigos agindo como as piranhas de Navarre. - Uma risada fluiu ao redor do quarto, parte da tensão desapareceu. - Mas alianças são para nosso “Liege” e seu Segundo arranjar. Use seu bom senso. E se faltar bom senso, fale comigo. - Ele sorriu devagar, da maneira de um lobo, e direcionou aquele sorriso para Lindsey. - Eu vou me certificar de te colocar na direção certa.

Ela rolou seus olhos.

- Número cinco. Você trabalha quatro dias, um dia de folga. Nos dias de trabalho, a menos que eu tenha te designado para algum outro lugar, você estará na sala de Operações quando relatar. Você vai trabalhar aqui, ou você vai patrulhar A Casa, os terrenos. Pelo menos um dia por semana, você vai guardar Ethan pessoalmente, viajar como sua sombra. - Ele olhou para mim. - Tecnicamente, como Sentinela, você vai estabelecer sua própria agenda. Mas eu sugiro que você trabalhe conosco, aprenda as cordas aqui, pelo menos até você estar familiarizada com nossos processos.

Eu assenti em concordância.

As sobrancelhas de Luc se levantaram. - Bem, você é um pouco mais dócil do que pensamos.

Isso ganhou outra risada ao redor da sala. Eu corei em resposta, mas sorri para os meus colegas. Luc serviu para todo mundo, e eu sabia que precisava – e podia – aceitar.

- Eu aguardo seu deleite. - Eu disse secamente, e ganhei uma bufada apreciativa de Lindsey.

Luc tocou na tela novamente, e a imagem na parede desapareceu. - Eu vou dar a Merit o grande tour. Lindsey, já que você está aconselhando Merit – e minhas desculpas avançadas por isso, Sentinela – você assumirá o serviço de babá quando o tour acabar. Todo o resto que está agendado, ao trabalho.

Luc se levantou, mas os vamps ficaram obedientemente sentados até que ele soltou. - Dispensados. - Então eles murmuraram obrigados e se levantaram, pegando charque do balde que Lindsey tinha colocado na mesa. Lindsey e Kelley, ambas se moveram para as estações de trabalho de computadores nas bordas da sala. Peter deixou o quarto, eu supus que era seu dia de folga. Juliet pegou sua jaqueta e foi em direção a porta. - Eu estou nos terrenos - ela anunciou, então tocou um dedo na casca colorida de um dispositivo que se encaixava ao redor do seu ouvido. - Cheque.

- Cheque isso. - Kelley disse. - Áudio ligado. Discando em RDI. - Houve uma pausa antes dela dizer. - Kelley, Casa Cadogan, em serviço. - Ela assentiu, então olhou para Juliet. - Segurança transferida. Juliet dentro. Você é boa, Juliet.

Ela olhou para mim, piscou alegremente, e foi para a porta. - Nem me fale.

Os guardas partiram para o trabalho, a próxima tarefa na lista de Luc era o tour completo pela Casa. Nós começamos no porão, que continha a sala de Operações, a sala de lutas, um ginásio, e um arsenal revestido de aço onde as armas de Cadogan eram alojadas – arcos modernos, armas brancas de cada forma e tipo, estacas e lanças ásperas, e embora Catcher tenha sugerido que vamps não as usavam, um armário inteiro de armas. Rifles, espingardas, armas curtas – armas que eu somente pude identificar depois de anos assistindo fielmente *Lei e ordem*⁸⁶.

O piso principal continha os salões da frente e os principais, o escritório de Ethan, a sala de jantar geral, a cozinha, a ala da cafeteria para refeições informais, e um monte de escritórios pequenos, cujo um pertencia a Helen, a quem foi dada a inviável tarefa de me introduzir ao mundo dos vampiros. Eu fiz uma nota mental de achá-la e me desculpar.

Enquanto tomávamos as escadas para o segundo andar, Luc explicou que a mansão tinha sido construída durante a Era Dourada de Chicago por um industrial ansioso para exibir sua nova riqueza. Infelizmente, a casa tinha sido terminada por somente dezesseis dias

⁸⁶ Law & Order (no Brasil e Portugal, Lei & Ordem) é uma série de TV policial dos Estados Unidos.

quando ele morreu baleado em um albergue em uma das vizinhanças mais brutais da cidade, alegadamente após uma discussão com o namorado de uma prostituta chamada Flora. O governo de Greenwich comprou o prédio em nome de Cadogan pouco tempo depois do ocorrido – por um preço muito bom.

O segundo andar, que continha o salão que eu tinha visitado noite passada, também continha a biblioteca, que nós não tivemos muito tempo para ver, um monte de recantos informais, e metade dos dormitórios estilo quartos que abrigavam os vampiros Cadogan que viviam “no campus”. Os quartos tinham chão de madeira e teto alto, e cada um continha uma cama pequena, guarda-roupa, prateleira de livros e cabeceira, e tinha sido decorado de acordo com a personalidade dos vamps que moravam lá. Os novecentos e setenta vampiros que viviam lá (que incluía todos os últimos Novatos da noite, exceto eu) eram solteiros e tendiam a trabalhar diretamente na Casa – como administradores, guardas pessoal da Casa, ou outros membros da comitiva de Ethan.

O terceiro piso continha o resto dos quartos dos vamps, assim como outro recanto. O apartamento considerável de Ethan também estava lá, assim como o conjunto de quartos na porta ao lado que Luc se referia como o “vestiário de senhoras.” Esses eram os quartos de Amber, a suíte usada pelo Consorte da Casa reinante. Nós não olhamos dentro da suíte – a imagem mental de um “vestiário de senhoras” era o bastante – mas eu não pude me conter e parei do lado de fora, pensando que eu talvez pudesse ter me mudado para dentro daqueles quartos, substituindo Amber, me tornando, e tornando meu corpo, disponível para Ethan.

Eu estremeci e segui em frente.

Tendo andado o bastante pelo corpo da Casa, Luc me levou de volta através do primeiro piso. Bem fora da cafeteria, que estava abastecida com mesas e cadeiras de madeira, tinha uma porta de vidro larga que levava a um pátio enorme.

- Wow. - Eu disse quando emergimos dentro do jardim dos fundos iluminado por tochas. Diante de nós estava um jardim coberto formal, com uma churrasqueira de tijolos à direita, e uma piscina da forma de um rim à esquerda. Toda a área era cercada por um matagal alto que obscurecia a cerca de ferro forjado e a rua além.

- Legal, huh? - Luc perguntou enquanto ficávamos no pátio e absorvíamos a área.

- É lindo.

Luc liderou o caminho até o canteiro do jardim, a orla dele era feita de uma borda vibrantemente verde intercalado com uma planta com folhas roxas que eu não pude identificar. No meio do jardim tinha uma fonte borbulhante. Bancos pretos de metal rodeavam-na.

- Jardim formal, - Luc disse. - no estilo francês.

- Assim eu vejo. - Eu afundei meus dedos dentro da fonte, então fiz movimentos rápidos com a água fria nos meus dedos.

- Não é um lugar ruim para passar algum tempo quando se está de folga - ele disse então me guiou através do caminho que separava o jardim em quadrantes e através do outro lado para a piscina. - Não podemos tomar banho de sol, mas a piscina é legal no verão. Nós vamos ter festas, churrascos, esse tipo de coisa.

Um bosque de árvores ficava de um lado da piscina, e Luc apontou através delas para o caminho que serpenteava ao redor da borda da propriedade, iluminada por luzes subterrâneas finas.

- Pista de corrida. Nos dá uma chance de fazer um exercício externo sem sair dos terrenos. É aquecido por baixo, assim você pode correr no inverno, se essa é a sua praia.

- Não é, não em Chicago, mas vai ser legal no verão. - Eu disse.

Mas não era verão ainda, e a noite de Abril ainda era fria, então Luc pulou o tour de pedra-por-pedra dos terrenos, e resolveu por um resumo das partes que nós ainda não tínhamos visto. Feito isso, nós voltamos para dentro do prédio, dessa vez através de uma porta lateral que se abria em um hall apertado no primeiro andar. Luc então me levou de volta a Sala de Operações e me plantou na frente de um computador.

- Você sabe a senha?

Eu assenti, carreguei uma busca na Web, e encontrei a página de login de Cadogan, e entrei. Ele deu um tapinha no meu ombro. - Aprenda os protocolos - ele recomendou então se moveu até sua mesa, e começou a derramar através de uma pilha alta de arquivos.

Horas se passaram. Embora segurança e guerra nunca tenha sido minha praia, segurança vampírica era altamente contextual e assim incrivelmente interessante. Havia links para história (Vampiros foram ferrados ontem!) e políticas (Casa X nos ferrou ontem!), filosofia (Por que você acha que eles nos ferraram ontem?) e éticas (Se nós não mordêssemos, eles nos ferrariam ontem?) e, é claro, estratégia (Como eles nos ferraram? Como podemos pará-los de nos ferrarem de novo, ou ainda melhor, ferrá-los primeiro?).

Enquanto eu não entendia bulhufas sobre estratégia elementar além do que tinha aprendido nas palestras de manejo de espadas de Catcher, eu entendia história. Eu entendia filosofia. Eu sabia ler um relato de primeira pessoa de guerra, de perda, como recolher informação dele. Essa era, apesar de tudo, como eu tinha procurado minha dissertação. Então, quando a hora de parar veio, eu me senti muito satisfeita com meu progresso. Confiante de que eu podia aprender o suficiente para suplementar minha força física, para tomar boas decisões para a Casa Cadogan, para proteger aqueles vampiros que eu tinha feito dois juramentos para servir.

Luc nos dispensou, e eu segui os vampiros de folga de volta as escadas, então disse tchau para Lindsey, pretendendo me encontrar com Ethan assim como ele tinha me pedido mais cedo. Seu escritório estava aberto, mas vazio. E enquanto eu estava momentaneamente tentada a correr o risco, furtar através dos livros e papéis dele e descobrir que segredos as antiguidades deviam oferecer, aquilo seria uma invasão de privacidade que eu não estava equipada para assumir. Então eu parei dentro da porta, aparentemente somente o bastante para erguer as sobrancelhas de alguém.

- Com licença.

Eu virei, encontrei uma morena atrás de mim. A vampira estava vestida como uma secretária em uma série de detetive da era Noir⁸⁷, seu corpo pousado penosamente na entrada, uma mão no batente.

- Você está no escritório do Ethan. - Sua voz era altiva.

Eu assenti. - Ele me pediu para passar por aqui. Você sabe onde ele está?

Ela cruzou seus braços, unhas pretas encostando contra as mangas decoradas da sua camisa, e me encarou. - Eu sou Gabrielle. Uma amiga de Amber.

Não era uma resposta para a pergunta que eu tinha feito, mas informativa do mesmo jeito. Gabrielle pensou que eu estava caçando, talvez me preparando para roubar o Mestre da Casa debaixo do nariz da Consorte. Se ela somente soubesse.

Mas eu não tive interesse em contar para ela, ou para mais alguém, o que ele tinha me oferecido. Eu nem tinha contado para Lindsey ainda. Em vez disso, eu sorri educadamente, bancando a legal

- É adorável conhecê-la, Gabrielle. Ethan me pediu para encontrar com ele sobre alguns assuntos de segurança. Você sabe onde ele está?

Para meu azar, eu levei outra lenta leitura cuidadosa. Territorial, era Gabrielle. Finalmente, ela levantou seu olhar, uma sobrancelha negra feita cuidadosamente mais alta que a outra. - Oh... Ele está dentro.

Eu assenti. - Eu sei que ele está na Casa. Eu o vi mais cedo, e ele me disse para dar uma passada. Você sabe onde ele esta especificamente?

Ela apertou seus lábios como se tivesse segurando um sorriso, e meio que balançou sua cabeça presunçosamente. - Ele está dentro - ela repetiu. - E eu duvido que ele vá ficar feliz em te ver. - Mas ela estava sorrindo quando disse isso. Eu sabia que estava perdendo uma piada, mas não podia pela minha vida captar a linha do soco.

⁸⁷ Noir é um livro de ficção escrito por K.W. Ele usa as convenções do noir - o herói, alienado condenado e o cínico detetive particular.

Eu tive que apertar meus dedos para me segurar de atacar em pura frustração. - Ele me pediu para encontrá-lo, - eu expliquei. - para falar sobre negócios?

Ela delicadamente ergueu um ombro. - Eu realmente não estou interessada. Mas se você está tão ansiosa para vê-lo, então por tudo que importa... vá vê-lo. Provavelmente lhe fará algum bem. Ele está no seu apartamento.

- Obrigada. - Ela esperou na porta até eu sair do escritório, então ela fechou a porta atrás de nós. Eu comecei a voltar à escadaria central e a ouvi rindo maldosamente enquanto eu ia para o hall.

Eu tomei as escadas para o segundo andar, rodeando o corredor, e fui em direção ao terceiro. Enfiados aqui e ali em recantos que continham sofás e cadeiras, vampiros estavam lendo livros ou revistas ou conversando juntos. A casa se aquietou quando eu fui para cima, o terceiro andar quase silencioso. Eu segui o longo corredor de volta para os apartamentos de Ethan, parei do lado de fora das portas duplas fechadas.

Eu bati, e quando não tive nenhuma resposta, coloquei um ouvido na porta. Não ouvi nada, então deslizei a maçaneta no lado direito da porta e a abri lentamente.

Era uma sala de estar. Bonito, decorado com bom gosto. Painéis de carvalho rosa da altura do trilho da cadeira, e uma lareira de ônix dominavam uma parede. O quarto continha um monte de áreas de conversação, o mobiliário sob medida e sem dúvida caro. Mesas continham vasos de flores, e um soneto de Bach tocava suavemente através do ar. Na parede oposta, bem do lado de uma escrivaninha, tinha outras portas duplas. Uma estava fechada; a segunda estava entreaberta.

- Ethan? - Eu chamei seu nome, mas a palavra era um sussurro, completamente incapaz de chamar atenção. Eu andei até as portas, coloquei a palma da minha mão na que fechada, e me esgueirei dentro da fenda.

Eu percebi, então, porque Gabrielle tinha sido tão deliberadamente salientada de que ele estava dentro.

Ethan estava dentro – Dentro da Casa. Dentro do seu apartamento.

E dentro da Amber.

Capítulo 12

*Você não pode confiar em um homem
que come cachorro-quente com garfo*

Eu segurei uma mão sobre minha boca, sufocando a arfada que estava crescendo na minha garganta. Mas depois de olhar em volta, discretamente, ao redor da sala de estar, eu me inclinei novamente e dei outra espiada.

Eu o vi de perfil. Ele estava completamente nu, seu cabelo louro dobrado atrás de suas orelhas. Amber estava na frente dele, agachada de joelhos na cama de dossel gigante dele, com as costas contra a frente dele. Mesmo de perfil, era fácil ver que ela estava estática – a parte dos seus lábios, entreabertos, e o aperto de seus dedos falavam o resto. Suas mãos estavam agarradas na roupa de cama caqui, e pelo movimento de seus seios, ela estava, em outros aspectos, parada, aparentemente contente em deixar Ethan fazer o trabalho.

E ele fez o trabalho. Suas pernas estavam ligeiramente apoiadas em mais do que a distância de um ombro, as covinhas dos lados das suas nádegas se apertando enquanto ele virava e bombardeava seus quadris contra o corpo dela. A pele dele era dourada, seu corpo longo, esguio, e esculpido. Eu percebi uma tatuagem escrita na batata da sua perna direita, mas o resto da sua forma era primitiva, sua suave pele dourada brilhando com transpiração. Uma das mãos dele estava no quadril direito dela, a outra espalhada através da úmida parte inferior das costas dela, seu olhar – intenso, carnal, necessitado – na união rítmica de seus corpos. Ele deslizou uma mão ao longo do vale na parte pequena das costas dela, sua língua saindo para umedecer seu lábio inferior enquanto ele se movia.

Eu os encarei; completamente fascinada pela vista. Senti o fio de excitação faiscar no meu abdômen, uma sensação tão não-bem-vinda quanto familiar.

Ele era magnífico.

Distraidamente, eu levei meus dedos aos lábios, então congelei na realização de que eu estava me escondendo na sala de estar dele, espionando através de uma porta aberta, assistindo um homem que há uma semana atrás eu decidi que era meu inimigo mortal, fazer sexo. Estava completamente perturbada.

E eu teria saído, teria ido embora com nada mais do que uma pequena mortificação, se Ethan não escolhesse aquele momento para se inclinar, para abaixar seu corpo até o dela, e morde-la.

Seus dentes procuraram o ponto entre seu pescoço e ombro, então furou. Sua garganta começou a se mover compulsivamente, seus quadris ainda bombeando – mais ferozmente, se isso era possível – agora que ele tinha aberto sua garganta. Duas linhas de vermelho, do sangue dela, desceram pela coluna pálida do seu pescoço.

Instintivamente, levantei uma mão, tocando o lugar onde eu tinha sido mordida, o lugar onde cicatrizes deviam ter estragado minha garganta. Eu tinha experimentado a mordida, a violência interessante dela, mas isso era diferente. Isso era vampiro, *sendo* vampiro. Verdadeiramente vampiro. Apesar do sexo, isso era se alimentar do jeito que devia ser. Ele e ela, dividindo a ação, não simplesmente tirando o sangue do plástico de uma bolsa medicinal. Eu sabia disso, entendia isso em um nível genético. E esse conhecimento, presenciando a ação dele, sentindo o cheiro dele, tão perto – mesmo eu não estando com fome, certamente não pelo sangue de Amber – acordou a vampira. Eu rapidamente tomei uma respiração, tentando derrubá-la de novo, tentando me manter calma.

Mas não fui rápida o bastante.

Ethan repentinamente levantou seus olhos, nossos olhares se trancando através da fenda de três polegadas nas portas. Sua respiração parou; seus olhos lampejando prata.

Ele deve ter visto o olhar de mortificação que passou pelo meu rosto, e suas Iris voltaram para verde rápido. Mas ele não olhou para longe. Em vez disso, se acalmou com uma mão no quadril dela e bebeu, seus olhos em mim.

Eu pulei, colocando minhas costas contra a parede, mas o movimento era desnecessário. Ele já tinha me visto, e naquele segundo antes da prata desaparecer, eu tinha visto o olhar nos seus olhos. Tinha algum tipo de esperança ali, de que eu havia tido uma razão diferente para aparecer na porta dele, de que eu tinha vindo para me oferecer a ele do mesmo jeito que Amber tinha se oferecido. Mas ele não tinha visto nenhuma oferta nos meus olhos. E ele não tinha planejado meu constrangimento.

Foi então que seus olhos voltaram para o verde, sua esperança substituída para algo bem, bem mais frio. Humilhação temperada talvez. Porque eu tinha dito não para ele dois dias atrás, porque eu não tinha o procurado hoje à noite. Porque eu tinha rejeitado um Mestre vampiro de quatrocentos anos de idade a quem todo mundo reverenciava, temia, cedia. Se ele estava descontente em me querer, em primeiro lugar, ele estava francamente chateado sobre ser rejeitado. Era isso que tinha flamejado seus olhos, colocado suas pupilas em duas finas alfinetadas de preto raivosas. Quem era eu para dizer não a Ethan Sullivan?

Antes de eu poder constituir uma resposta para a minha própria pergunta, minha cabeça começou a girar, e eu estava inundada com a sensação de estar sendo lançada em um túnel. Então ele estava na minha cabeça.

Por ter me rejeitado tão habilmente, você parece estranhamente curiosa agora.

Eu me encolhi, e optei por submissão. Esse não era o momento para lutar. *Eu estava passando para falar com você, como você pediu. Eu bati. Não pretendia interromper.*

O quarto silenciou, e Amber repentinamente gritou, fez um beicinho de desapontamento, talvez porque ele tivesse parado de empurrar.

Embaixo. Uma ordem óbvia. Quando ele disse, aquela única palavra ecoou através da minha cabeça, pude jurar que tinha ouvido novamente, aquela pequena pontada de desapontamento.

E de repente eu queria consertar aquilo. Queria curar aquele desapontamento, amenizá-lo. Confortá-lo. Esse pensamento era tão perigoso quanto qualquer outro que eu tive, então eu me afastei da parede e deslizei de volta através do quarto. Quando me aproximei da porta da entrada, o rítmico rangido da cama começou novamente. Sai do apartamento de Ethan e fechei a porta atrás de mim.

Eu estava no saguão quando ele chegou. Eu tinha tomado um assento ao lado da lareira – uma versão maior da que tem no seu apartamento – e me enrolei com a cópia do *Canon* que tinha guardado na minha bolsa. Eu folheei distraidamente através das páginas, tentando limpar as imagens dele, o som dele, da minha mente.

Pelo menos, era o que eu estava tentando fazer.

Ele estava novamente de preto, trocando o paletó por calças e uma camisa branca de botões, o primeiro botão desfeito para revelar o pingente Cadogan ao redor do seu pescoço. A frente do seu cabelo estava puxada em uma faixa apertada, o resto somente tocando o topo dos seus ombros.

Eu deixei meu olhar cair de volta para o meu livro.

- Achou algo... Produtivo para fazer? – Seu tom era inconfundivelmente arrogante.

- Como você pode ter notado. – Eu disse distraidamente, virando uma página no *Canon* apesar do fato de que eu não tinha lido a anterior a essa – meus planos para falar com o chefe não saíram exatamente como o planejado.

Eu me forcei a olhá-lo, a oferecer a ele um sorriso, a jogar fora o que poderia facilmente tornar-se um momento profundamente embaraçoso. Ethan não retornou o sorriso, mas ele pareceu relaxar um pouco. Talvez ele esperasse um espetáculo, um discurso retórico ciumento. E talvez aquilo não fosse tão improvável quanto eu queria admitir.

Abaixo as chicotadas mascaradas, ele ofereceu - Eu acredito que estou saciado por hoje, se você quiser conversar agora.

Eu assenti.

- Bom. Devemos discutir isso lá em cima?

Minha cabeça se levantou rapidamente.

Ele sorriu firmemente. – Uma piada, Merit. Eu tenho senso de humor. – Mas não tinha soado como uma piada, ainda não soava como se ele estivesse brincando.

Ethan ofereceu seu escritório, então descruzei minhas pernas e me levantei. Nós fomos tão distante quanto às escadas permitiam, mas paramos brevemente quando Catcher e Mallory passaram através da porta da frente. Ele segurava sacos de papel e o que parecia um jornal debaixo de um braço; ela segurava uma bandeja de copos de plástico.

Eu cheirei o ar. Comida. Carne, se meus instintos de vampiros estavam corretos.

- Se você acha que isso é verdade, - Catcher estava dizendo a ela, - então eu estou te dando mais crédito do que você merece.

- Magia ou sem magia, você é um pé no saco.

Um monte de vampiros Cadogan no saguão, de uma vez só, parou para olhar para a mulher de cabelo azul que estava xingando na casa deles. Catcher colocou sua mão livre na parte pequena das suas costas.

- Ela está se ajustando à magia dela, pessoal. Somente ignore-a.

Eles riram e retornaram aos seus negócios, que eu presumi que estava parecendo chique e muito, muito ocupado.

Catcher e Mallory andaram em direção a nós. – Vamps. - ele disse em cumprimento.

Eu chequei meu relógio, notei que era quase quatro da manhã, e ponderei por que Mallory não estava enfiada na cama, provavelmente com seu acompanhante. - O que você está fazendo aqui?

- Estou tomando algumas semanas fora do trabalho. McGettrick me deve quatorze semanas de férias acumuladas. E eu achei que era conveniente.

Olhei para Catcher. – E você. Você não tem trabalho para fazer?

Ele me deu um olhar sardônico e empurrou os sacos de comida contra meu peito. – Eu estou trabalhando – ele disse, então olhou para Ethan. – Eu trouxe comida. Vamos conversar.

Ethan olhou duvidosamente para os sacos de papel – Comida?

- Cachorros-quentes. – Quando Ethan não respondeu, Catcher juntou suas mãos em concha. – Salsichas de cachorro quente. Lingüiças. Tubos de carne, rodeados por uma massa

cozida de carboidratos. Interrompa-me se isso soa familiar, Sullivan. Você vive em Chicago, pelo amor de Jesus.

- Estou familiarizado. – Ethan disse secamente. – Meu escritório.

Os sacos estavam cheios com o melhor de Chicago: Cachorros-quentes embrulhados em papel alumínio com pão de gergelim, temperado com cebolas e pimentões. Eu tomei um assento no sofá de couro e mordi, fechando meus olhos em êxtase. – Se você não tivesse sido fisgado, eu mesma te namoraria.

Mallory riu. – Com qual de nós você está falando, querida?

- Eu acho que ela quis dizer o cachorro-quente. - Catcher disse, mastigando uma batata frita. - É incrível que ela seja tão pequena quanto é, quando come desse jeito.

- Doente, não é? É o metabolismo dela. Tem que ser. Ela come como um cavalo, e nunca se exercita. Bem, ela nunca *costumava* se exercitar, mas isso foi antes dela se tornar a Ninja Jane.

- Vocês dois estão namorando? – Do outro lado do quarto, onde Ethan estava tirando um prato do seu armário no bar, ele congelou e olhou de volta para nós, seu rosto um pouco mais pálido que o usual.

Eu sorri para a minha sinceridade. – Não se choque, Sullivan. Ela está namorando Catcher, não você.

- Sim, bem... Parabéns. – Ele se juntou a nós no sofá, depositou um cachorro-quente em um prato de jantar. Franzindo a testa, ele começou a cortá-lo com uma faca e garfo, então cuidadosamente comeu um pedaço.

- Sullivan, apenas pegue com a mão.

Ele olhou para mim, espetando um pedaço do cachorro-quente com seu garfo. - Meu modo é mais fino.

Eu dei outra mordida gigantesca, e disse a ele durante as mastigadas, - O seu modo é mais frescurento.

- O seu respeito por mim Sentinela, é espantoso.

Sorri para ele. – Eu te respeitaria mais se você desse uma mordida nesse cachorro-quente.

- Você não me respeita de jeito nenhum.



Não era inteiramente verdade, mas eu não ia dar a ele a satisfação de uma correção. – Como eu disse, eu te respeitaria mais. Mais do que *nada*.

Eu sorri e me virei de volta para Mallory e Catcher, que com cabeças eretas, olhavam para nós dois. – O que?

- Nada - eles disseram simultaneamente.

Ethan finalmente cedeu, levantando o cachorro quente e dando uma mordida, conseguindo não derrubar nenhum condimento nas suas calças luxuosas. Ele mastigou contemplativamente, então deu outra mordida, então outra.

- Melhor?

Ele grunhiu, o que eu tomei como um som de satisfação hedonista.

Sem levantar seu olhar do cachorro-quente em suas mãos Ethan perguntou – Eu presumo que você tenha algum motivo para aparecer na minha porta duas horas antes do amanhecer?

Catcher tirou as migalhas das suas mãos, pegou o jornal que tinha colocado do seu lado, e desdobrou. O título do *Sun-Times* lia-se: *Segunda garota morta; assassino Vampiro?*

Do meu lado, Ethan murmurou uma maldição.

- Questão da hora, Sullivan, por que você não reuniu as Casas?

Eu não tive que ver a expressão de Ethan para saber como ele tinha reagido a esse desafio nada-sutil a sua estratégia. Mas ele jogou o jogo. – Por qual propósito?

Catcher rolou seus olhos e retornou para o sofá, cruzando seus braços sobre o encosto. – Informação, para começar.

- Esse não é o seu trabalho? Investigação?

- Meu trabalho é amenizar tensões, e é sobre isso que eu estou falando, acalmar nervos. – Ele tocou no jornal. – Celina em uma roupa sexy não é o bastante para passar por um assassinato. Pessoas estão nervosas. O Prefeito está nervoso. Inferno, até Scott está nervoso. Eu passei pela Casa Grey mais cedo, Scott está em pé de guerra. Nervoso, e você sabe como é difícil para ele ficar irritado. O garoto é Teflon para a política, geralmente. Mas alguém vem para a sua gente, e ele está pronto para a batalha. Marca de um bom líder – ele admitiu.

Ethan limpou sua boca com um guardanapo, então o amassou e deixou cair na mesa. - Eu não estou em posição para tomar passos preventivos ou de outra maneira. Eu não tenho o capital político.

Catcher balançou sua cabeça. – Eu não estou falando sobre você direcionar o show. Estou falando sobre reunir as comunicações, ou pelo menos as Casas. Todo mundo está falando, e nós estamos ouvindo muito disso. Perguntas estão sendo feitas, dedos sendo apontados. Você precisa sair lá fora. Você podia ganhar algum capital se saísse. – Ele suspirou, coçou o braço que estava atrás dos ombros de Mallory. – Eu sei que não é minha decisão, e você provavelmente está usando aquela pequena conexão mental útil para explicar a nossa mútua amiga vampira aqui, – ele inclinou sua cabeça para mim – como eu estou me intrometendo em negócios que não são da minha conta. Mas você também sabe que eu não teria vindo até você com isso se não achasse que era importante.

O quarto estava quieto, mentalmente e de outra maneira, Catcher tendo estado um pouco exagerado sobre a boa vontade de Ethan para confiar isso a mim.

Então ele assentiu. – Eu sei. Presumo que você não tenha mais nenhuma informação além dessa?

Catcher trouxe um gole de soda, balançou sua cabeça. – Na medida em que os fatos acontecem você sabe o que eu sei. Na medida em que os sentimentos acontecem... – Ele parou, mas levantou sua mão direita, palma para cima, e lentamente desenrolou seus dedos. Houve um pulso repentino através do ar, aquela grossura repentina da vibração que, eu estava começando a aprender, indicava magia. E no espaço acima da mão de Catcher, o ar parecia ondular como calor crescente.

Ethan mudou de posição ao meu lado. – O que você sabe? – Sua voz era baixa, séria, cautelosa.

Catcher, cabeça inclinada, olhos na sua palma, ficou quieto por um longo, pesado momento. – Guerra está vindo, Ethan Sullivan, Casa de Cadogan. A paz temporária, nascida da negligência humana, está no fim. Ela é forte. Ela virá, ela se erguerá, e ela quebrará os elos que tem reunido a Noite.

Eu engoli, mantive meu olhar em Catcher. Esse era o namorado de Mallory no modo feiticeiro completo, oferecendo uma profecia formal assustadora sobre o estado das Casas. Mas mesmo sendo assustador, mantive meus olhos em Catcher, e ignorei o impulso de virar minha cabeça e olhar para Ethan, cujo olhar pesado eu podia sentir.

- Guerra virá. Ela a trará. Eles se juntarão a ela. Prepare-se para lutar.

Catcher estremeceu, enrolou seus dedos de volta a um punho. A mágica desapareceu em uma brisa morna, deixando os quatro olhando uns para os outros.

Uma batida soou na porta. - Liege? Tudo bem? Nós sentimos magia.

- Tudo bem. - Ethan disse. – Estamos bem. – Mas quando eu olhei, seu olhar estava em mim, penetrando em sua intensidade, e eu sabia – mesmo sem sua voz na minha cabeça – o que ele estava pensando: Eu era uma ameaça desconhecida, e eu poderia ser o “ela” na

profecia de Catcher. Era outra marca contra mim, a possibilidade de eu ser a mulher que traria a guerra para os vampiros, arriscar a possibilidade de outro esclarecimento.

Suspirei e olhei para longe. As coisas tinham se tornado tão complicadas.

Catcher balançou sua cabeça como um cachorro tirando a água, então correu uma mão sobre sua cabeça. – Aquilo foi vagamente nauseante, mas pelo menos eu não fiz pentâmetro iâmbico⁸⁸ dessa vez.

- E sem rimar, - Mallory colocou - o que é um aperfeiçoamento.

Eu levantei uma sobrancelha para aquela revelação, ponderando como e quando Mallory tinha tido a chance de ver Catcher profetizando. Por outro lado, somente Deus sabia o que acontecia atrás daquela porta do quarto.

Como se ainda estivesse se recuperando da intensidade da experiência, Catcher pegou um copo de soda, tirou a tampa e canudo, e bebeu profundamente, sua garganta engolindo compulsivamente até tê-lo drenado. Magia aparentava ser trabalho duro, e eu estava grata, – mesmo se ser uma vampiro ainda fosse uma provação emocional e física – que eu não estava lidando com o peso de algum tipo de força universal nunca vista.

Quando ele terminou de beber, se sentou, então colocou uma mão no joelho de Mallory. Ele deslizou um olhar para mim, então olhou para Ethan. – A propósito, ela não é aquela.

- Eu sei. - ele disse, sem nem parar para refletir. Aquilo atraiu um olhar da minha parte, que ele não encontrou. Eu abri minha boca para fazer perguntas – *Como você sabe? Por que você não acha que eu sou aquela?* – mas Catcher entrou primeiro.

- E falando em profetizar, eu ouvi que Gabe está retornando, e mais cedo do que pensávamos.

A cabeça de Ethan se levantou rapidamente, então pude adivinhar a importância daquela pequena revelação. – Quão confiável?

- Confiável o suficiente. – Catcher olhou para mim – Você se lembra, essa é a cabeça da Central Norte Americana, “a quadrilha de Jeff”. – Eu assenti em entendimento – Ele tem pessoas em Chicago, e ele tem a convenção a caminho. Ele quer se assegurar de que as coisas estão seguras e salvas antes dele trazer a quadrilha. E eu soube que Tonya está grávida, então ele vai querer ela e a criança salvas.

- Se as coisas não estão seguras. – Ethan cortou. - Não é da minha conta.

⁸⁸ Pentâmetro iâmbico é um tipo de métrica que é utilizado em poesia e em drama. Descreve um determinado ritmo que as palavras estabelecem em cada verso.



O tom de Catcher suavizou – Eu percebi isso. Mas as coisas estão vindo à tona. E se ele quer garantias, ele vai tê-las, ou ele vai ignorar Chicago completamente e mandar a quadrilha para Aurora.

- Aurora? – Eu perguntei.

- Alasca. - Catcher disse. – Base para as quadrilhas da America do Norte. Eles vão sumir no deserto e deixar os vamps para lutarem sozinhos. De novo.

Ethan se sentou de volta, pareceu considerar a ameaça, então me deslizou um olhar. – Ideias?

Eu abri minha boca, fechei-a novamente. O mestre da estratégia aparentemente queria outro bocado de “análises sagazes”. Eu não sabia se podia produzir estratégias sobrenaturais brilhantes em cima da minha cabeça. Mas eu tentei, optando por ficar com o senso comum, que parecia ser notoriamente pouco abastecido em comunidades sobrenaturais.

- Há pouco a se perder em reunir as pessoas, discutir sobre as coisas. - Eu disse. – Humanos já sabem sobre nós. Se não podemos trabalhar juntos, se lutarmos entre nós, já definiu o palco para os problemas na estrada. Se o pior acontecer, e a maré mudar, nós vamos querer amigos a quem recorrer. Nós vamos pelo menos querer conversa honesta, comunicação aberta.

Ethan assentiu.

- Por que seria necessário capital para você reunir as Casas? – Eu perguntei. – O que você fez para eles não confiarem em você?

Ethan e Catcher dividiram um olhar. – História. - Catcher finalmente disse, arrancando seus olhos de Ethan e nivelando aquele olhar com olhos verdes em mim. – É sempre história.

A resposta era insatisfatória, mas eu assenti, adivinhando que era o melhor que eu ia ter hoje.

Catcher se inclinou novamente, agarrou um punhado de batatas fritas. – Bem, algo para se pensar. Você ligará se precisar de suporte. – O último não era uma pergunta, ou uma sugestão, mais uma predição de como Ethan agiria. Eles eram amigos de algum jeito, Ethan e Catcher, embora somente Deus soubesse a história estranha que tinha trazido esses dois – rebelde bad boy mágico e vampiro neurótico e obsessivo com política. – juntos. Provavelmente uma boa história, eu decidi.

- Como foi a Recomendação? – Catcher perguntou, então nivelou um olhar divertido em mim. – Alguma surpresa?

- Eu não fiz nada. - Eu disse, pegando um pickles não-comido do prato de batatas na frente de Ethan.

- Ela causou estragos. - Um sorriso apontou no canto da boca de Ethan.

Eu sorri para Mallory. – Ele só está com ciúmes porque eu posso resistir ao seu chamado.

- Eu não tenho ideia do que isso significa, - ela disse, sorrindo de volta. – mas eu não estou excitada para ouvir.

- Ela pode? – Catcher perguntou a Ethan.

- Ela pode.

- E você a nomeou Sentinela.

Ethan assentiu. – Na expectativa de que você vá continuar a trabalhar com ela, prepará-la para esse dever. Você tem a perícia, afinal de contas. O seu... tipo de instrução *único* seria valioso.

Catcher pausou por um momento, então assentiu. – Eu vou trabalhar com ela. Ensiná-la. Por enquanto. – Ele desviou o olhar para Ethan. – E essa instrução vai cumprir o débito que tenho.

O débito que ele tinha? Tinha definitivamente uma boa história ali.

Outra pausa enquanto Ethan considerava a oferta de Catcher. – Concordo. – Ele cruzou seus braços sobre o peito, e me deslizou um olhar duvidoso. – Vamos ver se ela pode subir para a ocasião e fazer o que precisa ser feito.

Eu dei a Mallory um olhar aguçado. – Vamos ver se ela consegue não matar seu *Liege* e Mestre, especialmente se ele continuar falando como se ela não estivesse na sala.

Ela riu.

- Sim. - Ethan disse secamente. – Esqueça o dinheiro Merit. Claramente, seu valor está no seu excelente senso de humor.

O quarto ficou silencioso, a testa de Mallory franzindo com preocupação óbvia. Catcher pigarreou nervosamente, enrolou o papel do seu cachorro quente. Coube a mim, eu imaginei, aliviar a tensão que, trazendo minha família para dentro da mistura, tinha se nutrido.

Eu olhei para ele, vi o aperto repentino ao redor dos olhos de Ethan, percebi que ele se arrependeu de ter dito o que provavelmente, a primeira vista, pensou que era um elogio. E de certa forma, em uma retorcida, completamente forma-de-Sullivan, era.

- Essa é uma das coisas mais legais que alguém já me disse – Eu disse a ele, percebendo, quando as palavras saíram, que eu quase não estava mentindo.

Por um segundo, eu não tive reação.

E então ele sorriu, tipo um meio-sorriso peculiar que levantava somente o canto direito da sua boca. Por causa daquele sorriso, aquele maldito sorriso humano, eu tive que engolir uma explosão de afeto que quase trouxe lágrimas aos meus olhos. Em vez disso, eu olhei para longe, e me odiei – pela minha incapacidade de odiá-lo apesar das coisas que ele dizia, das coisas que ele fazia, das coisas que ele esperava.

Eu queria bater meus punhos contra o chão como uma criança em birra. Por que eu não conseguia odiá-lo? Por que, apesar do fato de que eu sabia, tão prontamente quanto sabia que estava sentada no sofá do seu escritório, com minha melhor amiga e seu namorado por perto, que minha incapacidade de odiá-lo ia queimar meu traseiro um dia?

Esse ia ser um dia muito, muito ruim, e eu não tinha certeza se estava melhor por saber que estava chegando.

- Bem. - Catcher disse, repentinamente se erguendo, sua voz cortando através da tensão que ainda engrossava o ar na sala. – Nós deveríamos voltar para a casa. – Ele olhou para mim. – Vai amanhecer logo. Você precisa de uma carona?

Eu levantei e comecei a colocar os embrulhos de comida vazios dentro dos sacos de papel. – Eu dirigi até aqui. Mas eu deveria voltar, também. Vou te acompanhar. – Olhei para Ethan. – Presumo que acabamos?

Ele balançou sua cabeça. – Eu queria discutir com você sobre as investigações dos assassinatos, o impacto deles na Casa, mas suponho que essa discussão tirou a necessidade disso. – Sua voz suavizou. – Está tarde. Você está dispensada.

- Vou de carona com você. - Mallory disse levemente, seu tom tornando óbvio que ela tinha planejado as palavras.

- Bem, então. - Ethan disse, levantando com o resto de nós. – Obrigado pela refeição. – Ele estendeu seu braço e ofereceu sua mão a Catcher, eles apertaram as mãos sobre a mesa e os restos farelentos e nosso jantar.

- Claro. - Catcher disse. – Uma palavra com você antes de sairmos?

Ethan assentiu, e Catcher pressionou seus lábios contra a testa de Mallory. – Te vejo em casa.

- Pode apostar - ela disse, sua mão esfregando o abdômen dele enquanto ela estendia seus braços e pressionava seus lábios contra os dele. As despedidas completas, ela virou para mim, e ofereceu sua mão. – Vamos deixar os garotos limparem o resto dessa bagunça, sim?

Nós o fizemos, deixando-os um de cada lado da mesa de café, guardanapos e copos de papel e sacos de lixo entre eles. Seu braço vinculado com o meu, nós saímos da Casa Cadogan, descemos quietamente o quarteirão até meu carro, e permanecemos quietas até termos dirigido um quarteirão de distância.

- Merit, você tem um histórico ruim com os caras.

- Nem comece. – Agarrei o volante um pouco mais forte. – Eu não tenho uma coisa pelo Ethan.

- Você tem uma coisa, que está escrito por todo o seu rosto. Eu pensei que era físico. – Ela balançou sua cabeça. – Mas o que quer que tenha acontecido aí, era mais do que físico, era mais do que química. Ele aperta algum tipo de botão em você, e embora ele esteja fazendo um trabalho um pouquinho melhor para lutar contra isso, eu diria que você faz o mesmo por ele.

- Eu não gosto dele. – Ela estendeu seu braço, colocou a ponta de um dedo contra minha têmpora. – Mas está aqui. É óbvio. Ele te incluiu. E não é que eu não quero apoiar você em quem quer que você encontre. Eu sou uma fã de Buffy, aparentemente sou uma feiticeira, e estou namorando um feiticeiro formado... ou seja lá o que ele for. Independente disso, sou a última pessoa que devia dar um sermão sobre relacionamentos estranhos. Mas tem algo...

- Não-humano sobre ele?

Ela bateu uma mão contra o painel. – Sim. Exatamente. É como se ele não estivesse jogando pelas mesmas regras que o resto de nós.

- Ele é um vampiro. *Eu* sou um vampiro. – Jesus, eu estava defendendo isso? Eu estava em um mau caminho.

- Sim, Mer, mas você tem sido um vampiro por... o que, uma semana? Ele tem sido um vampiro por quase quatrocentos anos. Essa é uma infinidade louca de semanas. Você tem que pensar que isso, eu não sei, tira um pouco da humanidade dele.

Mordisquei meu lábio inferior, olhando sem expressão as casas que passavam; as ruas dos lados. – Não estou apaixonada por ele. Não sou tão estúpida. – Eu cocei distraidamente minha cabeça. – Eu não sei o que é.

- Oh! – Ela exclamou, tão ferozmente que eu pensei por um segundo que estávamos sob ataque. – Entendi.

Quando tive certeza que ela estava bem, que não havia bestas com asas de morcego atacando o carro, estapeei seu braço. – Droga, garota. Não faça isso comigo quando estou dirigindo.

- Desculpe - ela disse, girando no seu assento, seu rosto iluminado. – Mas eu tenho uma ideia – talvez seja o negocio de vampiro, o fato de que ele te criou? Eles dizem que isso deve criar uma conexão.

Eu considerei isso, decidi abraçá-lo, e senti parte da tensão deixar meus ombros. – É. É. Pode ser isso. – Explicava a ligação entre nós, e era muito mais emocionalmente satisfatório do que imaginar que estava me apaixonando por alguém tão totalmente, completamente errado para mim. Alguém tão embaraçado pelo seu interesse em mim.

Enquanto estacionávamos, dei ao pensamento um último aceno cordial. – É. – Eu disse a ela. – É isso.

- Ok.

- Bom.

Ela sorriu para mim. – Bom.

Eu sorri de volta para ela. – Legal.

- Legal, bem, maravilhoso, *Jesus*, só vamos sair do carro.

Nós saímos.

Capítulo 13

Dois é companhia, três é multidão

Um dia se passou, depois logo dois, logo quatro. Foi surpreendentemente fácil cair dentro da rotina de ser um vampiro.

Dormindo durante o dia. Suprindo minha dieta com sangue. Aprendendo tudo sobre a segurança de Cadogan (incluindo os protocolos) e dando o melhor de mim para me preparar para defender a Casa. Sobre este ponto inicial, geralmente envolvia pretender ser tão competente quanto meus atuais habilidosos colegas.

Os protocolos não eram tão difíceis de entender, mas havia muito que aprender. Estavam divididos, muito semelhantes aos katas, em categorias - planos de ação ofensivos, planos de ação defensivos.

A maior parte deles entrava na última categoria - como supostamente deveríamos reagir se grupos atacassem a Casa ou a qualquer vampiro Cadogan em particular, como devíamos estruturar nosso contra-ataque. A variedade de manobras dependendo do tamanho do bando de saqueadores ou dependendo de se eles usavam espadas ou magia contra nós.

Qualquer que seja o inimigo, nossa primeira prioridade era a segurança de Ethan, então o resto dos vampiros da Casa e o próprio edifício, coordenação com outros parceiros sempre que possível. Uma vez que Chicago estivesse segura, devíamos verificar os vampiros de Cadogan que não viviam na Casa Cadogan.

Sob a casa, debaixo de uma pequena estrutura de estacionamento, eu estava muito debaixo da cadeia para poder obter um lugar para estacionar ali, havia pontos de acessos a túneis subterrâneos que estavam paralelos ao extenso sistema de esgoto da cidade. Desde os túneis, poderíamos chegar às nossas seguras casas atribuídas. Felizmente, apenas nos davam o endereço de uma das Casas para que eles não nos torturem para nos tirar a informação. Eu estava trabalhando em controlar meu pânico sobre o feito de que agora fazia parte de uma organização que tinha a necessidade de túneis secretos de evacuação e casas seguras, uma organização que tinha planos sobre a possibilidade de um grupo de tortura.

Também aprendi, depois de quase uma semana vendo Luc e Lindsey interagindo, que ele estava seriamente interessado nela. O ácido e sarcasmo que ele lançava em uma base diária - e havia muito disso - era claramente uma súplica por sua atenção. Uma espantosa e falha súplica. Luc pode ter entendido mal, mas Lindsey não o estava comprando. Sempre curiosa, e isso me queimaria o traseiro um dia destes, decidi perguntar a ela sobre o assunto. Estávamos em fila, bandejas nas mãos na cafeteria do primeiro piso, escolhendo de uma variedade de quase irritantes opções saudáveis do menu, quando perguntei:

- Quer me contar sobre você e o cowboy favorito de todos?

Lindsey colocou três caixas de leite sobre sua bandeja, levando um longo tempo para me responder, que eu me perguntei se ela tinha escutado a pergunta em primeiro lugar. Eventualmente, ela encolheu os ombros.

- Ele está bem.

Isso foi tudo o que eu consegui até que estivéssemos sentadas nas cadeiras estofadas de couro preto pela idade, em volta da mesa de madeira.

- Bem, mas não bem o suficiente?

Lindsey abriu a caixa de leite e tomou um longo gole, logo encolheu os ombros com mais neutralidade do que eu sabia que sentia.

- Luc é genial. Mas é meu superior. Não acho que seja uma boa ideia.

- Você me encorajou há alguns dias a dar em cima de Ethan.

Levantei meu sanduíche e dei uma mordida que estava repleto de vegetais e leviano em sabor. O tipo errado de rangido, conclui.

- Luc é genial. Só que não é para mim.

- Vocês se dão bem.

Pressionei e ela quebrou.

- E isso não seria encantador - ela disse, largando seu garfo com óbvia irritação. - Até que terminemos e depois tenhamos que trabalhar juntos? Não, obrigada.

Sem levantar o olhar para mim, começou a mexer ausentemente num pacote de Cheetos.

- Ok - eu disse com o meu tom mais calmo (e me perguntando onde ela tinha encontrado os Cheetos) - Então você gosta dele. - Suas bochechas ficaram rosadas. - Mas o quê? Teme perdê-lo, então não quer sair com ele em primeiro lugar?

Ela não argumentou, então tomei seu silêncio como uma confirmação implícita e a deixei sair do aperto.

- Bem, não vamos mais falar sobre ele.

Lindsey e eu não falamos mais sobre o assunto, mas isso não deteve Luc, que continuou soltando comentários aqui e ali, ou ela o alimentando com sugestões de rebelião. E

enquanto eu realmente gostava de Lindsey, e estava satisfeita de que estávamos na mesma equipe, simpatizava com Luc. A garota tinha uma inteligência realmente afiada, e não podia ser fácil para ele estar no receptor extremo desta inteligência.

Sarcasmo entre amigos está bem e bom, mas ela se arriscou pendendo a balança para a maldade. Por outro lado, este sarcasmo era útil, desde que Amber e Gabrielle tinham se unido para se vangloriar da relação de Amber com Ethan na minha cara. Desta vez, tínhamos terminado a nossa comida e estávamos voltando para o primeiro andar pelas escadas quando elas se plantaram na nossa frente.

- Querida. - Gabrielle perguntou à Amber, inspecionando suas unhas enquanto bloqueava o caminho pelas escadas. - Quer tomar uma bebida esta noite?

Amber, vestida em um traje de veludo preto com um “ME MORDA” escrito na frente com letras vermelhas, me olhou.

- Não posso. Tenho planos com Ethan esta noite, e você sabe querida, - ela levantou uma sobrancelha castanha. - o quanto exigente ele pode ser.

Quis amordaçá-la, bem depois de arrastar minhas unhas por esse veludo vulgar, mas estava suficientemente conturbada pela mensagem - e o fato de que tinha visto que aceitara sua oferta, tão vadia como era - para pensar em uma réplica rápida. Felizmente, a Capitã Calças Indecentes estava por perto. Com seu aprumo de costume, ela puxou um Cheetos de uma bolsa e atirou em Amber.

- Caia fora, tampinha.

Amber fez um som de desgosto, mas tomou Gabrielle pela mão, e elas se retiraram pelo corredor.

- E eu deixei o mundo seguro por mais um dia. - Lindsey disse enquanto subíamos pela escada.

- Você é uma amiga de verdade.

- Estou levando Connor para beber depois da mudança. Se sou tão boa amiga, acho que precisa se juntar a nós.

Balancei a cabeça.

-Treino esta noite. Não posso.

Essa era uma das primeiras boas razões que tinha para não aceitar sua oferta.

Lindsey parou na escada, e sorriu para mim.

- Agradável. Eu também escolheria um pouco de tempo com Catcher Bell em vez do passeio. Ele deixou você segurar sua espada?

- Creio que Mallory tenha sua espada sobre controle.

Chegamos à porta do Salão de Operações. Lindsey parou, e assentiu com aprovação.

- Bom para ela.

- Para ela, menos para mim.

- Por quê?

- Porque ele está constantemente em casa, que está começando a ficar um pouquinho pequena para os três.

- Ah. Sabe qual é a solução óbvia para isto. Mude-se para cá.

Ela abriu a porta, e caminhou para dentro do Salão de Operações e foi até a mesa de conferência enquanto os guardas, ainda em suas estações, batiam nas teclas, olhando as telas, e falando pelos seus fones de ouvido.

- A mesma resposta que da última vez - sussurrei enquanto tomávamos um lugar na mesa. - Não, não e não. Não posso viver na mesma casa que Ethan. Nos mataríamos.

Lindsey cruzou suas pernas e girou sua cadeira para me olhar.

- Não, se apenas o evitar. E olhe o quão bem estava fazendo para evitá-lo na última semana.

Eu dei a ela um olhar, mas assenti quando levantou uma sobrancelha duvidosa. Ela tinha razão - eu tinha estado evitando-o, ele havia estado me evitando, ambos havíamos estado nos evitando. E apesar do fato do vago sentido de ansiedade que eu tinha sempre que cruzava o limiar para dentro de Cadogan, ele ter manejado nos evitar mutuamente reduzia a questão de viver aqui pelo menos possível.

- Então, - ela disse. - continuar evitando-o não deveria ser um problema. E eu apenas acho... - Lindsey sussurrou. - que é praticamente o The O.C.⁸⁹. por aqui. Você está perdendo bastante agitação dirigindo de volta para Wicker Park toda manhã.

- É. Este é realmente o ponto de venda com que você precisa se concentrar. Porque estas últimas semanas têm sido o contrário de lento.

⁸⁹ Orange County.

Para ser justa, isto era um tipo de ponto de venda. Eu tinha visto os dramas de outros colegas. Eu apenas não necessitava de nada mais da minha parte.

Catcher, Mallory e Jeff estavam na academia quando eu cheguei. Eu não tinha certeza de porque Jeff estava ali, mas desde que ele e Mal eram a coisa mais próxima que eu tinha de líderes de torcida, eu não me importava muito com os corpos extras. Ou não deveria ter me importado, se tivesse chegado alguns segundos depois, e perdido Catcher tocando minha colega de quarto perto da fonte de água. Eu limpei minha garganta ruidosamente enquanto passava; o que não fez nada para provocar o desembaraçar de seus corpos.

- Gatos no cio. - Eu disse ao Jeff, que sentou escarrapachado em uma cadeira na academia, seus braços dobrados em frente ao peito, seus olhos fechados.

- Ainda continuam com isso? Já se passaram vinte minutos.

Captei o quase imperceptível tom de melancolia em sua voz.

- Eles continuam com isto - eu confirmei, percebendo que era a segunda vez na semana que via a união de partes rosadas que não tinha desejos de ver. Jeff abriu seus olhos azuis e sorriu.

- Sente que estão te deixando de lado...

Quase soltei um instintivo *Não*, mas decidi lhe tirar um osso.

- Oh, Jeff. Isto seria muito bom, você e eu. Muito poderoso, muita emoção, muito calor. Nós ficaríamos juntos e boom - eu bati minhas palmas juntas. - Como uma mariposa indo para uma chama, não restaria nada.

Ele me olhou. - Combustão?

- Totalmente.

Ele ficou quieto por um momento, seu dedo indicador traçando um padrão no joelho de seus jeans. Então ele assentiu.

- Muito poderoso. Isso destruiria a nós dois.

Eu assenti solenemente.

- Muito provável. - Mas eu me inclinei, pressionando meus lábios em sua testa. - Nós sempre teremos Chicago.

- Chicago - ele repetiu sonhadoramente. - É. Definitivamente - ele limpou sua garganta, parecendo ganhar um pouquinho mais de compostura. - Quando eu contar esta história depois, você terá me beijado na boca. De língua. E você estava excitada.

Eu ri por entre os dentes.

- Foi suficiente.

Catcher e Mallory entraram; Catcher na frente, Mallory atrás, uma mão na dele, os dedos dela livres contra seus lábios, suas bochechas rosadas.

- Espada. - Catcher disse, antes de largar sua mão e continuar a andar pela academia para a porta do outro lado da sala.

- Isso foi uma instrução ou uma ordem, o que você acha? - Eu perguntei a Mallory, que parou em frente a mim.

Ela piscou seu olhar no traseiro de Catcher enquanto ele caminhava.

- Hum?

Levantei uma sobrancelha para ela.

- Eu estou apaixonada por Ethan Sullivan e nós vamos ter bebês vampiros dentuços e comprar uma casa em Naperville e viveremos felizes para sempre.

Ela me olhou, seu olhar tão distraído quanto o de Jeff havia estado.

- É só que... - ele faz essa coisa com a língua.

Ela fez uma mímica, levantou um dedo indicador, o dobrou para dentro e para fora.

- É algum tipo de estalido?

Antes de saber o que estava dizendo, mas chegando ao final do meu limite de Mallory e Catcher, eu soltei um plano em uma rápida queda de som.

- Te amo, mas estou me mudando para a Casa Cadogan.

Isso chamou sua atenção. Sua expressão clara, sua sobrancelha enrugada.

- O quê?

Instantaneamente decidindo que isto era o melhor, eu assenti.

- Vocês dois precisam de espaço, e eu preciso estar lá para fazer o meu trabalho efetivamente.

Deixei de dizer: Eu não preciso ouvir ou ver nada que esteja relacionada com as proezas sexuais de Catcher.

- Oh! - Mallory olhou para o chão. - Oh! - Quando ela olhou de volta, havia tristeza em seus olhos. - Jesus, Merit. Tudo está mudando.

Eu a apertei em um abraço.

- Não estamos mudando. Nós apenas vamos viver em lugares diferentes.

- Estaremos vivendo em CEPs diferentes.

- E, como eu disse antes, você tem o sexy Bell para te fazer companhia. Você ficará bem.

Eu provavelmente ficaria bem, também, assumindo que poderia convencer a mim mesma e a outros vampiros de Cadogan que eu poderia viver sob o mesmo teto que Ethan sem enfiar nele uma ponta afiada de uma estaca de madeira. Isto iria requerer algum pensamento valioso criativo de Mallory.

Mal me apertou de volta.

- Você está certa. Você está certa. Estou sendo ridícula. Você precisa ir para lá, fazer aquelas coisas de vampiros e mesclar tudo. - Então ela levantou uma sobrancelha. - Você disse que estava apaixonada por Ethan?

- Apenas para chamar sua atenção. - Provavelmente. Uma merda. (Ou seja, mentira)

- Devo dizer Mer, não estou adorando essa ideia.

Eu assenti pesarosamente e comecei a andar até o vestiário.

- Apenas deve estar agradecida de você não ser eu.

Minutos mais tarde, apareci descalça e com um rabo de cavalo, pronta para outra noite de treinamento para proteger, dentre tantos, a um homem que eu aparentemente tinha sentimentos conflitantes a respeito. Mallory e Jeff se sentaram nas cadeiras do outro lado da sala. Catcher ainda não havia voltado da parte de trás, então eu me movi em direção ao saco de boxe pendurado no canto da sala, fechei minhas mãos em punhos e comecei a golpear. Nas duas sessões que havia tido com Catcher desde a Recomendação, nós tínhamos treinado com almofadas, praticando golpes e chutes frontais, guarda e golpes superiores.

A prática era designada para o aumento da estamina⁹⁰, para me dar o vocabulário básico das lutas vampíricas, e para assegurar que eu possa passar nos testes da guarda Cadogan. Mas eu estava geralmente muito preocupada em aprender os movimentos, as táticas, em vez de encontrar terapia e alívio nos movimentos.

⁹⁰ Significa resistência (que pode ser física ou mental ou mesmo ambas) do ser humano ou outro animal.

Com Catcher na parte de trás, não havia tal distração.

Eu dei um golpe com punhos descobertos no logotipo do centro da bolsa, golpeei, amando o nítido baque e o balanço da bolsa para a outra direção. Amando o fato de que eu tinha o feito se mexer. Aproveitando o fato de que tinha imaginado olhos verdes espreitando através do logotipo, e que tinha acertado o golpe bem no meio daqueles olhos.

Golpe. Golpe. Um satisfatório duplo golpe, a bolsa no lugar do homem a quem eu tinha um laço de honra, a quem eu devia servir; e quem estava me deixando interessada demais. Caminhei para trás, articulada sobre um calcanhar, e girei minha cintura para um chute lateral. Isso provavelmente pareceu, para um observador casual, que eu estava me aquecendo, dando alguns golpes bem empregados a um objeto inanimado.

Mas em minha mente, golpe; eu estava chutando, golpe; um certo Vampiro Mestre, golpe; na cara. Finalmente sorrindo, eu fiquei reta de novo, colocando minhas mãos na cintura enquanto via a bolsa balançar em suas correntes.

- Terapêutico - eu concluí.

A porta de trás do ginásio abriu, e Catcher caminhou por ele, a katana, na bainha negra envernizada brilhante, em sua mão direita. Em sua esquerda estava uma barra de madeira no formato da katana – um longo talho, encurvado gentilmente, madeira brilhosa – mas sem o cabo ou qualquer outra distinção física entre asa e lâmina. Isto, eu aprendi, era um bokken, uma arma de prática, uma ferramenta para aprender a manejar a espada sem o risco de um amador retalhando coisas que não pretendia retalhar.

Catcher se moveu até o centro das esteiras, abaixou o bokken ao chão, e com um cuidadoso e vagaroso movimento, a lâmina angulada, desembainhou sua katana. O aço descoberto refletiu a luz, brilhou e fez um silvo metálico enquanto ele a puxava para o ar.

Então ele fez um sinal para mim, e eu me juntei a ele no centro das esteiras. Ele virou a katana, e com uma mão perto do cabo, ofereceu-a para mim. Eu a peguei e testei o peso em minha mão. Pareceu mais leve do que eu tinha imaginado que daria a combinação complicada de materiais – madeira, ferro, superfície estriada, seda encordoada.

Eu agarrei a espada em minha mão direita abaixo do cabo e envolvi meus dedos da mão esquerda acima do cabo, quatro dedos de espaço entre minhas mãos. Não que eu o houvesse estudado. Apenas me limitei a imitar a posição das mãos que ele demonstrou com a espada que ele geralmente não me deixava segurar, ele a tratava com cuidadosa reverência.

Eu tinha lhe perguntado, no início da semana, sobre essa reverência, porque ele ficava quieto quando desembainhava a espada, porque seu olhar ficava um pouco sem foco quando o fazia.

Sua resposta: - É uma ótima lâmina - era menos do que satisfatório, e supus; apenas a ponta do iceberg.

Espada em mãos, eu a segurei diante de mim, e esperei pela ordem de Catcher. Ele tinha um monte delas. Para tudo menos a falta de eloquência em falar sobre o seu gosto pela espada. Ele tinha muito a oferecer sobre como deveria me relacionar com ela, - a posição das minhas mãos no cabo (embora não pensava imitá-lo na perfeição). A posição da lâmina em relação ao resto do meu corpo, a separação dos meus pés, e o peso corporal enquanto me preparava para atacar.

Catcher explicou que isto, minha primeira experiência com a espada, era apenas para me habituar à sensação e ao seu peso. Eu tinha aprendido movimentos reais com o bokken porque, embora Catcher estivesse admirado com o que eu tinha aprendido até agora, ele não tinha confiança em minha habilidade para manejar a katana. Pelo menos não para suas elevadas expectativas. Quando ele disse isso, eu paralisei no meio da posição que ele estava me ensinando e olhei para ele.

- Então por que eu tenho essa katana em minhas mãos? - sua expressão imediatamente ficou séria.

- Porque você é uma vampira, e uma vampira Cadogan. Até que aprenda os movimentos, até que você esteja pronta para empunhar a espada como uma perita - o tom de sua voz tornou óbvio que não se contentaria com nada menos. - Você irá precisar blefar - ele levantou uma mão, apontou a lâmina da katana. - Ela é, dentre outras coisas, seu blefe - então ele jogou um olhar à Mallory, e deu a ela um olhar perverso. - Se você não estiver pronta para segurar verdadeiramente a espada, pelo menos aprenda como segurá-la.

Houve um grunhido sarcástico do lado dela da academia. Catcher riu com óbvia satisfação.

- Apenas machuca na primeira vez.

- Onde será que eu ouvi isso antes? - Mallory respondeu secamente, uma perna cruzada balançando enquanto folheava uma revista.

- E eu te avisei uma vez, te avisei milhares de vezes – a mágoa não pertence ao quarto.

Mas enquanto seus olhos estavam na revista em seu colo, ela estava rindo ao dizê-lo.

Casa Cadogan aqui vou eu. Eu pensei, e ajustei meu aperto na katana. Centralizei meu peso, rolei os ombros, e ataquei.

Duas horas mais tarde, o sol se preparando para começar a aparecer sobre o horizonte, eu estava de volta em casa numa regata e calças de pijama flaneladas. Estava em minha cama, celular em mãos, reproduzindo a mensagem que encontrei quando deixei a ginásio. Era de Morgan, uma mensagem de voz que ele tinha deixado enquanto eu estava treinando.

Bip. - Oi. É o Morgan. De Navarre, no caso de você conhecer muitos de nós. Morgans; quero dizer. Estou divagando. Espero que a Recomendação tenha ido bem. Ouvi dizer que você foi nomeada Sentinela. Parabéns.

Então me deu um pequeno discurso da história da Sentinela na Casa, e o fato de que Ethan havia recriado a posição. Ele falou por tanto tempo que o celular o cortou.

Então ele ligou novamente. Bip. - Desculpe. Eu me enrolei um pouco aqui. Provavelmente não é o meu melhor momento. Essa não era realmente a suave demonstração das minhas más habilidades, que eu tinha planejado. - houve uma pausa. - Eu gostaria de vê-la de novo. - limpou a garganta - Quero dizer, por nenhuma outra razão que explicar à você um pouco mais perfeitamente desta vez, sobre os benefícios óbvios de apoiar os Packers, – a glória, a história...

- A óbvia humildade. - eu murmurei, ouvindo a mensagem, incapaz de parar o sorriso que curvava os cantos de meus lábios.

- Então, nós precisamos falar sobre isso. Futebol. Isto significa futebol. Jesus. Apenas me ligue. - limpou a garganta. - Por favor.

Fiquei olhando para o celular aberto por um longo tempo, pensando sobre a ligação telefônica, mesmo quando o sol surgiu no horizonte, aparecendo sobre ele. Finalmente fechei o celular, e quando me curvei em uma bola, com minha cabeça pesada no travesseiro, dormi com o celular em minhas mãos.

Quando o sol se escondeu e abri meus olhos outra vez, coloquei o celular na mesinha de cabeceira e decidi, – era meu dia livre e meu vigésimo oitavo aniversário – que teria tempo para correr. Eu me endireitei, vesti a roupa de treinamento, amarrei meu cabelo, e desci as escadas. Comecei minha maratona, uma volta ao redor do Wicker Park, as partes comerciais do bairro zunindo com os procuradores de comida e pessoas procurando uma bebida depois do trabalho. A casa continuava silenciosa quando voltei então eu estava disponível às vistas e sons de um contato com Carmichael-Bell. Com sede suficiente para esvaziar a Fonte de Buckingham, segui para a cozinha e a geladeira. Foi quando eu vi meu pai.

Ele estava sentado na mesa da cozinha, vestindo seu habitual e caro traje italiano, óculos posicionados em seu nariz enquanto olhava o papel. De repente, não parecia coincidência que Mallory e Catcher não estivessem em lugar algum.

- Você foi nomeada Sentinela.

Eu tive que forçar meus pés a se moverem. Atenta de que seus olhos estavam em mim, andei até a geladeira, peguei uma caixa de suco, e a abri. Eu quase procurei por um copo em meu armário, pensando que isto seria mais educado, colocar o suco no copo do que beber da caixa, mas optei por beber da caixa mesmo. Nossa casa, nossas regras. Depois de um longo e

silencioso gole, caminhei para o lado oposto do balcão, deixei a caixa de suco, e olhei para ele.

- Pois é.

Ele mostrou um farfalhar alto de papéis e os colocou em cima do balcão.

- Tem seus contatos agora.

Palavras, ainda que fundamentalmente incorretas, haviam acertado. Eu imaginei se meu pai, como meu avô, tinha sua própria e secreta fonte vampírica.

- Não realmente - eu disse. - Sou apenas uma guardiã.

- Mas para a Casa, não para Sullivan.

Droga. Talvez tivesse mesmo uma fonte. Ele sabia muito, mas a questão mais interessante era o porquê de se incomodar em descobrir. Planos de negócios em potencial? Descobrir as conexões da filha vampira para impressionar amigos e parceiros de negócios? Seja lá a fonte ou a razão, ele estava certo sobre a distinção.

- Para a casa - eu confirmei, e tampei a caixa de suco. - Mas só tenho algumas semanas de idade, com um pouco de treinamento, e estou provavelmente no último lugar da lista de vampiros de confiança de Ethan. Não tenho contatos. - Pensei e adotei a frase que Ethan havia usado. - “Sem capital político.”

Meu pai, seus olhos azuis tão iguais aos meus, olharam para mim quietamente antes de se levantar.

- Robert cuidará dos negócios em breve. Precisaré do seu suporte, da sua ajuda com os vampiros. Você é uma Merit, e é membro da Casa Cadogan agora. Você tem os ouvidos de Sullivan. - Essa era nova para mim. - Você tem o acesso. Eu espero que você o use. - Ele tamborilou seus dedos contra um papel dobrado, para esclarecer o ponto. - Você deve isso à sua família.

Eu tentei não relembrar a ele exatamente de quanto compreensiva esta “família” havia sido quando eu descobri que era uma vampira. Eu fui tratada com desprezo.

- Eu não estou certa do serviço que você acha que eu posso fornecer a você ou Robert. - o avisei - Mas não estou à venda. Farei meu trabalho como Sentinela, meu dever, por que eu prometi em um juramento. Não estou feliz em ser uma vampira. Não é a vida que eu teria escolhido. Mas é minha agora, e a honrarei. Não colocarei em perigo meu futuro, minha posição, ou meu Mestre e sua Casa para auxiliar em seja lá qual for o pequeno projeto que você tem em mente.

Meu pai bufou.

- Você acha que Ethan hesitaria em te usar se a oportunidade se levantasse?

Eu não estava certa do que pensava sobre isto, mas Ethan estava fora dos limites para o tópico de conversa paternal. Então eu olhei para Joshua Merit, dei de volta a ele o mesmo olhar de olhos azuis que ele tinha dado a mim.

- Era só disto que você precisava?

- Você é uma Merit.

Mas não apenas uma Merit mais, eu pensei, o que puxou um pequeno sorriso em meu rosto.

Eu repeti com meu tom insípido. - Era só disto que você precisava?

Um músculo apareceu em sua mandíbula, mas ele se conteve. Sem outra palavra para sua filha mais nova, desejos de feliz aniversário ou outra coisa, se virou em seus calcanhares e saiu.

Quando a porta da frente se fechou, continuei em meu lugar. Eu fiquei por um minuto na cozinha vazia, as mãos agarrando as bordas da mesa, preenchida com a urgência de correr atrás do meu pai, pedir para que ele me visse por quem eu era e me amar por quem eu era.

Engoli as lágrimas, deixando cair minhas mãos. E quando a fome por sangue surgiu novamente, não sei se alimentado pela raiva ou dor, voltei para a geladeira, achei uma bolsa de O positivo, a embalei em meus braços e a bebi no chão.

Não houve intoxicação desta vez. Eu me saciei, um sentimento de profunda, vulgar satisfação, e a dúvida que acompanhou a distância que teria de tomar para o meu corpo poder beber sangue humano.

Mas não havia embriaguez, nem tropeços. Era como se o meu corpo tivesse aceitado aquilo que minha mente apenas estava começando a se acostumar – aquilo que eu tinha admitido para o meu pai, para Ethan, para mim mesma. Eu era uma vampira Cadogan. Não – eu era uma vampira. Indiferente da Casa, da posição, e apesar do fato de que eu não vagava através do cemitério à noite, não voava (ou, pelo menos, achava que não voava – eu não tinha testado isto inteiramente, eu acho), e eu não me encolhia ao ver o pingente de crucifixo pendurado no espelho do banheiro lá de cima.

Apesar do fato de que eu comia alho, de que eu ainda tinha reflexo, e de que poderia tropeçar grogue através do dia, mesmo se eu não estivesse no meu melhor. Então eu não era uma vampira que Hollywood tinha imaginado. Eu era diferente o bastante. Mais forte. Mais rápida. Mais ágil. Uma alergia da luz do sol. A habilidade de me curar. Um gosto por hemoglobina.

Eu adquiri um monte de amigos novos, um novo emprego, um chefe que estudiosamente revogava, e um tom mais claro na minha pele. Eu podia segurar uma espada, sabia bastante sobre artes marciais, tinha sido quase assassinada, e tinha descoberto um lado inteiramente novo de Windy City.

Eu podia sentir magia, podia sentir o poder que fluía pela cidade, um companheiro metafísico para o rio de Chicago. Eu podia ouvir a voz de Ethan em minha cabeça, tinha visto um feiticeiro malvado atirar a magia em minha direção, e tinha perdido minha melhor amiga e colega de quarto (e o quarto) para o mesmo feiticeiro bandido.

Por todas estas mudanças, toda essa perturbação, o que mais havia ali, além de fazer? Agir? Ser uma Sentinela de Cadogan, a pegar em armas e levá-las para a casa que fora encarregada de proteger.

Eu me levantei do chão, joguei a bolsa de plástico vazia no lixo, enxuguei minha boca com as costas da minha mão, e olhei para fora da janela da cozinha e para a noite escura. Hoje era meu vigésimo oitavo aniversário. Eu não parecia ter um dia a mais do que vinte e sete.

Com a intenção de aproveitar ao máximo o resto da minha noite de folga, tomei banho, troquei de roupa, e estava em meu quarto – porta fechada, sentada de pernas cruzadas no meu jeans mais confortável, uma cópia de *Tristram of Lyonesse*⁹¹ de Algernon Swinburne aberta em minha frente. Estava fora do contexto da minha dissertação, a versão de Swinburne de Tristão e Isolda tinha sido redigida em 1852, mas apesar do fim trágico, a história sempre me prendia. Eu tinha lido e relido a introdução, a poesia de Swinburne aos amantes das almas cruzadas da história, seu amor a si mesmo:

*Sempre através do novo ato e nova paixão
Brilha através o mesmo divino corpo e beleza,
O corpo espiritual do fogo e da luz
Este é o mundo do meio-dia ao meio-dia para a noite;
Amor, que é carne sobre o espírito do homem
E espírito dentre a carne de onde respira novamente;
Amor, que mantém todos os coros de vida em harmonia;
Amor, que é sangue dentre as veias do tempo;*

Fogo. Luz. Sangue. As veias do tempo. Aquelas palavras nunca significaram tanto para mim quanto agora. O contexto definitivamente importava. Eu estava encarando o texto, contemplando a metáfora, quando uma batida soou na porta do meu quarto. Ela se abriu e Lindsey espreitou para dentro.

- Então aqui é onde a misteriosa Sentinela de Cadogan passa seu tempo livre?

⁹¹ Longo poema épico escrito pelo poeta inglês Algernon Charles Swinburne, que reconta em grande estilo a história medieval famosa do mal-fadado amantes Tristão e Isolda (Tristram e Isult na versão de Swinburne).

Ela estava em jeans e uma camiseta preta, pesada, faixas pretas de couro em cada pulso, seu cabelo loiro preso em um rabo de cavalo. Ela colocou suas mãos atrás das costas, se virou para vistoriar o quarto.

- Eu entendi que é o aniversário de alguém.

Fechei o livro. - Não está trabalhando hoje?

Ela deu de ombros.

- Troquei com Juliet. A garota ama suas armas, dorme com aquela espada. Ela estava feliz em ter o dever.

Eu concordei. Nos poucos dias em que conheci Juliet, isso tinha resumido minha impressão. Ela parecia inocente, mas ela sempre estava pronta para uma briga.

- O quê te trouxe aqui?

- Você, aniversariante. Sua festa te aguarda.

Eu arqueei uma sobrancelha. - Minha festa?

Ela dobrou um dedo para mim, e voltou para o corredor. Curiosa, coloquei o livro de lado, descruzei minhas pernas, desliguei o abajur da mesa de cabeceira, e a segui. Ela percorreu o caminho de volta às escadas e para a sala de estar – e para uma reunião de amigos. Mallory, Catcher atrás dela, uma mão em sua cintura. Jeff, sorriso aberto em seu rosto e uma caixa embrulhada em prata nas mãos. Mallory deu um passo à frente, braços estendidos.

- Feliz aniversário, para nossa pequena vampira!

Eu a abracei e pisquei o olho para Jeff sobre seu ombro.

- Nós vamos levar você para sair - ela disse. - Bem, não, na verdade, vamos levar você para a... para a casa do seu avô. Ele tem uma coisinha preparada.

- Está bem - eu disse; um pouco perdida para discutir, e um pouco emocionada por meus amigos terem vindo me buscar para as festividades de aniversário.

Era um inferno de melhoria depois da visita de imitação paternal mais cedo naquela noite. Eu encontrei os sapatos, pegamos as bolsas, desligamos as luzes e trancamos a porta da frente sob os olhares dos guardas que estavam lá fora.

Mallory e Catcher dirigiram-se a SUV que estava estacionada na beirada da calçada, um veículo que eu achei, fosse de Lindsey quando ela se dirigiu em direção ao banco do

motorista. Jeff se sentou atrás, timidamente oferecendo-me a caixa prata. Eu a peguei, a olhei e dei uma olhadela para ele.

- O quê é isso?

Ele sorriu. - Um agradecimento.

Eu sorri e retirei o papel de presente prata; então abri a pálida caixa azul que estava por baixo. Dentro estava uma pequena escultura de prata. Tinha forma humana – um corpo enrodilhado, braços estendidos. Um pouco confusa, olhei para ele, sobrancelhas levantadas.

- Você está fazendo uma reverência. Eu posso ter... - ele puxou o colarinho da camisa. - espalhado o fato de que a Sentinela da Casa Cadogan tem um pequeno interesse por mim.

- Quão pequeno?

Ele começou a se aproximar do carro.

Eu o segui. - Jeffrey. Quão pequeno?

Ele levantou uma mão enquanto caminhava, os dedos apertados juntos.

- Jeff!

Ele abriu a porta traseira, mas virou antes de entrar, um sorriso iluminando seus olhos. - Pode ter começado, e eu posso ser rejeitado porque você era um pouco demais...

Rolei meus olhos e deslizei para o banco traseiro a seu lado. - Deixe-me adivinhar - muito pegajosa?

- Algo parecido com isso.

Olhei para frente, senti seu olhar preocupado em mim e o súbito comichão de magia que encheu a traseira do carro. Não, não apenas magia, alarme.

Mas ele era um amigo, então eu ignorei a pontada de interesse vampírico, interesse predatório, “no cheiro doce adstringente do seu medo”.

- Bem. - eu disse.

- Mas não estou te dando roupa íntima.

Ouvi uma risadinha vinda do banco da frente, então senti os lábios de Jeff na minha bochecha.

- Sério, você fede.

Mallory olhou pelo retrovisor, encontrou meu olhar no espelho e piscou para mim.

Havia carros ao redor da casa de meu avô, na esquina, estacionados no gramado da frente. Todos carros luxuosos, Lexus, Mercedes, BMW, Infinit, Audi, todos com cores primárias - vermelho, verde, azul, branco, preto. Mas foram as placas que me deram uma pista: North 1, GOOSE, SBRNCH. Todas as divisões do Rio de Chicago.

- Ninfas - concluí, quando estávamos fora do carro e Catcher havia se juntado a nós na calçada. Lembrei-me das descrições nos cartazes no escritório do meu avô.

- Isso não estava planejado - disse ele. - Eles devem ter precisado de alguma denúncia do Defensor de Justiça. Uma mediação, provavelmente.

Ele olhou para onde Jeff estava, e esticou um dedo apontando. - Não toque. Se estão brigando, terão lágrimas suficientes.

Jeff levantou as duas mãos, sorriu. - Eu não faço as senhoritas chorarem, CB.

- Não me chame assim. - Catcher guinchou, antes de olhar-me. - Isso não fazia parte da festa de aniversário.

Olhei para a casa, brilhantemente iluminada, figuras movendo-se, e assenti. - Então, devo saber de uma coisa? Alguma coisa em que devo ficar atenta? - E antes que me fizesse uma pergunta óbvia, dei-lhe a resposta óbvia. - E sim, eu já li o *Canon*.

O livro não era um completo mau para um guia de referência sobrenatural que desejava-tinha seções introdutórias sobre os principais grupos sobrenaturais, incluindo Ninfas Aquáticas.

Elas eram pequenas, magras, mal humoradas, e eram propensas as lágrimas. Eram territoriais e manejavam de um poder considerável sobre o fluxo do rio e seus afluentes, e dizia-se - e só Deus sabia como avaliar um boato como esse - que eram as netas do mito grego Naiad⁹².

Os limites das respectivas áreas das Ninfas estavam continuamente acabando e mingando, quando as pequenas Ninfas comercializavam partes de água e terra.

E, embora os livros de história dos humanos não o mencionassem, havia rumores de que eles desempenharam um papel fundamental na mudança do fluxo do Rio Chicago em 1900.

- Basta manter-se longe do alcance dos seus braços. - Catcher aconselhou, e foi em direção à porta.

⁹² Da mitologia grega, Teseu (em grego antigo Ναιάδες Naiad ou Naida Νάιτιδες Ναιίδες Náitides de "fluxo ναιω») foram as ninfas das massas de água doce, nascentes, poços, nascentes, córregos e riachos.

A casa do meu avô estava cheia de mulheres. Todas elas pequenas e curvilíneas, nenhuma mais alta do que cinco pés. Todas abandonadamente bonitas. Todas com cabelos lisos, grandes, olhos vidrados, pequenos vestidos curtos. E elas estavam gritando, gritando umas com as outras com vozes, pelo menos, meia oitava acima. Elas também estavam chorando, lágrimas escorrendo por seus rostos.

Caminhamos para dentro, os cinco de nós, e fomos recebidos por um breve silêncio.

- Minha neta - meu avô, sentado em sua cadeira simples, um cotovelo no apoio de braço, mão no queixo, anunciou. - É o seu aniversário.

As Ninfas piscaram grandes olhos para mim – azuis; marrons e verde translúcidos - em seguida, viraram-se umas para as outras, e os gritos começaram novamente.

Captei alguns trechos de algo sobre pontes basculantes, tratados e fluxos da água. Elas claramente estavam pouco impressionadas de que eu havia chegado.

Meu avô revirou os olhos em diversão. Eu sorri e acenei minha mão – e quase perco um pedaço de cabelo curto e grosso pelo clique de dedos com ponta rosa - enrolados antes que Lindsey me puxasse para longe da briga.

Olhei para onde estava Catcher, que me ofereceu o *Olhar de Sensei*⁹³ Desapontado.

- Fora de alcance dos braços - disse ele, inclinando a cabeça para as Ninfas, que continuavam se arranhando e puxando os cabelos. Era uma briga de gatos digna do YouTube. As bainhas foram puxadas, o cabelo arrancado, a pele nua arranhada com estas belas unhas feitas.

E, além disso, gritavam e choravam.

- Pelo amor de Deus - disse uma voz atrás de mim, e Jeff passou por nós até o centro da guerra de mulheres. - Senhoritas! - Ele disse, e quando elas o ignoraram, dei uma risadinha, antes dele gritar outra vez. - Senhoritas!

De uma a uma, as Ninfas pararam, ainda com as mãos envolvidas em torno dos pescoços e cabelos das outras mais próximas.

As cabeças viraram lentamente em nossa direção, procuraram entre nós, e pararam quando encontraram Jeff. As Ninfas - as nove delas – baixaram suas mãos, começaram a ajustar o cabelo e vestido, e quando estavam prontas, levantaram os olhos e deram sedutores sorrisos a Jeff.

⁹³ Sensei é um título japonês utilizado para designar professores, profissionais, como advogados, CPA e médicos, políticos, clérigos e outras figuras de autoridade. A palavra também é usada para mostrar respeito a alguém que tenha alcançado um certo nível de mestria na arte ou de alguma outra habilidade.

Mallory e eu olhamos espantadas, de boca aberta, o simples programador de computadores que tinha acabado de paquerar a nove voluptuosas Deusas da água, e havia as colocado em submissão.

Jeff balançou para trás sobre os calcanhares e sorriu para elas. – Assim está melhor. Agora, por que todo esse escândalo?

Sua voz era tranquilizadora, com uma ponta de brincadeira que fez as mulheres estremecerem visivelmente.

Eu não podia fazer nada além de sorrir... E me perguntar se estaria dando crédito suficiente para Jeff. A mais alta do pequeno grupo, uma loira de olhos azuis, cuja perfeita figura estava metida em um vestido formal azul - e que eu me lembrava do pôster do escritório do meu avô, como sendo a *Ninfa de Goose Island* - olhou para o grupo de mulheres, sorriu de forma provocante para Jeff. Depois soltou uma torrente de injúrias sobre suas irmãs que faria corar até um marinheiro.

- Uh, protetor de orelhas? - Mallory sussurrou ao meu lado.

- Sério. - Murmurei em resposta.

A essência do argumento de *Goose Island*, sem todos os xingamentos, era que (a Piranha), a Ninfa do seu lado esquerdo, a *North Branch*, tinha dormido com (o Cafajeste), o namorado da Ninfa loira a sua direita, *West Fork*. A razão da traição, Goose sugeriu, era algum tipo de complicada política sobre seus respectivos limites.

Jeff estalou a língua, e olhou para a morena *North Branch*. – Cassie querida, você é melhor que isto.

Cassie deu de ombros, envergonhada e olhou para o chão.

- Melaina - ele disse para a loira *West Fork* - Você precisa deixá-lo.

Melaina fungou; balançando a cabeça enquanto brincava com uma mecha de cabelo. - Ele disse que eu era linda.

Jeff deu-lhe um sorriso triste e abriu os braços. Melaina praticamente saltou para frente e para o abraço de Jeff, chorando quando ele a abraçou. Enquanto Jeff acariciava suas costas, sussurrava palavras de consolo em sua orelha, Mallory, ansiosamente, me deu um olhar de dúvida.

Eu só podia dar de ombros. Quem saberia que o pequeno Jeff poderia causar esse efeito? Quem sabe era uma coisa de metamorfos-ninfas? Fiz uma nota mental para verificar o *Canon*.

- Tranquila, tranquila - disse Jeff, e liberou Melaina para suas irmãs. – Agora. - Juntou as mãos com longos dedos e olhou na direção do grupo. - Nós terminamos de incomodar ao Sr. Merit por hoje? Tenho certeza que ele anotou as suas preocupações, e as levará ao conhecimento do Prefeito. - Ele olhou para o meu avô em busca de consentimento, e meu avô assentiu em resposta.

- De acordo, meninas? – Um pouco mais de limpeza de mucos dos narizes, um pouco mais de passar as mãos pelos rostos cheios de lágrimas, mas todas concordaram.

A reconciliação foi de um volume tão alto como tinha sido a disputa, todas se desculparam em voz alta e planejaram manicures, pedicures e dias em um spa. Trocaram abraços, arrumaram-se as bainhas e reorganizaram a maquiagem (Milagrosamente, não havia lhes escorrido a maquiagem. Máscaras à prova d'água deve ser uma necessidade para as Ninfas do rio, supus). Quando as Ninfas haviam se acalmado, se reuniram em torno de Jeff, lhe salpicaram com beijos e palavras doces, para então irem em direção a porta. Mallory e eu olhamos através da tela da porta, como elas abriram seus celulares e saltaram para dentro de seus pequenos carros, e depois fazê-los zumbir rua abaixo para a noite de Chicago.

Viramos-nos simultaneamente para Jeff, que estava escrevendo com os polegares no teclado deslizante de seu celular.

- Hoje é noite de warcraft⁹⁴. Quem quer jogar?

- Por quanto tempo os Metamorfo vivem? - Perguntei a Catcher.

Ele me olhou, com uma sobrancelha levantada em confusão. - Cento e vinte; cento e trinta anos. Por quê?

Então, ele era jovem, ainda tinha vinte e um anos, um adulto legal em anos humanos.

- Porque ele vai ser assustadoramente bom quando crescer.

Jeff olhou para cima, apontando para seu telefone. - Sério; quem se oferece? - Ele me perguntou, com seus olhos arregalados e esperançosos. - Você pode ser meu Elfo? Tenho gorros combinando.

- Quando crescer. - Catcher confirmou, tomou o celular das mãos de Jeff e o colocou no bolso. - Vamos comer; Einstein.

Depois de trocar tardios abraços de saudação com meu avô, fomos para a sala de jantar.

Comida para um rei - ou um policial, dois vampiros, um metamorfo e dois feiticeiros - foi colocada sobre a mesa.

⁹⁴ Jogo eletrônico de estratégia em tempo real com elementos de RPG, feito para PCs.

No campo interno de um anel giratório estavam colocadas tigelas de feijão verde, milho, purê de batatas, caçarola de abóbora, macarrão e queijo. Havia cestas de pães e em um buffet lateral estavam as sobremesas, um bolo branco, decorado com coco, uma bandeja de bolinhos e chocolate e nozes, um prato de biscoitos brancos e rosados.

Mas a peça mais importante, que tinha a sua própria fonte no centro da mesa oval, era a peça de carne, coberta com salsa, maior do que eu já tinha visto na minha vida.

Fiz um som de felicidade. Eu adorava comer, com certeza, e eu comeria qualquer coisa colocada na minha frente, o litro de sangue que tinha tomado mais cedo era prova suficiente disso, mas a peça de carne do meu avô feita da receita da minha avó era de longe o meu prato favorito.

- Qualquer um que tocar na carne antes de eu pegar minha parte, se torna em brinquedo para mastiga - eu disse, apontando um dedo para os rostos sorridentes ao redor da sala.

Meu avô pôs o braço em meus ombros. - Feliz aniversário, pequena criança. Pensei que você gostaria do presente em comida tanto quanto qualquer outra coisa.

Concordei, e não podia fazer outra coisa mais do que rir. - Obrigada, vovô. - disse, dando-lhe um abraço antes de puxar uma cadeira.

Eles moveram-se em torno da mesa, meus amigos, Mallory ao meu lado Catcher em uma extremidade, vovô na outra, Lindsey e Jeff - que tinham uma cara desgraçadamente ávida - do lado oposto. Houve um momento rápido de silêncio, curiosamente, por Catcher, quem fechou os olhos, baixou a cabeça e disse uma rápida bênção de reverência sobre o alimento.

E quando todos nós olhamos para cima novamente, compartilhamos um sorriso, e começamos a nos passar as tigelas.

Era um retorno ao lar, o retorno à casa da família que eu sempre quis.

Jeff disse algo ridículo, Catcher bufou em resposta. Lindsey perguntou a Mallory sobre o trabalho, vovô perguntou-me sobre o meu. A conversa tomou lugar enquanto servíamos a carne e os legumes em nossos pratos, espalhávamos sal e pimenta, bebíamos a goles o chá gelado que estava em nossos copos. Guardá-los em nossos colos, garfos levantados, e a comilança começou.

Quando tínhamos comido até estarmos cheios, deixando as tigelas vazias, mas com migalhas e com as colheres de servir, quando os homens abriram seus botões da calça e recostaram-se nas cadeiras, felizes e satisfeitos como gatos, Lindsey retirou sua cadeira, levantou-se e ergueu seu copo.

- À Merit - disse ela. - Que os próximos anos de sua vida estejam cheios de paz, felicidade, AB positivo e lindos rapazes vampiros.

- Ou metamorfos. - Jeff disse, levantando seu próprio copo.

Catcher revirou os olhos, mas também levantou o copo. Eles me saudaram, minha família, e trouxeram lágrimas aos meus olhos. Enquanto eu fungava no meu lugar - e engolia minha terceira porção de carne - Mallory trouxe uma gigantesca caixa embrulhada em papel rosa e roxo com unicórnios, e com um enorme laço rosa.

Ela apertou meus ombros antes de colocá-la no chão ao lado da minha cadeira. - Feliz aniversário, Mer.

Sorri para ela, empurrei a cadeira o suficiente para colocar a caixa no meu colo, e tirei o laço. O seguinte foi o papel de embrulho, e comprovei seu gosto juvenil quando atirei o papel amassado no chão. Abri a tampa da caixa, arranquei a camada de papel de seda, e dei uma olhada dentro.

- Oh, Mal - era negro, e era de couro. Suave e macio couro. Empurrei totalmente minha cadeira, deixei a caixa no assento e tirei a jaqueta. Era um bem cuidado couro com gola mandarim. Como uma jaqueta de motoqueiro, sem o logos. Não era diferente da que Morgan tinha, e era tão chique como o couro preto poderia ser. Olhei dentro da caixa e vi que continha calças pretas em combinação.

Também quentes o suficiente para fazer que os olhos de Jeff se iluminassem quando as puxei.

- Há mais uma coisa aí dentro - disse Mallory. - Mas você não gostaria de pegá-la neste momento. - Seus olhos brilharam, então eu sorri em resposta, um pouco confusa, mas olhei para dentro da caixa. Provavelmente poderia ser chamado de "Corpete", mas era mais íntimo do que a banda de spandex⁹⁵ preto que eu havia usado durante os treinamentos. Era couro, este retângulo supostamente destinado a esconder meus seios, com laços na parte de trás. A banda tinha dez centímetros de largura, e revelava mais pele do que cobria.

- Vampira Gótica - disse Mallory, encontrando meus olhos novamente. Eu ri, concordei, e fechei a caixa em torno da calça e "top".

- Quando você disse que ia me comprar uma roupa preta, pensei que você queria dizer como o que já havia me comprado. - Sorri-lhe. - Isso vai além Mal.

- Oh, eu sei - ela levantou e rodeou a mesa, pegando a jaqueta e ajudando-me a colocá-la. - E não ache que você não me deve.

⁹⁵ Tecido de lycra.

Mallory segurou o couro, e colocou um braço para dentro, depois o segundo, levantei e o fechei, e o corpo ajustou-se parcialmente. Os braços e ombros estavam segmentados para me dar liberdade de movimento, algo útil quando precisasse em algum momento no futuro, usar uma espada.

Jeff deu um assobio apreciativo e deu um par de chutes, mãos colocadas em frente a mim em posição de guarda.

Este era um novo estilo para mim. Não gótico, exatamente. Mais como Soldado Vampiro Urbano. Ou seja, como for eu gostava. Eu poderia dissuadir muito melhor em couro do que em uma roupa preta pretensiosa.

Enquanto Mallory e Lindsey tocavam a lisura suave do couro Catcher se levantou, e com uma imperiosa sobrancelha levantada, me fez sinais fora da sala de jantar. Fiz minhas desculpas e o segui.

No meio da pequena cerca do meu avô - no quintal, havia um quadrado de toalha branca – uma tolha de algodão dos jantares organizados por minha avó. Uma mão nas minhas costas, Catcher se virou para mim. Virei para olhá-lo do lado oposto da praça, e quando ele se ajoelhou diante de mim, eu fiz o mesmo.

Ele tinha uma katana em suas mãos, mas esta era diferente. Em vez de seu habitual modelo preto; esta estava enrolada em laca vermelha brilhante. Segurando-a com a mão direita, o envoltório na esquerda, Catcher a deslizou. A bainha foi deixada de lado, e a espada foi colocada na toalha de linho.

Ele se inclinou para ela, suas mãos na espada, e passou a palma da sua mão ao longo dela. Eu poderia jurar que ele disse algumas palavras, mas nada em uma linguagem que eu tenha ouvido antes. Tinha o ritmo do Latim, mas não era latim.

Seja qual for o idioma, tinha magia nele. Magia suficiente para eriçar meu cabelo, para criar uma brisa em uma noite de abril.

Quando ele terminou, quando meus braços arrepiaram-se, ele me olhou.

- Ela será sua, Merit. Esta espada tem pertencido a Cadogan desde que a Casa existe. Fui convidado a prepará-la para você. E, para preparar você para ela.

Reconhecidamente, tinha estado evitando Ethan, portanto estava bem que ele não estivesse aqui, que Catcher estivesse comandando o arsenal. Mas ainda não entendia por que ele, e não Ethan tinha sido responsável em me dar a espada. - Por que não um vampiro?

- Porque um vampiro não pode completar o ritual. - Catcher ergueu a espada, virou-a para que o cabo ficasse virado para o meu lado, e a deixou cair novamente. Então ele apontou para os meus braços. - Segure-a com sua mão. Direita. Palma para cima.

Fiz como ele disse, vi como ele puxou uma pequena e afiada faca de seu bolso, o cabo envolto em um cordão preto. Pegou minha mão direita em sua mão esquerda, em seguida, pressionado a lâmina da faca no centro da minha palma. Fez um corte imediato, uma gota de sangue caiu; depois mais duas apareceram.

Ele agarrou minha mão com força, contra a minha hesitação instintiva, afastou a faca e balançou minha palma para que ficasse posicionada diretamente sobre a espada.

O vermelho caiu. Uma gota, depois duas, três. Espirraram contra o aço, rolaram sobre o fio da espada para depois chegar ao linho abaixo.

E então passou - o aço flutuou. Pareceu-me o calor ondulando pelo asfalto quente, o aço curvando como uma fita ao vento. Durou apenas alguns segundos e o aço voltou novamente.

Mais palavras foram sussurradas no mesmo canto rítmico, então Catcher liberou minha mão. Olhei para o corte na minha mão se fechar. Benefício da cura vampírica.

- O que foi isso? - Eu perguntei.

- Você acabou de dar um sacrifício - disse ele. - Seu sangue na espada, assim ela poderá evitar que o derrame na batalha. Cuide dela, respeitei-a, e ela vai cuidar de você.

Então ele tirou um lenço do bolso da calça e me mostrou como limpar e engraxar a lâmina. Quando a espada estava novamente limpa e disposta para que brilhasse a luz das lâmpadas do quintal, ele se levantou.

- Vou deixar que vocês dois se conheçam. - disse ele. - Já que não usará túnica, deixe um cinto dentro. A bainha entra nele. De agora em diante, você a usará. Todo dias. Quando dormir, mantenha ao seu lado. Entendido?

Tendo tido o mesmo discurso sobre o meu bip, e entendendo a ameaça do assassino ainda perdido, balancei a cabeça, esperando que ele se levantasse e se fosse, depois baixei meu olhar para a espada que ainda estava em frente a mim.

Era um estranho momento íntimo - meu primeiro momento a sós com ela. Esta era a coisa - a complicada mistura de aço e seda, couro e madeira laqueada – que se supunha me manteria segura pelos próximos cem anos, a coisa que me faria capaz de fazer meu dever, de manter a Ethan e aos outros vampiros de Cadogan vivos.

Nervosamente, olhei em volta, um pouquinho nervosa sobre pega-la, e cocei distraidamente minha cabeça. Esfreguei meus dedos, limpei a garganta, e obriguei-me a olhá-la. – Então. - eu disse à espada. *Para a espada.*

Eu sorri para ela. – Sou a Merit e vamos trabalhar juntas. Felizmente não te... quebrarei. Felizmente, você não vai me deixar que me quebrem. Disso é o que se trata;

eu acho. - Levantei minha mão direita, fechando meus dedos sobre o metal, de algum modo, repentinamente, fóbica em levantar uma arma pela primeira vez, então deixei meus a ponta dos meus dedos caírem no envoltório em torno da asa e os deslizei em torno do comprimento da mesma.

Meu braço formigou. Eu agarrei a asa, levantei a espada em uma mão e me coloquei de pé, enquanto orientava a lâmina para que tomasse a luz que percorria o aço e como água corrente

Meu coração disparou, minhas pupilas dilataram, e senti o vampiro dentro de mim subir à superfície da minha consciência.

E pela primeira vez, levantou-se, mas sem raiva, luxúria ou fome, e sim curiosidade.

Ela sabia o que estava segurando na minha mão, e ela se animou.

E pela primeira vez, em vez de combatê-la, em vez de fazê-la encolher-se de novo, deixei-a estender-se e mover-se, deixei-a olhar através dos meus olhos – somente uma olhada. Apenas um vislumbre, eu não tinha ilusões de que se lhe desse a oportunidade, ela poderia prevalecer, trabalhar através de mim, me possuir.

Mas quando segurei a espada na horizontal, paralela ao chão, e quando a deslizei pelo ar, balançando-a para os lados do meu corpo, e a deslizei novamente para sua bainha, senti seu olhar - sentia o calor moderado de seu contentamento lânguido, como uma mulher bem satisfeita.

Eu beijei o pomo da espada - da minha espada - em seguida, deslizei-a em minha mão esquerda, e fui para a casa. Jeff, Catcher, Lindsey, e meu avô estavam reunidos em torno da mesa de jantar. Mallory estava na mesa ao lado, escavando o bolo de coco.

- Oh, que doce! - Jeff disse; seu olhar passando da katana em minha mão para Catcher. - Você deu a ela a espada? - Catcher assentiu com a cabeça, depois me olhou, levantou uma sobrancelha de uma maneira peculiar. - Vejamos se funciona. Será que ele a carregou?

Pisquei, em seguida, olhei para Jeff e meu avô. - Ele está carregando o quê?

- Olhe para Jeff. - Catcher disse cuidadosamente. - E me diga se ele está carregando uma arma.

Ergui uma sobrancelha.

- Apenas faça-o. - Catcher insistiu, frustração em sua voz.

Suspirei, mas olhei para Jeff, franzindo a testa enquanto examinava seu corpo, tentando descobrir o truque. Supunha-se que ele deveria demonstrar. - O que eu estou procurando...

- Se você não pode vê-la. - Catcher interrompeu. - Então feche os olhos e sinta-o. Esvazie sua mente, e permita a você mesma a sugá-lo

Concordei, mas não tinha idéia do que ele estava falando, e enquanto enfrentava a Jeff, fechei meus olhos. Tentei bloquear minha mente de toda informação e me concentrar no que estava diante de mim, ou seja, um magro, metamorfo, programador de computador. Foi aí quando o notei.

Eu pude sentir. Apenas uma pista. Seu peso diferente; senti-lo. Foi um tipo de vibração diferente. - Há... Há... - Abri os olhos, olhei para Jeff, então virei minha cabeça para olhar Catcher. - Ele está carregando. Aço. Uma faca ou algo assim. - Supus, dado o seu peso.

- Jeff?

- Eu nem sequer tenho uma arma. - Jeff protestou, mas parou e procurou no primeiro bolso. Nós todos olhamos, enquanto ele o virava. Vazio.

Ele tentou o segundo bolso, quando ele pôs a mão, puxou uma pequena faca envolvida em cordão, sua lâmina envolta em uma capa preta. Obviamente chocado, segurou a faca em sua mão, e olhou para cada um nós. - Não é minha.

Catcher, quem estava sentado ao seu lado, bateu em suas costas. - É meu James Bond. Eu a coloquei em seu bolso quando você estava comendo Mallory com os olhos.

As bochechas de Jeff ficaram rosadas enquanto Catcher pegava a faca e a colocava em seu próprio bolso. - Eu não estava comendo Mallory com os olhos. - Ele disse que, depois, deu um olhar aflito para Mal, quem voltava à mesa, prato de papel na mão. - Eu não estava. - insisti, depois olhou para Catcher. - Comendo com os meus olhos é um pouco extremista.

Catcher riu. - Então, *golpe baixo*.

- E com essa nota agradável. - Mallory interrompeu com uma risada, colocando o pedaço de bolo sobre a mesa na minha frente. - Vamos comer.

Comemos até ficarmos cheios, até que pensei que meu estômago se abriria como uma piñata⁹⁶ de coco. A comida foi incomparável, deliciosamente familiar, a doçura do bolo e a sobremesa perfeita.

⁹⁶ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhata>

E quando nossas barrigas estavam cheias e meu avô começou a bocejar, eu me preparei para levar a equipe da casa. Coloquei a espada na cintura, e peguei a caixa com o couro.

O carro cheio de presentes e bolos, eu entrei novamente para dizer o adeus final, e, inadvertidamente, entrei para outro momento Mallory-Catcher.

Eles estavam em um canto da sala, com as mãos no quadril um do outro.

Catcher olhando para ela, os olhos cheios de tal respeito e adoração, que a emoção disso apertou minha garganta.

Mallory olhou para trás, encontrou seu olhar, sem pestanejar ou afastá-lo. Ela encontrou seu olhar seu olhar e compartilhou esse olhar, com expressão de parceria.

E eu fiquei impressionada com o pior e mais repugnante senso de ciúmes que eu já tinha sentido. Como seria, eu me perguntei, ter alguém que te olha para desta maneira? Vendo algo em mim, dentro de mim, que valesse esse tipo de admiração? Esse tipo de atenção?

Mesmo quando éramos mais jovens, Mallory sempre tinha sido a que os homens perseguiam. Eu era inteligente, a companheira ligeiramente estranha.

Ela era a deusa. Os homens compravam-lhe bebidas, ofereciam seus números telefônicos, ofereciam suas contas bancárias, o tempo, passeios em seus conversíveis BMW.

Apesar de todo esse tempo eu estava sentada ao seu lado, sorrindo educadamente quando eles me olhavam para analisar-me, para determinar se era uma barreira para a coisa que eles queriam - a loira/mas azul, de olhos azuis;

Mallory.

Agora ela tinha Catcher, e estava sendo adorada novamente. Ela tinha encontrado um companheiro, uma companhia, um protetor. Tentei empurrar o meu ciúme para a curiosidade, de perguntar-me como seria a sensação de ser querida, desejada de uma maneira profunda. Tentei o meu melhor para não invejar minha melhor amiga em seu momento de sol, sua chance de experimentar o verdadeiro amor.

Sim, isso não funcionou muito bem.

Eu estava com ciúmes da minha melhor amiga, minha irmã em todos os sentidos que importava; que não merecia nada menos do que total adoração.

Odiei a mim mesma por estar com ciúmes da felicidade que ela merecia. Mas, quando ele a beijou na testa, e eles levantaram os olhos e sorriram para mim, não pude fazer nada mais do que ter esperança.

Capítulo 14

*O amor é um campo de batalha.
Assim como também é a cidade de Chicago.*

Na noite seguinte acordei pronta para a batalha. Mas não contra um assassino em série. Não contra ninfas guerreiras ou vampiros Rogue. Nem mesmo com o Mestre que estava evitando. Desta vez me preparei para Helen. A nossa primeira reunião não tinha sido excepcional, o que talvez não fosse tão incomum dada a sua natureza - a dura e fria realidade com a qual ela havia estado me preparando.

Mas eu estava perdendo a minha casa, a casa da Mallory, a Catcher e suas mãos errantes. Eu precisava de um lugar para ficar. Já era tempo de perguntar sobre me mudar para Cadogan. Embora eu não estivesse entusiasmado com esta opção, as alternativas não pareciam ser muito melhores. Eu não poderia morar com meus pais. Não acho que eles permitiriam e lidar com meu pai era suficiente.

Conseguir um bom lugar não era uma opção viável. Meu salário em Cadogan era bom, mas não o suficiente para pagar o aluguel em Chicago sem uma pessoa para dividir as despesas. Não estava preparada para as comadres e certamente não queria levar meu drama sobrenatural para um novo companheiro de quarto. E a menos que vivesse em Hyde Park, ter meu próprio espaço não resolvia o problema atual, o fato de que ainda tinha tempo de viagem entre uma crise em Cadogan e eu.

Poderia ir morar com meu avô, e não havia dúvidas de que ele iria me convidar, mas comigo vem bagagens – incluindo ser a próxima vítima de um assassino serial, a destinatária recente de uma ameaça de morte e a nova guardiã da Casa Cadogan. Mudar-me para Cadogan apresentava seu próprio conjunto de problemas, principalmente e acima de tudo, o seu Mestre intrometido. Mas nunca tive necessidade de me preocupar com alguém que não pudesse ser manejado. Se havia algo agradável para dizer sobre Ethan Sullivan, é que ele estava preparado para lidar com drama sobrenatural.

Claro que eu não tinha informado ao Ethan que estava considerando mudar-me para casa. E imaginei três respostas possíveis a essa notícia, e não estava interessada em ouvir nenhuma delas. No melhor dos casos, eu achava que eu seria dada uma aprovação fria, que finalmente havia chegado a uma decisão típica que um Sentinela teria feito há uma semana atrás. Na pior das hipóteses, aposto em ácido sulfúrico, que manifestará a sua preocupação de que irei espionar ou sabotar a Cadogan de dentro.

No entanto, a mais perturbadora era a terceira hipótese – que me pediria novamente para ser seu consorte. Eu tinha certeza que nós já tínhamos descartado esta ideia, o fato de

que tínhamos sido felizes nos evitando a semana passada foi prova suficiente, mas ele era mais teimoso do que a maioria.

Portanto fiz meu caminho através da Helen, que em sua posição de Vínculos Iniciativos também coordenava as mudanças dos novos vampiros para casa e deixar que a notificação chegue ao Ethan através dos canais responsáveis. Mas fazer através da Helen significava que deveria me desculpar.

Uma grande desculpa, já que da última vez que a tinha visto, gritei e insultei e pedi a uma feiticeira que a colocasse para fora. Para consertar as coisas, optei por uma simples e clássica estratégia de suborno. Ia comprar o meu caminho para a sua boa vontade com uma dúzia de bolos de aniversário com rosas brancas. O embrulhei em caixa brilhante de pastelaria, e estava pronto para deixar em seu escritório quando chegasse em Cadogan.

Mas antes de fazer isso, tinha alguns assuntos para resolver, na forma de um desfile de moda vampiresca. Depois de tomar banho, e antes de entrar na regulamentação negra de Cadogan, saí da minha vestimenta de aniversário e coloquei a roupa de couro no lugar.

A roupa, apenas se encaixava como uma luva, como se fosse moldado a partir do meu corpo. Com o meu cabelo em um rabo de cavalo alto, a espada na minha mão, parecia ousada o suficiente. Parecia como se estivesse pronta para um verdadeiro combate vampírico. Que era manifestamente falso é claro, mas posando na frente do espelho não me diverti menos por isso.

Ainda estava em frente ao espelho, com a espada na mão, quando o meu beeper começou a vibrar. Eu pulei com o som, pensando que alguém tinha entrado no meu show de traje vampiro. Quando me dei conta de onde vinha o som, peguei no meu armário e olhei o visor:

TRNGRSN.CADGN.VERDE.911

Transgressão: sobrenatural, sem convite no perímetro. Verde: código do Ethan. Ele estava com problemas e precisava de ajuda. 911: rápido/agora/já sentinela.

Havia passos no corredor. Com o beeper na mão, abri a porta da sala e olhei. Catcher vestido com jeans e camisa de mangas caminhou para mim. Eu tinha que lhe dar crédito, ele não fez nada mais do que um piscar de olhos ante ao meu traje.

- Recebeu a mensagem? - Concordei e antes que pudesse perguntar como ele sabia disso ele continuou. - A reunião que discutimos, com todos os vampiros? Aquela que Sullivan necessitava programar? Está acontecendo neste instante, e não por convite.

- Merda! - Eu disse, movendo a mão esquerda ao punho da katana, e ignorando por um momento o fato de que ele teve esta informação antes de mim.

- Eu preciso me trocar.

Catcher sacudiu a cabeça. - Hoje é o dia de exibicionismo - disse - Eu vou aprontar seu carro.

Olhei para ele. - Você está brincando? Ethan vai ficar puto se eu aparecer vestida desta maneira na frente de outros vampiros de Cadogan imagine em comparação com outras Casas.

Catcher sacudiu a cabeça. - Você é a Sentinela encarregada do Ethan. Faça o seu trabalho da maneira que você faz. E se vai enganá-los a sua maneira para manter o Ethan a salvo, vai preferir fazer vestindo couro que em um terno e sapatos presunçosos? Você precisa mostrar os dentes hoje.

Porque suas palavras faziam eco em meus pensamentos resolvi não discutir. Ele ofereceu conselhos via celular todo o caminho para a Casa Cadogan: Olhe para todos os olhos. Mantenha a sua mão esquerda no punho da espada, olhar a retaguarda e sacar unicamente a mão direita se precisar ser muito agressiva. Colocar o meu corpo entre o Ethan e qualquer coisa pontiaguda – seja uma espada ou um dente – que o esteja ameaçando. Quando Catcher começou a se repetir o cortei.

- Catcher, esta não sou eu. Não estou preparada para guerra. Eu era uma estudante de doutorado. Mas ele me deu esse trabalho, supostamente, depois de quatrocentos anos de experiência porque ele pensou que eu poderia trazer algo para a mesa, algo que ele pensou que poderia contrariar a minha falta de formação. Agradeço o conselho, e eu aprecio o treinamento, mas isso é em cima da hora, e se eu não aprendi até então, provavelmente não vou aprender nos próximos cinco minutos - engoli, com um aperto no peito. - Eu farei o que puder. Eles pediram para mim, e eu concordei com o posto de guarda, e farei o que puder.

Resolvi confessar os pensamentos que tinha estado rondando no fundo da minha cabeça, mas não tinha falado. Que o vampiro dentro de mim tinha uma mente própria. Às vezes parecia que não se fundia com o resto, na verdade não, mas era como se morasse dentro de mim. Talvez pelo fato de soar ridículo, era mais difícil de falar do que eu havia imaginado.

- É que... É que...

- O que foi Merit?

- Ela está separada de mim.

Silêncio, logo: - Ela?

Ele mencionou a palavra como uma pergunta, mas eu tinha a sensação de que ele sabia exatamente o que eu estava falando. - O Vampiro. Meu Vampiro. Eu. Não sei, provavelmente não seja nada.

Silêncio novamente, logo: - Provavelmente não seja nada.

Os blocos passaram, e então girava em Woodlawn, com o celular ainda apertado entre o ombro e a orelha.

- Se você precisar parecer ameaçadora, você pode deixar seus olhos prateados? Descer a suas presas? De propósito, eu quero dizer.

Eu não tinha tentado, mas percebi que tinha aprendido o suficiente na semana passada sobre como deixar meus olhos prateados para ser capaz de efeito de fabricação. Método vampiro.

- Está bem!

- Certo, certo.

Estacionei o carro em cima da calçada em frente a Casa Cadogan. Não havia nenhum guarda na porta. A casa parecia vazia, o que não era não é bom.

- Merda! - Murmurei e girei a maçaneta da porta. - A Casa parece deserta.

- Merit, escuta. - Parei com uma das mãos na porta e a outra a redor do celular.

- A Casa Cadogan não teve uma Sentinela em dois séculos. Começou o trabalho, porque ele acreditou em você para cumprir essa tarefa. Nada mais, nada menos.

Assenti, mesmo sabendo que ele não poderia me ver. - Está certo.

Ou não, eu pensei, joguei o telefone celular do lado do passageiro, caminhei pela calçada vazia, e puxei a bainha da jaqueta de couro, que tinha o zíper na altura do peito sobre o corpo. De uma forma ou de outra iria averiguar. A porta da frente estava parcialmente aberta e nenhum vampiro estava no térreo. Ouvi ruído acima da escada e, com uma das mãos na espada, subi. Luc estava no patamar, as pernas cruzadas, os braços cruzados, uma katana embainhada em seu lado esquerdo. Balancei minha cabeça, esperando que tivesse um olhar para minha roupa.

Quando passei, eu perguntei: - Aonde vamos?

Inclinou sua cabeça para o salão de baile e caminhamos juntos até lá. Sua voz era totalmente séria. - Ethan tentou agendar uma reunião sobre os assassinatos. Convidou representantes de Grey e Navarre. A reunião deveria acontecer mais tarde hoje à noite. Em seguida, os Rogue apareceram. Noah Beck, ele é o seu representante, apareceu há meia hora.

Algum tempo se passou desde que eu recebi a mensagem. Realmente eu necessitava me mudar para casa Cadogan.

- Eles estão com raiva de não terem sido incluídos - continuou ele, sua expressão tensa. - Sobre a nossa existência, não sendo incluídos no anúncio a imprensa.



Ethan não era o único que duvidava da decisão tomada por Celina sobre este assunto. Paramos em frente a portas fechadas do salão de baile, plantei minhas mãos em meus quadris, e dei uma olhada.

- Quantos são?

- Doze Rogues, talvez uns 30 de Cadogan. Scott Grey e quatro dos seus apareceram antes para a reunião. Lindsey, Jules e Kelley estão aí dentro, mas estão aguardando no fundo.

Eu levantei minhas sobrancelhas. - Alguma vez você já pensou que um raio de seis guardas para trezentos vampiros Cadogan não vai funcionar?

- São tempos de paz - me explicou, com irritação em sua voz. - Nós levantamos espadas demais, e estaremos mostrando animosidade, arriscando uma guerra. - Ele deu de ombros. - E com poucos estaremos arriscando que um Rogue dê um tiro no Ethan.

Levou um tempo para me dar conta de que ele não estava falando em forma metafórica. - Um tiro? Pensei que os vampiros usassem espadas? - Eu fiz um sinal para a katana na cintura, mas ele balançou a cabeça.

- Isso está no *Canon* da Casa, uma tradição. Os Rogues rejeitaram o sistema, rejeitam as alegações, as regras. Eles têm armas. Eles têm seus próprios Códigos, assim como é. Eles podem ter uma espada visível, e algumas escondidas. Mas eles provavelmente têm armas, provavelmente revólveres e semi-automáticas. Possivelmente, alguma 45⁹⁷. Eles são pouco propensos as 1119⁹⁸.

Concordei, lembrando a imagem que eu tinha visto em um catálogo Kimber na Sala de Operações. Isso era tudo que eu precisava, balas perdidas voando sobre o quarto na minha primeira luta real. - Não posso me defender de balas. - Eu disse, ao perceber tardiamente que a arma seria usada em um tiroteio, que era o meu corpo entre Ethan e a chuva de tiros.

Como se tivesse percebido minha preocupação, provavelmente percebeu devido expressão de terror no meu rosto, Luc disse - As balas não iram matá-la, a não ser que ele jogue uma mão livre pulverizado. Basta fazer o que você pode. E mais uma coisa. - Ele fez uma pausa durante tanto tempo que parecia ter terminado, olhei seu rosto. - Sua posição, - disse e fez outra pausa, - é mais política do que a nossa. Somos considerados soldados de campo, incluindo a mim. O Sentinela é ainda um soldado, mas tradicionalmente os vampiros vêm como uma posição estratégica. E isso significa mais respeito. Ele encolheu os ombros. - Isso é história, eu acho.

- O que significa - concluí - que posso chegar mais perto dele do que você pode. Eu sou mais um sinal de que a situação está sendo levada muito, muito a sério, uma declaração de guerra.

⁹⁷ <http://tinyurl.com/32pfgje>

⁹⁸ <http://www.artemar.es/tienda/images/D1119.jpg>

Luc concordou novamente, com a expressão evidente de alívio de que eu tenha entendido. – Exatamente.

Deixei sair uma respiração lenta, tentando absorver as novas informações que teriam sido úteis antes da crise - e não para entrar em pânico sob pressão. Acariciando com o polegar a katana, orando pela paz. Duas semanas dentro do vampirismo e estava sendo solicitados a defender a Casa contra um bando de saqueadores vampiros sem casa.

Que sorte a minha.

Não que isso importasse. Eu tinha um emprego, e entrei em pânico antes mesmo de saber do que realmente se tratava, completá-lo era a única coisa que poderia fazer. Entrando na briga, dar o passo, e se vangloriar como se minha vida dependesse disso. Porque provavelmente dependia. Peguei o fone de ouvido que o Luc me deu e coloquei em meu ouvido.

- Vamos.

Quando Luc assentiu com a cabeça, respirei, coloquei minha mão na porta e abri. Havia cinquenta pessoas no salão, mas mesmo nesse gigantesco espaço enxame ainda maior. Até o ar parecia mais espesso. Picado com um encanto muito amargo, com um fluxo de energia que chamava meu vampiro. Eu senti sua mudança, acordando, espreguiçando-se e se perguntando por que o ar estava tão pesado. Meus cílios ficaram abalados, e tive que empurrar a palma da mão contra a alça da minha espada para coordenar um pouco minha pele, forçando-a a retornar, para manter minha mente clara. Mas prometi que logo me alimentaria. Os vampiros estavam ainda formando uma massa com as costas para a porta. Eu reconheci os ternos pretos dos vampiros Cadogan, mas pelas costas, eu não poderia dizer onde ninguém, incluindo Ethan, estava parado. Dei uma olhada em Luc, e gesticulei com os lábios “Onde ele está?” A voz da Kelley soou no meu ouvido.

- Legal da sua parte se juntar a nós, Sentinela. Ethan está na frente da plataforma, de frente para a multidão. Os Rogues estão em frente a ele, de costas para nós, estão os vampiros *Cadogan* estão circulando todos. Estamos apenas tentando manter as coisas calmas.

Eu fiz a varredura da multidão, procurando uma entrada, e visualizei os cabelos retos e escuros de Kelley. Ela olhou para trás, para Luc e eu, a cabeça ligeiramente inclinada, em seguida, voltou-se para a multidão. Olhei para a massa dos corpos e tentei imaginar para onde ir, onde poderia estar perto o suficiente para ver, proteger, mas não perto o suficiente para, como sentinela, intensificar o assunto. O local já estava bastante tenso desse jeito, os vampiros filtrando energia ao mesmo tempo em que negociavam a possibilidade de que um assassino se encontrava entre eles. Mudei-me para a esquerda, sinalizei minha direção e Luc assentiu com a cabeça, apontando à direita, em seguida, fazendo um gesto com a mão para nos encontrarmos no meio. Pelo menos era o que eu esperava que significasse.

Inspirei, e deixei sair devagar, firmei a bainha e avancei para frente. Fui pela lateral da multidão, tentando tornar-me invisível quando me mudei para a esquerda, ao tempo em que

fiquei a margem me senti uma dos vampiros *Cadogan*. Minha tentativa de glamour não funcionou - os vampiros de *Cadogan* observavam enquanto eu me movia, uns poucos acenos e reconhecimento silencioso alguns me deram, juntos, sugerindo algo diferente de respeito, mas eu estava contente que, mesmo aparecendo em seus rotos amargos eles tinham oficializado que eu não fazia parte do resto dos invasores.

Algum segundo depois estava perto o suficiente para ver a ação. Ethan, com Malik ao seu lado, estava parado em frente à plataforma que havia sido colocada na Casa há alguns dias atrás. Perpendicular ao Ethan estava um homem alto, com cabelos escuros, vestindo uma camiseta dos Cubs e jeans que devido a sua preferência por roupas esportivas se tratava de Scott Grey. Na frente de Ethan, usando traje surpreendentemente visível em uma sala de roupas elegantes e esportivas estavam os Rogues.

Eles ficaram em uma formação pirâmide, e como os vampiros da *Cadogan* vestiam-se de preto. Mas esse não era o negro “Avenida Michigan”. Esse era negro de guerra. Botas negras, calças coladas negras. Um colete negro de couro. Havia negro o suficiente em suas roupas para deixar o salão de baile escuro. Destacando o aspecto negro estavam os cintos, anéis, pulseiras, correntes de carteira de prata. E no meio de cada peito, um pingente com o símbolo da anarquia em uma corrente de prata. Esta era a aparência que Morgan tentava alcançar. Urbana, rebelde e perigosa.

Só que esta era real.

Esta era feita para se temer

Todos os vampiros Rogues estavam vestidos do mesmo modo. Era um tanto irônico que a mentalidade de rebanho afeta até mesmo o Maverick? Isto era algo a que se ponderar, mas não hoje.

Hoje o assunto era sobre negócios.

Um dos Rogues – alto, de ombros largos e musculosos - era o ponteiro, estava na frente do Ethan. Onde os outros vampiros da sala, vampiros da Casa, pareciam arrumados, ele parecia feroz. De um jeito grosseiro chegava a ser atraente, com barba por fazer em suas bochechas e queixo. Seu cabelo castanho era cerca de dois ou três centímetros pelo pescoço em cachos desordenados, seus olhos grandes e azuis estavam delineados com Kohl⁹⁹. Ele estava em pé com os braços cruzados sobre o peito, cabeça levemente inclinada para o lado, escutando enquanto Ethan falava sobre a investigação em curso. Eles estavam aqui, definitivamente, por negócios. Com armas na cintura, provavelmente as 1911 que o Luc havia mencionada. Eu os sentia diferente do resto dos vampiros da Casa, de qualquer maneira - um pouco de energia menos concentrada do que a dos vampiros da Casa, um pouco mais dispersa - evidente que eles estavam carregando mais do que armas. O poder fluía em diferentes níveis ao redor dos seus corpos. Eu não podia enxergar, mas podia sentir a mudança na corrente, como rochas alterando o fluxo de um córrego.

⁹⁹ Tinta negra semelhante ao delineador desenvolvida para acentuar olhos amendoados.

Quando cheguei ao meu destino, alguns corpos atrás da borda da multidão e fora da vista direta dos jogadores, olhei para Ethan e vi que ele não estava ferido e estava usando a sagacidade para mascarar o modo como ele se sentia frustrado. Seu corpo estava relaxado, suas mãos nos bolsos de sua calça negra e metade do seu cabelo loiro estava preso para trás. Ele estava olhando para o Rogue em sua frente.

- Francamente, Noah, - disse Ethan - não foi um descuido o fato de vocês não terem sido convidados para falar, muito menos um sinal de falta de respeito. Foi uma escolha, baseado em minha suposição, aparentemente incorreta, que vocês não estariam interessados em participar. Os humanos só têm conhecimento dos vampiros ligados as Casas. Até onde sei a existência dos Rogues ainda é secreta e imagino que vocês estão mais felizes mantendo dessa forma.

Noah olhou fixamente para o Ethan. - Foi uma escolha equivocada então. A escolha de que como não estávamos afiliados a nenhuma Casa, somos ovelhas desgarradas, somos indiferentes sobre os nossos companheiros vampiros. - Seu tom estava cheio de sarcasmo.

Ethan levantou uma sobrancelha loira, respondendo brevemente. - Isso não foi o que eu disse.

Pensando que talvez fosse de alguma ajuda deixar ele saber que tinha backup se algo acontecesse, me reportei abrindo minha mente a de Ethan. *“Estou aqui!”*, lhe enviei.

Ele não respondeu, mas o Rogue que estava na sua frente, Noah, o fez. Não acredito que o Noah tenha olhado porque tinha escutado e sim porque havia uma discussão as minhas costas que atraiu seus olhos através da multidão. Enquanto buscava a fonte do problema, encontrou meu olhar e elevou ambas as sobrancelhas. A legenda foi simples o suficiente para ler: *Quem é você? Amigo ou inimigo?*

Pisquei tentando adivinhar a maneira correta de lhe responder através de alguma etiqueta vampírica. A Sentinela não apresentada, respondendo a uma centelha de interesse do representante dos vampiros Rogue de Chicago? Infelizmente não tinha tempo suficiente para avaliar a fundo, então fiz o que seria natural dada à incomum situação em que estávamos metidos: dei-lhe um meio sorriso e encolhi meus ombros. Não sei o que esperava dele. Talvez a reação que o Ethan teria me dado - um olhar condescendente e um revirar de olhos.

Mas Noah não era o Ethan. Noah sorriu maliciosamente, apertando seus lábios para conter a gargalhada que estava em seu peito e rapidamente olhou para o lado, com a boca curvada. Meu primeiro ato político acabou com uma risada de um homem que supostamente teria passado ilegalmente pelos muros da Casa Cadogan. Uma reação suficientemente boa, decidi, esperando que o seu entretenimento fosse uma distração para evidente tensão da sala.

Infelizmente não houve tempo de provar essa teoria. Nossa troca durou apenas alguns segundos, mas foi tempo mais que suficiente para o problema chamar. A discussão dos vampiros que havíamos escutado aumentou, Morgan acotovelava através da multidão de

Rogues, até que parou ante Ethan. Talvez sentindo sua evidente fúria como ondas saindo de seu corpo, os outros vampiros retrocederam abrindo espaço para ele.

Parecia que estava possuído – mesmo transtornado ainda era sexy, com sua jaqueta de couro sobre uma camisa verde e jeans, sapatos pretos abaixo da bainha. E embora ele tremesse com o poder que eu sabia era capaz, isso não foi à única razão que ele estava chateado. Ele estava armado. E não era uma espada ou uma arma pendurada na cintura. Estava escondida. Uma lâmina de tamanho médio, imaginei, pelo peso diferencial dele. Muito pequena para ser uma espada, mas maior que uma faca de cozinha média.

Reforcei o aperto em minha espada, meu polegar junto à presilha que liberava a lâmina e esperei.

- Seu maldito filho da puta! - Palavras tensas ditas através dos seus dentes cerrados.

Ethan piscou os olhos, mas não fez nenhum outro movimento, sua posição relaxada e confiante. - Perdão?

- Você acha que isso está certo? Que você pode fazer isso?

Encolhi-me quando Morgan levantou o braço, quase levando o par de vampiros que separavam o Ethan de mim, no entanto me mantive em minha posição na parte de trás quando vi o papel que ele carregava em suas mãos. Um retângulo pequeno, escrito com letras pretas. Tinha visto algo similar há algumas semanas atrás e imaginei do que se tratava.

Ethan provavelmente também suspeitava do conteúdo do papel, mas não demonstrou. - Não sei do que se trata, Morgan.

Morgan balançou a nota, e segurou no ar. - É uma maldita ameaça de morte, é disso que se trata. Estava na cabeceira da cama da Celina. Em sua cabeceira. Ela quase morre de susto. - Morgan deu meio passo a frente, abrindo a nota e levantando para que Ethan pudesse ler. Ethan pegou a nota cuidadosamente, seus olhos indo e vindo passando por toda a extensão do papel.

- É uma ameaça! - Ethan falou para a multidão com seus olhos ainda sobre Morgan. - Muito parecida com a que Merit recebeu. Suponho que é a mesma caligrafia, o mesmo tipo de papel e supostamente está assinada por mim.

A multidão gritava. Morgan os ignorou e baixou seu tom de voz para um sussurro o que fez com que a multidão se calasse imediatamente.

- Isso é muito conveniente, não é? Conseguir converter a filha de Joshua Merit para sua Casa e logo eliminar Celina? Deixa a culpa para os Rogues e consolida seu poder embaixo do nariz do Tate? - Morgan girou e estudou a multidão balançando o braço dramaticamente. - E assim de repente, a casa que bebe sangue dos humanos se torna a favorita de todos.

O salão se tornou inquietantemente silencioso, o rosto de Ethan finalmente se endureceu. Observei a mudança na sua postura, meu estômago girou temendo que fosse acontecer o pior – que a suposição de Morgan estivesse correta e que Ethan estivesse no campus da faculdade àquela noite por uma razão específica. Que não tinha sido nada de sorte.

Ethan se inclinou para frente seus olhos flamejando em verde e um pouco deslocados.

- Cuidado com suas palavras Morgan, antes que diga algo que Celina não estará disposta a apoiar. Nem eu, ou qualquer outro vampiro de Cadogan, não somos os responsáveis por esta ameaça, nem por nenhuma violência feita contra Celina ou Merit.

Levantando sua cabeça seu olhar passou por Noah, depois por Scott Grey e em seguida parou na multidão.

- Cadogan não é a responsável pelo assassinato de Jenifer Porter, nem pela morte de Patrícia Long, nem por estas ameaças ou pelas evidências. Resumindo, por nenhuma parte dos crimes. - Fez uma pausa e deixou seu olhar deslizar.

- No entanto, se algum, algum vampiro, é o responsável, seja dos Greys ou dos Rogues ou Navarre. E se informações apontarem que qualquer vampiro ou seita de vampiros tomaram parte, qualquer parte, nesses crimes, daremos essa informação para a polícia, humanos ou não. E eles responderão a mim.

Encarou Morgan novamente, fulminando-o com o olhar de Mestre para subordinado que só ele sabia dar.

- E quanto a você, é melhor recordar o seu lugar, sua idade e onde você se encontra, Morgan da Casa Navarre.

- Ela teme por sua vida, Sullivan. - Disse Morgan através dos dentes cerrados, claramente não sendo afetado pela ameaça do Ethan. Com sua mandíbula tencionada e postura agressiva: pés firmes, mão em punhos virados em direção ao chão o suficiente para fixar seu olhar em Ethan. - Sou o segundo no comando e isso é inaceitável.

Eu gostava do Morgan, entendia sua frustração, sabia que Ethan esperava a mesma lealdade de Malik, se não fosse pelo drama que ele estava fazendo não haveria me perguntado sobre a relação entre Celina e seu segundo. Mas sabia que Ethan não estava envolvido. Talvez os Rogues tivessem alguma participação, talvez a Casa Grey ou algum outro vampiro com acesso aos terrenos de Cadogan. Mas será que havia entre os vampiros Cadogan um assassino?

Olhei através da multidão ansiosa, encontrei os olhos de Luc e obtive carta branca para agir. Enquanto Morgan inclinava seu punho, dei um passo à frente, me empurrando através dos vampiros, desembainhei a minha espada e estendi meus braços para que a ponta dela estivesse logo abaixo do pulso no pescoço do Morgan.

Levantei uma sobrancelha - Tenho que pedir que se afaste.

O salão ficou em silêncio.

Seus olhos escuros seguiram a longitude da espada, contemplando o couro. Concentrou-se na jaqueta, nas calças, nas botas e no rabo de cavalo que prendia meu cabelo atrás. Se ele não tivesse estado completamente preso pela ação, eu acho que teria elogiado minha roupa. No entanto isso eram negócios e eu me meti no meio de sua briga. Morgan ergueu o queixo cada vez mais acima da lâmina.

- Baixa a espada.

- Você não me dá ordens. - Dei um passo para o lado, meu braço estendido e me coloquei diretamente entre Ethan e Morgan, forçando Ethan a retroceder atrás de mim. Era o suficiente para deixar Ethan fora do alcance e para substituir seu corpo pelo meu na linha de ataque de Morgan.

- Mas toma ordens dele? - Sua voz cheia de sarcasmo.

Pisquei com inocência e deixei minha voz passear através do salão.

- Tenho o posto de Sentinela. Sou um vampiro da Casa dele e sou a Sentinela a cargo. Se ele me ordenar que abaixe a minha espada, farei.

Ethan permanecia em silêncio atrás de mim. Mas não era o fato de que tinha dado alguma ordem, era o fato de que admiti que o obedeceria caso desse alguma ordem, a que gerou uma série de sussurros ao redor. Ethan estava certo: os vampiros de Chicago duvidavam da minha lealdade, talvez pelos rumores a cerca da minha transformação, talvez por conta do meu pai, talvez pela minha força. Sendo qual foi à razão, eles tinham duvidado.

Até agora.

Agora eles sabiam. Tinha me juntado a briga, feito meu corpo de escudo e me colocado entre Ethan e o perigo, havia levantado a espada em seu nome. Havia aceitado a possibilidade de sair machucada, de morte a fim de protegê-lo e havia deixado claro publicamente que obedeceria a suas ordens, que estava disposta a me submeter a sua autoridade. Eu tive que apertar a alça da katana, quando o túnel foi rápido para mim quando eu ouvi a voz de Ethan em minha mente. - *Eu diria que isso conta como uma demonstração de lealdade.*

Quase sorri pelo enorme alívio, percebendo que estava fazendo isso sozinha, enfrentando uma multidão hostil fora da cadeia de comando. Mas mantive meu rosto em branco, recordando que tinha companhia e sabia que estavam memorizando este momento, ele seria revivido, contado para os amigos, inimigos e aliados – à noite em que pela primeira vez a Sentinela da Casa Cadogan foi vista levantando sua arama.

Eu disse uma oração rápida, com profundidade e agradecimento.

Não consciente do sentimento subjacente, Morgan falou: - Esta não é sua briga.

Balancei minha cabeça negativamente. - Fiz meu juramento. Esta é a minha briga, só minha. Ele me nomeou Sentinela e se você traz isso para a Casa Cadogan, traz isto para mim. Essa é a maneira que funciona.

Morgan balançou a cabeça. - Isto é pessoal e não é assunto entre as Casas.

Ergui minha cabeça. - Então por que você está aqui, dentro da nossa Casa?

Isso deve ter tido algum impacto. Soltou um grunhido, baixo e predador. Se eu fosse um animal, ele teria levantado a minha juba. Com isso o vampiro em mim foi acordado novamente, e eu sabia que meus olhos estavam ficando prateados em suas bordas, mas me segurei o quanto pude para acalmá-la novamente.

- Isso não é dá sua conta. - Disse Morgan. - Só vai fazer com que você saia ferida.

- Porque sou uma garota?

Seus lábios ficaram tensos, inclinou se para frente e colocou seu pescoço contra a ponta afiada da espada. Uma única gota vermelha deslizou pelo extremo da lâmina. Eu poderia jurar que a espada se aqueceu instantaneamente quando o sangue de Morgan correu pela por ela.

- Primeiro sangue. - Disse alguém na multidão e os vampiros que nos rodeavam retrocederam, ampliando o círculo aberto no qual nós estávamos parados. Senti um movimento a minha esquerda e a minha direita, dei uma rápida olhada para as laterais e vi Luc e Juliet se posicionarem ao lado de Ethan.

Com o Mestre seguro, sorri para Morgan sob minha franja e mostrei toda bravata que eu era capaz de reunir. - Você está aqui. Eu estou aqui. Vamos dançar?

Mantive minha espada nivelada, vi Morgan olhar atrás de mim e em seguida de volta para mim. Seus olhos se ampliaram em surpresa, seus lábios se separaram. Não tinha ideia do que significava. No entanto Morgan começou a tirar sua jaqueta, em seguida, ergueu-a para o lado, revelando as tiras de um coldre. Um vampiro, presumivelmente um que tinha vindo com ele da Casa Navarre, deu um passo a frente, pegou sua jaqueta e situou-se atrás dele, Morgan puxou um punhal com aparência gótica. A lâmina reluziu repleta de estranhas curvas e ângulos. Não posso dizer que fiquei impressionada pelo fato dele ter ocultado-a abaixo de sua roupa.

Sufoquei a reação repentina de pânico de que aos vinte e oito anos estava a ponto de estar na minha primeira e verdadeira luta - não uma onde o irmão cuspiu, mas um duelo, combate, minha primeira luta em nome da Cadogan.

Honestamente, ainda não estava acreditando que Morgan iria seguir adiante, de que ele tentaria de fato derramar o meu sangue em frente ao Ethan, Scott, os Rogues e as testemunhas da casa Cadogan em território Cadogan. Especialmente porque ele necessitava de evidência concreta de que Cadogan estava envolvida na ameaça, porque ele sabia que eu mesma tinha recebido uma ameaça e talvez o mais importante, porque ele tinha me beijado.

Mas aqui estamos, neste círculo de cinquenta vampiros, que ele tinha procurado, assim respondi ao seu blefe. Cuidadosamente, lentamente, abaixei a espada, mudando o contrapeso da mesma para mantê-la para cima e mantive erguida para a direita, esperando que Lindsey desse um passo a frete para segurá-la.

Os olhos de Morgan se ampliaram quando abri o zíper da jaqueta, mas não tão amplos como estavam quando tirei a jaqueta. A única coisa que estava usando por baixo dela era um top de couro confortável, que deixava o meu abdômen e meus quadris nus até o início das minhas calças de couro. Estendi a jaqueta com a minha mão esquerda, senti o peso dela desaparecer, logo levantei minha mão direita para recuperar a espada. Quando a espada estava de volta em minha mão, rolei-a pelo meu pulso para acostumar-me ao seu peso, e sorri para ele.

- Vamos começar?

A sua expressão escureceu-se. - Não posso lutar contra você.

Assumi a posição ofensiva básica que Catcher tinha me ensinado – pernas separadas por um ombro de distância, pesos sobre os calcanhares, joelhos relaxados, espada para cima com ambas as mão envolta da bainha.

- Que pena - comentei, logo arremeti para frente ligeiramente e cortei uma faixa da manga de sua camiseta de mangas compridas. Enruguei os meus lábios, e pisquei inocentemente como um filhotinho.

- Oops.

- Não me pressione, Merit.

Desta vez fiquei séria. - Não sou aquele quem está pressionando. Você desafiou a minha Casa. Você veio aqui para levantar as armas contra Cadogan, contra Ethan, porque você pensa que temos algo a ver com as mortes dessas mulheres. E você faz isto com base em uma nota que alguém colocou no quarto do seu Mestre. Duvido que Ethan possa chegar ao aposento privado de Celina sem que ninguém tivesse notado. A multidão riu apreciativamente. - Assim como você esperava que nós respondêssemos a isto, Morgan?

- Ele não deveria ter chamado você aqui.

- Sou a Sentinela a cargo e estes são assuntos da Casa. Ele não tinha que me convocar aqui, eu estou ligada por honra para lutar, pela Casa e por ele, e isso eu farei.

Não sei o que eu disse para lhe fazer faiscar, mas a expressão de Morgan mudou tão repentinamente que duvidei do que pensei ter ouvido em sua voz quando ele havia pretendido proteger Celina de seus possíveis atacantes só há momentos atrás. Ele olhou-me lentamente, uma leitura atenta de cabeça-a-dedo-do-pé que teria derretido qualquer mulher. Ele me olhou, Morgan de Navarre, e o seu olhar fixo foi quente, a sua voz caiu a um feroz sussurro.

- Se renda! Maldita seja. Não lutarei com você. Uma luta não é o que eu quero de você, Merit.

Senti o rubor aquecer as minhas bochechas. Posso suportar ameaças, posso suportar as brincadeiras, mas fazer uma proposta para mim em frente a cinquenta vampiros foi completamente fora de lugar. Portanto nivelei a espada na altura do seu coração.

- Não diga isso. Não o sugira. Nem se quer pense nisso. Já lhe disse isso antes, - sorri malvadamente - não faço com presas. - A multidão caiu em uma risada dissimulada e apreciativa.

Dei um passo para frente e tive uma enorme satisfação em ver que ele retrocedeu um passo.

- Desista, Morgan. Se quiser sair disso, então se renda. Se desculpe com o Ethan, pegue de volta sua nota e saia da Casa. Ou, - parei pensando em uma estratégia. - você pode decidir ficar, tomar parte no diálogo para descobrir uma solução para o problema da repentina atenção humana sobre as nossas Casas.

Poderia praticamente sentir a aprovação de Ethan nas minhas costas. Havia dado opções ao Morgan, incluindo pelo menos uma que lhe permitiria salvar sua dignidade, desviar da luta sem arruinar sua reputação.

E então um túnel de comunicação foi aberto em minha mente novamente. Mas dessa vez era a voz de Morgan que estava na minha cabeça, sacudi a minha espada ao mesmo tempo em que tentava focalizar a minha vontade sobre a lâmina em minhas mãos, tentando manter minha postura. Pensei que a telepatia era algo compartilhado apenas entre um Mestre e seu Iniciado. Parecia errado de alguma forma que Morgan pudesse estar dentro da minha mente. Era algo muito pessoal e não estava cômoda sabendo que ele tinha uma “entrada” psíquica.

- *Não posso voltar atrás sem consequências* - Ele disse. - *Eu também represento minha Casa, Merit. E tenho meu orgulho. A nota de ameaça estava assinada por ele.*

Levantei uma sobrancelha de forma sarcástica. *Você sabe que ninguém da Cadogan está envolvido nisso.*

Ficou em silêncio por um momento, logo me deu a mais leve das inclinadas de cabeça, um sinal de que entendia, de que estava disposto a aceitar nossa inocência.

- Talvez, mas Ethan sabe de algo.

Não poderia discutir com isso. Já suspeitava que Ethan sabia mais do que aparentava, mas não tinha maiores evidências disso do que havia para que ele fosse o responsável por escrever a ameaça.

- Então fique, converse e descubra o que você quer. - Disse ao Morgan. - Fique e soluciona isso por meio de diálogo e não com espadas. Você sabe que isso é o correto. Ninguém o condenará por haver corrido ao resgate da Celina. Você é o seu segundo no comando.

Pelo que pareceu um longo tempo ele me olhou com um sorriso maligno em seu rosto.

- Quero algo em troca. Se vou me render, quero algo em troca.

- Você foi quem começou a briga, - lhe recordei - você entrou em minha Casa e ameaçou ao Ethan.

- E você foi quem tomou meu sangue.

Girei meus olhos. - Você que se inclinou contra a minha lâmina. Deus, parece que estou discutindo com um poste.

- Você sacou a arma primeiro, Sentinela. Essa ameaça era o suficiente para provocar uma reação.

Fiquei um momento olhando, tempo suficiente para fazer com que os vampiros ao nosso redor se mexessem nervosamente, enquanto considerava sua posição. Ele estava certo – ele tinha ameaçado verbalmente ao Ethan, mas eu fui a que sacou a espada primeiro. Poderia ter tomado um caminho mais suave, baixado sua guarda, ir para ele sem sacar a arma, no entanto havia visto ele puxar seu braço para trás e assumi que iria dar um golpe. Foi nesse momento que dei um passo a frente. E em retribuição por meter na briga, fiquei parada no meio de um monte de vampiros, com seus olhos sobre mim, enquanto negociava telepaticamente com o vampiro que iniciou toda essa confusão em primeiro lugar.

- Bem, - lhe disse, esperando que a irritação passasse através de telepatia. - devo-te um favor.

- Um favor sem especificações?

Esse foi meu erro.

Tenho que lhe dar crédito – ele encontrou sua oportunidade e a pegou. Não especifiquei os termos, falhei em identificar exatamente o que lhe devia, falhei em esclarecer que o que lhe devia era um favor igual ao que ele me havia feito. Vampiros, dei-me conta tardiamente, eles negociam através de trocas verbais e truques. Iguais aos advogados, cada

palavra conta. Estes eram de uma classe de contratos orais, respaldados pela sua palavra mais que pela lei, no entanto tinham igual valor de comprometimento. E eu acabei de servir um de bandeja a Morgan, um cheque em branco.

Ele sorriu amplamente, um sorriso tão possessivo que fez com que meu estômago retrocedesse e então se pôs rapidamente sobre um joelho. Meus olhos se abriram em espanto, aponteí minha espada para baixo mantendo seu coração na mira.

- *Isso foi muito fácil.* - disse, logo anunciando a multidão - Merit, Sentinela da Casa Cadogan, tenho a honra de reclamar o direito de cortejá-la. Você aceita?

Continuei olhando fixo. Não estava nem certa do que isso significava – não dos detalhes de todo modo – no entanto a essência desse pedido já era ruim o bastante.

- *Você não pode estar falando sério.* - Disse-lhe.

- *Uma vez que você prova aos com presas, baby, nunca mais vai deixar de desejar.*

Estava a ponto de lhe responder de uma maneira não muito educada, quando a situação mudou e estava sendo sugada para outro túnel mental com Ethan sussurrando ao fundo.

- *Toma a sua mão e aceita o pedido.*

Meu estômago se revirou novamente, só que desta vez por uma razão completamente diferente.

- *O quê?*

- *Escute-me. Pega a sua mão e aceita ao pedido.*

Tive que conter a urgência de virar e apontar a espada para pedra negra que ele tinha no lugar do coração.

- *Diga-me por que deveria. Explique-me por que você esta me vendendo como se fosse meu cafetão.*

Silêncio, até que: - *Porque é uma oportunidade para a gente. Para Cadogan. Se Morgan te corteja, corteja a Cadogan por consequência. E ele fez seu pedido diante dos representantes de Cadogan, Navarre, Grey e dos Rogues. Para um Navarre cortejar alguém da Casa que bebe, cortejar a Cadogan tão abertamente não tem precedente. Esta poderia ser a porta de entrada para uma aliança entre nossas Casas. As coisas estão... instáveis, Merit. Se teu cortejo trás Navarre para mais perto...*

Ele não precisou terminar de falar, as evidências já estavam implícitas de que eu era uma ponte útil entre Cadogan e Navarre, uma ligação vestida em couro entre as Casas. Meus

sentimentos e desejos eram irrelevantes. Olhei para baixo, Morgan de joelhos ante a mim, com seu sorriso brilhante e uma esperança, mesmo ele tendo manipulado seu caminho para conseguir um relacionamento comigo e me perguntei qual dos dois (Ethan ou Morgan) era dos males o menor.

A multidão a nossa volta se agitou inquieta enquanto esperava a resposta. Havia falatórios. Escutei alguns comentários e sussurros atrás.

- Será que ela vai aceitar?

- Morgan saindo com alguém de Cadogan, isso é inacreditável!

- Nem sabia que eles se conheciam.

E a premissa maior: - Achava que o Ethan sentia algo por ela.

Com meus olhos ainda sobre Morgan, apertei a bainha da minha espada e enviei a Ethan outra pergunta: - *Se aceito o pedido dele, o que isso significa?*

- *Significa que você aceita ser cortejada, que reconhece que eu e você estamos receptivos ao seu cortejo.*

Fixei meus joelhos e forcei a questão que deveria ser perguntada, desagradavelmente surpreendida por me dar conta de que a resposta importava tanto.

- *E você está? Receptivo?*

Silêncio.

Nada.

Ethan não contestou.

Fechei meus olhos, me dando conta de que havia feito à lamentável, errônea, suposição de que ao menos, havíamos alcançado um ponto do nosso acordo de que ele estalaria impedido de usar-me, passar-me a um rival para satisfazer um objetivo político. Quão equivocada havia estado. Equivocada em perceber que ele era um estrategista, esperando resultados, considerando ações, procurando os melhores meios pelos quais poderia alcançar seus fins. Equivocada em pensar que ele tinha aberto uma exceção para mim.

Mesmo que seus fins possam ser louváveis – proteger sua Casa, proteger seus vampiros – ele estava disposto a me sacrificar para chegar aos seus objetivos. Tinha acabado de me enviar para o altar de sacrifícios, me entregou a um homem que há alguns momentos atrás, de forma bastante literal, havia segurado a adaga cerimonial.

Tinha imaginado que estaria a salvo das maquinações do Ethan porque achei, ingenuamente, que ele se importava, mesmo que não fosse por mim e sim porque eu era um dos vampiros de Cadogan.

Contive as lágrimas de frustração. Maldito seja, supunha-se que eu era um de seus vampiros para proteger, para resguardar e não para oferecer. Mas havia algo pior por baixo desse sentimento de traição da Casa, uma emoção indefinida que fazia com que meu estômago doesse. Não queria me aprofundar nisso, examiná-lo, considerá-lo porque as lágrimas estavam na borda dos meus olhos, porque o fato dele me passar para outro vampiro me doía tanto. Não porque ele me entregou ao Morgan e sim porque ele não queria me manter para si mesmo.

Fechei meus olhos com força, espantei minha própria estupidez, perguntando-me como, em nome de Deus, tinha me ocorrido formar um vínculo com um homem que evidentemente estava determinado a me abandonar. Não era sobre amor, talvez nem sobre afeto e sim sobre um profundo sentido de que nossas vidas estavam ligadas de alguma maneira importante. De que haveria - e poderia ter existido – algo mais entre nós dois do que só a incômoda atração sexual não satisfeita.

Seria tão simples, simples e prático culpar ao vampiro dentro de mim, atribuir essa conexão ao fato de que ele havia me transformado, que tinha me convertido, de que eu era sua para comandar e de que ele era meu para servir. Mas isso não era sobre magia ou genética... Isto era sobre um homem e uma mulher... Com delicadeza e discretamente Morgan tossiu. ... E sobre o outro homem que estava de joelhos diante de mim.

Abri meus olhos, me recordando que eu ainda estava parada no meio de uma sala repleta de vampiros com expectativa, todos esperando minha resposta sobre o pedido de Morgan. Assim coloquei de lado a dor da traição que provavelmente Ethan nem sequer estava ciente e fiz meu trabalho.

Baixei minha espada, sorri amplamente para Morgan e peguei sua mão. Deixei minha voz sair sem nenhuma emoção – não tinha sentido ele achar que eu estava entusiasmada pela desenvoltura política que ele tinha demonstrado – e falei:

- Morgan, segundo de Navarre, aceito ao seu pedido em nome da Casa Cadogan, em nome do meu Mestre e em meu nome.

Os aplausos foram duvidosos no começo, mas depois se estenderam pelo salão. Morgan pressionou minha mão contra seus lábios, segurou o agarre e sorriu de forma estranha.

- É assim tão ruim?

Elevei minhas sobrancelhas e dei-lhe uma resposta alegre. - Ser um peão?

Sacudindo sua cabeça, deu um passo à frente inclinado sua boca até meus ouvidos.

- Sejam quais forem às ramificações políticas, já tinha lhe dito antes: quero você.

Quando retrocedeu seus olhos brilhavam com uma satisfação que apreciava, mas não compartilhava.

- Especialmente agora que vi sua mudança de guarda-roupa. Parabéns para o seu estilista. Quando posso ver você novamente?

Encontrei seus olhos, estava ligeiramente mais calma ao perceber sua sinceridade e olhei sob meu ombro, em direção ao loiro que se encontrava parado atrás de mim. Ethan encontrou meu olhar, mas seus pensamentos eram insondáveis, tipicamente em branco, uma pequena ruga entre suas sobrancelhas era o único indicio de que havia presenciado algo crucial nos últimos minutos.

Sem pensar nas conseqüências deixei que meus olhos mostrassem todos os sentimentos que ele tinha me forçado a atravessar. Deixei que todos viessem à tona – ira, traição, dor e a que sabia que me arrependeria mais tarde, o irritante pedaço de apego. E depois, mesmo com Morgan esperando em frente a mim, eu esperei para ver alguma coisa, alguma resposta de Ethan para mim.

Por um longo momento, ele só ficou olhando, com pura necessidade de mentir sobre o seu rosto descoberto. Mas logo sua boca se tencionou e lentamente, dolorosamente desviou seu olhar para outra direção.

Endureci-me, dei a volta e ofereci ao Morgan um brilhante sorriso que esperava não parecer tão forçado como era.

- Me liga. - Disse pausadamente.

Levou alguns minutos para Ethan conseguir acalmar a multidão novamente. Uma vez que ele já tinha sua atenção, me movi de volta para borda da multidão, ainda perto o suficiente para lhe defender se fosse necessário, mas fora do círculo interno. Minha cota de atenção tinha acabado por hoje.

- Agora que desfrutarmos esse... interlúdio romântico. - disse Ethan com um sorriso, aproveitando o clima mais leve. - Deveríamos retornar ao assunto sobre as garotas mortas.

A estática zumbia em meus ouvidos e a voz de Luc fazia eco através do comunicador em minha orelha.

- Obrigado pela distração, Sentinela. - Sussurrou. - Isso foi malditamente divertido. Mas continuemos todos com os olhos e ouvidos em alerta – pode ser que tenhamos dissipado a tensão, mas ainda temos uma tormenta demoníaca com a que lidar.

Movi minha cabeça em reconhecimento.

- Esse assunto se tornou mais complicado. - Noah disse, com seus braços ainda cruzados sobre o peito. - Aparentemente se infiltraram na Casa Navarre.

- Isto é o que parece. - Ethan concordou, assentindo com a cabeça. - Estamos lidando com um assassino, ou assassinos, que tem acesso a múltiplas Casas, talvez isso seja alguma forma de retaliação.

- Mas eles tem retaliado aos Rogues também. - Noah disse. - Não vamos esquecer que cada vez que uma das Casas nega sua participação, eles estão implicitamente nos acusando.

- Implicitamente ou não, é difícil acusar um grupo cuja sua existência está oculta dos humanos. - Scott murmurou, unindo-se a conversa. - O público só tem conhecimento sobre vocês, isso significa que a merda explode em cima da gente.

- Então talvez vocês não deversem ter se mostrado - resmungou um Rogue que estava parado ao lado de Noah.

- Não foi minha escolha. - Disse Scott.

- Nem minha. - Disse Ethan. - No entanto, é tarde demais para fazermos algo a respeito. A única coisa que podemos fazer agora é cooperar com o DPC (Departamento de Polícia de Chicago), com a administração e com a investigação. A cooperação é a única forma que nos manterá fora das consequências da retaliação pública, pelo menos até que o criminoso seja identificado.

- E sobre a revelação da nossa existência? - Noah calmamente perguntou.

O salão ficou em silêncio, enquanto os mestres Ethan e Scotty, pensavam nas opções.

- Até que encontremos quem esta gerando esse dano, - disse Scott finalmente. - não vejo necessidade de anunciar outros tipos de vampiros. - Encolheu os ombros e olhou para Ethan. - Isso falando por minha parte.

Ethan concordou. - Concordo com você

- Então vamos esperar. - Noah falou, colocando suas mãos nos quadris. - E se alguém tem informações sobre qual vampiro ou vampiros são os responsáveis por essa merda, sugiro que falem. Não temos nenhuma intenção de entrar no radar do poder público e não vai ser agora que vamos começar. Se as Casas caírem, nós não daremos um passo à frente. Simplesmente desapareceremos dentro do mundo humano como fazíamos antes.

Olhou atentamente entre Ethan e Scott e depois fixou seu olhar em Morgan.

- Limpem suas Casas - disse.

Com esse pronunciamento, Noah deu meia volta e começou a caminhar através da multidão, a qual se movia para deixa passar ele e os outros Rogues que o seguia.

- E nós vamos adiar isso até amanhã - murmurou Ethan.

Já que não precisavam de mim na reunião privada, entre Ethan, Scott e Morgan, que se seguiu após a partida dos Rogues, fui para casa, ignorando os olhares de preocupação que recebi na entrada, dirigi direto para casa e fechei a porta atrás de mim. Retirei a espada, peguei meu iPod e coloquei em meus ouvidos, me sentei na cama e disse a mim mesma que os acontecimentos de hoje mais cedo não tinham importância alguma.

Nunca fui uma boa mentirosa.

Capítulo 15

Antes do Dilúvio

Na noite seguinte, acordei exausta, tendo passado a maior parte do dia rodando, observando, xingando e recriando os acontecimentos da noite anterior, mentalmente revivendo cada momento que e eu Ethan compartilhamos, me perguntado por que tinha sido tão fácil para ele entregar-me como parte do pagamento por seu precioso capital político.

Enquanto o mistério tecia em minha mente, tinha trabalho a fazer, então me levantei, tomei banho, me vesti, comi uma tigela de cereal na escuridão da minha cozinha. Coloquei minha jaqueta de couro, e coloquei a espada no cinturão com a caixa de doces que não tivera tempo de entregar na noite passada, preparando a volta para a Casa Cadogan e para apresentar-me ao dever.

Tinha acabado de fechar a porta da frente e virar para descer as escadas, quando vi Morgan encostado em seu carro, com os braços e pés cruzados. Ele estava usando jeans de novo, uma camiseta preta enfiada nas calças, mantida por um grande e pesado cinturão negro, e a onipresente jaqueta de couro. Ele estava sorrindo. - Olá.

Fiquei parada na varanda, piscando, em seguida, desci as escadas e fui para a garagem, esperando que o óbvio desinteresse o fizesse correr. Em vez disso, ele me seguiu, parando na entrada da garagem, com um desarmante e belo sorriso no rosto. - Você disse que eu podia ligar.

- Ligar - eu repeti. - Não aparecer ao anoitecer. - Abri a porta da garagem, entrei e destravei a porta do carro.

- Você me deu permissão para te cortejar.

Com o que eu pensei, era uma impressionante quantidade de controle, me segurei para não afugentá-lo com a espada, em vez disso abri a porta do lado do motorista e deslizei a katana no banco de trás, depois coloquei a caixa de biscoitos no banco da frente. Feito isto me virei para ele.

- Você me colocou no compromisso na frente de cinquenta vampiros. Eu não podia exatamente dizer que não. - Ele abriu a boca para responder, mas não lhe dei a chance. - Cinquenta vampiros Morgan. Cinquenta, incluindo o meu Mestre, outro Mestre, e o líder dos vampiros Rogue.

Ele sorriu abertamente e encolheu os ombros. - Bom, eu queria testemunhas.

- Você queria marcar seu território.

Morgan andou pela garagem, passou entre a estreita parede e a porta do motorista e antes que eu pudesse escapar, ele me prensou entre o carro e a porta aberta, as mãos em meus lados para impedir minha fuga.

Ele se inclinou para frente. - Você tem razão. Eu queria marcar meu território.

Hora de esvaziar o ego. – Você não tem chance.

- Eu discordo. Você dançou comigo. Você me alimentou. Não abriu minha garganta quando eu lhe dei a oportunidade. - Ele deu um sorriso, um sorriso brilhante malvado. - Você pode estar confusa, mas você está interessada. Admita.

Dei-lhe um olhar fulminante que não atingiu seu sorriso ou desanimou seu olhar. - Aqui estou eu. - *Nem. Uma. Chance.*

- Mentirosa. Se Ethan te ordenasse a sair comigo, você o faria.

Eu não pude fazer nada além de rir. – Claro, esta é a cura que seu ego precisa - só está saindo com a Sentinela da Casa Cadogan por que seu Liege e Mestre forçou-a a encontrar com você na Wendy's¹⁰⁰.

Ele sacudiu a cabeça com um careta brincalhona e solene. - Não Wendy's. Bennigans¹⁰¹, pelo menos.

Levantei uma sobrancelha. - Bennigans? Grande desperdício.

- A Cidade do Vento está à sua disposição Merit.

Por um momento, ficamos em silêncio, apenas olhando um para o outro, esperando que o outro se rendesse. Considerei chutá-lo para fora, renegando minha promessa de deixá-lo me cortejar, mas desisti da opção por ser politicamente irresponsável. Considerei dizer-lhe sim, enquanto explicava-lhe que aceitava apenas porque estava presa ao meu dever. E então considerei a opção de dizer-lhe Sim, porque eu queria ir. Porque ele era sexy e divertido, porque parecíamos conviver bem, porque, embora ele tivesse algum tipo de bagagem estranha com Celina, ele tinha tentado protegê-la e desistiu quando percebeu que seu método não estava funcionando. Eu podia respeitar isso, embora não pudesse compreender a lealdade que ela ordenava.

Eu tomei uma respiração tranquilizante, e olhei para ele. – Um encontro.

¹⁰⁰ Rede de lanchonetes com sede na cidade de Dublin, estado de Ohio, nos Estados Unidos da América.

¹⁰¹ Grill Bennigan & Tavern, vulgarmente conhecida como Bennigan, é uma taberna com temas casual jantar restaurante da cadeia com localizações em todo o Estados Unidos.

Ele mostrou um sorriso de satisfação masculina. - Feito - disse ele, em seguida, inclinou-se e apertou seus lábios nos meus.

- Não me despreze.

- Não desprezo. - Eu disse contra sua boca.

- Hmmp. - Ele não parecia convencido, mas continuou me beijando de qualquer maneira, e por alguma razão desconhecida eu deixei.

Oh, ele não era Ethan.

Cruel? Talvez. Mas, por agora, essa razão era suficiente.

Poucos minutos depois, uns surpreendentes e agradáveis minutos, eu estava no carro, pegando meu caminho para o sul. Porém, antes de ir para a Casa Cadogan, eu quis ir até o escritório do meu avô.

Precisava de um ouvido simpático, e não tinha nenhuma dúvida de que o vampiro informante do meu avô já teria levado os detalhes da reunião da noite anterior. Dirigi com o rádio desligado, as janelas abertas, ouvindo a cidade em uma tranqüila noite de primavera, preferindo os veículos apressados ao invés das letras das canções sobre emoções nas quais eu não podia confiar.

O bairro estava, como de costume, tranquilo. Mas havia um porém, a Mercedes preta de Ethan, estacionada do lado de fora. Apenas seu carro, nenhuma SUV preta à vista.

Mais importante ainda, não havia nenhum sinal de algum detalhe de segurança. Isso estava estranho. Ethan nunca viajava sem seus guardas, geralmente com o SUV atrás de seu conversível, isso estava contra o protocolo.

Estacionado mais abaixo na rua, apaguei as luzes do carro, peguei meu celular marcando o número de Luc. Ele atendeu logo no segundo toque.

- Luc é Merit. Você perdeu um vampiro Mestre?

Ele resmungou amaldiçoado. - Onde?

- Gabinete do Defensor Público. A Mercedes está na frente. Presumo que não há nenhum guarda lá com ele?

- Nós não forçamos guardas sobre ele. - Luc respondeu com raiva, e ouvi o farfalhar de papéis através do telefone. - Normalmente, posso confiar em que ele não vá se comportar como um idiota e sair sozinho quando há um psicopata solto, e os Rogues levantando armas.

Falando nisso, perguntei timidamente. - Algum progresso adicional desde ontem à noite?

Luc suspirou, e eu o imaginei cruzando os pés sobre a mesa da Sala de Operações.

- Morgan estava diabolicamente feliz quando ele finalmente se foi, mas esse é provavelmente seu problema. Não tenho certeza do quão produtivo foi. Ninguém obteve respostas, as pistas apontavam para todos os lados. Nenhuma evidência nas cenas dos assassinatos, exceto pelas medalhas que alguém deixava. Mas eles sabem que Ethan não o faria, claramente, não o justifica. Não é a maneira como ele opera.

Eu entendia isso. Se Ethan queria alguma coisa, se ocupava disso, ele te faria saber que vinha de sua parte.

- Ouça - eu disse. - Enquanto nós estamos no telefone. - Parei, abraçando a desculpa. – Desculpe-me ter falhado na noite passada. Depois da coisa com Morgan.

- Perdoada - Luc respondeu rapidamente. - Você resolveu por si mesma e interpôs seu caminho quando precisou, deu a Morgan uma saída pacífica. Você fez o seu trabalho. Eu estou bem com isso. Além disso, o maldito olhar no seu rosto quando ele se ajoelhou. - estourou em risada frenética - Oh, doce Jesus, Merit - ele disse, chorando de tanto rir. – Não tem preço. Como cervos diante dos faróis de um carro.

Eu fiz uma cara que ele não podia ver, pesquisei a porta do escritório em busca de movimento, mas não havia ninguém.

- Estou satisfeita em ser uma fonte de divertimento para você, Luc.

- Considere isso como um ritual de novata. Seu outro ritual, de qualquer forma.

Eu ri. - A Recomendação, você quer dizer? Isso foi mais um trote de Ethan para mim, infelizmente.

- Não, sua Mudança.

Eu gelei no processo de pesquisar pela janela, minha mão ainda nela, e fiz uma careta para o telefone. – A Mudança? Como isso conta como um trote?

Sua voz se tornou mais grave. – O que quer dizer com, como isso conta?

- Quero dizer, eu não me lembro muito dela. Dor, frio, eu acho.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que eu chamei seu nome, e ainda assim, ele levou um tempo para voltar. - Eu me lembro de cada segundo. - ele disse finalmente. - Três dias de dor, de frio, de calor, de cólicas. Suando através dos cobertores, estremecendo tão

forte que pensei que meu coração pararia, enquanto bebia sangue antes que estivesse psicologicamente pronto para aceitá-lo. Como consegue não lembrar-se disso?

Recuei para as memórias em minha mente, tentando envolver minhas mãos nas fugazes imagens que assombravam nas bordas da minha visão, tentando repetir o vídeo mental disso. Não recebi nada mais do que essas selecionadas memórias, antes de voltar para casa, à vertigem que senti quando sai do carro, a fraqueza. Drogas? Tinha sido drogada? Tinha apagado a experiência de alguma parte da Mudança? Escapei de oferecer essa teoria a Luc, um pouco intrigada pelas perguntas que surgiram - *quem tinha me drogado? E por que tinha me poupado dessa miséria?* - Por Ethan emergindo da porta da frente, a luz esparramando na calçada em frente a ele.

Catcher saiu por trás dele. - Luc, ele está fora.

- Fique de olho nele.

Prometi fazê-lo e desliguei o telefone, então esperei até que Ethan e Catcher tivessem apertado as mãos.

Ethan caminhou para a Mercedes, olhou para a rua escura, em seguida, destrancou a porta e deslizou para dentro. Catcher ficou na calçada, olhando o carro de Ethan se afastar. Quando se afastou um quarteirão, girei a chave do carro e dirigi até onde Catcher estava de pé.

Fazendo-me sinais para que eu seguisse Ethan. Catcher levantou seu celular e o abriu. Meu telefone tocou quase que imediatamente. - O que ele está tramando?

- Ele vai para o Lincoln Park¹⁰². - Catcher disse com frustração em sua voz.

- Lincoln Park? Por quê?

- Ele recebeu um bilhete, o mesmo papel, a mesma letra da carta que deixaram para você e Celina. Pedia para encontrar com ele lá, prometia informação sobre os assassinatos. Ele tinha que concordar em ir sozinho.

- Eles não saberão que eu estou lá - prometi.

- Fique há alguns carros atrás dele. Ajudará que seja noite, mas seu carro se destaca como o motor ligado.

- Ele não sabe o que eu dirijo.

¹⁰² *Lincoln Park* tem 4,9 km² de extensão. Está localizado ao longo do litoral do Lago Michigan. Fica em Chicago, terceira maior cidade dos Estados Unidos.

- Eu duvido que seja verdade, mas isso não importa - explicou onde Ethan devia se encontrar com sua fonte - perto da pequena Pagoda¹⁰³ no lado oeste da Lagoa Norte - que, pelo menos, me dava uma oportunidade de ficar encoberta.

Poderia tomar outra rota, poderia chegar lá sem ter que ir atrás do rabo do vampiro Mestre diante de mim.

- Você está com sua espada?

- Sim, oh capitão, meu capitão, tenho minha espada. Aprendi a seguir as ordens.

- Faça seu trabalho então - disse ele e a linha ficou muda.

Se Ethan sabia que eu estava seguindo seus passos, não agia como se assim soubesse.

Eu me mantive três carros atrás dele. Feliz que houvesse tráfego suficiente no início da noite para manter um escudo entre seu carro e o meu. Ethan dirigia metodicamente, cuidadosamente, lentamente. Isso não me surpreendia - era em relação ao modo em que vivia sua vida, acompanhava seus outros movimentos. Mas, no Mercedes, me decepcionou. Carros como este deviam ser pilotados.

Encontrei a Mercedes estacionada em Stockton, o único carro nas proximidades. Eu o passei e estacionei, depois saí do carro, coloquei meu cinturão com a katana, e em um momento de prevenção não usual, peguei uma estaca de madeira da mochila que Jeff tinha me dado, ainda colocada atrás do banco da frente. Coloquei a estaca afiada no meu cinturão, fechei a porta silenciosamente, e comecei a andar.

Eu me arrastei através da grama, entre as árvores, até que estava perto o suficiente para vê-lo, alto e magro, parado do lado de fora do Pagoda. Suas mãos nos bolsos, sua expressão alerta, seu corpo relaxado.

Parei, olhei para ele. Por que, em nome de Deus, ele tinha que vir aqui sozinho?

Por que ele tinha concordado em encontrar com sua fonte no meio de um parque vazio, escuro, sem guarda? Eu me mantive nas sombras. Podia saltar se fosse necessário, ir ao seu resgate (de novo), mas se seu objetivo era recolher a informação de quem quer que seja que lhe havia pedido para se encontrarem, eu não iria estragar isso.

O som de passos no caminho rompeu o silêncio. Uma forma alta apareceu. Uma mulher. Cabelos vermelhos. Amber. Espera. *Amber*?

Eu vi o tremor de reconhecimento no rosto de Ethan, o choque, mas o repentino banho de humilhação. Simpatizei com ele, senti o lampejo disso na boca do meu estômago.

¹⁰³ <http://en.wikipedia.org/wiki/Pagoda>

Ele se aproximou dela, com a cabeça inclinada para olhar ao seu redor, ele estendeu um braço, pegando o dela pelo cotovelo. - O que você está fazendo aqui?

Ela baixou os olhos para a mão em seu braço, piscou para ele, em seguida, empurrou seus dedos para longe. - O que você acha que eu estou fazendo aqui?

- Francamente, eu não tenho ideia, Amber. Mas eu tenho negócios.

- Ethan, realmente. - Sua voz era calma.

Ele parou e a olhou, compreendendo, chegando à conclusão que eu cheguei segundos depois. Eu sabia que não gostava desta pequena vagabunda. Com voz derrotada, ele disse. - Você pegou as medalhas. Você estava no meu quarto, e você pegou as medalhas.

Ela encolheu os ombros, distante.

Ele pegou seu braço novamente, desta vez o aperto forte o suficiente para fazer com que ela fizesse uma careta. - Você tomou uma propriedade da minha Casa, do meu quarto. Você tirou de mim. Você... - ele soltou um palavrão. - Você matou essas garotas?

Amber resmungou, puxou seu braço do aperto, e deu alguns passos para trás, colocou algum espaço entre eles. Ela esfregou o braço, onde as marcas vermelhas dos dedos dele - que mesmo no escuro - eram óbvios.

- Você é... - Ethan sacudiu a cabeça, colocando as mãos nos quadris, abrindo a jaqueta no processo. - Como você pôde fazer isso? Você tinha tudo. Eu te dei tudo.

Amber encolheu os ombros. - Você é vulgar Ethan. Um clichê. Entre os sobrenaturais, não suficientemente autêntico. Entre os vampiros, um pouco autêntico demais. A Casa Cadogan é uma notícia velha.

Amber levantou o olhar e seus olhos brilhavam com alguma coisa, esperança talvez? - Nós precisamos de mudança. Direção. Ela pode nos dar isso.

Ethan congelou, observou seu rosto. - Ela?

Amber deu de ombros, e quando uma porta fechou com um baque, virou a cabeça. - Esse é o meu sinal para ir embora. Você deveria me ouvir amor. - Inclinou-se para frente, deu um beijo em sua bochecha e sussurrou algo que eu não pude ouvir.

E então ela se foi, e ele deixou-a ir, deixou-a ir embora. Não era a decisão que eu teria tomado, mas sim, ter ido atrás dela, dar-lhe o que merecia, teria me forçado a abandonar minha posição. E se a porta do carro era uma indicação, a diversão estava apenas começando.

Levou apenas alguns segundos para ela alcançá-lo, andar - elástica e gatunamente - até Ethan. Seu cabelo negro estava preso em um confortável coque no topo da cabeça, seguro

por grampos de prata. Ela estava vestida como uma meretriz¹⁰⁴ disfarçada como secretária - uma impossivelmente apertada saia tubo, meia de nylon com uma ponta que percorria o comprimento de suas pernas, uns patenteados stiletos pretos, com corrente no tornozelo e uma apertada blusa branca enfiada na saia. Eu quase esperava um chicote, mas não vi nenhum. Talvez ela tenha deixado no carro.

Celina caminhou em direção a Ethan, e parou a alguns metros em frente a ele, uma de suas mãos na cintura. E então ela falou com sua voz suave e sensual como um whisky¹⁰⁵ velho.

- Céus, você está aqui completamente sozinho. É perigoso à noite.

Ethan não se mexeu. Eles se olharam em silêncio por um tempo, a magia ondulando e agitando entre eles, derramando seus tentáculos através das árvores. Ignorei-a, eu tive que resistir à vontade de varrer a brisa etérea para longe com a minha mão.

Mas eu usei a ajuda de sua distração, deslizei meu celular do bolso e enviei uma mensagem de texto para Catcher e Luc, com a frase: **CELINA MALVADA**. Com a boa ajuda de Deus, enviariam as tropas para cá.

- Você parece surpreso em me ver - disse ela, depois sorriu. - E, certamente, surpreso em ver Amber. Todas as mulheres, humanas ou vampiras, estão em busca de algo mais Ethan. Algo melhor. Foi ingênuo de sua parte ter esquecido isso.

Wow. Nada como um pouco de bate-papo machista, para selar a noite.

Celina deu um suspiro decepcionado, então começou a andar em círculos ao seu redor. Ethan virou a cabeça devagar, seus olhos seguindo-a enquanto ela se movia. Ela parou ao lado dele, de costa para mim.

- Chicago é uma encruzilhada - disse ela. - Nós somos a primeira cidade com uma população visível de vampiros. E fomos os primeiros a anunciar a nossa existência. Por que nos arriscar? Porque quanto mais tempo nos mantermos calados, estaremos destinados a permanecer nas sombras, a ser subordinados ao mundo humano. Era hora de dar um passo para frente. É hora de florescermos. Não podemos apagar a história - fez uma pausa, olhando para ele solenemente. - Mas podemos fazê-la.

Celina começou a se mover novamente, rodeando seu corpo até que parou do outro lado. O som da sua voz era fraco, mas eu peguei o suficiente.

- Há poucos vampiros que são capazes deste tipo de liderança que precisamos neste momento. Vampiros que são disciplinados. Inteligentes. Astutos. Navarre se encaixa nesse molde, Ethan. Eu me encaixo nesse molde. - Sua voz tornou-se persistente. - Por acaso você

¹⁰⁴ Prostituta.

¹⁰⁵ Tipo de bebida alcoólica destilada.

entende quão poderosos poderíamos ser sob a minha liderança? Se eu unificar os vampiros? Se unificar as Casas?

- O Poder jamais permitirá isso. - Disse Ethan.

- O Poder é antiquado.

- Você é um membro do Poder, Celina. - A voz de Ethan era perfeitamente clara, perfeitamente controlada para evitar a fúria que jazia por baixo. Digam o que quiserem sobre a sua estratégia, da sua tendência à manipulação, o homem tinha o controle. Um controle glacial.

Celina minimizou as críticas. - O PG (Público em Geral) não entende os nossos problemas modernos. Não nos permitem nos expandir, encomendar mais Iniciados. Estamos apertados em relação às outras populações de sobrenaturais, e eles estão se tornando cada vez mais violentos. As ninfas estão lutando. Os metamorfos estão se preparando para se reunir em *nossa cidade* - ela enfatizou as últimas palavras com o dedo apontando para o chão - E as fadas exigem mais e mais a cada dia para nos proteger dos seres humanos. E os anjos - sacudiu a cabeça com irritação - Os laços estão se rompendo lá, os demônios estão sendo liberados.

Ergueu os olhos para ele, queixo para cima em forma desafiadora. - Não. Não permitirei que os vampiros se tornem menos do que somos. Apenas os mais fortes sobreviverão ao conflito que se aproxima Ethan. Ser os mais fortes significa unificar-se, vampiros unindo-se, trabalhando juntos, sob a orientação de um vampiro com visão.

Completo seu círculo de modo a ficar de frente para ele novamente, talvez um metro e meio entre eles. Seus olhos piscando na escuridão, como os de um gato tocado pela luz, mudando para cores e sombras em verde e amarelo.

- Eu sou esse vampiro, Ethan - acenou com uma mão de forma descuidada. - Claro que, em toda guerra, há perdas. As mortes desses seres humanos foram uma desagradável necessidade.

Ele disse as palavras ao mesmo tempo em que as pensei, com a voz calma. - Você as matou.

Ela manteve um dedo fino para cima. - Sejam precisos, Ethan. Eu os fiz matar. Não perderia meu tempo em realmente fazê-lo. Claro, isso levanta certos... problemas de controle de qualidade. - Ela jogou uns pequenos risos, obviamente satisfeita com a sua piada. - Eu encontrei um Rogue. Convenci-o, sem nenhum trabalho de minha parte, a fazer o trabalho sujo. Ele teve que mudar para cavalo depois do ataque a Merit – encolheu os ombros. - Eu realmente odeio o trabalho descuidado. Ainda assim, você livrou Merit do assunto. Uma Merit vampiro, encomendada por sua Casa.

- Deixe-a fora disto.

Ela riu sem achar graça. - Interessante resposta. E lamentável que não tenhamos tempo de explorar seu afeto por sua mascote,¹⁰⁶ Sentinela.

Sem aviso prévio, Celina chegou por trás dele e tirou os grampos de seu cabelo. Ou melhor, o que eu achei que fossem grampos, mas que eram na verdade, um conjunto de lâminas idênticas que brilhavam a luz da lua. Seu cabelo, solto de seus grampos, esparramaram-se sobre uma onda tingida por suas costas. Ela deu um passo à frente, curvando o corpo de modo que, se Ethan não estivesse entre nós, estaríamos uma diante da outra diretamente.

Eu dei um passo à frente, preparada para defendê-lo, mas ouvi o eco de um *ESPERE*, através de minha cabeça.

- *Ainda não* - ele me disse. - *Deixe que ela termine de confessar.*

Então, ele sabia que eu estava lá. Ele sabia que eu estava pronta. Portanto, obedeci à ordem, com o punho da katana em uma mão, já fora de sua proteção, a meio caminho livre de sua bainha, a estaca de madeira na outra.

- Negligência ou não, meu plano funcionou - disse ela. - Os seres humanos agora estão desconfiando dos vampiros de Cadogan - eles acham que você matou Jennifer Porter. E estão suspeitando dos vampiros de Grey, os quais acham responsáveis pela morte de Patrícia Long. Você é perverso Ethan. Todos vocês. Todos, exceto os Navarre.- Ela fez uma pausa e sorriu, e o efeito foi tão encantador como maníaco. - Se eu sou a única em quem os seres humanos confiam, posso fortalecer minha influência sobre os dois mundos, o humano e o vampiro. As Casas precisam de mim como sua embaixadora e eu oferecerei a condução. Sob a minha liderança nos tornaremos no que nós estávamos destinados a para ser.

- Eu não posso lhe permitir fazer isso.

- É engraçado que você ache que a decisão está em suas mãos - disse ela, agitando as lâminas no ar. - Você será outro sacrifício, desde já, e um caro, um encantador, mas a causa vale à pena. Quantos de nós foram estacados, Ethan? Você estava vivo durante As Limpezas, você sabe.

Mas ele não seria arrastado para uma discussão de história. - Se você queria derrubar Cadogan e Grey, porque as mensagens? Por que envolver Beck e sua gente?

- As mensagens estavam direcionadas apenas para a visão dos vampiros. E quanto ao porque, você me surpreende novamente. Solidariedade, Ethan. São todos juntos ou nada. Os Rogues não nos oferecem nada. Eles são corpos quentes, eu admito. Aumentam nossos números. Mas como amigos, são inúteis. Sem lealdades, opõem-se moralmente. Certamente não jogam bem em equipe. - Ela ondulou uma mão no ar, e as lâminas brilharam. - Eles precisam de uma limpeza.

¹⁰⁶ Animal de estimação.

Ethan permaneceu calado por um momento, seus olhos voltados para o chão, antes de levantá-los novamente. - Então, você convenceu Amber a te ajudar, para que ela roubasse a medalha de Cadogan, e fazer que alguém a plantasse?

Celina assentiu.

- E o suéter da Casa Grey? Como você o conseguiu?

Ela sorriu ferozmente. – Sua ruiva fez outro amigo. Outra conquista.

A expressão de Ethan endureceu. Simpatizava com ele. Este não era o momento de saber que sua Consorte tinha traído a você, a sua Casa e a outros.

- Como você pôde fazer isso?

Ela suspirou dramaticamente. - Eu temia que você visse dessa forma, realçando algum tipo de elevados padrões morais. Os seres humanos nunca são inocentes, céus. Um humano quebrou meu coração uma vez. Ele não se importou, com certeza. Eles são umas coisas frias, insensíveis e estúpidas. E agora nos vemos forçados a lidar com eles, devíamos ter adotado uma postura há século atrás, deveríamos ter nos aliado para juntos combatê-los. Não é uma opção agora, é claro. São muitos. Mas começaremos devagar. Faremos amizades, construiremos; como você sempre anda pregando, alianças. E enquanto estamos os enrolando com nossos belos rostos e lindas palavras, nos infiltramos. Planejando. Os deixamos se acostumar conosco, e quando chegar a hora daremos o golpe.

- Você está falando de guerra, Celina.

Ela riu, através de sua mandíbula bem apertada: - Você esta malditamente certo, eles deveriam nos temer. E eles o farão. - Sua expressão suavizou-se. - Mas, primeiro, me amarão. E quando chegar a hora de revelar minha verdadeira fidelidade, meus amor pelos vampiros, meu ódio dos seres humanos, beberei dessa traição, Ethan. Eu me deleitarei com isso. E começará a me curar pelo que ele me fez.

Isso definia perfeitamente Celina Desaulniers, pensei. Ela precisava da fama, a atenção, o foco de desejo daqueles ao seu redor. Ela precisava de amigos quase tanto quanto precisava de inimigos.

Celina traçou a ponta da lâmina na frente de sua camisa. - Séculos, Ethan. Séculos obedecendo as suas leis, suas opiniões, nos escondendo, a nossa natureza do mundo. Não mais. Eu criei este mundo no qual vivemos. Eu decidi as regras.

Ela jogou os braços para trás, levantou o cotovelo e pronta para atacar.

Eu saltei, me impulsionando por entre as árvores, apontando para ela com um raiva cega que corria como eletricidade através de mim, irritada pelo pensamento dela ferindo meu Mestre, meu Liege. *MEU*.

- *ABAIXE!* - Eu gritei, disposta a que ele me ouvisse, e lancei a estaca, colocando toda a minha força no lançamento. Ethan agachou-se imediatamente, e a estaca cravou em Celina no lado esquerdo de seu peito. Muito alto. Eu tinha errado seu coração. Mas ela jogou as facas, caiu sobre os joelhos e gritou de dor, seus dedos pegando a estaca muito escorregadia pelo sangue para permitir-lhe uma boa aderência. Ethan imediatamente pulou, pegou-a por trás, imobilizou seus braços.

De repente, portas de carro sendo fechadas, ecos dos passos. A cavalaria havia chegado. - Luc, Malik e Catcher correndo por entre as árvores, acompanhados pelo resto dos guardas de Cadogan.

- Merit?

Eu não conseguia parar de olhar. Ela não parava de gritar obscenidades, repreendendo os guardas por estarem em seu caminho, por interferir em seus planos. Enquanto eles tentavam subjugar-lá, seus cabelos, as longas e escuras mechas se emaranhavam e voavam por seu rosto enquanto ela gritava.

- Merit.

Finalmente ouvi o meu nome, olhei para o lado, vi Ethan limpar o sangue de suas mãos, o sangue de Celina, com um lenço. Uma mancha vermelha arruinava sua normalmente impecável camisa branca. O sangue de Celina. Sangue que ela derramou por mim. Eu fiquei olhando para a mancha vermelha, então levantei meus olhos para seu rosto. - O quê?

Ele parou de se esfregar, enrolou o lenço em uma bola. - Você está bem?

- Eu não... - balancei minha cabeça. - Acho que não.

Uma linha apareceu entre seus olhos, e abriu a boca para falar, mas foi distraído por mais carros no portão, mais passos. Ele olhou para o outro lado, eu segui a direção do seu olhar.

Era Morgan, na mesma roupa com a qual eu o tinha visto uma hora atrás, sofrimento e preocupação gravados em seu rosto. Como o Segundo de Celina, ele deve ter recebido uma ligação de Luc ou Catcher depois da minha mensagem de texto.

Morgan parou a poucos metros de nós, ficou olhando a cena diante dele – seu Mestre, sangrando por uma estaca de madeira, ainda sobressaindo de seu ombro, sendo jogada no chão por um bando de guardas que lutavam para contrariar a sua força, para submetê-la.

Ele fechou os olhos, virou para outra direção. Após um momento, abriu os olhos e olhou para Ethan, evidentemente preparado para a história.

- Ela confessou - disse Ethan. - Ela planejou os assassinatos, usou os Rogues para executá-los, usou Amber, da minha Casa, para roubar o medalhão e o suéter de Grey. Ela usou mensagens para envolver o grupo de Beck.

- Para quê?

- A curto prazo, controle. Ela quer os vampiros de Chicago. As Casas de Chicago. A longo prazo, guerra.

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo.

- Eu não sabia. - Morgan finalmente disse as palavras com grande remorso.

- Você não poderia ter sabido. Ela deve ter planejado isso durante meses, talvez mais. Ela me trouxe aqui para me contar, para me matar, talvez para tomar Cadogan de Malik quando eu não estivesse mais. Ela atacou primeiro, Greer. Lâminas.

Ethan apontou onde as reluzentes lâminas estavam caídas no chão. – Merit me defendeu.

Morgan pareceu repentinamente perceber que eu estava lá, olhou para a katana desembainhada na minha mão, e então para mim. - Merit?

Eu me perguntei se ela o havia chamado, e que palavras estariam deslizando por sua cabeça. - Sim?

- Você a estacou?

Olhei para Ethan, ele assentiu com a cabeça, então eu respondi. - No ombro.

Morgan assentiu com a cabeça, pareceu estar pensando, avaliando, então concordou novamente, desta vez com mais firmeza. Um pouco mais sereno, disse. - Eu fico feliz que você não tenha apontado para o coração. Isso te livra de uma investigação.

Uma investigação, sua vida, e ter cometido um assassinato. Sorri fraco, doente, sabendo que apontei para o coração, mas errei.

Morgan se afastou, caminhou na direção dos guardas, falou com eles.

- Obrigado - disse Ethan.

- Hmm. – Os guardas colocaram Celina em pé, com os braços presos para trás. - O que vai acontecer com ela?

- Será levada perante o resto do Poder e se decidirá seu destino. Provavelmente seja despojada de sua autoridade. Mas ela é o Mestre da Casa Americana mais antiga. Qualquer outra punição será provavelmente temporária.

Houve um suave puxão na ponta da minha jaqueta. Olhei para cima e encontrei Luc me olhando, preocupação em seus olhos. - Você está bem?

Eu senti meu estômago apertar-se de novo, as náuseas ressurgindo, enquanto eu lembrava, outra vez, que quase havia matado alguém, que tinha tentado fazê-lo, que eu *queria* fazê-lo para proteger Ethan. Para mantê-lo vivo, tinha escolhido alguém para a morte, e só a minha má pontaria havia me impedido de cometer o ato, terminar o trabalho. - Acho que vou ficar doente.

Seus braços estavam de repente em volta da minha cintura. - Você vai ficar bem. Respire fundo, e eu vou te levar para casa.

Concordei, em seguida, dei uma última olhada para Celina.

Com um sorriso sereno no rosto, ela piscou para mim. - *Après nous, Le deluge.* - gritou ela.

Ela havia falado em francês, mas eu entendi o que ela tinha dito. Tratava-se de uma frase histórica, presumivelmente dita pela francesa Madame de Pompadour¹⁰⁷ (famosa pelo cabelo grande) a Louis XV. Tradução Literal: *Depois de nós o dilúvio.* Tradução Figurada: *As coisas só vão piorar daqui para frente, chica.*

Sufoquei um calafrio enquanto Luc começou a me levar para a fila de carros. Passamos por Morgan, quem falava com autoridade com outro guarda, seus olhos sobre a mulher que estavam levando.

Eu me dei conta do que havia feito.

Havia lhe dado a Casa Navarre.

Em uma fração de segundos, havia derrubado o álamo, havia agarrado Celina antes que ela pudesse matar Ethan. Ela seria punida e se Ethan estivesse certo, destituída de sua Casa. Morgan era o seu Segundo, o próximo na linha de sucessão ao trono.

Havia, portanto, feito de Morgan o líder da Casa mais antiga dos Estados Unidos. Seu status que seria rival de Ethan, mesmo ele sendo mais jovem e menos preparado, porque sua Casa era mais antiga.

Perguntei-me quanto mais satisfeito Ethan ficaria em ter ao Mestre Navarre, não simplesmente como seu segundo, mas também querendo a sua Sentinela.

¹⁰⁷ Foi uma cortesã francesa e amante do Rei Luís XV da França, considerada uma das figuras mais emblemáticas do século XVIII francês.

Olhei para Ethan, percebi que não podia suportar a simples visão dele, a bÍlis subindo por minha garganta. Por ele, quase mato alguém, mesmo se não o tivesse feito. Graças a Deus falhei no teste no último minuto.

Belo soldado me havia feito.

Ele deu um passo em frente, mas eu sacudi a cabeça. – *Agora não.*

Ele me olhou, então olhou em outra direção, e passou a mão pelo cabelo.

Enquanto Luc me conduzia para longe, me levando para o SUV preto estacionado na calçada, a abertura entrou em mim.

- *Eu te devo minha vida.*

Meus joelhos quase entraram em colapso. Eu não queria saber de nada, eu queria estar em casa, em minha própria cama, não obter a dívida de alguém. - *Você não me deve nada.* - Eu não tinha certeza de que havia dado o passo em frente.

- *Mesmo depois de ontem à noite.*

Eu parei, virei, e devolvi seu olhar através dos largos ombros de Luc.

O olhar de Ethan era intenso. Sua expressão irradiando incredulidade, de que o tenha protegido, um profundo respeito por eu o ter salvado, e esse mesmo toque de surpresa, eu havia visto pela primeira vez em seu escritório quando descobriu que eu não estava entusiasmada em ser um vampiro da Casa Cadogan, que não poderia comprar minha lealdade com dinheiro, arte ou roupas bem feitas.

Ele havia me subestimado novamente, não tinha acreditado em mim, mesmo depois que tinha lhe jurado, em dois juramentos, que iria proteger os vampiros da Casa Cadogan contra todos os inimigos, viva ou morta.

Contra Morgan. Contra os Rogue. Contra Celina.

Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos das calças, e isso quase me fez voltar, mas me mantive firme na ira, raiva, no desgosto, e enviei-lhe de volta. - *Eu fiz um juramento. Na noite passada, provei minha lealdade. Não havia espaço para que você duvidasse de mim.*

Ele balançou a cabeça. - *Eu o duvidei. E não duvido mais.*

Uma mentira, mas eu concordei, eu a aceitei.

Talvez ele aprenda a confiar em mim, ou talvez não. Talvez ele saiba que isso me mudaria; esta primeira batalha, este primeiro atentado a uma vida. Talvez ele saiba que a



semente do ódio que ele tinha plantado há duas semanas atrás, floresceria; regada pelas coisas que eu tenho feito, e o que eu faria em seu nome.

Ele não disse mais nada, apenas virou-se e caminhou até Morgan.

Fui para casa, chorei no ombro de Mallory, e dormi como os mortos.

O que eu tenho bastante certeza, eu não era.

Epílogo

Ela queria o controle da casa. De todas as Casas. Dos vampiros de Chicago, dos vampiros de San Diego. Dos vampiros Norte - Americanos. De todos os vampiros.

Celina confessou na noite seguinte aos representantes do Presídio que enfrentaram a luz do sol e cruzaram o Atlântico para confrontá-la. Ela não tinha desculpas. Ela não era precisamente louca, no entanto lhe faltava caráter. Ou na melhor das hipóteses ela operava por um conjunto de padrões éticos definidos completamente pela sua própria história, seu ódio pelos humanos e sua paradoxal necessidade de ser amada por eles.

Ela tinha trabalhado para fazer de Navarre uma das Casas de vampiros decentes. A Casa dos vampiros quase humanos. E através dos assassinatos enredou Cadogan e Grey como uma fraude, como as Casas do mal.

Seu plano tinha saído pela culatra. Ela tinha sido pega e agora toda a ira e desconfiança que ela tinha criado e direcionado para Cadogan e Grey recaíam sobre o resto dos Navarre. Morgan teria uma boa caminhada com isto para voltar ao topo.

Mas enquanto ela pode ter perdido temporariamente a guerra de Relações Públicas, ganhou enormes avanços entre os vampiros.

Ela, até onde admitiu, não tinha intenções de matar ao Ethan. Ela tinha se vangloriado que tomou à ofensiva sabendo que alguém – Sentinela ou Guarda – se meteria e o defenderia. O resgataria. Ela provavelmente sabia que eu havia estado ali todo o tempo, mas se permitiu continuar com a farsa.

O resultado? Havia martirizado a si mesma. Havia renunciado a sua Casa, ao seu posto, a seus vassalos por sua causa.

Nem todos os vampiros concordariam com seus atos. Muitos haviam aprendido e viviam com humanos durante séculos e denunciaram a publicidade que ela havia inspirado a ameaça que havia criado a suas vidas e aos seus meios de subsistência. A situação relativamente pacífica atual.

Mas outros – furiosos por terem sido deixados de lado, ignorados, castigados e se sentindo inferiores ao que eram – concordariam com ela. Se reuniriam primeiramente em segredo. Reuniões secretas, talvez fora do alcance do PG (público em geral). Mas seus números cresceriam. Eles se reuniriam em seu nome, convocariam seu nome, atribuiriam a Celina cada terreno conquistado.



Por ela a guerra viria. Talvez agora, talvez mais tarde, logo que os vínculos com os humanos forem esquecidos, logo que baixem suas guardas. Serei chamada a defender o Ethan novamente, apesar da sua disposição de usar e manipular, apesar de ter meu coração partido.

Até isso acontecer enterrarei a ira e a traição.

Sorrirei.

Girarei a bainha da minha espada.

Subirei pelos degraus da Casa Cadogan e fecharei a porta atrás de mim. Farei meu trabalho.

Sou muito, muito boa nisso.

Fim...

- A série **Chicagoland Vampires** continua em: **Friday Night Bites** •

EXTRAS



Casa Cadogan

O Canon

Locais do Livro

Créditos

Tradução

Hay Nichole

Ludmila

Rafa

Michelle

Renato

Beatriz Lins

Revisão

Natalia

Thábata





A comunidade Traduções After Dark tem por objetivo a tradução de livros ainda não lançados no Brasil.

Sem fins lucrativos é feita de fãs para fãs.

A distribuição desse livro é permitida somente com os devidos créditos.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

Skoob

<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/155912>

Blog

<http://traducoesafterdark.blogspot.com/>

☪ *All Creatures of the night get together After dark* ☪